LIVRO I

CAPÍTULO 1

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, Somersetshire, era um homem que, para se entreter, nunca lia outro livro que não o Baronetage; nele encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os difíceis; nele sua admiração e respeito eram despertados pela contemplação dos poucos remanescentes dos primeiros títulos; nele qualquer sensação desagradável ocasionada por questões domésticas se transformava naturalmente em dó e desprezo. À medida que folheava os quase infindáveis enobrecimentos do século anterior – e, caso nenhuma outra página surtisse efeito, podia ler a própria história com um interesse que jamais arrefecia –, eis a página em que o livro preferido sempre se abria:

ELLIOT, DE KELLYNCH HALL

> Walter Elliot, nascido em 1º de março de 1760, casado em 15 de julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, distinto cavalheiro de South Park, condado de Gloucester, com a qual (falecida em 1800) teve: Elizabeth, nascida em 1º de junho de 1785; Anne, nascida em 9 de agosto de 1787; um filho natimorto em 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida em 20 de novembro de 1791.

Era assim, sem tirar nem pôr, que o parágrafo havia saído originalmente das mãos do impressor. Sir Walter, porém, o havia aprimorado, tanto para a própria informação quanto para a da família, com o acréscimo das seguintes palavras após a data de nascimento de Mary: "Casada em 16 de dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, distinto cavaleiro de Uppercross, Somersetshire"; e a indicação do dia exato do mês em que havia perdido a esposa.

Vinham então relatadas nos termos habituais a história e ascensão da antiga e respeitável família: como esta havia se instalado inicialmente em Cheshire e como era mencionada por Dugdale – serviu como xerife do condado, teve representantes municipais em três parlamentos sucessivos e demonstrou lealdade e dignidade condizentes com o título de baronetes durante o primeiro ano do reinado de Carlos II, incluindo todas as Marys e Elizabeths que haviam desposado. O texto ocupava a totalidade de duas belas páginas *in-duodecimo*, antes de se encerrar com o brasão e a divisa da família: "Sede principal:

Kellynch Hall, Somersetshire", e, novamente na caligrafia de Sir Walter, a seguinte conclusão: "Herdeiro pressuposto: distinto cavaleiro William Walter Elliot, bisneto do segundo Sir Walter."

A vaidade era o traço dominante do temperamento de Sir Walter Elliot, tanto em relação à sua pessoa quanto à sua situação. Quando jovem, havia sido um homem de beleza notável, e aos 54 anos permanecia muito vistoso. Poucas mulheres davam tanta importância à aparência pessoal quanto ele, e nem mesmo o valete de um lorde recém-nomeado poderia se mostrar mais encantado com a posição que ocupava na sociedade. Para Sir Walter Elliot, a bênção da beleza física só perdia em importância para a bênção de ser baronete, e ele, que reunia em si essas duas dádivas, era objeto constante de seus mais sinceros respeito e devoção.

A beleza física e a posição social de Sir Walter mereciam sua grande estima pelo menos em um quesito, pois ele lhes devia o fato de ter tido uma esposa de caráter muito superior a qualquer coisa que o seu próprio pudesse merecer. Lady Elliot havia sido uma mulher excelente, sensata e agradável, cujos juízo e conduta, uma vez perdoada a paixão juvenil que a fizera virar Lady Elliot, não haviam mais necessitado qualquer indulgência. Ela havia tolerado, atenuado ou ocultado os defeitos do marido e promovido sua verdadeira respeitabilidade ao longo de dezessete anos; e, ainda que não fosse ela própria a criatura mais feliz do mundo, havia encontrado nos afazeres, nos amigos e nas filhas razão suficiente para prender-se à vida e para não ser motivo de indiferença quando foi chamada a abandoná-los. Três meninas, as duas mais velhas com dezesseis e catorze anos, era um péssimo legado para uma mãe deixar; ou, melhor dizendo, um péssimo fardo a se confiar à autoridade e orientação de um pai vaidoso e tolo. Lady Elliot, porém, tinha uma amiga muito chegada, mulher sensata e merecedora, que fora levada, pela forte amizade que as unia, a morar perto da família, no vilarejo de Kellynch; e a gentileza e os conselhos dessa amiga eram as suas principais garantias no que tangia ao auxílio e à manutenção dos bons princípios e da instrução que vinha se esmerando para ministrar às filhas.

Fossem quais fossem as suposições nesse sentido entre seus conhecidos, essa amiga e Sir Walter *não* se casaram. Treze anos já haviam transcorrido desde a morte de Lady Elliot, e os dois continuavam vizinhos e amigos íntimos; ele ainda viúvo, e ela igualmente viúva.

O fato de uma mulher madura em idade e temperamento e dona de uma situação financeira privilegiada como Lady Russell nem cogitar contrair segundas núpcias não requer nenhuma justificativa junto à opinião pública, que, na verdade, tende a se mostrar excessivamente descontente quando uma mulher *se casa* novamente, e não quando ela *não* o faz; mas o fato de Sir Walter

continuar solteiro requer uma explicação. Saiba-se, portanto, que Sir Walter, como bom pai que era (e depois de ter tido uma ou duas decepções pessoais em tentativas bem pouco sensatas), orgulhava-se de permanecer solteiro pelo bem de sua querida filha. Por uma delas, a mais velha, ele de fato teria aberto mão de qualquer coisa, algo que não lhe era muito tentador. Aos dezesseis anos, Elizabeth havia herdado tudo que havia sido possível herdar dos direitos e da autoridade da mãe; e, por ser muito bonita, e muito parecida com o pai, sempre tivera grande influência junto a ele, e os dois se entendiam às mil maravilhas. As duas outras filhas tinham um valor muito menor. Mary havia adquirido uma pequena importância artificial ao desposar Charles Musgrove; mas Anne, cujo caráter elegante e trato gentil teriam lhe garantido um lugar de destaque em qualquer grupo dotado de real discernimento, não era ninguém nem aos olhos do pai, nem aos da irmã; sua palavra nada valia, seu papel era ceder sempre – ela era apenas Anne.

Para Lady Russell, no entanto, Anne era uma afilhada altamente querida e muito prezada, favorita e amiga. Lady Russell amava as três moças, mas era somente em Anne que podia imaginar Lady Elliot reencarnada.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma moça de aparência muito bonita, mas seu viço havia fenecido cedo; e como, mesmo no auge desse viço, o pai pouco encontrara para admirar na filha (cujos traços delicados e suaves olhos escuros eram radicalmente diferentes dos seus), não podia haver nada em seu aspecto físico, agora que ela estava murcha e magra, capaz de despertar sua estima. Ele nunca havia nutrido grandes esperanças, e agora já não tinha nenhuma, de um dia ler o nome de Anne em alguma outra página de seu livro preferido. Qualquer enlace digno teria que vir de Elizabeth, pois Mary havia apenas se casado com o membro de uma antiga família rural respeitável e dotada de grande fortuna, sendo, portanto, a *provedora* de toda a honra sem receber nenhuma em troca; Elizabeth, mais cedo ou mais tarde, faria um casamento adequado.

Às vezes ocorre de uma moça ser mais bela aos vinte e nove anos do que o era uma década antes; e, de modo geral, a menos em caso de doença ou ansiedade, trata-se de uma fase da vida em que a mulher não perde nada de seu charme. Assim foi com Elizabeth, que ainda era a mesma bela srta. Elliot que começara a ser treze anos antes, o que desculpava o fato de Sir Walter esquecer sua idade ou, no mínimo, justificava que ele fosse considerado apenas parcialmente tolo ao julgar que tanto ele quanto Elizabeth mantinham o mesmo viço de sempre em meio à ruína da aparência física de todos os demais, pois ele podia ver muito bem como seus parentes e conhecidos estavam envelhecendo. Anne emaciada, Mary embrutecida, a piora coletiva dos semblantes dos vizinhos e o rápido aumento dos pés de galinha nas têmporas de Lady Russell; já fazia

algum tempo que tudo isso era para ele uma fonte de preocupação.

Elizabeth não chegava a se equiparar ao pai em matéria de satisfação pessoal. Fazia treze anos que era a senhora de Kellynch Hall, casa que presidia e administrava com segurança e autoridade de modo que jamais transmitiria a impressão de ser mais jovem do que na realidade era. Havia treze anos ela vinha fazendo as honras para os convidados, estabelecendo as leis domésticas, seguindo na frente para subir na carruagem e saindo de todos os salões e salas de jantar das redondezas atrás apenas de Lady Russell. O gelo de treze invernos a tinha visto abrir todos os bailes dignos de nota proporcionados por uma região tão modesta, e os botões de treze primaveras haviam florescido enquanto ela viajava para Londres na companhia do pai para passar algumas semanas por ano gozando os prazeres mundanos da cidade grande. Disso tudo ela se lembrava, e a consciência de estar com vinte e nove anos lhe provocava alguns arrependimentos e alguma apreensão: o fato de conservar a mesma beleza de antes lhe causava grande satisfação, mas ela sentia que se aproximava dos anos perigosos, e teria se alegrado com a certeza de ser devidamente solicitada por algum pretendente com sangue de baronete antes de transcorridos os próximos doze ou vinte e quatro meses. Nesse caso, talvez tivesse tornado a abrir o livro dos livros com o mesmo prazer do início da juventude, mas agora não gostava de fazê-lo. Deparar-se a cada vez com a data do próprio nascimento sem nenhuma subsequente indicação de casamento a não ser o da irmã caçula tornava o livro um estorvo; e em mais de uma ocasião, depois de o pai tê-lo deixado aberto sobre a mesa ao seu lado, ela o havia fechado olhando para o lado antes de empurrá-lo para longe.

Além disso, Elizabeth havia tido uma decepção da qual aquele livro e sobretudo a história de sua própria família sempre lhe fariam lembrar. Quem a decepcionara fora o herdeiro pressuposto do título, o próprio distinto cavalheiro William Walter Elliot cujos direitos haviam sido tão generosamente defendidos por seu pai.

Quando era muito jovem, assim que soubera que ele, caso ela não tivesse nenhum irmão homem, seria o futuro baronete, Elizabeth havia decidido desposá-lo, e seu pai sempre tivera a intenção de que assim fosse. Eles não conheceram William durante a infância; logo após a morte de Lady Elliot, porém, Sir Walter havia procurado estreitar os laços, e, embora suas iniciativas não tivessem sido acolhidas com qualquer efusão, havia insistido nelas, atribuindo a frieza à modéstia e ao acanhamento da juventude; assim, durante uma de suas temporadas primaveris em Londres, quando Elizabeth estava no primeiro auge da beleza, sr. Elliot havia sido forçado a conhecer a família.

Na época, ele era um rapaz muito jovem, recém-ingressado no estudo do direito, e Elizabeth o considerou extremamente agradável, e todos os planos em

relação a ele se confirmaram. Ele foi convidado a Kellynch Hall, o que deu margens a conversas e expectativas durante o resto do ano, mas nunca apareceu. Na primavera seguinte, tornou a ser visto na cidade, foi considerado igualmente agradável e novamente solicitado, convidado e aguardado, e novamente não apareceu; e a notícia seguinte foi que havia se casado. Em vez de aumentar seu prestígio no caminho traçado para o herdeiro da casa dos Elliot, ele havia conquistado independência unindo-se a uma mulher rica de baixa extração.

Sir Walter ficara ofendido. Como chefe da casa, sentia que deveria ter sido consultado, sobretudo depois de ter tentado conduzir o rapaz de forma tão ostensiva: "Pois nós devemos ter sido vistos juntos", observou, "uma vez em Tattersall e duas vezes no saguão da Câmara dos Comuns." Seu desagrado foi manifestado, mas aparentemente muito pouco levado em conta. O sr. Elliot não havia feito qualquer tentativa de se desculpar e mostrara-se tão indiferente ao fato de não ser mais alvo do interesse da família quanto Sir Walter o considerava indigno de tal interesse; e toda relação entre eles havia cessado.

Muitos anos depois, esse constrangedor episódio com o sr. Elliot ainda causava raiva em Elizabeth, que havia apreciado o rapaz pelo que era, e mais ainda por ser herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só conseguia ver *nele* um pretendente à altura da primogênita de Sir Walter Elliot. Não havia nenhum baronete, de A a Z, que os seus sentimentos pudessem ter reconhecido tão facilmente como seu semelhante. No entanto, ele havia se comportado de forma tão lamentável que, embora atualmente (no verão de 1814) Elizabeth estivesse usando fitas pretas por sua esposa, nem sequer cogitava tornar a gratificá-lo com sua consideração. A desgraça daquele primeiro casamento, uma vez que não havia motivos para supor que houvesse sido perpetuado por filhos, poderia ter sido superada caso ele não tivesse feito coisa ainda pior; no entanto, conforme haviam sido informados pela costumeira intervenção de gentis amigos, ele havia se referido à família toda de forma muito desrespeitosa, menosprezando e desdenhando o próprio sangue e as honrarias que posteriormente seriam as suas próprias. E para isso não podia haver perdão.

Eram esses os sentimentos e as sensações de Elizabeth Elliot; essas as preocupações que temperavam e as agitações que animavam a mesmice e a elegância, a prosperidade e o vazio de sua vida; esses os sentimentos que davam colorido à longa e tediosa residência em uma mesma comunidade rural, e preenchiam os tempos mortos, na inexistência de um hábito útil fora de casa, um talento ou uma realização doméstica para ocupá-los.

Agora, porém, a tudo isso vinha se somar outra ocupação e inquietude. Seu pai estava começando a ter problemas financeiros. Ela sabia que agora, quando ele abria o Baronetage, era para espantar do pensamento as altas contas de seus

fornecedores e as desagradáveis insinuações de seu administrador, o sr. Shepherd. Kellynch era uma propriedade sólida, mas não era condizente com a concepção que Sir Walter fazia do estilo de vida que seu proprietário deveria ter. Quando Lady Elliot ainda era viva, havia método, moderação e economia suficientes para mantê-lo dentro das possibilidades de sua renda; mas todas as considerações desse tipo haviam morrido junto com a esposa, e a partir de então ele vinha ultrapassando constantemente essas possibilidades. Não lhe fora possível gastar menos: ele nada fizera a não ser o que Sir Walter Elliot tinha a obrigação de fazer; no entanto, por mais isento de culpa que estivesse, não apenas estava acumulando muitas dívidas, como também ouvindo falar tanto no assunto que se tornou vão tentar esconder, ainda que parcialmente, a situação da filha por mais tempo, ainda que parcialmente. Na última primavera em Londres, ele havia feito algumas alusões ao problema; chegara até a dizer: "Será que não podemos economizar? Você consegue pensar em algum artigo no qual possamos economizar?" E Elizabeth, justiça lhe seja feita, tomada pelo ardor inicial do alarme feminino, havia começado a pensar seriamente no que poderia ser feito, e por fim sugerido duas formas de economia: cortar algumas doações de caridade desnecessárias e evitar uma reforma do salão; a isso acrescentou, posteriormente, a feliz ideia de não levarem nenhum presente para Anne, como era o costume anual. Essas medidas, porém, por melhores que fossem em si, não bastaram para sanar o mal, cuja extensão Sir Walter se viu obrigado a confessar à filha pouco depois. Elizabeth não teve qualquer outra sugestão mais eficaz. Assim como o pai, sentia-se maltratada e infeliz, e nenhum dos dois era capaz de imaginar qualquer forma de diminuir as despesas sem comprometer a dignidade ou abrir mão do conforto em que viviam de uma forma que lhes seria impossível de tolerar.

De todas as terras que possuía, Sir Walter só podia dispor de uma pequena parte; no entanto, ainda que tivesse sido possível alienar todos os seus hectares, isso não teria feito a menor diferença. Aceitara hipotecar até onde podia, mas jamais aceitaria vender. Não, jamais causaria tamanha desgraça ao próprio nome. A propriedade de Kellynch seria transmitida íntegra e completa, como ele a havia recebido.

Os dois amigos e confidentes da família, o sr. Shepherd, que morava na cidade vizinha, e Lady Russell, foram chamados para ajudar; e ambos, pai e filha, pareciam esperar que um ou outro conseguisse encontrar alguma solução capaz de eliminar o constrangimento e reduzir as despesas sem acarretar a perda de qualquer satisfação do gosto ou prazer.

CAPÍTULO 2

Fossem quais fossem sua influência e opinião acerca de Sir Walter, o sr. Shepherd, advogado cortês e cauteloso, preferia que a sugestão *desagradável* fosse feita por outra pessoa, preferia se abster de qualquer pronunciamento e apenas pediu licença para recomendar uma referência implícita ao excelente juízo de Lady Russell, em cujo notório bom-senso tinha plena confiança para o aconselhamento justamente das medidas resolutas que pretendia adotar em última instância.

Lady Russell demonstrou um zelo aflito em relação ao assunto, que considerou com grande seriedade. Era uma mulher de qualidades sólidas mais do que rápidas, e teve grande dificuldade para tomar uma decisão na questão devido à oposição de dois princípios importantes. Ela própria possuía uma firme integridade e uma delicada noção de honra, mas tinha tanto desejo de poupar os sentimentos de Sir Walter, tanta preocupação com a reputação da família e tanta nobreza na avaliação do que lhes era devido quanto poderia ter qualquer pessoa dotada de bom-senso e honestidade. Era uma mulher benevolente, caridosa e boa, capaz de estabelecer vínculos fortes, muito correta em sua conduta, rígida em sua concepção do decoro, e seus modos eram considerados uma referência da boa estirpe. Possuía um espírito culto, e de modo geral sempre se mostrava racional e lógica; tinha, porém, alguns preconceitos no que dizia respeito à hereditariedade: sua valorização da posição e do prestígio social a tornavam cega para os defeitos de quem os possuísse. Viúva de um reles cavaleiro, dava ao título de baronete todo o valor que este merecia; e Sir Walter, pelo simples fato de ser Sir Walter, independentemente de ser um velho conhecido, vizinho atencioso, senhorio prestativo, marido de sua querida amiga e pai de Anne e das irmãs, era, em sua concepção, merecedor de imensas doses de compaixão e consideração em meio às dificuldades que atravessava.

Precisavam economizar, disto não havia dúvida. Mas Lady Russell fazia questão de que isso causasse a menor dor possível para Sir Walter e Elizabeth. Traçou planos para a contenção de gastos, realizou cálculos exatos e fez o que mais ninguém pensou em fazer: consultou Anne, que os outros nunca pareciam pensar que tivesse qualquer interesse na questão. Consultou Anne, e foi em grande medida influenciada por ela na elaboração do plano de economias finalmente apresentado a Sir Walter. Todas as alterações de Anne haviam privilegiado a honestidade em detrimento da importância. Ela defendia medidas mais vigorosas, uma reforma mais ampla, uma quitação mais rápida das dívidas, um tom bem mais enfático de indiferença em relação a tudo que não fosse

justiça e equidade.

– Se conseguirmos persuadir seu pai de tudo isso – disse Lady Russell ao examinar o papel –, muito poderá ser feito. Se ele adotar estas regras, daqui a sete anos estará livre de dívidas. E espero que consigamos convencê-lo, e a Elizabeth de que Kellynch Hall possui uma respeitabilidade intrínseca que não pode ser afetada por essas reduções, e que a verdadeira dignidade de Sir Walter Elliot não será de forma alguma comprometida aos olhos das pessoas sensatas pelo fato de ele agir como um homem de princípios. Afinal, o que ele estará fazendo que muitas de nossas primeiras famílias já não fizeram ou deveriam fazer? Não haverá nada de singular em seu caso, e aquilo que muitas vezes constitui a pior parte de nosso sofrimento, assim como sempre constitui a pior parte de nossa conduta, é a singularidade. Tenho grandes esperanças de que iremos superar isso. Precisamos ser sérios e decididos; afinal de contas, quem contraiu dívidas deve pagá-las. E, embora os sentimentos de um cavalheiro e chefe de família como seu pai devam ser levados em conta, deve ser levado em conta mais ainda o caráter de um homem honesto.

Era segundo esse princípio que Anne desejava ver o pai se comportar e os amigos do pai o incentivarem a agir. Ela achava que era dever indispensável do pai sanar as dívidas junto a seus credores com toda a rapidez que as mais amplas economias pudessem garantir, e não considerava digna qualquer outra atitude. Queria que isso fosse prescrito e entendido como um dever. Tinha a influência de Lady Russell em alta conta; quanto ao severo grau de privações ditado pela própria consciência, imaginava que não seria muito mais difícil persuadi-los a fazer uma reforma completa do que uma reforma parcial. O conhecimento que tinha do pai e de Elizabeth a levava a pensar que o sacrifício de uma parelha de cavalos não seria muito menos doloroso do que o de duas, e assim por diante, na lista de reduções excessivamente branda elaborada por Lady Russell.

Pouco importa como as requisições mais rígidas de Anne poderiam ter sido recebidas. As de Lady Russell não tiveram nenhum sucesso; não podiam ser toleradas, não seriam suportadas. “O quê? Todos os confortos da vida eliminados! Viagens, Londres, criados, cavalos, comida… reduções e restrições por toda parte! Viver sem ter nem sequer as decências de um modesto cavalheiro! Não, ele preferia deixar Kellynch Hall na mesma hora a permanecer ali em condições tão degradantes.”

“Deixar Kellynch Hall.” A sugestão foi aceita na hora pelo sr. Shepherd, que tinha interesse na concretização das economias de Sir Walter e estava inteiramente convencido de que nada seria feito sem uma mudança de residência. “Uma vez que a ideia tinha sido iniciada pelo próprio indivíduo que deveria ditar as ordens”, ele não tinha escrúpulos, afirmou, para se confessar totalmente favorável a essa opinião. Não lhe parecia que Sir Walter “fosse capaz

de alterar substancialmente o seu estilo de vida em uma casa que precisava manter tamanho padrão de hospitalidade e dignidade ancestral. Em qualquer outro lugar, Sir Walter talvez pudesse julgar por si mesmo, e ser respeitado ao regular seu modo de viver da maneira que julgasse mais adequada para administrar seu lar."

Sir Walter iria deixar Kellynch Hall, e após mais uns poucos dias de dúvida e indecisão a grande questão de para onde ele iria ficou resolvida e o primeiro esboço dessa importante mudança foi traçado.

Eram três as alternativas: Londres, Bath ou outra casa no campo. Todos os desejos de Anne tendiam para a última opção. Uma pequena casa na mesma região em que moravam agora, onde ainda pudessem conviver com Lady Russell, estar perto de Mary e ter o prazer de ainda ver de vez em quando os gramados e bosques de Kellynch: tal era o objeto de sua ambição. Mas o destino habitual de Anne a esperava, e a decisão tomada foi algo muito diferente de sua inclinação. Ela não gostava de Bath, não achava que a cidade lhe fizesse bem – e Bath se tornaria o seu novo lar.

No início, Sir Walter se mostrara mais inclinado a se mudar para Londres, mas o sr. Shepherd pensava que não seria possível confiar nele em Londres, e tivera habilidade suficiente para persuadi-lo a não ir e a preferir Bath. Tratava-se de um lugar bem mais seguro para um cavalheiro em sua difícil situação: lá ele poderia ser importante a um custo comparativamente mais baixo. Naturalmente, todo o peso possível havia sido atribuído a duas vantagens materiais de Bath em relação a Londres: a distância mais conveniente de Kellynch, apenas oitenta quilômetros, e o fato de Lady Russell passar parte de cada inverno na cidade. E, para grande satisfação de Lady Russell, cujas primeiras opiniões em relação à mudança prevista haviam favorecido Bath, Sir Walter e Elizabeth foram induzidos a crer que não iriam perder nem prestígio nem prazer ao se instalar ali.

Lady Russell se sentiu obrigada a contrariar os desejos expressos de sua querida Anne. Esperar que Sir Walter se mudasse para uma casinha em sua própria região seria demais. A própria Anne teria considerado as humilhações decorrentes do fato maiores do que o previsto, e para Sir Walter estas devem ter parecido insuportáveis. A antipatia de Anne por Bath, por sua vez, era considerada por Lady Russell um preconceito e um erro oriundos, em primeiro lugar, do fato de ela ter cursado três anos de escola na cidade após a morte da mãe e, em segundo lugar, do fato de Anne não ter se mostrado muito bem-disposta durante o único inverno passado posteriormente ali em sua companhia.

Em suma, Lady Russell gostava de Bath, e estava inclinada a pensar que a cidade se adequaria bem às necessidades de toda a família; quanto à saúde de sua jovem amiga, qualquer perigo poderia ser evitado se Anne viesse passar os

meses mais quentes na companhia de Lady Russell, em Kellynch Lodge; e essa era, na realidade, uma mudança que deveria fazer bem tanto à sua saúde quanto ao seu ânimo. Anne havia passado muito pouco tempo fora de casa, e visto muito pouco do mundo. Não andava muito bem-disposta. Um círculo social mais amplo lhe faria bem. Lady Russell queria que ela fosse mais conhecida.

Para Sir Walter, o caráter indesejável de qualquer outra casa na mesma redondeza certamente foi muito fortalecido por um aspecto da combinação, e um aspecto muito concreto, que tinha sido decidido sem qualquer polêmica desde o princípio. Sir Walter não iria apenas deixar a casa, mas também iria vê-la ocupada por outros: tratava-se de um desafio à sua resistência que homens mais firmes do que ele não haviam conseguido suportar. Isso, porém, era um grande segredo, que não deveria ser revelado fora de seu círculo.

Sir Walter não teria suportado a humilhação de que os outros soubessem que havia se rebaixado a alugar a própria casa. O sr. Shepherd havia pronunciado uma vez a palavra "anunciar", mas nunca mais se atrevera a tocar no assunto. Sir Walter recusava a ideia de a casa ser anunciada de qualquer forma que fosse, proibia qualquer sugestão de que tivesse tal intenção, e só a alugaria caso fosse procurado espontaneamente por algum candidato irrecusável, segundo suas próprias palavras, e como um grandessíssimo favor.

Como surgem depressa os motivos para aprovar aquilo que nos agrada! Lady Russell tinha outro excelente motivo para estar extremamente satisfeita com o fato de Sir Walter e sua família se mudarem do campo. Ultimamente, Elizabeth vinha estreitando uma amizade que Lady Russell desejava interromper. A amiga em questão era uma das filhas do sr. Shepherd que, depois de um casamento mal-sucedido, tinha voltado para a casa do pai com o fardo suplementar de dois filhos. Era uma jovem esperta, que entendia a arte de agradar – ou pelo menos a arte de agradar em Kellynch Hall –, e que havia conseguido se fazer tão aceitável aos olhos da srta. Elliot a ponto de já ter se hospedado na casa mais de uma vez, isso apesar de todas as sugestões de cautela e reserva de Lady Russell, para quem essa amizade era um tanto inadequada.

Lady Russell, de fato, não tinha quase nenhuma influência sobre Elizabeth, e parecia amá-la porque assim desejava, e não porque Elizabeth merecesse. Nunca havia recebido da moça mais do que uma atenção superficial, nada além do respeito às normas da boa educação; jamais conseguira persuadir Elizabeth de qualquer coisa quando sua inclinação prévia era contrária. Tinha se mostrado diversas vezes muito enfática ao tentar incluir Anne na viagem a Londres, muito sensível a toda a injustiça e a todo o descrédito dos arranjos egoístas que a excluíam e, em muitas ocasiões de menor importância, tinha tentado beneficiar Elizabeth com as vantagens de seu próprio juízo e experiência superiores. Mas tudo havia sido sempre em vão: Elizabeth só fazia o que queria, e em nenhuma

ocasião havia se mostrado mais decidida em sua oposição a Lady Russell do que naquela questão relacionada à sra. Clay, virando as costas à relação com uma irmã tão merecedora e depositando seu afeto e confiança em uma mulher que nada deveria ter sido para ela a não ser objeto de uma civilidade distante.

Na opinião de Lady Russell, a sra. Clay era uma companhia muito desigual por sua posição social e muito perigosa por seu caráter, e uma mudança que deixasse a sra. Clay para trás e proporcionasse à srta. Elliot um leque de amigas mais adequadas era uma questão de suma importância.

CAPÍTULO 3

– Com sua licença, Sir Walter – disse o sr. Shepherd certo dia de manhã em Kellynch Hall, enquanto pousava o jornal –, devo observar que a atual conjuntura em muito nos favorece. Essa paz trará de volta para casa todos os nossos ricos oficiais da Marinha. Todos eles vão querer uma residência. Não poderia haver momento mais propício para se escolher um inquilino, Sir Walter, e um inquilino muito responsável. Muitas nobres fortunas foram feitas durante a guerra. Se algum rico almirante cruzasse o seu caminho, Sir Walter…

– Ele seria um homem de muita sorte, Shepherd, é tudo o que tenho a comentar – retrucou Sir Walter. – Kellynch Hall seria mesmo um bônus para um homem assim; na verdade, seria o maior de todos, mesmo que ele já tenha conquistado muitos outros no mar. Não é mesmo, Shepherd?

O sr. Shepherd riu do comentário espirituoso, como sabia que deveria rir, e logo acrescentou:

– Permita-me observar, Sir Walter, que, em se tratando de negócios, os cavalheiros da Marinha são muito bons de se lidar. Tenho algum conhecimento de seus métodos de fazer negócios, e posso afirmar que eles têm ideias muito liberais, e que provavelmente seriam inquilinos mais desejáveis do que qualquer outro grupo que se pudesse encontrar. Assim sendo, Sir Walter, o que eu gostaria de pedir permissão para sugerir é que, caso algum boato sobre as suas intenções se espalhe, possibilidade essa que deve ser contemplada, pois sabemos como é difícil proteger as ações e os propósitos de uma parte do mundo da atenção e da curiosidade da outra… O prestígio tem lá o seu preço… Eu, John Shepherd, seria capaz de ocultar qualquer questão familiar que desejasse, pois ninguém se daria ao trabalho de me vigiar, mas Sir Walter Elliot tem olhos a observá-lo que talvez sejam muito difíceis de evitar. Assim sendo, tomarei a liberdade de afirmar que não ficaria muito surpreso se, apesar de toda a nossa cautela, algum boato em relação à verdade se espalhasse. Caso isso aconteça, como eu estava prestes a observar, já que as candidaturas serão inevitáveis, penso que qualquer um de nossos ricos comandantes navais seria um candidato particularmente digno de atenção. Permita-me dizer, ainda, que a qualquer momento eu levaria apenas duas horas para estar aqui, de modo que o senhor não precisaria ter o trabalho de responder.

Sir Walter apenas meneou a cabeça. Logo depois, no entanto, levantou-se e pôs-se a andar pela sala enquanto observava com sarcasmo:

– Imagino que sejam poucos os cavalheiros da Marinha que não ficariam

surpresos ao se verem dentro de uma casa como esta.

– Eles sem dúvida olhariam em volta e dariam graças à sua boa sorte – comentou a sra. Clay, pois ela também estava presente: o pai a tinha levado até lá, pois nada fazia tanto bem à saúde da sra. Clay quanto uma visita a Kellynch. – Mas concordo com a opinião de meu pai de que um membro da Marinha talvez seja um inquilino muito desejável. Já conheci vários membros da profissão: além de generosos, são muito ordeiros e cuidadosos em tudo! Esses seus quadros caros, Sir Elliot, estariam totalmente seguros caso o senhor decida deixá-los aqui. Tudo na casa e à sua volta ficaria muito bem-cuidado! Os jardins e os arbustos seriam mantidos em condição quase tão perfeita quanto agora. Não precisa temer que os seus lindos canteiros de flores fiquem abandonados, srta. Elliot.

– Com relação a tudo isso – retrucou Sir Walter com frieza –, supondo que eu aceitasse alugar a casa, de forma alguma decidi que privilégios anexaria ao aluguel. Não estou particularmente inclinado a favorecer um inquilino. O terreno de caça ficaria à sua disposição, é claro, e poucos são os oficiais da Marinha ou homens de qualquer outra condição que jamais puderam gozar de tamanho espaço, mas as restrições que eu poderia impor ao uso do jardim são outra história. Não gosto da ideia de os meus arbustos poderem estar sempre ao alcance de todos; e meu conselho à srta. Elliot seria tomar cuidado com seu canteiro de flores. Estou muito pouco inclinado a conceder qualquer favor extraordinário a um inquilino de Kellynch Hall, isso eu lhe garanto, seja ele marinheiro ou soldado.

Depois de uma curta pausa, o sr. Shepherd se atreveu a dizer:

– Em relação a todos esses pormenores, existem procedimentos estabelecidos que tornam tudo simples e fácil entre proprietário e inquilino. Seus interesses estão em boas mãos, Sir Walter. Pode contar comigo para cuidar que nenhum inquilino obtenha mais do que aquilo a que tem direito. Atrevo-me a dizer que Sir Walter Elliot não poderia ter nem metade do cuidado com a sua propriedade que John Shepherd terá por ele.

Anne então falou:

– Eu acho que a Marinha, que tanto fez por nós, tem pelo menos os mesmos direitos que qualquer outro grupo de homens a todos os confortos e privilégios que qualquer casa possa proporcionar. Todos precisamos admitir que os marinheiros trabalham duro para merecer seu conforto.

"É verdade, é verdade. O que a srta. Anne está dizendo é a pura verdade" foi o comentário do sr. Shepherd, enquanto o de sua filha foi "Ah, sim, com certeza!" Pouco depois, no entanto, o comentário de Sir Walter foi:

– A profissão tem lá a sua utilidade, mas eu ficaria triste em ver algum amigo meu se dedicando a ela.

– É mesmo? – foi a resposta, e com uma expressão de espanto.

– Sim. A profissão me desagrada em dois pontos; tenho duas fortes objeções a ela. Em primeiro lugar, ela permite a pessoas de berço obscuro obter uma distinção imerecida, e dá a certos homens acesso a honrarias com as quais seus pais e avôs nem sequer sonharam. Em segundo lugar, interrompe de forma terrível a juventude e o vigor de um homem: os membros da Marinha envelhecem antes de qualquer outro. Pude observar isso a vida inteira. Na Marinha, um homem corre mais risco do que em qualquer outra profissão de ser insultado pela ascensão de outro com cujo pai o seu talvez tivesse desdenhado falar, e de se tornar ele próprio prematuramente um objeto de repulsa. Certo dia na cidade, na primavera passada, encontrei dois homens que são exemplos notáveis do que estou dizendo: lorde St. Ives, cujo pai, todos sabemos, foi um cura de zona rural que não tinha onde cair morto… Pois tive que dar passagem a St. Ives e a um certo almirante Baldwin, a criatura de aspecto mais deplorável que se possa imaginar: um rosto da mesma cor do mogno, grosseiro e maltratado até o último grau, cheio de rugas e vincos, nove fios de cabelo grisalho em um dos lados da cabeça e apenas um leve toque de pó de arroz no topo. "Pelo amor de Deus, quem é esse velho?", perguntei a um amigo meu que estava por perto (Sir Basil Morley). "Velho?!", exclamou Sir Basil, "Aquele ali é o almirante Baldwin. Quantos anos acha que ele tem?" "Sessenta", respondi, "ou talvez sessenta e dois." "Quarenta", retrucou Sir Basil, "apenas quarenta anos". Imaginem o meu assombro: não vou esquecer o almirante Baldwin tão cedo. Nunca vi exemplo tão lamentável do que uma vida no mar é capaz de fazer; no entanto, em certa medida, sei que é o mesmo para todos eles, são todos castigados e expostos a todo tipo de intempérie e a todo tipo de clima até ficarem totalmente arruinados. É uma pena que não lhes deem uma paulada na cabeça logo de uma vez antes de chegarem à idade do almirante Baldwin.

– Ora, Sir Walter, quanta severidade – exclamou a sra. Clay. – Tenha um pouco de compaixão do pobre coitado. Nem todos nascemos para ser bonitos. Com certeza o mar não é um grande embelezador; os que nele trabalham de fato envelhecem antes da hora. Já observei isso muitas vezes: eles logo perdem o ar de juventude. Mas não acontece o mesmo nas outras profissões, talvez na maioria delas? Os soldados da ativa não têm melhor sorte, e até mesmo as profissões mais tranquilas exigem trabalho e esforço da mente, quando não do corpo, que raramente deixam a aparência de um homem à mercê dos efeitos naturais do tempo. O advogado vive arrastando os pés de tanta preocupação, o médico não tem hora para dormir e viaja sob qualquer clima, e até mesmo o sacerdote… – ela se deteve um instante para pensar no que poderia convir ao sacerdote. – Até mesmo o sacerdote, o senhor sabe, é obrigado a frequentar recintos infectados e a expor a saúde e a aparência aos riscos de um ambiente venenoso. Na verdade, há muito já me convenci de que, embora todas as

profissões sejam necessárias e honradas à sua maneira, somente aqueles que não são obrigados a seguir nenhuma delas, que podem levar uma vida regrada, no campo, donos do próprio tempo, escolhendo as próprias atividades e morando em sua própria casa, sem o tormento de tentar obter mais, apenas *eles*, digo eu, podem gozar das bênçãos da saúde e da boa aparência em seu grau máximo. Não conheço nenhum outro grupo de homens que não perca algo de sua beleza ao deixar a juventude para trás.

Em suas tentativas de conquistar as boas graças de Sir Walter em relação a ter um oficial da Marinha como inquilino, o sr. Shepherd parecia ter sido abençoado com um poder de vidência, pois o primeiro candidato a alugar a casa foi um certo almirante Croft, com quem ele pouco depois se encontrou enquanto assistia à reunião do tribunal em Taunton. Com efeito, o nome do almirante lhe fora sugerido por um conhecido de Londres. Segundo o relatório que ele se apressou em comparecer a Kellynch para fazer, o almirante Croft havia nascido em Somersetshire e, depois de acumular uma bela fortuna, desejava fixar residência em sua região natal, e havia ido a Taunton para visitar algumas casas anunciadas nas redondezas imediatas da cidade, casas estas que não haviam lhe agradado, porém. E depois de ficar sabendo por acaso (justamente como ele havia previsto, observou o sr. Shepherd, era impossível guardar segredo em relação à situação de Sir Walter), depois de ficar sabendo por acaso da possibilidade de Kellynch Hall estar disponível para alugar, e uma vez informado da sua ligação (ou seja, do sr. Shepherd) com o proprietário, havia se apresentado a ele para saber mais detalhes e, no decurso de uma demorada conversa, expressado uma inclinação tão forte em relação à casa quanto podia ter um homem que a conhecia apenas pela descrição. E ele dera ao sr. Shepherd, na descrição explícita que fizera de si mesmo, todas as provas de ser um inquilino extremamente responsável e satisfatório.

– E quem é o almirante Croft? – foi a pergunta fria e desconfiada de Sir Walter.

O sr. Shepherd respondeu que o almirante pertencia a uma família respeitável, e mencionou o nome de um lugar; e Anne, depois da pequena pausa que se seguiu, acrescentou:

– Ele é contra-almirante da esquadra branca. Lutou em Trafalgar, e desde então mora nas Índias Orientais; acho que já faz vários anos que está lá.

– Então tenho certeza de que o rosto dele é tão cor de laranja quanto os punhos e as capas da libré dos meus criados – observou Sir Walter.

O sr. Shepherd se apressou em lhe garantir que o almirante Croft era um homem muito saudável, vigoroso e bem-apessoado, um pouco maltratado pelo clima, decerto, mas não muito, e um verdadeiro cavalheiro em todas as suas ideias e atitudes. Não era provável que criasse qualquer dificuldade quanto aos

termos do aluguel; tudo o que queria era uma casa confortável para onde pudesse se mudar o quanto antes; sabia que precisaria pagar para ter o que queria; sabia o quanto custava uma casa mobiliada desse gabarito; e não teria ficado surpreso caso Sir Walter houvesse pedido um valor maior; havia perguntado sobre a casa principal; sem dúvida ficaria feliz se tivesse o direito de caçar na propriedade, mas não fazia tanta questão disso, e dissera que de vez em quando saía com a espingarda, mas que nunca matava: um cavalheiro, sob todos os aspectos.

O sr. Shepherd se mostrou eloquente em relação ao assunto, enfatizando todas as qualidades da família do almirante que faziam dele um inquilino particularmente desejável. Era casado e não tinha filhos: a condição ideal. Era impossível cuidar bem de uma casa sem o auxílio de uma dama, observou o sr. Shepherd; e ele não sabia o que faria os móveis sofrerem mais, uma casa sem dama ou uma casa com muitas crianças. Uma dama sem filhos era a melhor conservadora de móveis do mundo. Ele também tinha visto a sra. Croft; ela estava em Taunton com o almirante, e estivera presente durante quase todo o tempo em que eles haviam conversado sobre o assunto.

– Pareceu-me uma dama muito cortês, refinada e inteligente – continuou ele. – Fez mais perguntas sobre a casa, os termos do aluguel e as taxas do que o próprio almirante, e parecia mais experiente em matéria de negócios. Além disso, Sir Walter, descobri que ela tem conexões nesta região além do marido; é irmã de um cavalheiro que já morou aqui entre nós; foi ela mesma quem me disse isso: é irmã do cavalheiro que morou em Monkford alguns anos atrás. Ah, meu Deus, como era mesmo o nome dele? Agora não estou me lembrando, embora o tenha escutado recentemente. Penelope, querida, pode me ajudar a lembrar o nome do cavalheiro que morava em Monkford, irmão da sra. Croft?

Mas a sra. Clay estava tão entretida conversando com a srta. Elliot que não ouviu o pedido do pai.

– Não faço ideia a quem o senhor pode estar se referindo, Shepherd. Não me lembro de nenhum cavalheiro que tenha morado em Monkford desde a época do velho governador Trent.

– Ora! Que estranho! Imagino que eu logo vá esquecer meu próprio nome. Um nome que me era tão familiar… Eu conhecia o cavalheiro tão bem de vista… Devo tê-lo visto uma centena de vezes… Lembro-me de que veio me consultar certa vez em relação a uma invasão por parte de seus vizinhos: um ajudante de fazenda havia entrado em seu pomar… o muro foi derrubado… maçãs foram roubadas… o homem foi pego no ato… E depois, contrariando meu conselho, ele aceitou um acordo amigável. Muito estranho, mesmo!

Depois de esperar mais alguns instantes…

– Imagino que esteja se referindo ao sr. Wentworth – disse Anne.

O sr. Shepherd se mostrou imensamente grato.

– Wentworth, isso mesmo! Era o sr. Wentworth. O senhor sabe, Sir Walter, ele foi cura de Monkford por dois ou três anos, já faz algum tempo. Chegou aqui por volta do ano de —5, acho eu. Tenho certeza de que se lembra dele.

– Wentworth? Ah, sim! O sr. Wentworth, cura de Monkford. O senhor me confundiu ao usar a palavra *cavalheiro*. Pensei que estivesse falando de algum homem de posses: eu me lembro que o sr. Wentworth era um zé-ninguém, não tinha relação nenhuma, nem qualquer vínculo com a família Strafford. É de se perguntar como os nomes de tantos membros de nossa nobreza se tornam tão comuns.

Ao perceber que essa ligação com os Croft não surtia nenhum efeito com Sir Walter, o sr. Shepherd não tornou a mencioná-la, e voltou, com todo o zelo, a insistir nas circunstâncias que lhes eram favoráveis da maneira mais irrefutável: sua idade, o fato de serem apenas dois e sua fortuna; a alta conta em que tinham colocado Kellynch Hall e a extrema preocupação em obter o privilégio de alugar a casa, fazendo parecer que nada era mais importante para eles do que a alegria de ser inquilinos de Sir Walter Elliot: um gosto extraordinário, decerto, caso se pudesse supor que eles partilhassem o segredo da remuneração que Sir Walter julgava adequada por parte de um inquilino.

Deu certo, porém, e embora Sir Walter sempre fosse olhar com desconfiança qualquer pessoa interessada em morar naquela casa, e considerá-la infinitamente afortunada por ter o privilégio de poder alugar Kellynch Hall mediante o mais alto preço, foi convencido a autorizar o sr. Shepherd a seguir adiante com as negociações e autorizou-o a encontrar o almirante Croft, que ainda estava em Taunton, e marcar um dia para visitar a casa.

Sir Walter não era um homem muito sensato; no entanto, tinha vivência de mundo suficiente para sentir que era pouco provável que se apresentasse algum candidato mais irrepreensível sob todos os aspectos do que o almirante Croft parecia ser. Tal era a extensão de seu entendimento, e sua vaidade encontrava um alento adicional na posição social do almirante, elevada o suficiente, mas não excessivamente elevada. “Aluguei minha casa para o almirante Croft” iria soar muito bem; muito melhor do que para algum simples *sr. X*; um *senhor* (salvo, talvez, uma meia dúzia de homens no país) requeria sempre uma nota explicativa. Um almirante fala por si só, e ao mesmo tempo nunca pode fazer um baronete parecer pequeno. Em todas as suas negociações e contatos, Sir Walter Elliot deveria ter a primazia.

Nada podia ser feito sem consultar Elizabeth, mas sua inclinação no sentido de uma mudança estava se tornando tão forte que ela ficou feliz em vê-la acertada e apressada pela aparição de um inquilino, de modo que não pronunciou qualquer

palavra para adiar a decisão.

O sr. Shepherd tinha, portanto, plenos poderes para agir, e, assim que tal fato ficou estabelecido, Anne, que havia escutado com grande atenção a conversa toda, saiu da sala para buscar no ar fresco um alento para as faces coradas, e, enquanto caminhava por um de seus arvoredos preferidos, disse, com um leve suspiro:

– Mais alguns meses, e talvez *ele* esteja andando por aqui.

CAPÍTULO 4

Por mais suspeitas que pudessem ser as aparências, *ele* não era o sr. Wentworth, antigo cura de Monkford, mas sim um certo capitão Frederick Wentworth, seu irmão, que, depois de promovido a capitão de fragata devido aos combates em Santo Domingo, e sem ter recebido nenhuma outra missão imediata, viera a Somersetshire no verão de 1806; e como nem seu pai nem sua mãe eram vivos, passara metade do ano em Monkford. Na época, era um rapaz incrivelmente vistoso, dono de grande inteligência, espirituosidade e sagacidade; e Anne era uma jovem extremamente atraente, dotada de suavidade, modéstia, bom gosto e sensibilidade. Metade da soma desses atrativos talvez já tivesse bastado, de parte a parte, pois ele nada tinha para fazer, e ela praticamente ninguém para amar; mas o encontro de tão copiosas qualidades foi infalível. Os dois foram se conhecendo aos poucos e, depois de se conhecerem, apaixonaram-se rápida e profundamente. Seria difícil dizer qual dos dois viu no outro perfeição mais altaneira ou qual dos dois foi mais feliz: ela ao ouvir as declarações e pedidos dele ou ele em vê-los aceitos.

Seguiu-se um curto período de extrema felicidade, mas um curto período apenas. Logo surgiram problemas. Quando consultado, embora não tenha chegado a recusar seu consentimento ou a dizer que aquilo jamais poderia acontecer, Sir Walter reagiu à questão com toda a negatividade de um grande espanto, uma grande frieza, um grande silêncio, e a decisão professa de nada fazer pela filha. Considerava o enlace muito degradante; e Lady Russell, embora com um orgulho mais temperado e perdoável, julgava-o um grande infortúnio.

Anne Elliot, apesar dos atributos do berço, da beleza e do espírito, desperdiçar a si mesma aos dezenove anos, envolver-se aos dezenove anos em um noivado com um rapaz que nada tinha para recomendá-lo a não ser ele mesmo, e sem qualquer esperança de alcançar uma boa situação a não ser os acasos de uma profissão muito incerta, e sem parentes para nem sequer garantir sua progressão nesse ofício, seria de fato um desperdício que lhe causava desgosto só de pensar! Anne Elliot, tão jovem, conhecida por tão poucos, arrebatada por um desconhecido sem relações ou fortuna, ou melhor, condenada por ele a um estado de dependência extenuante, cheio de aflição, fadado a arruinar sua juventude! Aquilo não podia ser, não se pudesse ser evitado graças a qualquer intervenção possível de amizade, a qualquer conselho de alguém que tinha em relação à jovem amor e direitos que eram praticamente os de uma mãe.

O capitão Wentworth não tinha posses. Tivera sorte na profissão, mas, ao

gastar com liberalidade o que havia ganhado com igual liberalidade, não acumulara nada. Estava, porém, confiante de que logo iria se tornar rico: cheio de vida e energia, sabia que logo teria um navio para comandar, e logo ocuparia um cargo que conduziria a tudo aquilo que desejava. Sempre fora um homem de sorte; sabia que continuaria a sê-lo. Tal confiança, potente por seu próprio arrebatamento e cativante pela rapidez de espírito com a qual ele muitas vezes a expressava, poderia ter bastado para Anne; Lady Russell, no entanto, via a situação com olhos muito diferentes. O temperamento sanguíneo do rapaz e seu caráter destemido tinham sobre ela um efeito bem diferente. Tudo que via neles era um agravamento do mal. Isso apenas lhe atribuía um comportamento perigoso. Ele era inteligente, era obstinado. Lady Russell tinha pouco apreço pela rapidez de espírito, e verdadeiro horror por tudo que se assemelhasse à imprudência. Desaprovava o enlace sob todos os aspectos.

A oposição gerada por esses sentimentos foi forte demais para Anne conseguir combater. Jovem e afável como era, talvez lhe tivesse sido possível resistir à contrariedade do pai, embora esta não tivesse sido abrandada por nenhuma palavra ou olhar gentil da irmã; mas Lady Russell, a quem sempre amara e em quem sempre confiara, não a podia estar aconselhando em vão todo esse tempo com opiniões tão sólidas e modos tão carinhosos. Ela foi persuadida a considerar o noivado uma decisão errada: indiscreta, imprópria, praticamente incapaz de sucesso e indigna deste. Mas o que a impulsionou a agir e romper o noivado não foi apenas uma cautela egoísta. Caso não houvesse imaginado estar agindo pelo bem dele, até mais do que pelo próprio, não teria sido capaz de desistir. A convicção de estar sendo prudente e altruísta, sobretudo para o bem *dele*, foi seu maior consolo em meio à infelicidade da separação, uma separação definitiva; e todos os consolos foram necessários, pois ela ainda teve de enfrentar toda a dor suplementar das opiniões dele, que não se deixou persuadir de forma alguma e mostrou-se irredutível, sentindo-se lesado por um rompimento tão forçado. Depois disso, ele havia deixado a região.

Poucos meses haviam se passado entre o início e o fim do relacionamento, mas o sofrimento de Anne por sua causa não terminou tão depressa. Durante muito tempo, o afeto e o arrependimento enevoaram todas as alegrias da juventude, e a perda precoce do viço e da energia foi o efeito duradouro.

Mais de sete anos haviam transcorrido desde a conclusão desse pequeno romance cheio de melancolia, e o tempo havia neutralizado grande parte e talvez todo o afeto singular que ela nutria por ele, mas ela havia depositado uma confiança excessiva no tempo em si: não obtivera qualquer ajuda de uma mudança de ares (com exceção de uma visita a Bath logo após o rompimento) nem de alguma novidade ou ampliação de suas amizades. Ninguém que se comparasse a Frederick Wentworth tal como este sobrevivia em sua lembrança

jamais havia adentrado o círculo de Kellynch. Com seu refinamento de espírito e seu gosto exigente, nenhum outro relacionamento, único remédio inteiramente natural, feliz e suficiente nessa fase de vida, havia sido possível dentro dos estreitos limites da sociedade que os rodeava. Por volta dos vinte e dois anos, ela havia recebido uma proposta para mudar de nome do mesmo rapaz que, pouco depois, encontrou em sua irmã caçula uma disposição mais favorável; e Lady Russell havia lamentado sua recusa, pois Charles Musgrove era o primogênito de um homem cujas terras e influência só perdiam na região para as do próprio Sir Walter, além de ter boa índole e boa aparência. E ainda que Lady Russell pudesse ter pedido mais quando Anne tinha dezenove anos, teria se regozijado em vê-la, aos vinte e dois, afastada de forma tão respeitável das desigualdades e injustiças da casa paterna e instalada de forma tão permanente perto de sua própria residência. Nesse caso, porém, Anne não dera ouvidos a conselhos; e embora Lady Russell, ainda convencida do próprio juízo, jamais desejasse reviver o passado, começou a nutrir uma ansiedade quase desesperançada de ver Anne se deixar tentar por algum homem talentoso e independente a adentrar uma condição para a qual a julgava particularmente apta devido a seu temperamento afetuoso e a seus hábitos caseiros.

Nenhuma das duas conhecia a opinião da outra, fosse esta constante ou mutável, sobre o principal aspecto da conduta de Anne, pois o assunto nunca era mencionado. No entanto, aos vinte e sete anos, Anne pensava de forma muito diferente da que fora levada a pensar aos dezenove. Não culpava Lady Russell, nem culpava a si mesma por ter se deixado guiar por ela; mas sentia que, caso alguém mais jovem em situação parecida viesse lhe pedir conselhos, jamais ouviria dela tamanha certeza de infelicidade imediata nem tamanha incerteza de felicidade futura. Estava convencida de que, quaisquer que fossem as desvantagens de uma reprovação em casa, e quaisquer as aflições inerentes à profissão dele, todos os prováveis temores, demoras e decepções que tivessem de enfrentar, mesmo assim ela teria sido uma mulher mais feliz caso tivesse mantido o noivado do que tinha sido ao sacrificá-lo. E isso, ela acreditava plenamente, caso o quinhão habitual ou mais até do que o quinhão habitual de tais preocupações e incertezas tivesse lhes cabido, sem levar em conta os resultados reais que, de fato, teriam lhes proporcionado uma prosperidade mais precoce do que se poderia ter suposto. Todas as expectativas arrebatadas do rapaz, toda a confiança em si mesmo haviam se justificado. Parecia que seu temperamento e ardor haviam previsto e direcionado seu caminho rumo ao sucesso. Pouco depois de rompido o noivado, ele havia obtido uma nova missão, e tudo o que dissera a Anne que iria acontecer havia de fato acontecido. Ele havia se destacado e sido promovido à patente superior em pouco tempo, e àquela altura, depois de várias capturas, já devia ter acumulado uma bela fortuna. Anne dispunha apenas das informações fornecidas pelos registros da Marinha e pelos jornais, mas não tinha

dúvidas de que ele agora fosse um homem rico; ademais, o que depunha a favor de sua constância, não tinha qualquer motivo para acreditar que estivesse casado.

Como Anne Elliot poderia ter sido eloquente! Como eram eloquentes, pelo menos, a sua defesa de um relacionamento precoce e afetuoso e a sua jovial confiança no futuro, em contraste com a cautela excessivamente aflita que parece desmerecer a energia e desacreditar a Providência! Forçada a ser prudente quando jovem, ela havia aprendido a ser romântica ao envelhecer: a sucessão natural de um início nada natural.

Com todas essas circunstâncias, lembranças e sentimentos, ela não podia ouvir a notícia de que a irmã do capitão Wentworth provavelmente iria se mudar para Kellynch sem que a antiga dor voltasse à tona; e foram necessários muitos passeios e muitos suspiros para neutralizar a agitação que essa notícia provocou. Disse e repetiu para si mesma que aquilo era uma loucura, antes de conseguir controlar suficientemente os próprios nervos para suportar sem incômodo as constantes conversas sobre os Croft e sua vida. Nisso, porém, foi auxiliada pela total indiferença e aparente inconsciência de seus três únicos amigos cientes desse segredo em seu passado, que pareciam quase negar qualquer lembrança dele. Podia compreender a superioridade das motivações de Lady Russell, em relação às do pai e de Elizabeth, para agir assim; podia entender todos os sentimentos nobres que motivavam a calma dela. De onde quer que viesse, porém, a atmosfera de indiferença generalizada que reinava entre os três era muito forte, e, caso o almirante Croft viesse mesmo a alugar Kellynch Hall, Anne se alegrou novamente na convicção que sempre havia lhe proporcionado grande reconforto de que, entre todas as suas relações, o passado só era conhecido por essas três pessoas, e que nenhuma das três, segundo ela acreditava, jamais iria mencionar qualquer palavra a respeito, e na certeza de que, da parte dele, apenas o irmão com quem morava na época havia tido qualquer informação sobre o breve noivado entre os dois. Esse irmão fora morar longe do campo havia muito tempo e, como ele era um homem sensato, e além do mais solteiro na ocasião, ela nutria uma forte confiança de que nenhum ser humano havia escutado a história de sua boca.

A irmã, sra. Croft, morava fora da Inglaterra, para onde havia acompanhado o marido em um posto no exterior, e sua própria irmã, Mary, estava na escola quando tudo havia acontecido, e o orgulho de uns e a delicadeza de outros nunca haviam lhe permitido obter qualquer informação a respeito posteriormente.

Com essas garantias, ela esperava que o relacionamento com os Croft, que ela supunha provável visto que Lady Russell continuaria morando em Kellynch e Mary a apenas cinco quilômetros de distância, não fosse precisar incluir nenhum constrangimento especial.

CAPÍTULO 5

Na manhã marcada para a visita do almirante Croft e sua esposa a Kellynch Hall, Anne achou muito natural sair para seu passeio quase diário à casa de Lady Russell e ficar fora até a visita terminar, quando então achou muito natural lamentar ter perdido a oportunidade de conhecê-los.

Esse encontro entre as duas partes se revelou altamente satisfatório, e selou na mesma hora o acordo. Ambas as senhoras já estavam predispostas a um acordo e, portanto, não viram nada uma na outra a não ser boas maneiras. Quanto aos cavalheiros, tamanho foi o bom humor cordial, tamanha a generosidade franca e confiante por parte do almirante, que Sir Walter não pôde deixar de ser influenciado; além do mais, os elogios do sr. Shepherd haviam despertado nele a sua melhor e mais cortês disposição ao lhe garantir que o almirante o conhecia por reputação como um modelo de boa estirpe.

A casa, o terreno e os móveis foram aprovados, os Croft foram aprovados, os termos, os prazos, tudo e todos os envolvidos estavam em seu devido lugar; e os auxiliares do sr. Shepherd se puseram a trabalhar sem que tivesse havido qualquer adendo preliminar a fazer ao contrato de aluguel.

Sir Walter, sem hesitação, afirmou que o almirante era o membro da Marinha mais bem-apessoado que já havia conhecido, e chegou a dizer que, se o seu próprio lacaio pudesse ter lhe arrumado os cabelos, não teria vergonha de ser visto em sua companhia em lugar algum; o almirante, por sua vez, com amável empatia, comentou com a esposa quando os dois estavam atravessando a propriedade para voltar para casa:

– Achei mesmo que fôssemos chegar logo a um acordo, querida, apesar do que nos disseram em Taunton. O baronete não inventou a roda, mas parece inofensivo.

Elogios recíprocos que teriam sido considerados mais ou menos equivalentes.

Os Croft se mudariam para a casa no final de setembro, e, como Sir Walter sugeriu que a família se transferisse para Bath no decorrer do mês, não se podia perder tempo com os preparativos necessários.

Convencida de que Anne não receberia permissão para ter qualquer utilidade ou importância na escolha da casa em que iriam morar, Lady Russell se mostrou pouco disposta a deixar que a levassem embora tão depressa, e quis tomar providências para que a jovem ficasse para trás até ela própria poder levá-la até Bath depois do Natal. No entanto, como tinha compromissos que a afastariam de Kellynch por várias semanas, não pôde fazer o convite completo como gostaria,

e Anne, embora receosa de enfrentar o possível calor de setembro sob a claridade ofuscante de Bath, e triste por não poder aproveitar os belos e melancólicos meses de outono no campo, não pensava que, considerando todas as circunstâncias, fosse querer ficar. Seria mais correto e mais sensato, e, portanto, menos sofrido, ir embora junto com os outros.

No entanto, um acontecimento inesperado lhe proporcionou outro dever. Mary, frequentemente indisposta, sempre muito ciosa das próprias reclamações e constantemente habituada a recorrer a Anne quando havia algum problema, não estava se sentindo muito bem; prevendo que não teria um dia sequer de boa saúde durante todo o outono, pediu, ou melhor, exigiu, pois não se tratou realmente de um pedido, que Anne, em vez de ir para Bath, ficasse em Uppercross Cottage lhe fazendo companhia pelo tempo que ela julgasse necessário.

– Não posso prescindir de Anne – foi o raciocínio de Mary; e a resposta de Elizabeth foi:

– Então tenho certeza de que é melhor Anne ficar, pois ninguém vai precisar dela em Bath.

Ser qualificada de útil, ainda que de forma inadequada, pelo menos é melhor do que ser rejeitada como inteiramente inútil. E Anne, feliz por ter alguma utilidade, feliz pelo fato de lhe incumbirem algum tipo de dever, e com certeza nada infeliz pelo fato de isso ocorrer no campo, e no seu próprio campo que ela tanto adorava, concordou imediatamente em ficar.

Esse convite de Mary anulou todas as dificuldades de Lady Russell, e consequentemente logo ficou combinado que Anne só iria para Bath quando Lady Russell a levasse, e que todo o período até lá seria dividido entre Uppercross Cottage e Kellynch Lodge.

Até então, tudo estava na mais perfeita ordem, mas Lady Russell quase se assustou ao constatar que uma parte do plano traçado em Kellynch Hall não era nada conveniente quando esta lhe ocorreu, a saber, que a sra. Clay havia se comprometido a acompanhar Sir Walter e Elizabeth até Bath para servir de importante e valiosa ajudante a esta última em todas as tarefas que tinha pela frente. Lady Russell lamentou imensamente o recurso a tal expediente, e foi tomada por considerações, tristezas e temores; e a afronta que isso representava para Anne, pelo fato de a sra. Clay ser tão útil enquanto Anne não tinha utilidade alguma, em muito agravou a situação.

Anne, por sua vez, já havia se tornado imune a esse tipo de afronta, mas foi tão sensível à imprudência do arranjo quanto Lady Russell. Graças a muita observação discreta e a um conhecimento do temperamento do pai que ela muitas vezes desejava que fosse menor, sabia ser mais do que possível que

aquele convívio estreito tivesse sérias consequências para a família. Não imaginava que o pai atualmente tivesse qualquer pensamento nesse sentido. A sra. Clay tinha sardas, um dente saltado e o punho desgracioso, características sobre as quais ele vivia comentando quando ela não estava presente; no entanto, era jovem, e não havia dúvida de que, falando de maneira geral, fosse uma mulher de aspecto agradável e possuísse, graças a um raciocínio veloz e a modos que estavam sempre tentando agradar, atrativos muito mais perigosos do que qualquer outro encanto meramente físico. Tão impressionada ficou Anne com o grau do perigo que esses atrativos representavam que não pôde deixar de tentar torná-los perceptíveis aos olhos da irmã. Tinha pouca esperança de ser bem-sucedida, mas pensava que Elizabeth, cuja situação na eventualidade de uma tal reviravolta ficaria muito pior do que a sua, jamais deveria ter motivos para repreendê-la por não ter soado o alerta.

Ela falou, e aparentemente só fez ofender. Elizabeth foi incapaz de entender como uma desconfiança tão absurda assim podia lhe ocorrer, e respondeu com indignação afirmando que cada um dos envolvidos estava perfeitamente ciente de sua posição.

– A sra. Clay nunca se esquece de quem é – disse ela, arrebatada –, e, como eu conheço melhor os sentimentos dela do que você, posso lhe garantir que em relação ao casamento estes são particularmente agradáveis, e que ela reprova mais do que a maioria das pessoas qualquer desigualdade de condição e prestígio. Quanto a meu pai, realmente não acho que ele, depois de ter se mantido solteiro durante tanto tempo por nossa causa, deva ser alvo de suspeita agora. Se a sra. Clay fosse uma mulher muito bonita, concordo que talvez fosse errado tê-la com tanta frequência em minha companhia; não que houvesse algo no mundo, estou certa, capaz de levar meu pai a fazer um enlace tão degradante, mas isso poderia deixá-lo infeliz. Mas a pobre sra. Clay, que, apesar de todos os seus méritos, jamais pôde ser qualificada nem sequer de aceitavelmente bonita! Eu realmente acho que a pobre sra. Clay pode ficar hospedada aqui em perfeita segurança. Até parece que você nunca ouviu meu pai mencionar os defeitos físicos dela, embora eu saiba que deve ter ouvido isso umas cinquenta vezes. Aquele dente! Aquelas sardas! Sardas que não me desagradam tanto quanto a ele. Já vi rostos que não foram consideravelmente enfeiados por elas, mas ele lhes tem horror. Você já deve tê-lo ouvido comentar sobre as sardas da sra. Clay.

– Não há quase nenhum defeito físico que não possa ser aos poucos compensado por um temperamento agradável – respondeu Anne.

– Pois eu penso muito diferente – retrucou Elizabeth, seca. – Um temperamento agradável pode até realçar a beleza dos traços, mas jamais conseguirá disfarçar sua feiura. De toda forma, porém, como tenho muito mais em risco do que qualquer outra pessoa em relação a esse assunto, considero um

tanto desnecessário você vir me dar conselhos.

Anne não tinha mais nada a dizer; estava satisfeita com o final da conversa, e tinha alguma esperança de ter feito um bem. Embora se ressentisse daquela suspeita, Elizabeth talvez ficasse mais atenta graças a ela.

A última tarefa dos quatro cavalos da carruagem era conduzir Sir Walter, a srta. Elliot e a sra. Clay até Bath. O grupo partiu muito animado; Sir Walter se preparou ensaiando mesuras condescendentes para saudar qualquer arrendatário ou camponês aflito que pudesse ter a ideia de aparecer, ao mesmo tempo em que Anne, dominada por uma espécie de tranquilidade tristonha, caminhava até Kellynch Lodge, onde iria passar a primeira semana.

Encontrou a amiga não mais bem-disposta do que ela. Lady Russell estava muito abalada com aquela separação. A respeitabilidade da família lhe era tão cara quanto a sua própria, e o hábito havia tornado precioso seu contato diário. Era doloroso ver a propriedade vazia, e pior ainda imaginar as novas mãos que logo iriam se apoderar dela. Assim, para fugir da solidão e da melancolia de um vilarejo tão mudado, e para não atrapalhar a chegada do almirante Croft e sua esposa, ela havia decidido iniciar sua ausência de casa quando chegasse a hora de transferir Anne. Assim, a mudança das duas se deu ao mesmo tempo, e Anne foi deixada em Uppercross Cottage durante a primeira etapa da viagem de Lady Russell.

Uppercross era um vilarejo de tamanho médio que, alguns anos antes, ainda era inteiramente construído no estilo inglês antigo, contendo apenas duas casas cuja aparência superava as dos pequenos proprietários rurais e camponeses: a mansão do distinto cavalheiro da cidade, com seus muros altos, portões imponentes e árvores ancestrais, construção sólida e desprovida de confortos modernos, e a pequena residência paroquial cercada por seu próprio jardim bem-arrumado, com uma videira e uma pereira podadas em volta das janelas. Na ocasião do casamento do filho do distinto cavalheiro, porém, o vilarejo havia sido agraciado com uma casa alçada à condição de chalé para a sua residência, e assim Uppercross Cottage, com sua varanda, as janelas altas e outros mimos, tinha a mesma probabilidade de atrair a atenção de algum viajante quanto o aspecto e o terreno mais sólidos e consideráveis da Casa Grande, que ficava pouco menos de meio quilômetro adiante.

Anne já havia se hospedado ali muitas vezes. Conhecia os hábitos de Uppercross tão bem quanto os de Kellynch. As duas famílias se encontravam com tamanha frequência, e estavam tão acostumadas e entrar e sair da casa uma da outra a qualquer hora, que ela ficou um tanto surpresa ao encontrar Mary sozinha; estando sozinha, porém, era quase certo que estivesse indisposta e desanimada. Embora mais bem-provida do que a irmã mais velha, Mary não

possuía nem a compreensão nem o temperamento de Anne. Quando estava bem, feliz, e recebia as atenções adequadas, tinha um ótimo humor e uma disposição excelente; mas qualquer mal-estar a derrubava. Mary não dispunha de recursos para ficar sozinha, e, tendo herdado uma porção razoável da vaidade dos Elliot, era muito propensa a somar a qualquer outra preocupação a de se considerar negligenciada e maltratada. Fisicamente, era inferior às duas irmãs e, mesmo no auge do viço, alcançara somente a condição de ser considerada "uma moça vistosa". Estava agora deitada no sofá desbotado da bonita salinha de estar cujos móveis outrora elegantes vinham se tornando cada vez mais surrados devido ao efeito de quatro verões e duas crianças; e ao ver Anne aparecer, cumprimentou-a dizendo:

– Finalmente você chegou! Estava começando a pensar que nunca iria vê-la. Estou tão doente que mal consigo falar. Passei a manhã inteira sem ver vivalma!

– Sinto muito por encontrá-la indisposta – respondeu Anne. – Você me mandou notícias tão boas na quinta-feira!

– Sim, fiz o melhor que pude, é o que sempre faço, mas estava longe de me sentir bem na ocasião. E acho que nunca estive tão doente na vida quanto hoje de manhã; com certeza não tinha a menor condição de ser deixada sozinha. Imagine se eu fosse acometida de repente por algum mal-estar terrível, e não pudesse tocar a sineta! Quer dizer que Lady Russell não quis descer? Acho que ela não esteve aqui nem três vezes no último verão.

Anne deu a resposta adequada, e pediu notícias do marido da irmã.

– Ah! Charles saiu para caçar. Não o vejo desde as sete da manhã. Ele fez questão de ir, mesmo eu tendo lhe dito o quanto estava doente. Disse que não iria demorar muito, mas ainda não voltou, e já é quase uma da tarde. Garanto a você que não vi ninguém desde hoje de manhã.

– Seus meninos vieram ficar com você?

– Sim, enquanto pude suportar sua algazarra. Mas eles são tão incontroláveis que me fazem mais mal do que bem. O pequeno Charles não dá ouvidos a nada do que eu digo, e Walter está ficando igualzinho.

– Bem, você logo, logo vai melhorar – retrucou Anne em um tom jovial. – Sabe que eu sempre a curo quando venho aqui. Como vão seus vizinhos da Casa Grande?

– Não sei dizer. Não vi nenhum deles hoje, com exceção do sr. Musgrove, que passou aqui rapidamente e falou comigo pela janela, mas sem apear do cavalo; e embora eu tenha dito a ele o quanto estava adoentada, nenhum dos vizinhos veio me visitar. Imagino que não fosse conveniente para as senhoritas Musgrove, e elas nunca saem do caminho por causa dos outros.

– Talvez eles ainda venham antes de a manhã terminar. É cedo.

– Não faço a menor questão, isso eu lhe garanto. Eles falam e riem demais para o meu gosto. Ah, Anne, estou tão indisposta! Foi muita maldade sua não vir na quinta-feira.

– Mary, querida, lembre-se do relato positivo que você me mandou do seu estado! Você escreveu no tom mais animado possível dizendo que estava passando muito bem, e que eu não me apressasse. Sendo assim, devia saber que meu desejo seria ficar com Lady Russell até o final; além de meus sentimentos por ela, tenho andado realmente muito ocupada e tido muito o que fazer, tanto que não teria sido possível ir embora de Kellynch mais cedo.

– Meu Deus! O que é que *você* pode ter para fazer?

– Muitas coisas, eu lhe garanto. Mais do que sou capaz de me lembrar em poucos segundos, mas posso lhe citar algumas. Estou fazendo uma cópia do catálogo dos livros e quadros do meu pai. Fui várias vezes ao jardim com Mackenzie para tentar entender e fazê-lo entender quais plantas de Elizabeth são para Lady Russell. Tenho todas as minhas pequenas preocupações para resolver, livros e partituras para separar, e todos os meus baús para arrumar novamente, pois não tinha entendido a tempo qual seria o arranjo para o transporte. E tive de fazer uma coisa, Mary, de natureza mais difícil: visitar quase todas as casas da paróquia para uma espécie de despedida. Fiquei sabendo que as pessoas assim o desejavam. Mas tudo isso ocupou muito tempo.

– Ah, que seja… – após alguns instantes de pausa, ela tornou a falar. – Mas você não me perguntou nada sobre nosso jantar na casa dos Poole ontem.

– Então você foi? Não perguntei porque imaginei que você tivesse sido obrigada a desistir do jantar.

– Ah, sim! Eu fui. Estava me sentindo muito bem ontem; não havia nada de errado comigo até hoje de manhã. Teria sido estranho se eu não houvesse ido.

– Fico muito satisfeita por você ter estado bem ontem, e espero que o jantar tenha sido agradável.

– Nada digno de nota. É sempre possível saber de antemão como vai ser um jantar, e quem vai estar presente; e como é desagradável não ter a própria carruagem. O sr. e a sra. Musgrove me levaram, e ficamos tão apertados! Os dois são muito grandes e ocupam muito espaço, e o sr. Musgrove sempre se senta na frente. De modo que lá fui eu, imprensada no banco de trás com Henrietta e Louisa, e acho bem provável que isso explique a minha doença hoje.

Um pouco mais de perseverança de Anne para se mostrar paciente e animada operou quase uma cura em Mary. Ela logo conseguiu se sentar ereta no sofá e começou a ter esperanças de poder se levantar quando chegasse a hora do jantar.

Então, esquecendo-se do assunto, foi até o outro lado da sala ajeitar um arranjo de flores, depois comeu sua porção de frios, e por fim sentiu-se disposta o suficiente para sugerir um pequeno passeio.

– Aonde deveríamos ir? – indagou ela quando ficaram prontas. – Imagino que você não vá querer aparecer na Casa Grande antes de eles virem visitá-la.

– Não tenho a menor objeção quanto a isso – respondeu Anne. – Jamais faria tanta cerimônia com pessoas que conheço tão bem quanto a sra. e as srtas. Musgrove.

– Ah! Mas elas deveriam vir visitar você assim que possível. Deveriam sentir o que lhe é devido na condição de *minha* irmã. Mas nós podemos ir passar algum tempo em sua companhia, e depois disso podemos aproveitar nosso passeio.

Anne sempre havia considerado imprudente esse estilo de se relacionar com os outros; no entanto, havia parado de tentar impedir tal coisa, pois acreditava que, embora houvesse constantemente motivos para se sentir ofendido de parte a parte, nenhuma das duas famílias era capaz de prescindir daquele vínculo. Assim, foram as duas à Casa Grande, e ali passaram toda a meia hora sentadas no antiquado salão quadrado dotado de um pequeno tapete e de um piso reluzente, ao qual as atuais filhas da casa iam aos poucos imprimindo o adequado ar de confusão com o acréscimo de um piano de cauda e de uma harpa, de vasos de flores em suportes altos, e de mesinhas espalhadas por toda parte. Ah! Se os modelos originais dos retratos pendurados nas paredes revestidas de madeira, se aqueles senhores trajando veludo marrom e aquelas senhoras de cetim azul tivessem visto o que acontecia, se tivessem tomado conhecimento de tamanho desrespeito a qualquer ordem e arrumação! Os próprios retratos pareciam fitar a cena com um ar de espanto.

Assim como as suas casas, a família Musgrove estava atravessando uma fase de mudanças, e talvez de melhoria. O pai e a mãe seguiam o estilo inglês tradicional, e os jovens o estilo moderno. O sr. e a sra. Musgrove eram pessoas muito boas; simpáticas e hospitaleiras, não muito cultas, e nada elegantes. Os filhos tinham mentes e modos mais modernos. Eram uma família numerosa, mas os dois únicos filhos crescidos, com exceção de Charles, eram Henrietta e Louisa, duas moças de dezenove e vinte anos que haviam trazido de uma escola em Exeter toda a gama habitual de habilidades e agora, assim como milhares de outras jovens, viviam para andar vestidas na moda e para serem felizes e alegres. Suas roupas eram da melhor qualidade, seus rostos bastante bonitos, sua disposição extremamente boa, seus modos francos e agradáveis; elas gozavam de prestígio em casa e de grande estima fora dela. Anne sempre as via como duas das pessoas mais felizes dentre todos os seus conhecidos; apesar disso, era salva por uma confortável sensação de superioridade do desejo de uma eventual

mudança, como somos todos, e não teria trocado sua mente mais culta e elegante por todas as diversões das irmãs Musgrove, e não lhes invejava nada a não ser seu relacionamento aparentemente excelente e o fato de se darem tão bem, aquele bem-humorado afeto mútuo que ela própria havia tido tão pouco na companhia de qualquer uma das irmãs.

As duas foram recebidas com grande cordialidade. Não parecia haver nada de errado por parte da família da Casa Grande, que em geral, como Anne bem sabia, era a menos culpada das duas. A meia hora transcorreu de forma bastante agradável em conversas leves, e ela não ficou nem um pouco surpresa no final quando, após um convite direto de Mary, as irmãs Musgrove resolveram se juntar ao seu passeio.

CAPÍTULO 6

Anne não precisava daquela visita a Uppercross para saber que a mudança de um grupo de pessoas para outro, ainda que os dois estejam separados por apenas cinco quilômetros, muitas vezes significa uma mudança total de conversa, opiniões e ideias. Ela nunca tinha se hospedado ali antes sem se impressionar com esse fato ou sem desejar que outros membros da família Elliot pudessem ter, como ela, o privilégio de constatar o quão desconhecidas ou pouco importantes eram ali questões que em Kellynch Hall eram tratadas como de notório saber e interesse generalizado. No entanto, mesmo com toda essa experiência, achava que agora tinha de se conformar com o fato de que uma outra lição havia se tornado necessária para ela na arte de compreender nossa própria insignificância fora de nosso círculo de origem; pois sem dúvida, ao ali chegar como havia chegado, com o coração totalmente tomado pelos assuntos que durante muitas semanas haviam ocupado de forma tão completa as duas casas em Kellynch, ela esperava um pouco mais de curiosidade e empatia do que encontrou nos comentários distintos mas muito parecidos do sr. e da sra. Musgrove: "Quer dizer então, srta. Anne, que Sir Walter e sua irmã já viajaram? E que parte de Bath acha que eles vão escolher para morar?", e isso sem nem ao menos esperar uma resposta; ou ainda na contribuição das duas moças ao dizer: "Espero que *nós* possamos ir a Bath no inverno. Mas lembre-se, papai, se formos, temos de ficar em um lugar bom; nada daqueles seus Queen Squares!", ou então no aflito adendo de Mary: "Ora, eu com certeza ficarei contente quando vocês todos tiverem ido se divertir em Bath!"

Tudo que Anne pôde fazer foi tomar a decisão de, no futuro, evitar enganar a si mesma dessa forma, e pensar com uma gratidão redobrada na bênção extraordinária de ter uma amiga que lhe demonstrasse real empatia como Lady Russell.

Os senhores da família Musgrove tinham seus próprios animais de caça para manter e matar, seus próprios cavalos, cães e jornais para distraí-los, enquanto as senhoras se mantinham totalmente ocupadas com todos os outros temas habituais: cuidados com a casa, vizinhos, vestidos, danças e música. Ela reconhecia que tudo isso era muito adequado, que qualquer pequena comunidade social devia escolher os assuntos de suas próprias conversas, e esperava em breve poder se tornar um membro digno de algum apreço naquela comunidade para a qual agora havia sido transferida. Diante da possibilidade de passar pelo menos dois meses em Uppercross, era muito importante para ela moldar o quanto possível sua imaginação, sua lembrança e todas as suas ideias ao estilo de Uppercross.

Anne não sentia qualquer temor em relação a esses dois meses. Mary não era tão detestável nem era uma irmã tão desnaturada quanto Elizabeth, e tampouco tão inacessível a qualquer influência sua; também não havia nos outros moradores do chalé qualquer coisa que pudesse prejudicar seu conforto. Ela sempre havia se dado bem com o cunhado, e os sobrinhos, que a amavam quase tanto e a respeitavam bem mais do que a própria mãe, lhe proporcionavam interesse, diversão e exercício salutar.

Charles Musgrove era educado e agradável; sua sensatez e seu temperamento eram sem dúvida superiores aos da mulher, mas ele não possuía faculdades intelectuais, conversa ou graça que tornasse o passado e a ligação que tinham tido uma contemplação perigosa; embora ao mesmo tempo Anne achasse, assim como Lady Russell, que um enlace mais equilibrado poderia tê-lo feito melhorar muito, e que uma mulher verdadeiramente compreensiva poderia ter dado mais solidez a seu caráter e mais utilidade, racionalidade e elegância a seus hábitos e ocupações. Na atual situação, ele nada fazia com muito zelo a não ser caçar; tirando isso, seu tempo era desperdiçado sem o benefício da leitura ou de qualquer outra coisa. Charles tinha uma ótima disposição que nunca parecia afetada pelos desânimos ocasionais da esposa, cuja irracionalidade ele às vezes suportava a ponto de causar admiração em Anne, e de modo geral, embora com frequência houvesse pequenas desavenças (das quais ela às vezes participava mais do que desejava, solicitada por ambas as partes), os dois podiam passar por um casal feliz. Estavam sempre em perfeita sintonia quanto ao fato de querer mais dinheiro e a uma forte inclinação para receber qualquer belo presente do pai dele; nisso, porém, bem como na maior parte dos temas, Charles se mostrava superior, pois enquanto Mary considerava uma grande vergonha o presente não ser dado, ele por sua vez sempre opinava que o pai tinha muitos outros usos para o próprio dinheiro, e o direito de gastá-lo como bem entendesse.

Quanto à administração dos filhos, a teoria de Charles era muito melhor do que a da mulher, e a sua prática não era tão ruim. “Eu poderia administrá-los muito bem não fosse a interferência de Mary”, era o que Anne sempre o escutava dizer, e nisso depositava muita fé; porém, quando escutava Mary reclamar por sua vez que “Charles mima tanto as crianças que eu depois não consigo fazê-las respeitar nada”, nunca tinha a menor tentação de dizer: “Tem razão.”

Um dos aspectos menos agradáveis de sua estada em Uppercross era que ambas as partes lhe faziam confidências em demasia, e ela partilhava de forma excessiva o segredo das reclamações de cada casa. Como se sabia que gozava de alguma influência junto à irmã, ela era continuamente solicitada a exercê-la além dos limites do praticável, ou pelo menos ouvia insinuações nesse sentido. “Gostaria que você conseguisse persuadir Mary a parar de ficar achando que está doente”, era o discurso de Charles; e, quando tomada por uma disposição

melancólica, assim falava Mary: “Acho que, mesmo se Charles me visse morrer, não pensaria que há nada de errado comigo. Anne, tenho certeza de que, se você quisesse, poderia persuadi-lo de que estou de fato muito doente… muito mais do que jamais irei confessar.”

“Detesto mandar as crianças para a Casa Grande, embora a avó viva querendo vê-las, pois ela os adula e mima a tal ponto, lhes dá tantas bobagens e tantos doces para comer, que eles sempre voltam enjoados e contrariados pelo resto do dia”, dizia Mary. E a sra. Musgrove aproveitava a primeira oportunidade que tinha de ficar sozinha com Anne para dizer: “Ah, srta. Anne! É impossível não desejar que a sra. Charles tivesse um pouco dos seus métodos com essas crianças. Com a senhorita eles são criaturas bem diferentes! De modo geral, porém, não há dúvida de que são muito mimados! Que pena a senhorita não poder persuadir sua irmã a administrar melhor esses meninos. Pobrezinhos, são as crianças mais bonitas e saudáveis que já se viu, não há dúvida, mas a sra. Charles não sabe mais como devem ser tratadas…! Que Deus me perdoe, como elas são indóceis às vezes! Eu lhe garanto, srta. Anne, que isso impede que eu queira vê-las em nossa casa com a mesma frequência que poderia querer. Acredito que a sra. Charles não esteja muito contente com o fato de eu não as convidar com mais frequência, mas a senhorita sabe que é muito ruim ter crianças que é preciso ficar controlando a cada instante: ‘não faça isso’ e ‘não faça aquilo’, ou então que só se consegue manter sob um controle tolerável dando-lhes mais bolo do que é bom para a sua saúde.”

Além disso, ela recebia a seguinte comunicação de Mary: “A sra. Musgrove considera todos os seus criados tão confiáveis que questionar esse fato seria uma alta traição; tenho certeza, porém, sem qualquer exagero, que a criada de quarto principal e a lavadeira, em vez de cuidarem dos seus afazeres, passam o dia inteiro sassaricando pelo vilarejo. Eu as encontro aonde quer que vá; e posso afirmar que nunca entro duas vezes na ala de minha casa reservada aos meninos sem cruzar com elas. Se Jemima não fosse a criatura mais confiável, mais leal do mundo, isso bastaria para estragá-la, pois ela me diz que as duas a vivem tentando a ir passear também.” E da sra. Musgrove ela escutava: “Para mim é uma lei, srta. Anne, não interferir em qualquer assunto de minha nora, pois sei que não seria próprio, mas à *senhorita* eu posso contar, porque a senhorita talvez consiga endireitar as coisas, que não tenho a babá da sra. Charles em muito alta conta: ouço histórias estranhas a seu respeito, ela vive por aí sassaricando, e posso declarar, por conhecimento próprio, que é uma moça tão bem-apanhada que basta para estragar qualquer empregado de quem se aproxime. Sei que a sra. Charles confia piamente nela, mas estou lhe dando apenas uma pista, para a senhorita ficar atenta; assim, caso vir algo fora do lugar, não precisará ter medo de mencioná-lo.”

Havia ainda o protesto de Mary de que a sra. Musgrove tinha grande inclinação a não lhe conceder a primazia que lhe era devida quando iam todos jantar na Casa Grande com outras famílias, e ela não via motivo algum para que a consideração dos seus chegasse ao ponto de fazê-la perder sua posição social. E certo dia, quando Anne estava passeando acompanhada apenas das duas irmãs Musgrove, uma das jovens, depois de falar sobre posição social, pessoas de boa posição social e inveja da posição social alheia, disse:

– Não tenho escrúpulos em comentar com a *senhorita* como algumas pessoas se comportam de maneira insensata em relação à própria procedência, pois o mundo inteiro sabe o quão descontraída e indiferente a senhorita se mostra a esse respeito, mas gostaria que alguém sugerisse a Mary que seria bem melhor se ela não se mostrasse tão tenaz, e sobretudo se não ficasse o tempo todo se adiantando para tomar o lugar de mamãe. Ninguém duvida de seu direito de ter primazia sobre mamãe, mas seria mais digno de sua parte não insistir tanto nisso. Não que mamãe ligue a mínima para esse assunto, mas sei que muitas pessoas já perceberam.

Como Anne poderia resolver todas essas questões? Tudo que podia fazer era escutar com paciência, abrandar a insatisfação de cada um e desculpar uns com os outros, fazer a eles todas as sugestões da indulgência necessária entre vizinhos tão próximos, e tornar essas sugestões mais amplas quando se destinassem aos ouvidos da irmã.

Sob todos os outros aspectos, a estada começou e correu muito bem. Sua disposição melhorou com a mudança de ares e assuntos, e com o fato de estar cinco quilômetros afastada de Kellynch; a indisposição de Mary diminuiu por ter uma companhia constante, e o convívio diário das irmãs com a outra família, uma vez que não havia no chalé nenhum afeto, confidência ou ocupação importante o suficiente para ser por ele interrompido, era na verdade uma vantagem. Certamente esse convívio era intensificado ao máximo, pois as duas famílias se encontravam todas as manhãs e praticamente não passavam nenhuma noite separadas, mas Anne acreditava que ela e a irmã não teriam passado tão bem sem a visão das silhuetas respeitáveis do sr. e sra. Musgrove em seus lugares habituais ou sem as conversas, os risos e as cantorias de suas filhas.

Anne tocava piano muito melhor do que ambas as irmãs Musgrove, mas como não tinha voz, nem intimidade com a harpa, nem pais carinhosos para ficarem sentados a seu lado dizendo-se encantados, ninguém ligava muito para suas apresentações mais do que por civilidade ou enquanto as outras duas descansavam, e ela estava consciente disso. Sabia que, ao tocar, estava proporcionando prazer apenas a si mesma, mas essa não era uma sensação nova. Com exceção de um curto período em sua vida, ela nunca, desde os catorze anos, desde a perda de sua querida mãe, havia experimentado a felicidade de ter

alguém a escutá-la ou de ser encorajada por uma apreciação justa ou verdadeiro bom gosto. Em matéria de música, estava habituada desde sempre a se sentir sozinha no mundo, e a terna parcialidade do sr. e da sra. Musgrove em relação à apresentação das próprias filhas, bem como sua total indiferença à de qualquer outra pessoa, causava-lhe muito mais prazer por eles do que tristeza por si própria.

Às vezes, as reuniões na Casa Grande eram incrementadas por outras visitas. A vizinhança não era grande, mas todos vinham ver os Musgrove, que tinham mais jantares e recebiam mais pessoas e mais visitantes a convite ou por acaso do que qualquer outra família. Eram os mais populares das redondezas.

As moças adoravam dançar, e a noite ocasionalmente se encerrava com um pequeno baile improvisado. Uma família de primos morava a uma distância de Uppercross que podia ser percorrida a pé; de situação menos confortável, eles dependiam dos Musgrove para toda a sua diversão, apareciam a qualquer hora ou ajudavam a tocar qualquer instrumento ou a dançar em qualquer lugar; e Anne, que muito preferia o posto de músico a algum outro mais ativo, passava horas tocando contradanças para eles, gentileza que sempre trazia seu talento musical à atenção do sr. e sra. Musgrove mais do que qualquer outra coisa, e com frequência provocava o seguinte elogio: "Muito bem, srta. Anne! Muito bem, mesmo! Meu Deus! Como esses seus dedinhos voam!"

Assim passaram-se as primeiras três semanas de sua estada. O dia de São Miguel chegou, e então o coração de Anne foi levado de volta a Kellynch. Uma casa adorada entregue às mãos de outros, todos os preciosos quartos, móveis, bosques e paisagens começando a ter de aceitar outros olhos, outras pernas! No dia 29 de setembro, ela praticamente não conseguiu pensar em mais nada, e à noite teve uma mostra de empatia de Mary que, quando levada a notar o dia do mês em que estavam, exclamou:

– Meu Deus, não é hoje o dia em que os Croft vão se mudar para Kellynch? Que bom que não pensei nisso antes. Como me deprime!

Os Croft ocuparam a casa com uma agilidade tipicamente naval, e era preciso lhes fazer uma visita. Mary, por sua parte, deplorou essa necessidade. "Ninguém sabia o quanto isso a faria sofrer. Ela adiaria a visita o quanto pudesse." Contudo, não descansou antes de persuadir Charles a levá-la até lá certo dia bem cedo e, ao voltar, estava tomada por um estado de agitação imaginária muito animado e agradável. Anne havia se alegrado sinceramente por não ter havido meios de participar da visita. Desejava, entretanto, conhecer os Croft, e ficou satisfeita por estar em casa quando a visita foi retribuída. Eles foram a Uppercross: o chefe da casa não estava, mas as duas irmãs sim, e, como Anne teve de entreter a sra. Croft enquanto o almirante ia se sentar junto a Mary e se fazia muito agradável com comentários bem-humorados sobre seus dois meninos, teve toda a

oportunidade de procurar uma semelhança que, embora ausente nos traços, se fazia notar na voz ou no estilo dos sentimentos e expressões.

Ainda que não fosse alta nem gorda, a sra. Croft tinha uma silhueta quadrada, ereta e vigorosa que dava à sua pessoa um ar de importância. Tinha brilhantes olhos escuros, bons dentes e um semblante agradável sob todos os aspectos, embora uma compleição avermelhada e castigada pelo clima, consequência de ter passado quase tanto tempo no mar quanto o marido, fizesse parecer que tivesse vivido alguns anos a mais no mundo do que seus verdadeiros trinta e oito. Tinha modos francos, espontâneos e decididos, como alguém que não nutrisse qualquer desconfiança por si mesmo nem tivesse dúvidas quanto à maneira de agir, mas sem qualquer indício de rispidez ou ausência de bom humor. Anne, com efeito, ficou-lhe grata por demonstrar para com ela uma grande consideração em tudo que estivesse relacionado a Kellynch, e isso lhe agradou, sobretudo considerando que ela havia se convencido logo no primeiro minuto, ou mesmo no segundo em que as duas foram apresentadas, de que não havia nem sequer o mais ínfimo sinal de qualquer conhecimento ou desconfiança por parte da sra. Croft que pudesse torná-la de alguma forma parcial. Anne estava deveras descansada quanto a isso, e consequentemente se mostrou repleta de força e coragem, até o instante em que as súbitas palavras da sra. Croft a atingiram como um choque:

– Vejo agora que foi a senhorita, e não sua irmã, que meu irmão teve o prazer de conhecer quando morou nesta região.

Anne torceu para ter passado da idade de enrubescer, mas certamente não havia passado da idade de ficar emocionada.

– Talvez não tenha ficado sabendo que ele se casou – acrescentou a sra. Croft.

Anne pôde então responder como devia, e, quando as palavras seguintes da sra. Croft explicaram que estava se referindo ao sr. Wentworth, ficou feliz ao constatar nada ter dito que não pudesse se aplicar a qualquer um dos dois irmãos. Sentiu imediatamente como fazia sentido que a sra. Croft estivesse pensando e falando sobre Edward, e não Frederick; envergonhada do próprio esquecimento, dedicou-se a inquirir com adequado interesse sobre o estado atual de seu antigo vizinho.

O resto correu com tranquilidade até, quando o casal estava de saída, ela ouvir o almirante dizer a Mary:

– Estamos esperando para breve a visita de um irmão da sra. Croft; acho que a senhora o conhece de nome, não?

O almirante foi interrompido pelo feroz ataque dos dois meninos, que a ele se agarraram como a um velho amigo, declarando que não devia ir embora. E, como ficou demasiado entretido com a sugestão de levá-los consigo dentro do

bolso do casaco etc. para ter tempo de terminar ou recordar o que havia começado a dizer, Anne teve de se convencer sozinha, da melhor maneira que foi capaz, de que ainda se tratava do mesmo irmão. Não pôde, contudo, ter certeza suficiente para não ficar ansiosa por saber se algo fora dito sobre o assunto na outra casa, que os Croft haviam visitado anteriormente.

Estava combinado que os moradores da Casa Grande iriam jantar nessa noite em Uppercross Cottage e, como o ano já estava demasiado adiantado para tais visitas serem feitas a pé, os ouvidos já estavam apurados à espera da carruagem quando a mais jovem das irmãs Musgrove entrou. A primeira ideia que lhes passou pela cabeça foi que ela viera pedir desculpas e dizer que elas deveriam jantar sozinhas, e Mary já estava pronta para se mostrar ofendida quando Louisa consertou a situação dizendo que só tinha vindo a pé para deixar mais lugar para a harpa que estava sendo trazida na carruagem.

– E vou lhes dizer o motivo – prosseguiu ela –, e contar todos os detalhes. Vim na frente lhes avisar que papai e mamãe estão muito contrariados hoje à noite, sobretudo mamãe; ela está pensando tanto no pobre Richard! E nós concordamos que seria melhor trazer a harpa, pois o instrumento parece diverti-la mais do que o piano. Vou lhes dizer por que ela está contrariada. Hoje de manhã, quando os Croft foram nos visitar (eles vieram aqui em seguida, não foi?), por acaso mencionaram que o irmão dela, o capitão Wentworth, acaba de regressar à Inglaterra, ou de desembarcar, ou algo assim, e que estava vindo visitá-los quase imediatamente. E por grande infortúnio mamãe então se lembrou, depois de os dois já terem ido embora, que Wentworth, ou algum nome muito parecido, era como se chamava o capitão do pobre Richard em determinado momento; não sei quando nem onde, mas foi bem antes de ele morrer, pobre rapaz! Depois de verificar as cartas e pertences de Richard, mamãe descobriu que estava certa, e tem certeza absoluta de que deve se tratar do mesmo homem, e não consegue pensar em outra coisa que não o pobre Richard! De modo que devemos todos nos mostrar o mais alegres possível, para ela não ficar ruminando pensamentos tão sombrios.

As verdadeiras circunstâncias desse lamentável episódio da história familiar eram que os Musgrove tinham tido o infortúnio de ter um filho insuportável, um incorrigível, e a boa fortuna de perdê-lo antes dos vinte anos completos; que o rapaz tinha sido despachado para o mar por ser estúpido e incontrolável em terra; que havia sido em qualquer tempo objeto de muito pouco apreço por parte da família, ainda que fosse isso que merecesse; e que raramente era citado, e quase não fora pranteado quando a notícia de sua morte distante havia chegado a Uppercross dois anos antes.

Na verdade, embora agora as irmãs estivessem fazendo tudo que podiam para reabilitá-lo chamando-o de “pobre Richard”, o rapaz não passava do estúpido,

insensível e imprestável Dick Musgrove, e, fosse vivo ou morto, nunca havia realizado nada para fazer jus a mais do que a abreviação do próprio nome.

Richard havia passado vários anos no mar e, no decurso das transferências às quais todos os aspirantes estão sujeitos, sobretudo os aspirantes dos quais todos os capitães desejam se ver livres, passara seis meses a bordo da fragata do capitão Frederick Wentworth, chamada *Laconia*. E fora a bordo da *Laconia*, e sob a influência de seu capitão, que ele havia escrito as únicas duas cartas que seu pai e sua mãe jamais haviam recebido dele ao longo de toda a sua ausência; as únicas duas cartas desinteressadas, melhor dizendo: todas as outras tinham sido meras solicitações de dinheiro.

Em ambas as cartas, ele havia tecido loas ao seu capitão. Seus pais, no entanto, estavam muito pouco habituados a cuidar de tais assuntos, e mostravam-se tão pouco observadores e interessados em nomes de homens ou embarcações que tais loas não haviam surtido quase nenhum efeito na ocasião. E o fato de a sra. Musgrove ter sido subitamente tomada, nesse dia, pela lembrança do nome de Wentworth como estando relacionado ao seu filho parecia ser um daqueles extraordinários rompantes mentais que às vezes ocorrem.

Ela havia consultado as cartas, e constatado que suas suposições estavam corretas. E a releitura delas após tão longo intervalo, o filho desaparecido para sempre, e toda a força de seus defeitos esquecida, tudo isso havia afetado muito a sua disposição e feito com que ela mergulhasse em uma tristeza muito maior do que quando ficara sabendo da sua morte. O sr. Musgrove foi afetado da mesma forma, embora em menor medida, e ao chegarem ao chalé os dois estavam obviamente ansiosos primeiro para serem ouvidos em relação ao assunto, e depois para receber todo o consolo que uma companhia alegre pudesse proporcionar.

Ouvi-los falar tanto no capitão Wentworth, repetir tantas vezes o seu nome, rememorar anos passados, e por fim concluir que *talvez*, que provavelmente *sim*, ele iria se revelar o mesmo capitão Wentworth que eles se lembravam de ter encontrado uma ou duas vezes depois de retornarem de Clifton – um rapaz muito agradável –, embora não soubessem dizer se isso havia ocorrido sete ou oito anos antes, constituiu uma nova espécie de provação para os nervos de Anne. Ela descobriu, contudo, que era uma provação com a qual teria de se acostumar. Já que a visita dele estava sendo aguardada ali no campo, precisava se treinar para tornar-se insensível a tais assuntos. E parecia que ele não apenas estava sendo aguardado, e para breve, mas também que os Musgrove, em calorosa gratidão pela gentileza por ele demonstrada para com o pobre Dick, e também em grande respeito a seu caráter, confirmado como este havia sido pelo fato de o pobre Dick ter passado seis meses sob sua tutela e se referido a ele em termos altamente elogiosos, embora não desprovidos de erros ortográficos, como “um sugeito

agradável e bem-apessoado, apenas um pouco esigente demais com o instrutor a bordo", estavam inclinados a tentar encontrá-lo assim que ficassem sabendo de sua chegada.

A decisão de assim fazer ajudou a reconfortá-los ao longo da noite.

CAPÍTULO 7

Dali a bem poucos dias, veio a notícia de que o capitão Wentworth estava em Kellynch, de que o sr. Musgrove tinha ido visitá-lo e voltado tecendolhe fartos elogios, e de que ele havia aceitado o convite dos Croft para jantar em Uppercross antes do final da semana seguinte. O sr. Musgrove ficara muito desapontado ao constatar que era impossível confirmar uma data anterior, tão impaciente estava para mostrar sua gratidão, para ter o capitão Wentworth sob o seu teto e para recebê-lo com o que houvesse de mais forte e de melhor em sua adega. Uma semana, porém, teria de transcorrer; apenas uma semana, pelas contas de Anne, e os dois teriam de se encontrar; e ela não demorou a desejar poder ficar segura nem que fosse apenas por essa semana.

O capitão Wentworth retribuiu de muito pronto a civilidade do sr. Musgrove, e Anne quase apareceu lá na mesma meia hora. Na verdade, ela e Mary estavam de saída para a Casa Grande, onde, como ficou sabendo depois, teriam inevitavelmente esbarrado com ele, quando foram impedidas pelo menino mais velho, trazido para casa naquele mesmo instante, vítima de uma queda feia. O estado da criança deixou a visita totalmente em segundo plano, mas Anne não ficou indiferente ao risco que havia corrido, mesmo em meio à séria preocupação que posteriormente vieram a sentir por causa do menino.

Constatou-se que ele havia deslocado a clavícula, e sofrido um ferimento nas costas que deu origem às ideias mais alarmantes. Foi uma tarde de aflição, e Anne teve de fazer tudo ao mesmo tempo: mandar chamar o boticário, mandar encontrar e informar o pai da criança, dar apoio à mãe e impedir sua histeria, controlar os criados, tirar do recinto o menino mais novo e cuidar e consolar o pobrezinho que havia se machucado. Além disso, assim que se lembrou de fazê-lo, teve de mandar avisar a outra casa, o que acarretou a vinda de companheiros curiosos e assustados em lugar de úteis auxiliares.

A volta de seu cunhado foi o primeiro reconforto: Charles sabia melhor do que ninguém como cuidar da esposa; e a segunda bênção foi a chegada do boticário. Até este chegar e examinar o menino, suas apreensões foram agravadas pelo fato de serem vagas; eles desconfiavam que o dano fosse grave, mas não sabiam onde havia ocorrido; nessa hora, porém, a clavícula foi logo recolocada no lugar e, embora o sr. Robinson tenha repetidamente apalpado, esfregado e feito cara de sério, e embora tenha dito palavras em voz baixa para o pai e a tia, ainda assim todos deviam torcer pelo melhor, e deviam poder se separar e jantar em um estado de relativa tranquilidade. E foi então, logo antes de se separarem, que as duas jovens tias puderam se afastar do tema do estado de saúde do sobrinho para

dar informações sobre a visita do capitão Wentworth; as duas ficaram cinco minutos depois do pai e da mãe, e fizeram questão de expressar o quão encantadas estavam com o capitão, como o consideraram mais bonito e infinitamente mais agradável do que qualquer outro conhecido seu que pudesse ter gozado de sua preferência anteriormente, como ficaram contentes ao ouvir o pai convidá-lo para jantar, e tristes quando ele disse que não podia, e novamente contentes quando ele, respondendo aos novos e insistentes convites de seu pai e de sua mãe para jantar em sua companhia no dia seguinte, havia aceitado – isso mesmo, no dia seguinte! E ele havia aceitado de maneira tão agradável, como se estivesse devidamente lisonjeado por ser o alvo de sua atenção. Em suma, tinha feito e dito tudo com uma graça tão perfeita que as duas podiam garantir a todos os presentes que ele havia lhes virado a cabeça! Dito isso, saíram ambas correndo, tão cheias de alegria quanto de amor, e aparentemente mais preocupadas com o capitão Wentworth do que com o pequeno Charles.

A mesma história e os mesmos deleites foram repetidos quando as duas moças apareceram acompanhadas do pai, com a noite já escura, para saber notícias. E o sr. Musgrove, agora não mais tão preocupado com o herdeiro quanto no início, pôde contribuir com sua confirmação e seus elogios, e esperava que agora não houvesse qualquer motivo para cancelar a visita do capitão Wentworth, e só podia lamentar que os moradores do chalé provavelmente não fossem querer deixar o menino para ir encontrálo. “Ah, não! Não podemos deixar o menino.” O susto fora demasiado forte e demasiado recente para pai e mãe suportarem tal ideia, e Anne, na alegria da fuga, não pôde evitar associar o próprio enfático protesto ao da irmã e do cunhado.

Charles Musgrove, na verdade, mostrou-se mais inclinado depois: “O menino estava passando tão bem, e ele queria tanto ser apresentado ao capitão Wentworth, que talvez fosse à Casa Grande à noite; não jantaria fora de casa, mas talvez fizesse uma visita de meia hora.” Nisso, porém, encontrou a forte oposição da esposa:

– Oh, não! Charles, não suporto que você vá, não suporto mesmo. Imagine se acontecesse alguma coisa!

O menino teve uma noite tranquila, e no dia seguinte estava passando bem. Somente o tempo poderia garantir que a coluna vertebral não sofrera danos, mas o sr. Robinson não encontrara nada que justificasse um aumento na preocupação, e consequentemente Charles Musgrove começou a não sentir mais a necessidade de ficar confinado. O menino deveria ser mantido na cama e entretido com as diversões mais calmas possíveis, mas o que um pai poderia fazer? Aquele era um caso para mulheres, sem dúvida, e seria um absurdo que ele, sem utilidade alguma em casa, se trancasse lá dentro. Seu pai queria muito que ele conhecesse o capitão Wentworth e, não havendo motivo suficiente que o impedisse, ele iria

encontrá-lo; e tudo terminou com uma declaração ousada e pública de sua parte, assim que chegou da caçada, da intenção de se aprontar na mesma hora e ir jantar na outra casa.

– Nada poderia estar indo melhor do que o menino – disse ele –, de modo que acabei de mandar avisar a meu pai que iria jantar em sua casa, e ele considerou que eu estava certo. Como a sua irmã está aqui com você, meu amor, não tenho qualquer escrúpulo. Você não iria querer deixá-lo sozinho, mas pode ver que não tenho serventia. Anne mandará me chamar se houver algum problema.

Maridos e esposas em geral entendem quando é vão apresentar resistência. Pelo modo de falar de Charles, Mary percebeu que ele estava muito decidido a ir ao jantar, e que de nada adiantaria contrariá-lo. Assim, não disse nada até ele sair da sala, mas assim que apenas Anne estava presente para escutar, falou:

– Então você e eu teremos de nos arrumar sozinhas com esse pobre menino doente, e ninguém vai se aproximar de nós a noite inteira! Eu sabia que seria assim. Isso sempre acontece comigo. Sempre que há algo desagradável ocorrendo, os homens dão um jeito de se safar, e Charles é tão ruim quanto qualquer outro. Quanta insensibilidade! Devo dizer que é muito insensível da parte dele fugir de seu pobre filhinho. E toda essa conversa sobre como o menino está bem! Como ele pode saber que o menino está bem ou que não haverá alguma mudança súbita daqui a meia hora? Eu não pensava que Charles fosse ser tão insensível. Então lá vai ele sair para se divertir, enquanto eu, por ser a pobre mãe, não tenho permissão para sair de casa; mas estou certa de que sou a pessoa menos indicada para estar perto do menino. O fato de eu ser a mãe é justamente o motivo pelo qual meus sentimentos deveriam ser poupados. Eu não estou à altura dessa tarefa. Você viu como fiquei histérica ontem.

– Mas isso foi apenas o efeito de seu alarme tão repentino… do choque. Você não tornará a ficar histérica. Atrevo-me a dizer que não teremos nada com o que nos preocupar. Entendi perfeitamente as instruções do sr. Robinson, e não tenho qualquer temor; e na realidade, Mary, em nada me espanta a atitude de seu marido. Cuidar de crianças não é tarefa para homens; essa não é a área dele. Uma criança doente é sempre da alçada exclusiva da mãe: em geral, os seus próprios sentimentos fazem com que assim seja.

– Espero gostar tanto de meu filho quanto qualquer outra mãe, mas não sei se teria mais utilidade no quarto de um doente do que Charles, pois não posso ficar repreendendo e importunando uma pobre criança doente; e você viu, hoje de manhã, que sempre que eu lhe dizia para ficar quieto ele começava sem falta a saracotear. Não tenho paciência para esse tipo de coisa.

– Mas você ficaria à vontade passando a noite toda longe do pobre menino?

– Sim; se o pai pode fazê-lo, por que eu não poderia? Jemima é muito

cuidadosa! Poderia nos mandar notícias dele de hora em hora. Realmente acho que Charles poderia muito bem ter dito ao pai que nós iríamos todos. Agora não estou mais alarmada do que ele em relação ao pequeno Charles. Fiquei extremamente alarmada ontem, mas hoje a história é bem diferente.

– Bem, se você não achar que já está tarde para avisar sobre sua presença, imagino que deva ir, assim como o seu marido. Deixe que cuido eu do pequeno Charles. O sr. e sra. Musgrove não vão poder achar nada de errado na sua ida se eu ficar com ele.

– Está falando sério? – exclamou Mary, e seus olhos se puseram a brilhar. – Meu Deus! Mas que boa ideia, muito boa, mesmo. Com certeza tanto faz eu ir ou ficar, pois não tenho qualquer serventia aqui em casa… tenho? E ficar aqui só me causa aflição. Você, que não tem sentimentos de mãe, é de longe a pessoa mais adequada. Com você, o pequeno Charles faz qualquer coisa; ele sempre a obedece à risca. Vai ser muito melhor do que deixá-lo apenas com Jemima. Ah, eu irei com certeza! Estou certa de que devo ir se puder, tanto quanto Charles, pois eles querem muito que eu conheça o capitão Wentworth, e sei que você não se importa em ficar sozinha. Foi mesmo uma ideia excelente essa sua, Anne. Vou avisar Charles e me aprontar agora mesmo. Se houver algum problema, você sabe que pode mandar nos chamar em poucos instantes; mas ouso dizer que não vai haver nada para alarmá-la. Pode estar certa de que eu não iria se não estivesse inteiramente tranquila em relação a meu querido filho.

No instante seguinte, ela já estava batendo na porta do quarto de vestir do marido, e, quando Anne a seguiu escada acima, chegou a tempo de ouvir a conversa toda, que começou com Mary dizendo, em um tom exultante:

– Tenho a intenção de acompanhá-lo, Charles, pois não tenho mais serventia em casa do que você. Nem que eu me trancafiasse para sempre junto com o menino conseguiria persuadi-lo a fazer qualquer coisa de que ele não goste. Anne vai ficar; Anne se ofereceu para ficar em casa e cuidar dele. Foi ela mesma quem sugeriu, e, portanto, vou com você, o que vai ser muito melhor, pois desde a terça-feira não janto na outra casa.

– É muita gentileza de Anne – foi a resposta de Charles –, e ficarei satisfeito se você for comigo; mas parece muito duro ela ficar em casa sozinha para cuidar de nosso filho doente.

Anne estava agora perto o suficiente para defender a própria causa, e como a sinceridade de sua atitude logo bastou para convencê-lo de algo cujo convencimento era no mínimo muito agradável, Charles não teve mais qualquer escrúpulo em deixá-la sozinha para ir jantar, embora ainda quisesse que ela fosse se juntar a eles depois que o menino tivesse se recolhido para dormir, e gentilmente a incentivou a deixá-lo voltar para buscá-la, mas ela não se deixou persuadir; sendo assim, logo teve o prazer de vê-los sair juntos e muito animados.

Esperava que houvessem saído para se divertir, por mais estranha que houvesse sido a gênese de tal diversão; ela, por sua vez, pôde se sentir tão reconfortada quanto talvez jamais se sentisse na vida. Sabia que o fato de ficar em casa seria muito útil para o menino; e que importância tinha para ela que Frederick Wentworth estivesse a pouco menos de um quilômetro de distância, sendo agradável com outras pessoas?

Ela teria gostado de conhecer seus sentimentos em relação a um encontro com ela. Talvez ele fosse indiferente, se é que podia haver indiferença em tais circunstâncias. Ou ele era indiferente ou não queria encontrá-la. Caso tivesse desejado vê-la novamente, não precisaria ter esperado todo esse tempo; teria feito o que ela não podia deixar de pensar que, em seu lugar, ela própria teria feito há muito tempo, quando os acontecimentos haviam proporcionado a ele a independência que era a única coisa que lhe faltava.

Seu cunhado e sua irmã voltaram encantados com o novo conhecido e com a visita de modo geral. Houve música, cantoria, conversas, risos, tudo muito agradável. O capitão Wentworth tinha modos encantadores, sem exibir nenhuma timidez ou reserva. Parecia que todos eles já se conheciam à perfeição, e ele viria caçar com Charles na manhã seguinte mesmo. Viria tomar o café da manhã, mas não em Uppercross Cottage, embora essa tivesse sido a sugestão original, pois depois havia sido pressionado a ir à Casa Grande em vez disso, e parecia temer incomodar a sra. Charles Musgrove por causa do menino, e, portanto, de alguma forma, eles mal entenderam como, tudo terminou com Charles combinando de ir encontrá-lo na casa do pai para o café da manhã.

Anne entendeu tudo. Ele queria evitar encontrá-la. Soube que havia perguntado por ela de forma casual, como era adequado para um antigo conhecido sem grande intimidade, parecendo lhe atribuir tão pouca importância quanto ela, movido, talvez, pelo mesmo desejo de evitar uma apresentação quando os dois se encontrassem.

As atividades matinais do chalé sempre ocorriam mais tarde do que as da outra casa, e no dia seguinte a diferença foi tão grande que Mary e Anne estavam apenas começando o desjejum quando Charles entrou e disse que eles estavam saindo para caçar, que tinha vindo buscar os cachorros, e que as irmãs estavam vindo logo atrás com o capitão Wentworth. Suas irmãs tinham a intenção de fazer uma visita a Mary e ao menino, e o capitão Wentworth também havia sugerido lhes fazer uma curta visita caso não fosse incomodar; e embora Charles tivesse respondido que o estado da criança não era de natureza a tornar a visita um incômodo, o capitão Wentworth não se deu por satisfeito antes de vê-lo seguir na frente para avisar.

Mary, muito lisonjeada por tal atenção, mostrou-se encantada em recebê-lo, enquanto Anne era dominada por mil sensações diferentes das quais a que mais a

consolava era que tudo logo iria terminar. E tudo logo terminou. Dois minutos depois da chegada de Charles, os outros apareceram; estavam na sala de estar. Seu olhar cruzou por um instante com o do capitão Wentworth, e os dois trocaram uma leve mesura, uma cortesia; ela ouviu sua voz – ele falou com Mary, disse tudo o que era apropriado, disse alguma coisa às irmãs Musgrove, o suficiente para indicar uma relação amigável –; a sala parecia cheia, cheia de pessoas e vozes, mas poucos minutos puseram fim à situação. Charles apareceu à janela, tudo estava pronto, seu visitante fez uma mesura e se foi, as irmãs Musgrove também se foram após decidir de repente acompanhar os caçadores até o final do vilarejo; a sala se esvaziou, e Anne pôde terminar seu café da manhã da melhor forma que foi capaz.

"Acabou! Acabou!", repetia ela para si mesma vezes sem conta, com aflita gratidão. "O pior já passou!"

Mary disse alguma coisa, mas ela não conseguiu prestar atenção. Ela o tinha visto. Os dois tinham se encontrado. Novamente haviam estado juntos no mesmo recinto!

Logo, porém, começou a raciocinar consigo mesma e a tentar moderar as próprias sensações. Oito anos, quase oito anos haviam se passado desde que tudo terminara. Que absurdo retomar a agitação que esse intervalo havia embaçado e banido para longe! O que oito anos não eram capazes de fazer? Acontecimentos de todo tipo, mudanças, distanciamentos, partidas… tudo, tudo podia ser incluído em tal intervalo, e também o esquecimento do passado… nada mais natural, nada mais certo! Oito anos representavam quase um terço de seu tempo de vida.

Infelizmente, apesar de todas as ponderações, Anne constatou que, para sentimentos represados, oito anos talvez não fossem quase nada.

Mas como interpretar os sentimentos dele? Seria assim que ele estava tentando evitá-la? E no instante seguinte ela já se odiava pela loucura que havia feito tal pergunta.

Quanto a uma outra pergunta, que talvez nem mesmo sua mais profunda sensatez tivesse sido capaz de impedir, ela logo se viu poupada de toda a incerteza, pois, após as irmãs Musgrove voltarem para terminar sua visita a Uppercross Cottage, recebeu espontaneamente de Mary a seguinte informação:

– O capitão Wentworth não se mostrou muito galante com você, Anne, embora tenha sido muito atencioso comigo. Quando eles saíram, Henrietta perguntou a ele o que achava de você, e ele respondeu que "você estava tão mudada que ele não a teria reconhecido".

Mary não tinha sensibilidade suficiente para respeitar a da irmã de uma forma habitual, mas nem sequer desconfiou que estivesse abrindo alguma ferida específica.

“Irreconhecível!” Anne aceitou sem resistir, tomada por uma profunda e silenciosa consternação. Devia ser mesmo assim, e ela não podia revidar, pois o capitão não estava mudado, ou pelo menos não para pior. Ela já havia reconhecido isso para si mesma e não podia pensar diferente, ele que pensasse dela o que lhe aprouvesse. Não; os anos que haviam destruído sua beleza e viço só tinham feito dotá-lo de uma aparência ainda mais vistosa, viril e franca, e não haviam de forma alguma diminuído seus atrativos. Seus olhos tinham visto o mesmo Frederick Wentworth.

“Tão mudada que ele não a teria reconhecido!” Eram essas as palavras que ela não conseguia esquecer. No entanto, logo começou a se alegrar por tê-las escutado. Elas tinham um efeito calmante, tranquilizavam sua agitação, equilibravam-na, e consequentemente deveriam torná-la mais feliz.

Frederick Wentworth havia usado essas palavras, ou palavras semelhantes, mas sem fazer ideia de que seriam repetidas para ela. Julgara-a terrivelmente mudada e, no primeiro instante depois de ser solicitado, dissera o que realmente sentia. Ele não havia perdoado Anne Elliot. Ela o havia maltratado, abandonado e decepcionado. Pior ainda: ao fazê-lo, havia demonstrado uma fraqueza de caráter que o temperamento decidido e confiante dele não podia suportar. Havia desistido dele para agradar aos outros. Havia cedido aos efeitos de uma persuasão excessiva. Havia sido fraca e acanhada.

Ele havia nutrido por Anne uma grande afeição, e desde então nunca havia encontrado outra mulher que julgasse igual a ela; contudo, a não ser por uma sensação de curiosidade natural, não tinha o menor desejo de tornar a encontrá-la. O poder que ela exercia sobre ele havia desaparecido para sempre.

Seu objetivo agora era se casar. Ele estava rico e, uma vez que havia retornado à terra firme, tinha a firme intenção de formar família assim que se sentisse adequadamente tentado; na realidade, estava olhando em volta, pronto para se apaixonar com toda a rapidez que uma mente alerta e um gosto veloz pudessem permitir. Qualquer uma das duas irmãs Musgrove conviria a seu coração, caso conseguissem capturá-lo; resumindo, seu coração estava disponível para qualquer jovem agradável que cruzasse seu caminho, exceto Anne Elliot. Essa era a sua única exceção secreta quando ele disse à irmã, em resposta às suas suposições:

– Sim, Sophia, aqui estou eu, muito disposto a fazer um casamento tolo. Qualquer mulher entre quinze e trinta anos poderia servir, bastando se mostrar disposta. Um pouco de beleza, alguns sorrisos, uns poucos elogios à Marinha, e serei um homem perdido. Isso não deveria bastar para um simples marinheiro, que não teve convívio suficiente com mulheres para se tornar exigente?

Ela sabia que o irmão tinha afirmado isso para ser contradito. Seu olhar brilhante e orgulhoso exibia a alegre convicção de que ele era, sim, exigente; e

Anne Elliot não estava ausente de seus pensamentos quando ele descreveu com grande seriedade a mulher que gostaria de conhecer. “Uma mente decidida e modos doces”, tal era o início e o fim de sua descrição.

– É essa a mulher que eu quero – disse ele. – É claro que poderei me contentar com alguém um pouco inferior, mas a diferença não deve ser muita. Se eu for um tolo, serei um tolo de verdade, pois dediquei mais reflexão ao assunto do que a maioria dos homens.

CAPÍTULO 8

Desse momento em diante, o capitão Wentworth e Anne Elliot se encontraram diversas vezes no mesmo círculo. Em pouco tempo, estavam jantando juntos, em sociedade, na casa do sr. Musgrove, pois o estado de saúde do menino não podia mais fornecer à tia uma desculpa para se ausentar; e esse foi apenas o começo de outros jantares e encontros.

Se os antigos sentimentos iriam renascer era algo que seria preciso testar, pois sem dúvida o passado devia surgir na lembrança de cada um deles; era impossível não voltar a *ele*; e o ano de seu noivado não podia deixar de ser citado pelo capitão nas pequenas narrativas e descrições suscitadas pela conversa. Sua profissão o qualificava para falar, e sua disposição o levava a fazê-lo; e "*Isso* foi no ano seis" ou "*Isso* ocorreu antes de eu partir para o mar, no ano seis" foram ditos durante a primeira noite que os dois passaram juntos; e embora a voz dele não tenha hesitado, e embora ela não tenha tido motivo para desconfiar que seus olhos tivessem relanceado em sua direção enquanto ele falava, Anne sentiu a total impossibilidade, pelo conhecimento que tinha de sua mente, de ele não ser visitado por lembranças da mesma forma que ela. A associação de ideias imediata devia ser a mesma, embora ela nem de longe imaginasse que a dor fosse igual.

Os dois não tinham qualquer conversa, nem qualquer relação que não aquelas exigidas pela simples civilidade. Haviam significado tanto um para o outro! E agora nada! *Houvera* um tempo em que, no meio de todo o grande grupo que agora ocupava a sala de estar de Uppercross, eles teriam tido muita dificuldade em deixar de falar um com o outro. Com exceção, talvez, do almirante e da sra. Croft, que pareciam particularmente próximos e felizes (Anne não teria feito nenhuma outra exceção, mesmo entre os casados), não poderia ter havido um par de corações tão aberto, nem gostos tão similares, sentimentos tão harmoniosos, comportamentos tão amados. Agora eles eram como dois estranhos; não, pior do que estranhos, pois nunca poderiam vir a se conhecer. Viviam um afastamento perpétuo.

Quando ele falava, ela escutava a mesma voz e reconhecia o mesmo espírito. O grupo exibia uma ignorância generalizada em relação a todos os temas navais, e ele foi alvo de muitas perguntas, sobretudo por parte das irmãs Musgrove, que pareciam praticamente não ter olhos senão para ele, em relação ao modo de vida a bordo, aos regulamentos diários, à comida, aos horários etc. E a surpresa com os relatos que ele fez, ao serem informadas sobre o grau de conforto e amenidades possível a bordo, provocou nele um divertimento agradável que fez

Anne recordar os dias em que ela também era ignorante, e em que ela também havia sido acusada de imaginar que os membros da Marinha vivessem embarcados sem nada para comer, nem qualquer cozinheiro para preparar a comida que houvesse, nem qualquer criado para servir ou faca e garfo para usar.

Enquanto assim escutava e refletia, Anne foi despertada por um sussurro da sra. Musgrove, que, dominada por um pesar profundo, não pôde evitar dizer:

– Ah, srta. Anne, se os céus houvessem permitido poupar meu pobre filho, ouso dizer que ele a esta altura já seria um homem igualzinho.

Anne reprimiu um sorriso, e escutou com educação enquanto a sra. Musgrove desabafava um pouco mais seus sentimentos; assim, durante uns poucos minutos, não pôde acompanhar a conversa dos outros. Quando pôde permitir que sua atenção tomasse novamente o rumo natural, viu as irmãs Musgrove pegando o Registro da Marinha (seu próprio Registro da Marinha, o primeiro a existir em Uppercross) e sentando-se lado a lado para examiná-lo, dizendo querer encontrar os navios que o capitão Wentworth havia comandado.

– Lembro-me que o seu primeiro navio foi o *Asp*; vamos procurar o *Asp*.

– Não vão encontrá-lo aí. Ele agora não passa de uma ruína. Fui o último homem a comandá-lo. Na época, o navio já quase não tinha condições para servir. Foi julgado apto apenas ao serviço costeiro por um ou dois anos, e assim fui mandado para as Índias Ocidentais.

As moças pareciam deveras assombradas.

– O Almirantado – prosseguiu ele – de vez em quando se diverte mandando algumas centenas de homens para o mar em um navio sem condições de uso. Mas ele tem muitos homens para cuidar, e, dentre os milhares que poderiam muito bem ir parar no fundo do oceano, é impossível distinguir a tripulação da qual a falta será menos sentida.

– Ora! Ora! – exclamou o almirante –, escutem só a conversa desses jovens! Nunca houve em sua época navio melhor do que o *Asp*. Para uma velha chalupa, não havia igual. Sorte do homem que obteve o seu comando! Ele sabe que devia ter havido ao mesmo tempo vinte outros candidatos ao seu posto melhores do que ele. Homem de sorte o que consegue algo assim tão depressa, e sem outro apoio que não seus próprios méritos.

– Eu percebi minha sorte, almirante, posso lhe garantir – respondeu o capitão Wentworth, sério. – Fiquei tão satisfeito com meu posto quanto se poderia desejar. Na época, estar no mar era um grande objetivo para mim; um objetivo muito grande. Eu queria estar fazendo alguma coisa.

– Certamente devia querer. O que um rapaz jovem como o senhor faria em terra durante seis meses seguidos? Quando um homem não tem esposa, logo quer

zarpar novamente.

– Mas, capitão Wentworth – exclamou Louisa –, como o senhor deve ter ficado irritado ao ver o *Asp* e constatar a velharia que tinham lhe dado!

– Antes desse dia eu já sabia muito bem como era o navio – disse ele, sorrindo. – Não tinha mais descobertas a fazer do que a senhorita teria em relação ao modelo e à resistência de qualquer velha peliça que tivesse visto ser emprestada a metade de suas conhecidas até onde a sua memória alcançasse, e que finalmente, em um dia de forte chuva, viesse parar em suas mãos. Ah, ele era para mim o velho e querido *Asp*! Fazia tudo que eu queria. Eu sabia que faria. Sabia que ou afundaríamos juntos ou ele me guiaria para o meu sucesso, e nunca tive dois dias seguidos de mau tempo durante todo o período que passei com ele no mar, e, depois de me divertir a valer enfrentando alguns corsários, tive a sorte de, na volta para casa, no outono seguinte, me deparar justamente com a fragata francesa que cobiçava. Levei-a para o porto de Plymouth, e ali tive outra sorte. Fazia menos de seis horas que estávamos no canal quando caiu uma tempestade que durou quatro dias e quatro noites, e que teria destruído o pobre *Asp* em metade desse tempo, já que nosso entrevero com a Grande Nação não havia melhorado muito as condições do navio. Vinte e quatro horas depois, eu teria sido apenas um galante capitão Wentworth em um curto parágrafo no canto dos jornais, e, como teria afundado a bordo de uma simples chalupa, ninguém teria reparado em mim.

Apenas Anne sentiu os próprios calafrios, mas as exclamações de pena e horror das irmãs Musgrove foram tão francas quanto sinceras.

– E então, suponho eu – disse a sra. Musgrove em voz baixa, como quem pensa alto –, então ele foi comandar o *Laconia*, onde conheceu nosso pobre rapaz. Charles, querido – chamando o filho para si –, pergunte ao capitão Wentworth onde foi que ele conheceu seu pobre irmão. Sempre me esqueço.

– Foi em Gibraltar, mãe, disso eu sei. Dick tinha sido deixado em Gibraltar, doente, com uma recomendação de seu antigo capitão para o capitão Wentworth.

– Ah, mas Charles, diga ao capitão Wentworth que ele não precisa ter medo de mencionar o pobre Dick na minha frente, pois seria, pelo contrário, um prazer ouvi-lo ser citado por tão bom amigo.

Charles, ligeiramente mais atento às probabilidades de isso acontecer, só fez menear a cabeça em resposta e se afastou.

As moças agora estavam procurando o *Laconia* no registro, e o capitão Wentworth não pôde renunciar ao prazer de pegar o precioso volume com as próprias mãos para lhes poupar o trabalho e ler mais uma vez em voz alta as informações relativas ao nome do navio, sua categoria e sua atual classe de

suboficiais, observando por cima das páginas que aquele navio também havia sido um dos melhores amigos que o homem jamais tivera.

– Ah, que dias felizes tive quando comandei o *Laconia*! Como ganhei dinheiro fácil com ele! Um amigo e eu fizemos um agradabilíssimo cruzeiro pelas Ilhas Ocidentais. Pobre Harville, minha irmã! Você sabe como ele era ávido por dinheiro, pior até do que eu. Tinha uma esposa. Sujeito excelente! Jamais me esquecerei da sua felicidade. Toda a alegria que sentia era por ela. Desejei que estivesse novamente comigo no verão seguinte, quando tive a mesma sorte no Mediterrâneo.

– E tenho certeza – disse a sra. Musgrove – de que o dia em que o fizeram capitão desse navio foi um dia de sorte para *nós*. *Nós* jamais esqueceremos o que o senhor fez.

Suas emoções a faziam falar baixo, e o capitão Wentworth, que havia escutado apenas essa parte, e de cujos pensamentos Dick Musgrove provavelmente estava inteiramente ausente, olhou para ela com um ar de expectativa, como quem espera uma continuação.

– Meu irmão – sussurrou uma das moças –, mamãe está pensando no pobre Richard.

– Pobrezinho do meu querido! – continuou a sra. Musgrove –, ele havia se tornado tão constante, e tão bom correspondente quando sob seus cuidados! Ah! Que felicidade teria sido se ele nunca o houvesse abandonado. Posso lhe garantir, capitão Wentworth, que sentimos muito por ele o ter abandonado.

Diante desse discurso, o rosto do capitão Wentworth exibiu uma expressão momentânea, um certo relancear dos olhos brilhantes e uma certa contração da bela boca, suficientes para convencer Anne de que, longe de compartilhar os desejos da sra. Musgrove em relação ao filho, ele provavelmente havia se esforçado para se livrar do rapaz. Mas essa demonstração de diversão íntima foi demasiado fugidia para ser detectada por qualquer pessoa que o conhecesse menos do que ela. No instante seguinte, ele já estava perfeitamente controlado e sério, e quase na mesma hora foi até o sofá em que ela e a sra. Musgrove estavam sentadas, acomodou-se ao lado desta última e entabulou com ela uma conversa em voz baixa sobre o filho, fazendo-o com uma empatia e graça naturais que demonstravam a mais cortês consideração por tudo o que havia de real e sensato nos sentimentos da mãe.

Os dois na realidade estavam sentados no mesmo sofá, pois a sra. Musgrove havia aberto espaço para ele na hora; estavam separados apenas por ela. De fato, não era uma barreira desprezível. A sra. Musgrove tinha um tamanho generoso, substancial, infinitamente mais adaptado pela natureza a exprimir boa disposição e bom humor do que afeto e emoção; e, enquanto as agitações da forma esbelta

e do semblante pensativo de Anne podiam ser consideradas inteiramente ocultas, o capitão Wentworth merecia algum crédito pela seriedade com a qual escutava os fundos e gordos suspiros da sra. Musgrove por causa do destino de um filho a quem, quando vivo, ninguém nunca dera a menor importância.

O porte físico e a tristeza mental certamente não precisam ser proporcionais. Uma pessoa grande e volumosa tem o mesmo direito de se mostrar profundamente aflita que a mais graciosa das criaturas. Porém, seja isso justo ou não, existem conjunções pouco felizes que a razão tentará em vão defender… que o gosto não consegue tolerar… e que serão tomadas pelo ridículo.

O almirante, depois de dar duas ou três voltas pela sala com as mãos nas costas para arejar a cabeça e de ter tido a atenção chamada pela esposa, aproximou-se do capitão Wentworth e, sem qualquer consideração pelo que poderia estar interrompendo, e pensando apenas no que ocupava a própria mente, começou dizendo:

– Frederick, se você tivesse chegado uma semana mais tarde em Lisboa na primavera passada, teria sido solicitado a transportar Lady Mary Grierson e as filhas.

– É mesmo? Então fico contente por não ter chegado uma semana mais tarde!

O almirante o repreendeu por essa falta de gentileza. Ele se defendeu, embora tenha sido dizendo que jamais aceitaria de bom grado nenhuma senhora a bordo de um de seus navios, exceto para algum baile ou visita que durassem umas poucas horas.

– No entanto, se bem me conheço, não é por falta de galanteio em relação a elas – disse ele –, mas sim por saber como é impossível, sejam quais forem os esforços que se façam, sejam quais forem os sacrifícios, proporcionar a bordo o conforto de que as senhoras precisam. Não há de haver falta de galanteio, almirante, no fato de qualificar as exigências femininas em relação a todo tipo de conforto pessoal como *altas*, e é isso que faço. Detesto ouvir que há senhoras a bordo, e detesto vê-las a bordo, e nenhum navio sob meu comando, se eu puder evitar, jamais irá transportar uma família de senhoras para onde quer que seja.

Isso levou a irmã a se pronunciar contra ele.

– Ah, Frederick! Não acredito no que está dizendo. Isso não passa de um refinamento sem importância! Mulheres podem ter tanto conforto a bordo de um navio quanto na melhor casa da Inglaterra. Acredito ter passado tanto tempo a bordo quanto a maioria das mulheres, e não conheço nada que supere as acomodações de uma embarcação de guerra. Posso declarar que não tenho nenhum conforto ou amenidade à minha volta, nem mesmo em Kellynch Hall – e fez uma educada mesura na direção de Anne –, que supere o que sempre tive a bordo da maioria dos navios nos quais vivi, e foram cinco no total.

– Isso é inteiramente diferente – retrucou seu irmão. – Você estava vivendo com seu marido, e era a única mulher a bordo.

– Mas você certa vez conduziu de Portsmouth até Plymouth a sra. Harville, sua irmã, sua prima e três filhos. Onde estava então esse seu galanteio tão aguçado e extraordinário?

– Inteiramente misturado com a minha amizade, Sophia. Eu ajudaria qualquer esposa de um colega oficial que pudesse ajudar, e transportaria qualquer coisa que pertencesse a Harville até o fim do mundo se ele assim desejasse. Mas não vá imaginar que eu não tenha considerado tal fato um mal em si.

– Pode acreditar, elas todas viajaram em pleno conforto.

– Pode ser que eu não as preze mais por isso. Uma quantidade tão grande assim de mulheres e crianças não tem o *direito* de se sentir confortável a bordo.

– Meu caro Frederick, você está falando da boca para fora. O que seria de nós, pobres esposas de marinheiros, que tantas vezes precisam ser transportadas de um porto a outro para acompanhar nossos maridos, se todos pensassem como você?

– A forma como penso, veja você, não me impediu de conduzir a sra. Harville e toda a sua família até Plymouth.

– Mas detesto ouvir você falar como um cavalheiro tão educado, e como se as mulheres fossem todas senhoras elegantes e não criaturas racionais. Nenhuma de nós espera navegar em águas calmas todos os dias de nossas vidas.

– Ah, querida! – disse o almirante. – Quando ele tiver uma esposa, seu discurso será outro. Quando estiver casado, se tivermos a sorte de viver para testemunhar outra guerra, veremos que ele fará como você e eu fazemos, e como muitos outros já fizeram. Nós o veremos muito grato a qualquer um que lhe traga a sua esposa.

– Sim, veremos mesmo.

– Eu desisto – exclamou o capitão Wentworth. – Quando as pessoas casadas começam a me atacar dizendo: "Ah, você pensará bem diferente quando estiver casado!", tudo que posso dizer é: "Não pensarei, não", e elas então dirão de novo: "Pensará, sim", e a conversa estará encerrada.

Ele se levantou e afastou-se.

– Que grande viajante a senhora deve ter sido! – disse a sra. Musgrove à sra. Croft.

– Viajei bastante, senhora, durante os quinze anos de meu casamento, embora muitas mulheres tenham viajado mais. Atravessei o Atlântico quatro vezes, e fui e voltei uma vez das Índias Orientais, apenas uma, além de ter estado em diversos lugares mais perto de casa: Cork, Lisboa, Gibraltar. Mas nunca passei do

estreito, e nunca estive nas Índias Ocidentais. A senhora sabe que nem as Bermudas nem as Bahamas são consideradas parte das Índias Ocidentais.

A sra. Musgrove não encontrou nenhuma palavra para discordar; não podia acusar a si mesma de ter chamado aqueles lugares de coisa alguma ao longo de toda a sua vida.

– E posso garantir à senhora – prosseguiu a sra. Croft – que nada é capaz de superar as acomodações de um navio de guerra; estou falando dos de categoria mais alta, a senhora sabe. Naturalmente, a bordo de uma fragata fica-se mais confinado, embora qualquer mulher sensata possa estar perfeitamente satisfeita a bordo de uma embarcação assim, e posso dizer, sem sombra de dúvida, que a parte mais feliz de minha vida foi vivida a bordo de um navio. Enquanto estávamos juntos, não havia nada a temer, sabe? Graças a Deus! Sempre fui abençoada com uma saúde excelente, e nenhum tipo de clima me faz mal. Sempre enjoei um pouco durante as primeiras vinte e quatro horas no mar, mas depois disso nunca mais soube o que é enjoo. A única ocasião em que realmente sofri, seja no corpo ou na mente, a única ocasião em que de fato me senti mal ou tive qualquer sensação de perigo foi no inverno que passei sozinha em Deal, quando o almirante (então *capitão* Croft) estava no mar do Norte. Na época, eu vivia o tempo inteiro assustada, e inventava todo tipo de mazela imaginária pelo fato de não saber com o que me ocupar, nem quando teria notícias dele. Mas enquanto podíamos estar juntos nada me incomodava, e nunca tive nem sequer a mais leve indisposição.

– Sim, decerto. Sim, sim, de fato! Concordo inteiramente com a senhora – foi a calorosa resposta da sra. Musgrove. – Não há nada tão ruim quanto a separação. Concordo inteiramente com a senhora. *Eu* sei o que é isso, pois o sr. Musgrove sempre comparece às sessões do tribunal do condado, e fico muito grata quando elas terminam e ele volta para casa são e salvo.

A noite se encerrou com uma dança. Quando esta foi sugerida, Anne, como sempre, ofereceu seus préstimos, e embora seus olhos ocasionalmente se enchessem de lágrimas enquanto ela estava sentada na banqueta do piano, ficou extremamente grata por ter o que fazer, e não desejou nada em troca a não ser passar despercebida.

Foi uma ocasião divertida e alegre, e ninguém parecia mais bemdisposto do que o capitão Wentworth. Anne sentia que ele tinha todos os motivos para estar animado, o que a atenção e a deferência de todos os presentes, sobretudo das moças, eram capazes de proporcionar. As irmãs Hayter, moças da já mencionada família de primos, aparentemente viram ser-lhes concedida a honra de poderem se apaixonar por ele. Quanto a Henrietta e Louisa, ambas pareciam tão entretidas com ele que nada a não ser demonstrações do mais perfeito

entendimento entre as duas poderia ter feito pensar que não fossem rivais aguerridas. Quem poderia se surpreender que ele estivesse um pouco lisonjeado com uma admiração tão universal, tão ávida?

Eram esses alguns dos pensamentos que ocupavam a mente de Anne enquanto seus dedos se agitavam de forma metódica, prosseguindo por toda uma meia hora sem cometer qualquer erro e sem qualquer consciência. *Uma vez* apenas ela sentiu que ele a estava olhando, quem sabe observando seus traços mudados e tentando detectar neles as ruínas do rosto que outrora o havia seduzido, e *uma vez* apenas soube que ele devia tê-la mencionado: quase não percebeu até ouvir a resposta, mas então teve certeza de que ele havia perguntado ao seu par se a srta. Elliot nunca dançava. A resposta foi: "Ah, não, nunca! Ela desistiu para sempre de dançar. Prefere tocar. Nunca se cansa de tocar." Uma vez, também, ele lhe dirigiu a palavra. Ao final da dança, tendo ela deixado o piano, ele havia se sentado na banqueta para tentar dedilhar uma melodia da qual desejava dar uma ideia às irmãs Musgrove. Sem ter a intenção de fazê-lo, ela havia voltado àquela parte da sala, ele a vira e, levantando-se imediatamente, dissera, com uma polidez ensaiada:

– Queira me perdoar, este lugar é seu.

E embora ela tenha recuado na mesma hora com uma decidida negativa, ele não se deixou convencer a se sentar novamente.

Anne não desejava mais aqueles olhares nem aquelas palavras. Sua polidez fria, sua graça cerimoniosa eram piores do que tudo.

CAPÍTULO 9

O capitão Wentworth tinha ido para Kellynch como se ali fosse a sua própria casa, para ficar o quanto quisesse, uma vez que era alvo da gentileza fraterna tanto do almirante quanto de sua esposa. Ao chegar, sua primeira intenção era partir em breve rumo a Shropshire, onde visitaria o irmão que morava naquele condado, mas os atrativos de Uppercross levaramno a adiar os planos. Havia tanta simpatia, tanta adulação, tanto para enfeitiçá-lo na recepção que ali encontrou, os velhos eram tão hospitaleiros, os jovens tão agradáveis, que ele não pôde senão decidir continuar onde estava, e passar mais algum tempo confiando apenas na reputação do charme e da perfeição da esposa de Edward.

Em pouco tempo, passou a visitar Uppercross diariamente. Os Musgrove não poderiam ter se mostrado mais dispostos a convidá-lo do que ele a aceitar os convites, sobretudo pela manhã, quando não tinha companhia em casa, uma vez que o almirante e a sra. Croft em geral saíam juntos para investigar com interesse a nova propriedade, seus gramados e suas ovelhas, passeando com um vagar que não seria suportável para uma terceira pessoa, ou então saindo no cabriolé recentemente adicionado ao seu patrimônio.

Até então, a opinião dos Musgrove e seus dependentes em relação ao capitão Wentworth era unânime. Por toda parte só havia uma invariável e calorosa admiração; essa relação familiar, contudo, havia acabado de ser estabelecida quando um certo Charles Hayter retornou ao convívio do grupo e se mostrou consideravelmente perturbado por ela, julgando o capitão Wentworth um verdadeiro estorvo.

Charles Hayter era o mais velho dos primos e um rapaz muito afável e cortês, e entre ele e Henrietta havia todas as mostras de um vínculo afetivo anterior à chegada do capitão Wentworth. Ele era um sacerdote ordenado e, como tinha um curato nas redondezas onde não precisava residir, vivia na casa do pai, a pouco mais de três quilômetros de Uppercross. Uma curta ausência de casa havia deixado sua bela desguarnecida de suas atenções naquele momento crítico e, quando ele retornou, teve o desgosto de ver os modos de Henrietta consideravelmente alterados, e de constatar a presença do capitão Wentworth.

A sra. Musgrove e a sra. Hayter eram irmãs. Ambas tinham dinheiro, mas os respectivos matrimônios haviam influenciado materialmente o seu grau de prestígio. O sr. Hayter tinha alguns bens próprios, mas estes eram insignificantes se comparados aos do sr. Musgrove, e, enquanto os Musgrove ocupavam o primeiro escalão da sociedade rural da região, os jovens da família Hayter,

devido ao modo de vida inferior, isolado e sem refinamento dos pais e à sua própria educação deficiente, praticamente não pertenciam a classe alguma a não ser por meio de sua relação com Uppercross, com exceção desse filho mais velho, que havia optado por se transformar em um erudito e distinto cavalheiro, e que a todos os demais superava em intelecto e modos.

As duas famílias sempre haviam tido uma excelente relação, uma vez que não havia orgulho em uma das partes e tampouco inveja na outra, e apenas uma consciência da própria superioridade por parte das irmãs Musgrove suficiente para que considerassem agradável melhorar a condição dos primos. As atenções de Charles para com Henrietta haviam sido observadas sem qualquer reprovação pelo pai e pela mãe da moça. "Não seria um grande enlace para ela, mas, se Henrietta gostar do rapaz…" E Henrietta parecia *de fato* gostar do rapaz.

A própria Henrietta tinha certeza disso antes da chegada do capitão Wentworth, mas desse momento em diante o primo Charles tinha sido praticamente esquecido.

Até onde Anne podia observar, ainda pairavam dúvidas sobre qual das duas irmãs seria a preferida do capitão Wentworth. Henrietta talvez fosse a mais bonita, e Louisa a mais alegre, e ela não sabia qual das duas, a mais suave ou a mais agitada, tinha maior probabilidade de atraí-lo *agora*.

Fosse por terem a visão embotada ou uma confiança integral no comportamento de ambas as filhas e de todos os rapazes que delas se aproximavam, o sr. e a sra. Musgrove pareciam deixar tudo ao acaso. Não havia o menor sinal de preocupação ou comentário a seu respeito na Casa Grande; em Uppercross Cottage, contudo, era diferente: o jovem casal que ali morava se mostrava mais propenso a especulações e conjecturas, e bastou o capitão Wentworth encontrar as irmãs Musgrove quatro ou cinco vezes e Charles Hayter reaparecer para Anne ter de começar a escutar as opiniões do cunhado e da irmã sobre *qual das duas* seria a preferida do capitão. Charles apostava em Louisa, Mary em Henrietta, mas os dois concordavam que a união dele com qualquer uma das duas seria uma grande alegria.

Charles "nunca tinha conhecido homem mais agradável na vida, e, pelo que tinha ouvido o próprio capitão Wentworth dizer certa vez, tinha total certeza de que ele não havia acumulado menos de vinte mil libras na guerra. Uma fortuna repentina. Além do mais, havia a oportunidade do que ele ainda poderia ganhar com uma futura guerra, e Charles tinha certeza de que o capitão Wentworth tinha tanta probabilidade de se destacar quanto qualquer outro oficial da Marinha. Ah, seria um enlace esplêndido para qualquer uma das duas irmãs!"

– Palavra que seria – retrucou Mary. – Meu Deus! Imagine só se um dia ele receber alguma grande honraria? E se um dia for nomeado baronete? "Lady

Wentworth" soa muito bem. Seria mesmo algo maravilhoso para Henrietta. Ela então teria a primazia em relação a mim, e Henrietta não acharia isso nada ruim. Sir Frederick e Lady Wentworth! Mas seria um título recém-criado, e não tenho grande apreço por títulos recém-criados.

Era mais conveniente para Mary pensar que Henrietta fosse a preferida justamente por causa de Charles Hayter, cujas intenções ela desejava ver encerradas. Mary decididamente desprezava a família Hayter, e pensava que seria um grande infortúnio ver renovada a conexão já existente entre as duas famílias… considerava isso uma tristeza para si e para os filhos.

– Sabe – disse ela –, não consigo considerá-lo um bom partido para Henrietta, e, levando em conta as alianças feitas pelos Musgrove, ela não tem o direito de desperdiçar a si mesma. Não acho que moça nenhuma tenha o direito de fazer uma escolha que possa ser desagradável ou inconveniente para a parte *mais importante* da família, e criar conexões ruins para aqueles que com elas não estão acostumados. E, por favor, quem é Charles Hayter? Um simples cura de zona rural. É um enlace inteiramente inadequado para a srta. Musgrove de Uppercross.

O marido, porém, não concordava com ela nesse quesito, pois, além de ter apreço pelo primo, Charles Hayter era um filho primogênito, e Charles via a situação da perspectiva do primogênito que ele próprio era.

– Você está falando besteira, Mary – foi, portanto, a sua resposta. – Não seria um casamento *maravilhoso* para Henrietta, mas Charles, por intermédio dos Spicer, tem uma chance muito boa de obter algo do bispo no decorrer do próximo ano ou algo assim, e tenha a bondade de lembrar que ele é o filho primogênito: quando meu tio morrer, vai herdar bens consideráveis. A propriedade de Winthrop não tem menos de cem hectares, isso sem falar na fazenda perto de Taunton, onde estão algumas das melhores terras do país. Concedo a você que qualquer um dos primos que não Charles seria um partido chocante para Henrietta, e de fato tal coisa não poderia acontecer. Ele, no entanto, é o único par possível, Charles é um sujeito de muito boa índole, um sujeito muito bom, e, quando Winthrop cair em suas mãos, irá transformá-la em um lugar diferente, e viverá ali de uma maneira muito diferente, e com essa propriedade jamais será um homem digno de desprezo… uma boa propriedade hereditária. Não, não; Henrietta poderia fazer coisa bem pior do que se casar com Charles Hayter, e, se ela ficar com ele e Louisa com o capitão Wentworth, estarei bastante satisfeito.

– Charles pode dizer o que quiser – exclamou Mary para Anne assim que o marido saiu do recinto –, mas seria um choque ver Henrietta se casar com Charles Hayter; seria muito ruim para *ela*, e pior ainda para *mim*. Portanto, é de se desejar com fervor que o capitão Wentworth logo o remova por completo dos

pensamentos dela, e tenho muito pouca dúvida de que isso já ocorreu. Ela mal prestou atenção em Charles Hayter ontem. Queria que você tivesse estado lá para ver como ela se comportou. Quanto ao fato de o capitão Wentworth gostar tanto de Louisa quanto de Henrietta, é tolice afirmar tal coisa, pois ele *com certeza* gosta muito mais de Henrietta. Mas Charles é tão otimista! Queria que você tivesse estado conosco ontem, pois assim poderia ter decidido quem tem razão; e tenho certeza de que teria pensado como eu, a menos que estivesse decidida a me contrariar.

A ocasião em que Anne deveria ter visto todas essas coisas fora um jantar na casa do sr. Musgrove; ela, porém, havia ficado em casa, alegando ao mesmo tempo uma dor de cabeça e a recrudescência de uma indisposição no pequeno Charles. Tudo que tinha em mente era evitar o capitão Wentworth, mas escapar de uma solicitação para servir de árbitro veio se somar às vantagens de uma noite tranquila.

Quanto à opinião do capitão Wentworth, ela considerava mais importante ele conhecer os próprios sentimentos cedo o bastante para não pôr em risco a felicidade de nenhuma das duas irmãs ou prejudicar a própria honra do que o fato de preferir Henrietta a Louisa ou Louisa a Henrietta. Qualquer uma das duas provavelmente poderia ser para ele uma esposa afetuosa e de disposição agradável. Com relação a Charles Hayter, Anne possuía uma delicadeza de espírito suscetível a se deixar afetar pela conduta irrefletida de uma mulher bem-intencionada, e um coração propenso a se identificar com qualquer sofrimento que esta acarretasse, mas, caso Henrietta estivesse equivocada quanto à natureza dos próprios sentimentos, já não era sem tempo de essa alteração ser comunicada.

Charles Hayter havia encontrado no comportamento da prima muito com que se afligir e consternar. Sua consideração por ele era demasiado antiga para que ela se mostrasse tão inteiramente distante a ponto de, em apenas dois encontros, extinguir qualquer esperança que já houvesse existido, e deixá-lo sem outra alternativa que não ir embora de Uppercross; mas a mudança nela ocorrida se tornava deveras alarmante quando um homem como o capitão Wentworth podia ser considerado a causa provável. Charles Hayter havia passado apenas dois domingos fora. Quando os dois se separaram, Henrietta se mostrara interessada, fazendo jus até mesmo às mais ambiciosas expectativas do rapaz, pela possibilidade de este logo deixar o curato que atualmente ocupava e trocá-lo pelo de Uppercross. Seu desejo mais sincero parecia ser que o dr. Shirley, o reitor, que durante mais de quarenta anos vinha cumprindo com zelo todos os deveres de seu cargo, mas agora estava ficando demasiado doente para muitos deles, se decidisse a solicitar os serviços de um cura, que oferecesse por esse cargo as melhores condições possíveis, e que prometesse o posto a Charles

Hayter. A vantagem de ter de ir apenas até Uppercross, em vez de viajar quase dez quilômetros em outra direção, de ter um curato melhor do que o atual sob todos os aspectos, de trabalhar com seu querido dr. Shirley, e de o querido e bom dr. Shirley poder ser poupado das tarefas que não podia mais realizar sem extremo cansaço, tudo isso havia representado muito até mesmo para Louisa, mas havia representado tudo para Henrietta. Infelizmente, porém, quando ele voltou, todo o fervor pela causa havia desaparecido. Louisa nem sequer escutou qualquer parte de seu relato da conversa que acabara de ter com o dr. Shirley: estava junto à janela à espera do capitão Wentworth; e até mesmo Henrietta teve, no máximo, apenas uma atenção parcial a lhe dedicar, e parecia ter esquecido todas as antigas dúvidas e preocupações relacionadas à negociação.

– Bem, fico muito feliz mesmo, mas sempre achei que o senhor fosse conseguir, sempre tive certeza. Não me parecia que… em suma, o senhor sabe, o dr. Shirley *precisa* de um cura, e o senhor já havia obtido a sua promessa. Ele está chegando, Louisa?

Certa manhã, logo depois do jantar na casa dos Musgrove ao qual Anne não estivera presente, o capitão Wentworth adentrou a sala de estar do chalé onde estavam apenas ela e o pequeno e enfermo Charles, deitado no sofá.

A surpresa de se ver quase a sós com Anne Elliot privou os modos dele da compostura habitual: ele se espantou, e tudo que conseguiu dizer foi "Pensei que as srtas. Musgrove estivessem aqui: o sr. Musgrove me disse que eu as encontraria aqui", antes de caminhar até a janela para se recompor e avaliar como deveria se comportar.

– Elas estão no andar de cima com minha irmã; acredito que vão descer daqui a alguns instantes – foi a resposta de Anne, com toda a confusão que era natural. E, se o menino não a houvesse chamado para fazer algo para ele, ela teria saído da sala no instante seguinte e liberado o capitão Wentworth, bem como a si mesma.

O capitão permaneceu junto à janela e, depois de dizer com educação "Espero que o menino esteja melhor", calou-se.

Anne foi obrigada a se ajoelhar junto ao sofá e ali ficar para atender seu paciente; assim permaneceram durante alguns minutos, quando, para sua imensa satisfação, ela ouviu alguma outra pessoa atravessar o vestíbulo. Ao virar a cabeça, torceu para ver entrar o dono da casa, mas a pessoa que apareceu se revelou bem menos propensa a facilitar a situação: era Charles Hayter, provavelmente tão contrariado ao ver o capitão Wentworth quanto o capitão Wentworth havia ficado ao ver Anne.

Ela tentou dizer apenas:

– Como vai? Não quer se sentar? As outras já vão chegar.

O capitão Wentworth, porém, afastou-se da janela, aparentemente não de todo refratário a uma conversa, mas Charles Hayter logo pôs um fim às suas tentativas indo se sentar perto da mesa e pegando o jornal, e o capitão Wentworth voltou à sua janela.

O minuto seguinte trouxe mais um visitante. Depois de alguém do lado de fora lhe abrir a porta, o menino mais novo, criança extremamente robusta e extrovertida de dois anos de idade, fez uma irrupção decidida entre os presentes, e encaminhou-se diretamente para o sofá de modo a ver o que estava acontecendo e a solicitar seu quinhão de qualquer coisa boa que pudesse estar sendo distribuída.

Como não havia nada para comer, tudo que lhe restou foi brincar um pouco, e, como a tia não deixou que provocasse o irmão adoentado, o menino começou a se agarrar a ela, que estava ajoelhada, de tal modo que, ocupada como estava com Charles, ela não pôde se desvencilhar do menino. Falou com ele, ordenou, pediu e insistiu, tudo em vão. Uma vez conseguiu empurrá-lo para longe, mas o menino teve ainda mais prazer em tornar a subir imediatamente em suas costas.

– Walter – disse ela –, desça daí agora mesmo. Você está se comportando muito mal. Estou muito zangada com você.

– Walter – gritou Charles Hayter –, por que não faz o que estão mandando? Não está ouvindo sua tia falar? Venha cá, Walter, venha com o primo Charles.

Mas Walter não se moveu.

Dali a poucos instantes, porém, ela se viu liberta do menino: alguém o estava tirando de cima dela, embora ele a houvesse feito inclinar tanto a cabeça que pôde sentir as mãozinhas fortes serem retiradas de seu pescoço e a criança ser levada embora com decisão antes de poder constatar que fora o capitão Wentworth quem a havia retirado.

Suas sensações ao fazer tal descoberta deixaram-na totalmente sem palavras. Ela nem sequer conseguiu lhe agradecer. Tudo que conseguiu fazer foi se curvar acima do pequeno Charles com as emoções tomadas por uma intensa desordem. A gentileza dele ao se adiantar para libertá-la, a maneira e o silêncio com os quais isso havia ocorrido, os detalhes das circunstâncias somados à convicção que ela logo se viu forçada a admitir pelo ruído que ele estava produzindo deliberadamente com o menino de que pretendia evitar seu agradecimento e, pelo contrário, desejava demonstrar que uma conversa com ela era o último de seus desejos, produziu tamanha mistura de emoções cambiantes, mas muito dolorosas, que ela foi incapaz de se recuperar até que, graças à chegada de Mary e das irmãs Musgrove, pôde confiar o pequeno paciente a seus cuidados e se retirar do recinto. Não podia ficar ali. Talvez aquela tivesse sido uma oportunidade para observar os amores e os ciúmes dos quatro que agora estavam

todos reunidos, mas ela não conseguiu ficar para nada disso. Era evidente que Charles Hayter não tinha nenhuma inclinação favorável em relação ao capitão Wentworth. Ela teve a nítida impressão de tê-lo ouvido dizer em um tom de voz irritado após a interferência do capitão Wentworth: "Você deveria ter obedecido a *mim*, Walter; eu lhe disse para não incomodar sua tia", e podia compreender seu desagrado pelo fato de o capitão Wentworth fazer o que ele próprio deveria ter feito. Mas nem os sentimentos de Charles Hayter nem os de mais ninguém poderiam interessá-la antes de ela ter conseguido organizar melhor os seus. Sentia vergonha de si mesma, muita vergonha de ter ficado tão nervosa, tão abalada por uma coisa tão banal; mas assim era, e ela precisava de um longo período de solidão e reflexão para se recompor.

CAPÍTULO 10

Novas oportunidades de fazer suas observações não demoraram a se apresentar. Em pouco tempo, Anne já estivera na companhia dos quatro juntos vezes suficientes para formar uma opinião, embora tenha tido a sensatez de não afirmar isso em casa, onde sabia que seu julgamento não teria agradado nem ao marido nem à mulher, pois, embora considerasse que a favorita fosse Louisa, não podia deixar de pensar, até onde se atrevia a julgar com base na memória e na experiência, que o capitão Wentworth não estava apaixonado por nenhuma das irmãs. As duas estavam mais apaixonadas por ele, mas mesmo isso não era amor. Tratava-se de uma pequena febre de admiração, mas que poderia, e provavelmente deveria, se transformar em amor para alguns. Charles Hayter parecia consciente de estar sendo desconsiderado, mas Henrietta às vezes parecia dividida entre os dois. Anne ansiava poder expor a cada um deles a própria situação e apontar alguns dos males aos quais estavam se expondo. Não achava que qualquer um deles estivesse sendo calculista. Para sua grande satisfação, acreditava que o capitão Wentworth não tivesse a menor consciência da dor que estava ocasionando. Não havia em seus modos nada de triunfo, qualquer triunfo mesquinho. Ele provavelmente nunca tinha ouvido falar nem nunca tinha levado em consideração qualquer interesse de Charles Hayter. Seu único erro era aceitar (pois aceitar era o termo adequado) as atenções de duas moças ao mesmo tempo.

Depois de um curto combate, porém, Charles Hayter pareceu abandonar o campo de batalha. Três dias se passaram sem que ele fizesse uma visita sequer a Uppercross; era uma mudança e tanto. Ele chegara até a recusar um convite habitual para jantar e, depois de ter sido flagrado em certa ocasião pelo sr. Musgrove com alguns livros grandes abertos diante de si, o sr. e sra. Musgrove tiveram certeza de que tudo não poderia estar normal e, com o semblante grave, comentaram sobre Charles correr o risco de morrer de tanto estudar. Mary acreditava que ele havia recebido uma recusa clara de Henrietta, e torcia para isso, enquanto seu marido vivia na constante expectativa de vê-lo no dia seguinte. Anne, por sua vez, só podia pensar que Charles Hayter era um homem sensato.

Certa manhã, por volta desse período, quando Charles Musgrove e o capitão Wentworth tinham saído juntos para caçar, e quando as irmãs de Uppercross Cottage estavam tranquilamente sentadas trabalhando, receberam pela janela a visita das irmãs da Casa Grande.

Era um belo dia de novembro, e as irmãs Musgrove atravessaram o pequeno jardim e pararam sem qualquer outro motivo que não dizer que estavam indo

fazer uma *longa* caminhada, tendo concluído, portanto, que Mary não iria querer acompanhá-las. E, quando Mary respondeu de imediato, um pouco ofendida por não ser considerada uma boa andarilha: "Ah, sim! Eu gostaria muito de acompanhá-las, gosto muito de longas caminhadas", Anne ficou convencida, pela expressão das duas moças, que isso era justamente o que elas não queriam, e mais uma vez admirou o tipo de necessidade que os hábitos familiares pareciam produzir de que tudo devia ser comunicado, e todas as atividades realizadas em conjunto, por mais indesejável e inconveniente que isso fosse. Tentou dissuadir Mary do passeio, mas foi em vão, e, sendo assim, achou melhor aceitar o convite muito mais cordial que lhe foi feito pelas irmãs Musgrove para que as acompanhasse, uma vez que poderia ser útil para voltar antes com a irmã e amenizar a interferência em qualquer plano que as duas pudessem ter.

– Não consigo imaginar por que elas iriam supor que eu não gosto de uma longa caminhada – disse Mary enquanto subia para o andar de cima. – Todo mundo vive supondo que não sou uma boa andarilha, mas elas não teriam gostado caso eu tivesse me recusado a acompanhá-las. Quando as pessoas aparecem dessa forma deliberada para nos convidar, como é que se pode dizer não?

Bem na hora em que elas estavam partindo, os cavalheiros retornaram. Haviam levado consigo um cão jovem que, depois de arruinar sua caçada, os havia obrigado a voltar mais cedo. Assim sendo, seu horário, sua força e sua energia os tornavam particularmente dispostos para aquela caminhada, e eles se juntaram às senhoras com prazer. Se Anne pudesse ter previsto tal encontro, teria ficado em casa; no entanto, movida por alguns sentimentos de interesse e curiosidade, imaginou que agora fosse tarde demais para mudar de ideia, e todos os seis partiram juntos na direção escolhida pelas irmãs Musgrove, que obviamente consideravam que cabia a elas guiar a caminhada.

O objetivo de Anne era não atrapalhar ninguém e, nos lugares em que as trilhas estreitas que cruzavam os campos tornavam necessárias muitas separações, manter-se junto do cunhado e da irmã. Para ela, o *prazer* da caminhada devia advir do exercício e do dia ensolarado, da contemplação dos últimos sorrisos do ano sobre as folhas amareladas e as sebes ressequidas, e da repetição para si mesma de algumas das milhares de descrições poéticas do outono, estação de influência singular e inesgotável sobre as personalidades frágeis e refinadas, e que havia inspirado em todos os poetas dignos de serem lidos alguma tentativa de descrição ou algumas estrofes sensíveis. Ocupou a mente o quanto pôde com tais devaneios e citações, mas, sempre que estava ao alcance da conversa do capitão Wentworth com qualquer das duas irmãs Musgrove, era incapaz de não tentar escutá-la; no entanto, pouco ouviu de muito notável. Era apenas um diálogo animado como o que quaisquer jovens que se

conhecessem bem poderiam travar. Ele se mostrava mais interessado em Louisa do que em Henrietta. Louisa com certeza dava mais motivos para ele reparar nela do que a irmã. Essa distinção pareceu ir aumentando, e então uma fala de Louisa chamou a atenção de Anne. Depois de um dos muitos elogios ao dia que vinham sendo despejados continuamente, o capitão Wentworth acrescentou:

– Que tempo glorioso para o almirante e minha irmã! Eles pretendiam fazer um longo passeio hoje de manhã; talvez possamos acenar para eles de uma dessas colinas. Eles falaram em vir por estas bandas. Pergunto-me onde vão capotar hoje. Ah, acontece com frequência, posso lhes garantir! Mas minha irmã não liga: para ela tanto faz ser jogada ou não para fora da carruagem.

– Ah, sei que o senhor está exagerando! – exclamou Louisa. – Entretanto, se fosse mesmo assim, eu faria exatamente a mesma coisa no lugar dela. Se eu amasse um homem como ela ama o almirante, estaria sempre a seu lado, nada nunca iria nos separar, e eu preferiria ser derrubada por ele a ser conduzida em segurança por qualquer outra pessoa.

A frase foi dita com entusiasmo.

– É mesmo? – exclamou ele, empregando o mesmo tom. – Eu muito a admiro! – e durante algum tempo fez-se silêncio entre os dois.

Anne não conseguiu transferir a atenção de imediato para alguma citação. As belas cenas outonais foram deixadas de lado por algum tempo, a não ser por algum delicado soneto carregado com a relevante analogia do ano que declinava junto com a felicidade, e com imagens da juventude, da esperança e da primavera perdidas todas juntas, que viesse visitar sua lembrança. Quando eles começaram a tomar ordenadamente uma outra trilha, ela se esforçou para dizer: "Este não é um dos caminhos para Winthrop?" Ninguém, porém, a escutou, ou pelo menos ninguém lhe respondeu.

Seu destino, contudo, era de fato Winthrop ou suas redondezas – pois às vezes se podiam encontrar alguns rapazes passeando perto de casa; e depois de quase um quilômetro de subida gradual pelo meio de altas sebes, onde os arados em atividade e a trilha recém-aberta testemunhavam o esforço do agricultor para contrabalançar a doçura da melancolia poética e sua intenção de fazer ressurgir a primavera, chegaram ao cume da mais alta das colinas, que separava Uppercross de Winthrop, e logo puderam ter uma visão desimpedida dessa última localidade, no sopé da colina do outro lado.

Winthrop, desprovida de beleza ou dignidade, estendia-se à sua frente: uma casa sem atrativos, atarracada e confinada pelos celeiros e construções de uma fazenda.

– Meu Deus! – exclamou Mary. – Aquilo ali é Winthrop. Eu não imaginava! Bem, agora acho melhor darmos meia-volta; estou muito cansada.

Henrietta, constrangida e envergonhada, e sem ver nenhum primo Charles percorrendo qualquer trilha, ou apoiado em qualquer portão, estava prestes a atender aos desejos de Mary. Charles Musgrove, porém, disse: “Não!”, e Louisa, com mais ardor ainda, exclamou: “Não, não!”, e, puxando a irmã de lado, pareceu debater o assunto de forma acalorada.

Enquanto isso, Charles declarava com grande energia a decisão de ir visitar a tia, agora que estava tão perto, e com grande obviedade, embora de modo mais temeroso, tentava persuadir a esposa a ir também. Esse, porém, foi um dos pontos nos quais a senhora se mostrou decidida, e quando ele citou a vantagem de ela poder descansar um quarto de hora em Winthrop, uma vez que estava tão cansada, ela respondeu com um tom resoluto: “Ah, não, não mesmo!”, que subir aquela colina outra vez lhe faria mais mal do que qualquer período sentada poderia lhe fazer bem – em suma, sua atitude e seus modos declaravam que ela não iria.

Após uma curta sucessão de debates e consultas dessa espécie, ficou decidido entre Charles e suas duas irmãs que ele e Henrietta iriam descer apenas por alguns minutos, para visitar a tia e os primos, enquanto o resto do grupo ficaria aguardando por eles no alto da colina. Louisa parecia ser a principal arquiteta do plano, e, quando ela os acompanhou por um curto trecho da descida, ainda entretida em uma conversa com Henrietta, Mary aproveitou a oportunidade para olhar em volta com um ar de desprezo e dizer ao capitão Wentworth:

– Como é desagradável ter parentes assim! Mas eu lhe garanto que nunca entrei nessa casa mais de duas vezes na vida.

Tudo que ela obteve como resposta foi um sorriso artificial de aquiescência, seguido por um olhar desdenhoso ao mesmo tempo em que ele virava as costas, olhar esse cujo significado Anne conhecia perfeitamente.

O cume da colina onde eles estavam era um lugar alegre. Louisa voltou, e Mary, depois de encontrar um local confortável para se sentar no degrau de uma passagem na sebe, mostrou-se muito satisfeita contanto que todos os outros permanecessem à sua volta. No entanto, quando Louisa levou o capitão Wentworth um pouco mais para longe para tentar colher avelãs em uma sebe próxima, e depois de os dois saírem do alcance de sua visão e escuta, Mary não se mostrou mais satisfeita: começou a reclamar do lugar em que estava sentada, teve certeza de que Louisa havia encontrado outro bem melhor, e nada pôde impedi-la de sair também à procura de outro melhor. Ela se virou e tornou a atravessar a mesma passagem na sebe, mas não conseguiu ver os dois. Anne encontrou um bom lugar para a irmã se sentar, sobre um aclive seco e ensolarado abrigado pela mesma sebe junto à qual não tinha dúvidas de que os dois ainda estavam, em algum ponto. Mary se sentou por alguns instantes, mas de nada adiantou: tinha certeza de que Louisa havia encontrado algum lugar melhor,

e quis prosseguir até encontrá-la.

Anne, ela própria deveras cansada, ficou satisfeita em se sentar, e logo pôde escutar o capitão Wentworth e Louisa na sebe atrás de si, como se estivessem voltando pelo túnel irregular e selvagem que corria no centro. Estavam conversando ao se aproximar. A voz de Louisa foi a primeira que ela conseguiu identificar. Esta parecia estar no meio de um acalorado discurso. O que Anne ouviu primeiro foi:

– De modo que eu a mandei ir. Não pude suportar a possibilidade de ela desistir da visita por causa de tamanha bobagem. O quê? Eu por acaso iria deixar de fazer algo que estava decidida a fazer, e que sabia estar correto, por causa da atitude e da interferência de uma pessoa assim, ou de qualquer pessoa, aliás? Não, eu não me deixo ser persuadida com tanta facilidade. Quando tomo uma decisão, está tomada. E Henrietta também parecia totalmente decidida a fazer uma visita a Winthrop hoje, mas quase desistiu por causa de uma complacência boba!

– Quer dizer que ela teria desistido não fosse pela senhorita.

– Teria, sim. Sinto-me quase envergonhada ao dizer isso.

– Que felicidade a dela ter uma mente como a sua sempre à disposição! Depois das indicações que a senhorita acabou de dar, que só fazem confirmar minhas próprias observações da última vez em que estive na companhia dele, não preciso fingir que não vejo o que está acontecendo. Constato que o que estava em jogo era mais do que uma visita matinal de obrigação à sua tia; e pobre dele, e dela também, quando se tratar de coisas importantes, quando os dois se virem em circunstâncias que exijam coragem e força de caráter, se ela não tem nem sequer a força de vontade necessária para resistir a uma interferência fútil em relação a uma questão banal como essa. Sua irmã é uma moça muito agradável, mas estou vendo que é *a senhorita* quem tem um temperamento decidido e firme. Se valoriza a conduta ou a felicidade de sua irmã, tente influenciar o máximo que puder o temperamento dela com o seu. Mas sem dúvida é isso que a senhorita sempre fez. O pior dos males de um temperamento excessivamente maleável e indeciso é não se poder confiar em qualquer influência sobre ele. Nunca se pode ter certeza de que uma boa impressão vá ser durável; qualquer um pode modificá-la. Quem quiser ser feliz deve ser firme. Veja esta avelã, por exemplo – disse ele, catando um fruto de um galho mais alto –, uma bela e reluzente avelã que, abençoada com uma força original, sobreviveu a todas as tempestades do outono. Não tem uma única mácula, um único defeito em lugar algum. Enquanto muitas de suas companheiras caíram e foram pisoteadas – prosseguiu ele, com um tom de solenidade brincalhão –, esta avelã ainda possui toda a felicidade de que se pode supor capaz uma avelã – ele então voltou ao tom de voz anterior, mais

arrebatado. – Meu primeiro desejo em relação a todos por quem me interesso é que sejam firmes. Se Louisa Musgrove quiser ser bela e feliz no outono de sua vida, é bom que valorize todas as faculdades atuais de seu espírito.

Ele havia terminado, e ficou sem resposta. Anne teria ficado surpresa caso Louisa houvesse respondido de pronto a tal discurso: tinham sido palavras tão interessantes, e ditas com um fervor tão profundo! Podia imaginar o que Louisa estava sentindo. Ela, por sua vez, não ousava se mexer por medo de ser vista. Enquanto permanecesse onde estava, um arbusto baixo de trepadeira de azevinho a protegia, e os dois foram se afastando. Antes de saírem do raio de alcance de seu ouvido, porém, Louisa tornou a falar.

– Mary tem razoável boa índole sob muitos aspectos – falou –, mas às vezes me irrita muito com suas bobagens e seu orgulho… o orgulho típico dos Elliot. Ela carrega em si uma dose exagerada do orgulho dos Elliot. Nós queríamos tanto que Charles tivesse desposado Anne em seu lugar. Suponho que o senhor saiba que ele quis se casar com Anne?

Após uma pausa de alguns instantes, o capitão Wentworth perguntou:

– Está querendo dizer que ela recusou o pedido dele?

– Ah, sim! Recusou, sim.

– Quando foi isso?

– Não sei ao certo, pois Henrietta e eu estávamos na escola na época, mas acho que foi cerca de um ano antes de ele se casar com Mary. Eu queria que ela tivesse aceitado. Nós todos a teríamos apreciado bem mais, e papai e mamãe ainda acham que, se ela recusou, foi por causa de sua grande amiga Lady Russell. Eles acham que talvez Charles não seja suficientemente culto e afeito aos livros para o gosto de Lady Russell, e que, portanto, ela persuadiu Anne a recusar o pedido.

O som da conversa estava se afastando, e Anne não ouviu mais nada. Suas próprias emoções a mantinham imobilizada. Tinha muito do que se recuperar antes de conseguir se mexer. Anne não havia tido de suportar inteiramente o fardo de um bisbilhoteiro: não escutara nada negativo a seu respeito, mas escutara uma boa quantidade de informações muito dolorosas. Via agora o juízo que o capitão Wentworth fazia de seu próprio caráter, e o comportamento dele havia demonstrado uma quantidade suficiente de sentimento e curiosidade a seu respeito para deixá-la extremamente agitada.

Assim que foi capaz, partiu à procura de Mary e, depois de encontrá-la, e de voltar a pé com ela até o lugar anterior junto à passagem da sebe, encontrou algum reconforto ao ver o grupo todo reunido imediatamente depois, e logo outra vez a caminho de casa. Seu espírito ansiava pela solidão e pelo silêncio que só um grupo grande era capaz de proporcionar.

Charles e Henrietta regressaram, trazendo consigo, como era de esperar, Charles Hayter. Anne nem sequer se esforçou para compreender os detalhes do que havia acontecido; nem mesmo o capitão Wentworth parecia ter sido posto a par de todos os pormenores, mas não restava dúvidas de que houvera uma retratação por parte do cavalheiro, e uma reaproximação por parte da dama, e que os dois agora estavam bem felizes por estarem novamente reunidos. Charles Hayter estava muito feliz, e os dois demonstraram total dedicação um ao outro desde o primeiro instante em que partiram todos juntos a caminho de Uppercross.

Tudo agora parecia destinar Louisa ao capitão Wentworth: nada poderia ser mais óbvio, e nos pontos do caminho em que foi preciso se separar em vários grupos, ou mesmo quando isso não foi necessário, os dois andavam lado a lado tanto quanto o outro casal. Em um longo trecho de campina em que havia espaço de sobra para todos, ficaram assim divididos, formando três grupos distintos, e Anne naturalmente integrou o grupo de três que menos animação e menos complacência exibia. Pôs-se a caminhar ao lado de Charles e Mary, e estava cansada o bastante para se alegrar em segurar o outro braço de Charles. Charles, porém, embora se mostrasse muito bem-humorado com ela, estava zangado com a esposa. Mary havia agido com ele de forma desconsiderada, e agora iria sofrer as consequências, que consistiam no fato de ele soltar seu braço quase a todo instante para cortar as pontas de algumas urtigas na sebe com o graveto que trazia na mão. E quando Mary começou a protestar e a se lamentar do fato de estar sendo maltratada, como de hábito, por ter de caminhar junto à sebe, enquanto Anne do outro lado não sofria qualquer incômodo, ele largou o braço das duas para sair atrás de uma doninha que tinha visto de relance, e elas quase não conseguiram alcançá-lo.

Essa longa campina margeava uma estrada que eles deviam atravessar no final, e, depois de o grupo inteiro chegar à saída da campina, a carruagem que seguia na mesma direção e que já vinha sendo escutada havia algum tempo estava se aproximando, e logo se revelou ser o cabriolé do almirante Croft. Ele e a esposa tinham ido fazer o passeio que pretendiam, e estavam agora voltando para casa. Ao ficar sabendo da longa caminhada que os jovens tinham acabado de fazer, tiveram a gentileza de oferecer um lugar a uma das senhoras que estivesse particularmente cansada: isso a pouparia de caminhar mais de um quilômetro e meio, e eles de toda forma iriam passar por Uppercross. O convite foi feito a todos, e todos o recusaram. As irmãs Musgrove não estavam nada cansadas, e Mary ou ficou ofendida por não ter recebido o convite antes dos outros, ou então aquilo que Louisa chamava de orgulho dos Elliot a impediu de ser a terceira passageira de um cabriolé.

O grupo já havia atravessado a estrada e estava atravessando uma passagem

na sebe em frente, e o almirante estava se preparando para tornar a partir com seu cavalo quando o capitão Wentworth atravessou a sebe em um instante para dizer algo à irmã. O que ele disse pôde ser inferido pelos efeitos que produziu.

– Srta. Elliot, tenho certeza de que a *senhorita* está cansada – exclamou a sra. Croft. – Deixe-nos ter o prazer de levá-la até em casa. Aqui cabem perfeitamente três pessoas, posso lhe garantir. Se fôssemos todos como a senhorita, acredito que pudessem caber quatro. Venha, aceite, por favor.

Anne ainda estava na estrada, e embora por instinto tenha começado a recusar, não lhe foi permitido persistir na recusa. A insistente gentileza do almirante veio se somar à da esposa; não foi possível recusar: os dois se espremeram até ocupar o espaço mais exíguo possível de modo a lhe deixar um canto do assento, e o capitão Wentworth, sem dizer nada, virou-se para ela e se ofereceu silenciosamente para ajudá-la a subir no cabriolé.

Sim, ele havia conseguido. Ali estava ela, acomodada no cabriolé, e com a sensação que fora ele quem a havia posto ali, de que aquilo fora um feito de sua vontade e de suas mãos, de que ela o devia à percepção que ele tivera de seu cansaço e à sua decisão de lhe conceder algum descanso. Ficou muito afetada ao constatar essa disposição dele em relação a si que todas as suas atitudes tornavam aparente. Aquela pequena ocorrência parecia vir completar tudo o que se passara antes. Ela o compreendia. Era incapaz de perdoá-la, mas não conseguia se mostrar insensível. Embora a condenasse pelo passado, e embora nutrisse em relação a este um ressentimento intenso e injustificado, embora não se importasse nem um pouco com ela e estivesse começando a se afeiçoar a outra, ainda assim não suportava vê-la sofrer sem o desejo de aliviar seu desconforto. Isso era um resquício do sentimento que outrora nutria por ela, um impulso de amizade pura, embora não assumida, uma prova de que ele tinha um coração afetuoso e bom, prova que ela não conseguiu presenciar sem emoções tão misturadas de prazer e dor que foi incapaz de saber qual dos dois sentimentos prevalecia.

Suas primeiras respostas à gentileza e aos comentários de seus companheiros de viagem foram dadas de forma inconsciente. Os três já haviam percorrido metade do caminho pela estrada esburacada quando ela se pôs a prestar atenção no que o casal estava dizendo. Constatou então que estavam falando de "Frederick".

– Ele certamente tem a intenção de escolher uma daquelas duas moças, Sophy, mas não há como saber qual das duas – disse o almirante. – Também parece já estar correndo atrás delas há tempo suficiente para ter se decidido. Ah, isso tudo é por causa da paz. Se houvesse uma guerra agora, ele já teria resolvido esse assunto há muito tempo. Nós marinheiros não podemos nos dar ao luxo de cortejar as damas por muito tempo em épocas de guerra, srta. Elliot. Quantos

dias se passaram, querida, entre a primeira vez em que eu a vi e o dia em que nós nos sentamos juntos em nossos aposentos de North Yarmouth?

– É melhor não falar nisso, querido, pois, soubesse a srta. Elliot o pouco tempo que levamos para tomar uma decisão, jamais se deixaria convencer de que possamos ser felizes juntos – retrucou a sra. Croft em um tom agradável. – Mas eu já conhecia seu caráter bem antes de conhecê-lo de fato.

– Bem, e eu tinha ouvido dizer que você era uma moça muito bonita, e, além do mais, por que deveríamos ter esperado? Não gosto de me demorar muito em questões desse tipo. Queria que Frederick soltasse um pouco mais as velas e trouxesse uma dessas moças para nos visitar em Kellynch. Lá eles estariam sempre acompanhados. E ambas são moças muito agradáveis; mal consigo distinguir uma da outra.

– De fato, são moças muito bem-dispostas, sem qualquer afetação – concordou a sra. Croft com um tom de elogio mais moderado, que levou Anne a desconfiar que talvez a sua percepção mais aguçada na realidade não considerasse nenhuma das duas totalmente digna de seu irmão. – E a família é muito respeitável. Não se poderia desejar uma aliança melhor. O poste, meu caro almirante! Com certeza vamos bater nesse poste.

Porém, mudando ela própria as rédeas de direção com tranquilidade, a sra. Croft felizmente fez com que evitassem o perigo. Em outra ocasião, ao estender a mão na hora certa, ela impediu que caíssem dentro de uma vala e trombassem com uma carroça de estrume. E Anne, achando divertido aquele estilo de condução que imaginava ser bastante representativo de como o casal conduzia sua vida de forma geral, viu-se por eles depositada em segurança no chalé.

CAPÍTULO 11

Estava chegando a hora da volta de Lady Russell; a data já estava até marcada, e Anne, que havia combinado de ir ficar com a amiga assim que ela se instalasse novamente em Kellynch, ansiava por partir logo, e começava a pensar em como o seu conforto seria afetado pela mudança.

Esta a colocaria no mesmo vilarejo do capitão Wentworth, a pouco menos de um quilômetro de onde ele morava; os dois teriam de frequentar a mesma igreja, e as duas famílias seriam obrigadas a se frequentar. Isso era uma desvantagem para ela. Por outro lado, contudo, o capitão passava tanto tempo em Uppercross que, quando se mudasse de lá, era de se pensar que ela na verdade o estaria deixando para trás, e não se aproximando mais dele; e, de modo geral, ela acreditava que, em relação a essa questão interessante, sairia ganhando, como quase certamente sairia ganhando com a mudança de companhia ao trocar a pobre Mary por Lady Russell.

Queria que fosse possível evitar encontrar o capitão Wentworth em Kellynch Hall: aqueles mesmos cômodos haviam testemunhado encontros anteriores que seria demasiadamente doloroso lembrar. Mas torcia com ainda mais ansiedade para Lady Russell e o capitão Wentworth jamais se encontrarem onde quer que fosse. Os dois não gostavam um do outro, e nenhum reencontro agora poderia remediar isso; além do mais, se Lady Russell os visse juntos, talvez julgasse que ele estava se mostrando demasiado seguro de si, e Anne muito pouco.

Tais eram seus principais motivos de preocupação com relação à mudança de Uppercross, onde avaliava já ter passado um tempo suficientemente longo. O fato de ter se mostrado útil nos cuidados com o pequeno Charles sempre a faria lembrar com carinho da estada de dois meses naquela casa, mas o menino agora ia ficando mais forte a cada dia, e ela não tinha nenhum outro motivo para ficar ali.

A conclusão da visita, porém, tomou um rumo que ela absolutamente não previra. Depois de dois dias inteiros sem dar o ar de sua graça em Uppercross ou mandar notícias, o capitão Wentworth tornou a aparecer entre eles para se justificar com um relato daquilo que havia provocado a sua ausência.

Uma carta do amigo capitão Harville, que finalmente havia descoberto onde ele estava, tinha lhe informado que este e a família estavam passando o inverno em Lyme, e que os dois, portanto, sem sabê-lo, estavam a pouco mais de trinta quilômetros um do outro. Desde um grave ferimento dois anos antes, o capitão Harville não vinha gozando de boa saúde, e a aflição do capitão Wentworth para

vê-lo o havia convencido a ir imediatamente para Lyme. Lá havia passado vinte e quatro horas. Assim, ele se viu redimido por completo: sua amizade foi calorosamente elogiada, um vivo interesse pelo amigo foi despertado, e a descrição por ele feita da bela região de Lyme foi tão apreciada pelo grupo que as consequências foram um forte desejo de ver Lyme com os próprios olhos e o projeto de ir até lá.

Todos os jovens ansiavam por conhecer a cidade. O capitão Wentworth mencionou a possibilidade de voltar lá ele próprio, uma vez que ficava a pouco mais de vinte e sete quilômetros de Uppercross, e que durante o mês de novembro o tempo não era nada ruim. E, para resumir, Louisa, ainda mais animada com a viagem do que todos os outros, havia decidido ir, e, além do prazer de fazer o que desejava, agora convencida do mérito de manter as próprias decisões, resistiu a todos os desejos do pai e da mãe para adiar a viagem até o verão. Assim, ficou decidido que iriam todos para Lyme: Charles, Mary, Anne, Henrietta, Louisa e o capitão Wentworth.

O primeiro plano impensado fora partir de manhã e voltar à noite; mas o sr. Musgrove não concordou com isso pelo bem dos cavalos. Quando a questão foi ponderada de forma racional, constatou-se que um dia em meados de novembro não deixaria muito tempo para visitar um lugar novo, uma vez deduzidas as sete horas exigidas pela natureza do terreno para o trajeto de ida e volta. Consequentemente, todos passariam a noite lá, e a sua volta só deveria ser aguardada para o jantar do dia seguinte. Todos consideraram isso uma alternativa bem mais sensata. E, embora tenham se encontrado na Casa Grande bem cedo para o desjejum e partido com grande pontualidade, já passava tanto do meio-dia quando as duas carruagens – a do sr. Musgrove com as quatro senhoras, e a caleche de Charles na qual este conduzia o capitão Wentworth – se puseram a descer a longa colina em direção a Lyme e a abordar o aclive ainda mais íngreme da cidade em si, que ficou muito claro que talvez não tivessem tempo para nada a não ser olhar em volta antes que a luz e o calor do dia se fossem.

Uma vez organizada a hospedagem e encomendado o jantar em uma das hospedarias, a coisa seguinte a fazer era sem dúvida ir imediatamente ver o mar. O ano estava demasiado avançado para que se pudesse aproveitar qualquer diversão ou atração pública que Lyme pudesse proporcionar: os quartos das hospedarias estavam todos fechados, os hóspedes quase todos já tinham partido e praticamente não restava nenhuma família com exceção dos moradores do local; e, não havendo nada para admirar nos prédios em si, o que irá atrair o olhar do visitante é a localização notável da cidade, cuja rua principal quase adentra a água, e o caminho até o Quebra-Mar, dando a volta na pequena e aprazível enseada que no verão fica coalhada de pessoas e casinhas de banho ambulantes; é o Quebra-Mar em si, com suas antigas maravilhas e suas novas

melhorias, com a linha de colinas muito bela a se estender rumo ao leste da cidade; e muito estranho será o visitante que não perceber os charmes dos arredores imediatos de Lyme a ponto de querer conhecer melhor a cidade. As cenas de suas cercanias: Charmouth, com seus terrenos altos e grandes extensões de bosques, e mais ainda, com sua graciosa e protegida enseada precedida por escuros penhascos, que fragmentos de rochedos baixos a despontar da areia transformam no melhor ponto para observar o movimento das marés e para se entregar a uma despreocupada contemplação; a diversidade dos bosques do alegre vilarejo de Up Lyme; e, acima de tudo, Pinny, com seus desfiladeiros verdes a se abrir entre românticos rochedos, onde as árvores espaçadas e pomares luxuriantes mostram que muitas gerações devem ter transcorrido antes de o desmoronamento parcial da colina preparar o terreno para o estado atual, cujo cenário tão esplendoroso e belo mais do que rivaliza com as paisagens semelhantes da famosa ilha de Wight; todos esses lugares devem ser visitados e revisitados para que se possa dar a Lyme o seu devido valor.

Depois de passar pelos aposentos de locação agora desertos e desolados, o grupo de Uppercross, ainda descendo a rua, logo se viu à beiramar; e, detendo-se ali para admirar o mar, como devem se deter ao voltar a ele pela primeira vez todos os que chegam a merecer nele deitar os olhos, seguiram em direção ao Quebra-Mar, que era seu objetivo tanto por si quanto devido ao capitão Wentworth, pois a residência dos Harville era uma pequena casa junto ao pé de um velho cais de data desconhecida. O capitão Wentworth se dirigiu até lá para ter com o amigo; enquanto isso, os outros seguiram em frente, e ficou combinado que ele os encontraria no Quebra-Mar.

Nenhum deles estava de forma alguma cansado de se espantar e admirar o cenário, e nem mesmo Louisa parecia achar que haviam se separado do capitão Wentworth por muito tempo quando o viram voltar em sua direção acompanhado por mais três pessoas, todas elas já conhecidas graças à sua descrição como sendo o capitão Harville, sua esposa e o capitão Benwick, que se encontrava hospedado com o casal.

Algum tempo antes, o capitão Benwick havia sido nomeado primeiro-tenente do *Laconia*; e o relato a seu respeito feito pelo capitão Wentworth ao voltar da primeira visita a Lyme, seus calorosos elogios ao excelente rapaz e oficial que sempre havia tido em alta conta, que já deveriam ter lhe garantido a estima de todos os ouvintes, haviam sido seguidos por uma curta história sobre sua vida particular que o tornava altamente interessante aos olhos de todas as damas. Ele havia sido noivo da irmã do capitão Harville, e agora estava de luto pela sua morte. O casal passara um ou dois anos aguardando fortuna e promoção. A fortuna havia se materializado, uma vez que a remuneração que acompanhava a função de primeiro-tenente era muito generosa; a promoção também havia

chegado, *enfim*; mas Fanny Harville não tinha vivido para ver nenhuma dessas duas coisas. A moça morrera no verão do ano anterior, enquanto o capitão Benwick estava no mar. O capitão Wentworth considerava impossível um homem ser mais afeiçoado a uma mulher do que o pobre Benwick havia sido a Fanny Harville ou mais profundamente afligido pelo terrível desfecho. Segundo o seu juízo, ele tinha um temperamento propenso a um sofrimento profundo, que aliava sensações muito fortes a modos discretos, sérios e introvertidos, e a um gosto pronunciado pela leitura e por atividades sedentárias. Para concluir o interesse da história, a amizade que o unia ao casal Harville parecia, se é que tal fato era possível, ter sido aguçada pelo acontecimento que punha fim a qualquer perspectiva de aliança familiar entre eles, e o capitão Benwick agora morava com o casal em tempo integral. O capitão Harville havia alugado por um ano e meio a casa em que estavam morando: seu gosto, sua saúde e sua fortuna o faziam preferir uma residência não muito cara e próxima ao mar; além disso, a beleza da região e o isolamento de Lyme durante o inverno pareciam perfeitamente adaptados à disposição do capitão Benwick. A solidariedade e a simpatia geradas para com o capitão Benwick foram muito grandes.

"Apesar disso tudo", pensou Anne consigo mesma enquanto avançavam ao encontro dos recém-chegados, "talvez ele não carregue no coração uma tristeza maior do que a minha. Não consigo acreditar que suas possibilidades tenham sido anuladas para sempre. Ele é mais jovem do que eu; se não em anos, ao menos em sentimentos; é mais jovem como homem. Irá se recuperar, e será feliz com outra mulher."

Todos se encontraram e foram apresentados. O capitão Harville era um homem alto e moreno, dotado de um semblante sensível e bem-intencionado; mancava ligeiramente e, por ter os traços marcados e a saúde depauperada, parecia bem mais velho do que o capitão Wentworth. O capitão Benwick parecia, como de fato era, o mais jovem dos três e, se comparado aos outros dois, era um homem baixo. Tinha um rosto agradável e um ar melancólico, como era natural que tivesse, e evitava qualquer conversa.

Embora não pudesse se comparar ao capitão Wentworth em matéria de boas maneiras, o capitão Harville era um perfeito cavalheiro, sem afetação, caloroso e atencioso. A sra. Harville, ligeiramente menos refinada do que o marido, parecia no entanto nutrir os mesmos bons sentimentos; e nada poderia ter sido mais agradável do que o desejo de ambos de considerar todos no grupo seus amigos pessoais pelo fato de serem amigos do capitão Wentworth, nem eles poderiam ter se mostrado mais gentis e hospitaleiros nos convites que fizeram para que todos prometessem jantar em sua casa. O jantar já encomendado na hospedaria foi por fim, embora não de bom grado, aceito como desculpa; mas o casal pareceu quase magoado pelo fato de o capitão Wentworth ter levado todo

aquele grupo até Lyme sem considerar natural que fossem jantar em sua casa.

Tamanho foi o afeto demonstrado para com o capitão Wentworth durante todo esse diálogo, e tão encantador o charme de uma hospitalidade assim tão incomum, tão diferente do estilo habitual dos convites feitos de parte a parte e dos jantares em que imperava a formalidade e a afetação, que Anne sentiu que sua disposição provavelmente não seria beneficiada por uma intimidade maior com seus colegas oficiais. “Essas pessoas todas seriam agora minhas amigas”, foi o que pensou; e teve de lutar contra uma grande inclinação para se sentir deprimida.

Do Quebra-Mar, foram todos até a residência dos novos amigos, e se depararam com uma casa tão exígua que ninguém a não ser aqueles cujo convite partisse do coração poderia tê-la julgado capaz de abrigar tanta gente. A própria Anne se espantou por alguns instantes com isso, mas a sensação logo se dissipou graças aos sentimentos mais agradáveis advindos da visão de todos os estratagemas e adaptações agradáveis encontrados pelo capitão Harville para dar ao espaço disponível o melhor aproveitamento possível, para suprir as deficiências de mobília, e para proteger as janelas e portas das tempestades que o inverno traria. A variedade na decoração dos aposentos, onde os itens comuns providenciados pelos proprietários da casa, de feitio ordinário e sem graça, contrastavam com uns poucos objetos feitos de uma espécie rara de madeira trabalhada com esmero e com alguns curiosos e valiosos artefatos trazidos de países distantes visitados pelo capitão Harville, tudo isso se revelou para Anne mais do que interessante: por estar ligado à sua profissão, ao fruto de seu trabalho e aos efeitos que este tinha sobre seus hábitos, o retrato de tranquilidade e felicidade doméstica que isso representava provocava nela algo a mais – ou a menos – do que a gratificação.

O capitão Harville não era muito afeito à leitura, mas havia providenciado uma excelente acomodação e fabricado estantes muito bonitas para uma razoável coleção de volumes bem-encadernados pertencentes ao capitão Benwick. O fato de ser manco o impedia de praticar muitos exercícios, mas uma mente útil e engenhosa parecia lhe proporcionar uma atividade interior constante. Ele desenhava, lustrava, praticava carpintaria e colagens; fabricava brinquedos para as crianças; inventava novas agulhas e alfinetes; e, quando nada mais havia a fazer, ia se sentar em um dos cantos da sala para trabalhar em sua enorme rede.

Quando saíram da casa, Anne sentiu que deixava para trás uma grande felicidade. E Louisa, ao lado de quem se pegou caminhando, se entregou a enleios de admiração e deleite com relação ao temperamento dos oficiais da Marinha: discorreu sobre a amizade que os unia, o sentimento fraterno, a atitude franca, a retidão de caráter; afirmou estar convencida de que eles eram mais

dignos e mais calorosos do que qualquer outro grupo de homens no país; que só eles sabiam viver, e que somente eles mereciam respeito e amor.

Voltaram todos à hospedaria para se trocar e jantar, e tudo havia corrido tão bem até então que ninguém encontrou nenhum defeito nas circunstâncias, apesar de os fatos de estarem "tão inteiramente fora da temporada", de "Lyme não ser nenhum grande centro" e de "não haver muita esperança de terem companhia" terem provocado profusos pedidos de desculpa por parte dos proprietários da hospedaria.

A essa altura, Anne constatou que já estava tão mais acostumada à companhia do capitão Wentworth do que inicialmente imaginara ser possível que sentar-se à mesma mesa e trocar com ele as civilidades que se esperava de tal situação (e que nunca passavam disso) estavam se transformando em quase nada.

As noites já estavam escuras demais para que as senhoras se encontrassem novamente antes da manhã seguinte, mas o capitão Harville havia lhes prometido uma visita ainda nesse dia; e de fato apareceu, trazendo também o amigo, o que era mais do que o esperado, pois todos haviam concordado que o capitão Benwick dava todas as indicações de se sentir oprimido pela presença de tantos desconhecidos. No entanto, ele tornou a se aventurar em sua companhia, embora sua disposição com certeza não parecesse condizer com a alegria generalizada do grupo.

Enquanto os capitães Wentworth e Harville conduziam a conversa em um dos cantos da sala e, relembrando o passado, forneciam numerosas anedotas para ocupar e entreter os outros, coube a Anne ficar sentada um tanto afastada na companhia do capitão Benwick; e um excelente impulso de sua natureza a levou a travar conhecimento com ele. Era um rapaz tímido, dado a pensamentos abstratos, mas a encantadora tranquilidade do semblante de Anne e seus modos delicados logo surtiram efeito, e ela viu recompensados os seus primeiros esforços. Tratava-se evidentemente de um rapaz com gosto apurado para a leitura, embora sobretudo para a poesia; e, além de estar convencida de ter lhe proporcionado ao menos uma noite de conversa sobre temas pelos quais seus companheiros habituais provavelmente não tinham qualquer apreço, ela teve também a esperança de poder lhe ser útil fazendo algumas sugestões relativas à necessidade e às vantagens de se lutar contra a tristeza que brotaram naturalmente da sua conversa. Pois, embora tímido, ele não parecia reservado: parecia, pelo contrário, que aqueles sentimentos estavam contentes em poder se libertar dos costumeiros grilhões; assim, depois de falar sobre poesia, sobre a riqueza da época atual nessa matéria, e de fazer uma breve comparação de opiniões quanto aos poetas de primeira linha, e de tentar decidir se *Marmion* era preferível à *Dama do lago*, e como o *Giaour* se comparava à *Noiva de*

Abydos, e mais ainda, como se deveria pronunciar "*giaour*", ele se mostrou tão íntimo conhecedor de todos os mais afetuosos cantos do primeiro poeta, e de todas as arrebatadas descrições de agonia sem remédio do segundo, repetiu com tão trêmula emoção as várias estrofes descrevendo um coração partido ou uma mente destruída pela maldade, e deu tantas mostras de querer ser compreendido, que ela se atreveu a esperar que ele nem sempre lesse apenas poesia, e a dizer que achava que o fardo da poesia era poder ser raramente saboreada com segurança por pessoas que a apreciavam de fato, e que os fortes sentimentos que eram os únicos capazes de avaliá-la eram justamente aqueles que só deveriam prová-la com moderação.

Como a expressão no rosto dele demonstrava não dor, mas satisfação com essa alusão à sua situação, ela sentiu-se encorajada a prosseguir e, julgando estar na posição superior de uma mente mais experimentada, atreveu-se a recomendar uma quantidade maior de prosa em suas leituras diárias. Quando instada a ser mais específica, mencionou as obras de nossos melhores moralistas, as coletâneas das mais belas cartas e as memórias de autores de grande valor e extenso sofrimento que lhe ocorreram no momento como capazes de despertar e fortalecer o espírito por meio dos mais elevados preceitos e dos mais fortes exemplos de resistência moral e religiosa.

O capitão Benwick escutou com atenção, parecendo grato pelo interesse que aquelas palavras sugeriam. E, embora tenha sacudido a cabeça e soltado suspiros que eram uma declaração de sua pouca fé na eficácia de qualquer livro para uma tristeza como a sua, anotou os nomes daqueles que ela recomendou e prometeu procurá-los e lê-los.

Encerrada a noite, Anne não pôde evitar se divertir ao pensar que tinha ido até Lyme aconselhar paciência e resignação a um rapaz que nunca tinha visto antes. Tampouco, ao pensar mais seriamente sobre o assunto, pôde evitar temer que, a exemplo de muitos outros grandes moralistas e pregadores, sua eloquência tivesse alcançado um nível que a própria conduta, se examinada, não seria capaz de honrar.

CAPÍTULO 12

Anne e Henrietta, as duas primeiras do grupo a despertar no dia seguinte, concordaram em dar um passeio até o mar antes do café da manhã. Foram até as dunas admirar o movimento das ondas que, sob uma boa brisa vinda do sudoeste, subiam com toda a grandiosidade permitida por um litoral tão pouco acidentado. Ambas elogiaram a manhã, glorificaram o mar, deleitaram-se com a brisa fresca, e guardaram silêncio, até Henrietta recomeçar subitamente a falar dizendo:

– Ah, sim! Estou convencida de que, com muito poucas exceções, a brisa do mar sempre faz bem. Não resta dúvida de que ela prestou um grande serviço ao dr. Shirley depois de sua doença, que completou um ano na primavera passada. Ele mesmo declarou que vir passar um mês em Lyme lhe fez mais bem do que todos os remédios que tomou, e que estar perto do mar sempre o faz se sentir jovem outra vez. Não posso deixar de pensar que é uma pena ele não morar o tempo todo perto do mar. Acho de fato que seria melhor ele se mudar de Uppercross e vir morar em Lyme. Você não acha, Anne? Não concorda comigo que seria a melhor coisa que ele poderia fazer, tanto para si mesmo quanto para a sra. Shirley? Ela tem primos aqui, você sabe, além de muitos conhecidos, o que tornaria sua vida bem alegre, e tenho certeza de que ficaria feliz por morar em um lugar onde pudesse dispor de cuidados médicos caso ele viesse a ter um novo ataque. De fato, considero muito triste pessoas excelentes como o dr. Shirley e sua esposa, que passaram a vida inteira fazendo o bem, terem que desperdiçar seus últimos dias em um lugar como Uppercross, onde, com exceção de nossa família, parecem isolados do resto do mundo. Gostaria que os amigos dele lhe fizessem essa proposta. Acho de fato que deveriam fazê-la. Quanto a obter uma dispensa, acho que não haveria dificuldade alguma quanto a isso nesta fase de sua vida e com o caráter que ele tem. Minha única dúvida é se algo seria capaz de convencê-lo a abandonar sua paróquia. Ele é tão rígido e cheio de escrúpulos em seus conceitos; excessivamente escrupuloso, devo dizer. Você não acha que ele está sendo excessivamente escrupuloso, Anne? Não acha que sacrificar a própria saúde em nome de deveres que podem muito bem ser desempenhados por outra pessoa é uma atitude equivocada? Além disso, em Lyme, a menos de trinta quilômetros de distância, ele estaria perto o suficiente para ficar sabendo se as pessoas achassem que houvesse motivo para reclamação.

Durante esse discurso, Anne sorriu consigo mesma mais de uma vez, e abordou o assunto tão disposta a fazer o bem discorrendo sobre os sentimentos de uma moça quanto o havia feito com um rapaz, embora nesse caso o bem fosse

menos importante, pois o que poderia fazer a não ser concordar? Anne falou sobre o assunto tudo aquilo que era razoável e adequado, demonstrou os sentimentos condizentes para com o repouso do dr. Shirley, afirmou o quão desejável seria ele ter algum rapaz ativo e respeitável como cura residente, e teve até a cortesia de fazer uma alusão à vantagem de o cura residente em questão ser casado.

– Como eu gostaria – disse Henrietta, muito satisfeita com sua interlocutora –, como eu gostaria que Lady Russell morasse em Uppercross e conhecesse bem o dr. Shirley. Sempre ouvi falar da sra. Russell como uma mulher de grande influência com todos! Sempre a imagino como alguém capaz de persuadir uma pessoa a qualquer coisa! Tenho medo dela, como já lhe disse antes, tenho muito medo por ela ser tão inteligente, mas a respeito imensamente, e queria que tivéssemos uma vizinha como ela em Uppercross.

Anne achou divertida aquela forma de Henrietta se mostrar agradecida, e também achou divertido que o curso dos acontecimentos e os novos interesses das opiniões de Henrietta tivessem valido à sua amiga as boas graças da família Musgrove. No entanto, tudo que teve tempo para fazer foi dar uma resposta genérica e desejar que houvesse outra mulher assim em Uppercross antes de todos os assuntos cessarem quando as duas viram Louisa e o capitão Wentworth vindo em sua direção. Eles também tinham vindo dar um passeio antes de o café da manhã ficar pronto, mas Louisa, lembrando-se logo em seguida de que tinha uma compra a fazer, convidou-os a acompanharem-na até a cidade. Todos se puseram à sua disposição.

Quando chegaram aos degraus que subiam da praia, um cavalheiro, que no mesmo instante se preparava para descer, recuou com educação e parou para lhes dar passagem. Os quatro subiram e passaram por ele e, quando passaram, o rosto de Anne chamou sua atenção, e ele a olhou com uma admiração ardorosa e tão intensa que ela não pôde se mostrar insensível. Ela estava com um aspecto excelente nesse dia: os traços muito regulares, muito bonitos, haviam sido insuflados novamente com o viço e o frescor da juventude graças à brisa que vinha soprando em seu rosto e à animação dos olhos que esta também havia produzido. Ficou claro que o cavalheiro (um cavalheiro deveras, a tirar pelos modos) a admirava imensamente. O capitão Wentworth olhou para trás e a encarou na mesma hora de uma forma que mostrava que havia percebido. Lançou-lhe um breve olhar, um olhar brilhante que parecia dizer: “A senhorita encantou esse homem, e até eu, agora, estou vendo novamente algo da antiga Anne Elliot.”

Depois de ajudar Louisa com sua obrigação e de flanar ainda um pouco pela cidade, os três voltaram para a hospedaria, e Anne, logo em seguida, quando estava indo rapidamente do quarto para a sala de jantar, quase trombou com o

mesmo cavalheiro de antes, que saía de aposentos contíguos. Antes, havia imaginado que ele também fosse um forasteiro, como eles, e determinado que um cavalariço bem-apanhado que passeava perto das duas hospedarias quando haviam retornado devia ser o seu criado. O fato de tanto o patrão quanto o empregado estarem de luto corroborava a ideia. Agora estava provado que os dois ocupavam a mesma hospedaria que o seu grupo, e esse segundo encontro, por mais breve que tenha sido, também tornou a confirmar, pela expressão do cavalheiro, que ele considerava Anne muito bonita, e, pela prontidão e propriedade de suas desculpas, que era um homem de boas maneiras excepcionais. Parecia ter em torno de trinta anos e, embora não fosse bonito, tinha uma aparência agradável. Anne sentiu que gostaria de saber quem ele era.

O grupo já havia quase terminado o café da manhã quando o barulho de uma carruagem (quase a primeira que escutavam desde a chegada em Lyme) atraiu metade dele até a janela. "Era o *curricle* de um cavaleiro… apenas deu a volta das estrebarias até a frente da hospedaria… alguém devia estar de partida… A carruagem era conduzida por um criado de luto…"

A palavra *curricle* fez Charles Musgrove pular da cadeira para ir compará-lo ao seu próprio, e o criado de luto despertou a curiosidade de Anne; e estavam todos os seis reunidos a tempo de ver o dono da carruagem sair pela porta em meio às mesuras e aos cumprimentos dos donos da hospedaria e tomar seu lugar para partir.

– Ah! – exclamou o capitão Wentworth sem demora, relanceando os olhos por um breve instante na direção de Anne. – É o mesmo cavalheiro por quem passamos.

As irmãs Musgrove concordaram e, depois de ficarem todos observando o cavalheiro com atenção até tão longe colina acima quanto possível, voltaram à mesa do desjejum. Logo depois, o garçom da hospedaria entrou no recinto.

– Por gentileza, poderia nos dizer o nome do cavalheiro que acaba de ir embora? – perguntou o capitão Wentworth na mesma hora.

– Sim, senhor: aquele era o sr. Elliot, um cavalheiro de grande fortuna, que chegou ontem à noite de Sidmouth. Imagino que tenham ouvido a carruagem enquanto estavam jantando. E ele agora está indo para Crewkherne, a caminho de Bath e de Londres.

– Elliot! – muitos do grupo haviam se entreolhado, e muitos repetido o nome, antes mesmo de todas as informações terem sido dadas, ainda que com a arguta rapidez de um garçom.

– Por Deus, deve ser o nosso primo! – exclamou Mary. – Deve ser o nosso sr. Elliot, deve, sim! Não acham que deve ser, Charles, Anne? E de luto, estão vendo, justamente como o nosso sr. Elliot deve estar. Que coisa extraordinária! E

na mesma hospedaria que nós! Anne, não deve ser o nosso sr. Elliot, herdeiro de papai? Senhor, por gentileza – disse ela, virando-se para o garçom –, por acaso não ouviu dizer, por acaso o criado dele não disse se ele pertencia à família de Kellynch?

– Não, senhora, ele não mencionou nenhuma família em particular, mas disse que o patrão era um cavalheiro muito rico, e que algum dia seria um baronete.

– Pronto! Estão vendo? – exclamou Mary, extasiada. – Foi o que eu disse! O herdeiro de Sir Walter Elliot! Tinha certeza de que essa informação seria revelada, caso fosse mesmo verdade. Podem ter certeza de que esse é um fato que os criados gostam de alardear aonde quer que ele vá. Mas Anne, veja só que coisa mais extraordinária! Queria ter olhado para ele com mais atenção. Queria que tivéssemos sabido a tempo de quem se tratava, e que ele nos tivesse sido apresentado. Que pena não termos sido apresentados! Você acha que ele tinha o porte dos Elliot? Eu mal olhei para ele, estava prestando atenção nos cavalos, mas acho que ele tinha algo do porte dos Elliot. Que estranho eu não ter reparado no brasão! Ah, o sobretudo estava pendurado na porta da carruagem escondendo o brasão, foi isso, senão tenho certeza de que o teria visto, e a libré do empregado também: se o criado não estivesse de luto, teria sido possível reconhecê-lo pela libré.

– Juntando todas essas circunstâncias deveras extraordinárias, é de se pensar que o fato de a senhora não ter sido apresentada ao seu primo tenha sido obra do destino – comentou o capitão Wentworth.

Quando conseguiu atrair a atenção de Mary, Anne tentou persuadi-la discretamente de que havia muitos anos o seu pai e o sr. Elliot não tinham uma relação que tornasse desejável qualquer tentativa de apresentação.

Ao mesmo tempo, no entanto, ter visto o primo constituía para ela uma gratificação secreta, e saber que o futuro proprietário de Kellynch era sem sombra de dúvida um cavalheiro, e parecia um homem sensato. Fossem quais fossem as circunstâncias, não iria mencionar a segunda ocasião em que os dois haviam se encontrado; por sorte, Mary não deu muita atenção ao fato de terem passado perto dele no primeiro passeio, mas teria se sentido bastante diminuída pelo fato de Anne ter esbarrado com ele dentro da hospedaria e recebido suas bem-educadas desculpas, enquanto ela jamais sequer chegara perto dele. Não: aquele breve encontro entre primos devia permanecer totalmente em segredo.

– Naturalmente, da próxima vez que mandar uma carta para Bath, você vai mencionar que vimos o sr. Elliot – disse Mary. – Acho que meu pai com certeza deveria ficar sabendo; conte tudo sobre ele.

Anne evitou uma resposta direta, mas aquele era justamente um fato que ela considerava não apenas que não devesse ser comunicado, mas também que

devesse ser omitido. Estava a par da ofensa feita a seu pai lá se iam muitos anos, desconfiava da responsabilidade que Elizabeth tinha no ocorrido, e não duvidava que pensar no sr. Elliot sempre provocasse a irritação de ambos. Mary nunca escrevia ela própria para Bath; todo o fardo de manter uma correspondência lenta e insatisfatória com Elizabeth recaía sobre Anne.

Pouco depois de terminado o café da manhã, o capitão e a sra. Harville chegaram acompanhados do capitão Benwick; ficara combinado que todos dariam com eles um último passeio por Lyme. Deveriam partir para Uppercross à uma da tarde, e até lá ficariam juntos e ao ar livre pelo máximo de tempo possível.

Anne viu o capitão Benwick se aproximar dela assim que todos saíram para a rua. A conversa da noite anterior não o havia desencorajado a buscar novamente sua companhia, e os dois passaram algum tempo caminhando juntos, conversando como da primeira vez sobre Sir Walter Scott e Lord Byron, e ainda incapazes, como antes, e como quaisquer outros leitores, de julgar exatamente equivalentes os méritos de um e de outro, até que algo causou uma mudança quase generalizada em seu grupo e, em lugar do capitão Benwick, ela se viu lado a lado com o capitão Harville.

– Srta. Elliot – disse-lhe ele, falando com a voz um tanto baixa –, a senhorita fez um bem imenso levando esse pobre rapaz a falar tanto. Gostaria que ele tivesse uma companhia assim com mais frequência. Sei que é ruim para ele ficar isolado como sempre fica, mas o que podemos fazer? Não podemos nos separar dele.

– Não – concordou Anne –, posso entender que isso seja impossível. Mas com o tempo, talvez… Sabemos do que o tempo é capaz em caso de tristeza, e o senhor não deve se esquecer, capitão Harville, de que o seu amigo é o que se pode chamar de um enlutado recente… pelo que sei, tudo aconteceu no verão passado.

– Sim – com um profundo suspiro –, é verdade, em junho.

– E talvez ele não tenha ficado sabendo de imediato.

– Ele só ficou sabendo na primeira semana de agosto, quando voltou do Cabo como capitão do *Grappler*. Eu estava em Plymouth, muito receoso de ter notícias; ele mandou cartas, mas o *Grappler* tinha ordens de ir para Portsmouth. Era lá que ele receberia a notícia, mas da boca de quem? Não da minha. Antes ser enforcado no lais de verga. O único capaz de dar a notícia era esse nosso bom rapaz – disse ele, apontando para o capitão Wentworth. – O *Laconia* tinha atracado em Plymouth na semana anterior; não havia o menor risco de ser posto novamente no mar. Quanto ao resto, ele arriscou: pediu uma licença, mas, sem esperar resposta, viajou noite e dia até chegar a Portsmouth, de onde na mesma

hora seguiu remando até o *Grappler* e passou uma semana sem sair de perto do pobre rapaz. Foi isso que ele fez, e ninguém mais poderia ter salvado o pobre James. A senhorita pode avaliar a estima que temos por ele!

Anne tinha uma opinião muito clara sobre essa questão, e respondeu aquilo que os seus próprios sentimentos foram capazes de formular, ou que os do capitão pareciam capazes de suportar, pois ele estava demasiado afetado para retomar o assunto e, quando tornou a falar, foi de outro tema inteiramente diferente.

A sra. Harville, depois de emitir a opinião de que o marido já teria caminhado mais do que o suficiente quando chegassem a casa, determinou a direção do grupo todo no que seria o seu último passeio: todos acompanhariam o casal até a porta de sua casa, e em seguida voltariam e partiriam da cidade. Segundo todos os seus cálculos, havia tempo suficiente para tal, mas, ao se aproximarem do Quebra-Mar, houve uma vontade tão generalizada de por ele passear mais uma vez, e todos se mostraram tão inclinados a isso, e Louisa passou a manifestar tamanha determinação, que a diferença de um quarto de hora, julgou-se, não faria a menor diferença. Assim, com todas as educadas despedidas e todas as gentis trocas de convites e promessas que se poderia imaginar, eles se separaram do capitão e da sra. Harville na porta da residência do casal e, ainda acompanhados pelo capitão Benwick, que parecia não querer deixá-los, foram se despedir devidamente do Quebra-Mar.

Anne viu que o capitão Benwick se aproximava dela. O "mar azul-escuro" de Lord Byron não pôde deixar de lhes vir à mente com a visão que tinham diante de si, e ela lhe concedeu de bom grado toda a sua atenção enquanto isso foi possível. Mas logo foi inevitavelmente atraída em outra direção.

O vento estava demasiado forte para que o ponto mais elevado do novo Quebra-Mar fosse agradável para as senhoras, e elas concordaram em descer os degraus até a parte mais baixa, e todos aceitaram descer em silêncio e com cuidado o íngreme lance de escada, com exceção de Louisa: esta exigiu saltar os degraus com o auxílio do capitão Wentworth. Em todas as caminhadas que haviam feito, ele tivera de ajudá-la a saltar as sebes; isso provocava nela uma sensação deliciosa. Nessa ocasião, a dureza do piso para os pés de Louisa o fez hesitar, mas mesmo assim ele a segurou. Ela desceu os degraus em segurança, e na mesma hora, para demonstrar seu contentamento, tornou a subi-los correndo para saltar de novo até lá embaixo. O capitão a aconselhou a não fazê-lo, julgando o choque forte demais; mas não, todos os seus argumentos e pedidos foram em vão, e Louisa sorriu e disse: "Estou decidida, vou saltar." Ele então estendeu os braços, mas ela se precipitou por meio segundo e caiu no patamar inferior do Quebra-Mar, e foi recolhida do chão desacordada!

Não havia ferimento, nem sangue, nem qualquer hematoma visível, mas seus

olhos estavam fechados e ela havia parado de respirar, e o semblante era a cara da morte. Que instante terrível para todos os que estavam à sua volta!

O capitão Wentworth, que a havia recolhido, ajoelhou-se com ela nos braços e a fitou com um rosto tão pálido quanto o dela e um silêncio tomado pela agonia.

– Ela está morta! Está morta! – gritou Mary, agarrando-se ao marido e contribuindo com o terror que ele sentia para deixá-lo paralisado. Dali a mais um instante, Henrietta, sucumbindo a essa certeza, perdeu também os sentidos, e teria caído nos degraus não fossem o capitão Benwicke Anne, que a seguraram e ampararam ao mesmo tempo.

– Não há ninguém para me ajudar? – foram as primeiras palavras pronunciadas pelo capitão Wentworth com um tom desesperado, como se todas as suas forças tivessem se esvaído.

– Vá ajudá-lo, vá ajudá-lo – exclamou Anne –, pelo amor de Deus, vá ajudá-lo. Eu posso segurá-la sozinha. Deixe-me aqui, vá ajudá-lo. Esfregue as mãos dela, esfregue suas têmporas. Tome, aqui estão alguns sais: leve-os, leve-os.

O capitão Benwick obedeceu, e na mesma hora Charles largou a esposa, e ambos foram ajudá-lo. E Louisa foi erguida e amparada com mais firmeza pelos três, e tudo o que Anne havia recomendado foi feito, mas em vão. Enquanto isso, o capitão Wentworth, cambaleando até junto da mureta para se segurar, exclamou, tomado pela mais excruciante agonia:

– Ah, meu Deus! Seu pai e sua mãe!

– Um médico! – disse Anne.

Ele ouviu o que ela dissera, e aquilo pareceu despertá-lo na mesma hora. E dizendo apenas:

– Sim, sim, um médico agora mesmo – já estava partindo depressa quando Anne sugeriu com convicção:

– Não seria melhor se o capitão Benwick fosse? Ele sabe onde encontrar um médico.

Todos que ainda conseguiam raciocinar puderam constatar a vantagem da ideia, e em poucos instantes (tudo aconteceu em poucos instantes) o capitão Benwick já havia confiado aos cuidados do irmão a pobre forma cadavérica da jovem e partido para a cidade com a maior rapidez possível.

Quanto ao grupo desolado que ali ficou, quase não era possível dizer quem sofria mais dos três que ainda conservavam toda a sua razão: o capitão Wentworth, Anne ou Charles, que, comportando-se como um irmão realmente muito afetuoso, estava curvado junto a Louisa tomado por soluços de dor, e só podia desviar os olhos de uma irmã para ver a outra em um estado igualmente inerte, ou então testemunhar a agitação histérica da esposa a lhe solicitar uma

ajuda que ele era incapaz de proporcionar.

Anne, que estava cuidando de Henrietta com toda a força, todo o zelo e toda a atenção que o instinto era capaz de proporcionar, ainda tentava, a intervalos regulares, dar algum conforto aos outros: acalmar Mary, animar Charles, tranquilizar o capitão Wentworth. Os dois homens pareciam olhar para ela à espera de instruções.

– Anne, Anne, o que devemos fazer agora? – exclamou Charles. – Pelo amor de Deus, o que devemos fazer agora?

Os olhos do capitão Wentworth também se viraram em sua direção.

– Não seria melhor levá-la para a hospedaria? Sim, tenho certeza de que é o melhor: levem-na com cuidado para a hospedaria.

– Sim, sim, para a hospedaria – repetiu o capitão Wentworth, comparativamente controlado e ansioso para fazer alguma coisa. – Eu mesmo posso carregá-la. Musgrove, cuide das outras.

A essa altura, a notícia do acidente já havia se espalhado entre os operários e pescadores espalhados pelo Quebra-Mar, e muitos haviam se juntado ao seu redor para ajudar se fosse preciso, ou pelo menos para admirar o espetáculo de uma moça morta, ou melhor, de duas moças mortas, pois a situação se revelou duas vezes mais interessante do que o primeiro relato pudera sugerir. Henrietta foi confiada aos cuidados de alguns dos mais bem-apessoados desses espectadores, pois, embora houvesse recuperado parcialmente os sentidos, ainda era incapaz de andar sozinha. E assim, com Anne a caminhar a seu lado enquanto Charles cuidava da esposa, seguiram todos em direção à hospedaria, percorrendo de volta, tomados por sensações indizíveis, o mesmo caminho que haviam percorrido antes, tão pouco tempo antes e com o coração tão leve.

Ainda não haviam deixado o Quebra-Mar quando o casal Harville veio se juntar a eles. O capitão Benwick tinha sido visto passando às carreiras por sua casa, e sua atitude demonstrava que algo estava errado; os dois então haviam saído de casa na mesma hora, e pelo caminho haviam sido informados e direcionados ao local do acidente. Por mais chocado que estivesse o capitão Harville, ele veio somar ao grupo uma sensatez e um sangue-frio que se mostraram imediatamente úteis, e bastou um olhar trocado entre ele e a esposa para ficar decidido o que deveria ser feito. Louisa seria levada para a sua casa, e todos também deveriam ir para lá aguardar a chegada do médico. O casal não aceitou discussão: foi obedecido, e logo o grupo inteiro estava sob seu teto. E enquanto Louisa, mediante instruções da sra. Harville, era levada até o andar de cima e posta na cama da sra. Harville, auxílio, bebidas estimulantes e fortificantes foram providenciados por seu marido a todos os necessitados.

Louisa havia aberto os olhos uma vez, mas logo tornou a fechá-los sem ter

aparentemente recobrado os sentidos. No entanto, isso foi uma prova de vida útil para sua irmã, e Henrietta, embora totalmente incapaz de permanecer no mesmo quarto que Louisa, foi assim impedida de desmaiar novamente pela aflição da esperança mesclada ao medo. Mary também já estava ficando mais calma.

O médico chegou mais rápido do que parecera possível. Foram todos tomados pela apreensão enquanto ele examinava a moça, mas ele não se mostrou desesperançoso. A cabeça havia sofrido uma séria contusão, mas ele já tinha visto outros pacientes se recuperarem de ferimentos piores; de forma alguma se mostrou sem esperanças, e falou com uma voz alegre.

O fato de o médico não considerar a situação um caso perdido ou não ter dito que tudo estaria acabado dali a poucas horas foi no início recebido pela maioria dos presentes como algo que superava suas expectativas, e pode-se imaginar o êxtase provocado por tal boa notícia, a alegria silenciosa e profunda que deles se apoderou após algumas fervorosas exclamações de gratidão aos céus.

Anne teve certeza de que jamais iria esquecer o tom e a expressão com os quais o capitão Wentworth pronunciou as palavras “Graças a Deus!”. Tampouco iria esquecer a visão que teve dele pouco depois, sentado junto a uma mesa e nela apoiado sobre os braços cruzados, com o rosto escondido, como quem está dominado por muitos sentimentos diversos da alma e tenta acalmá-los por meio de prece e reflexão.

Os membros de Louisa haviam sido poupados. O único ferimento era o da cabeça.

Fez-se então necessário para o grupo pensar em qual seria a melhor atitude a tomar em relação à situação geral. Agora podiam conversar uns com os outros e deliberar sobre o assunto. Não havia dúvida de que Louisa teria de permanecer onde estava, por mais incomodados que estivessem os seus amigos em dar tanto trabalho assim ao casal Harville. Transportá-la era impossível. Os Harville calaram todos os protestos e, até onde conseguiram, todas as demonstrações de gratidão. Já tinham previsto e providenciado tudo antes de os outros sequer começarem a pensar. O capitão Benwick teria que abrir mão de seu quarto e arrumar outro lugar para dormir. E tudo ficou assim acertado. A única coisa que os preocupava era o fato de não caberem mais pessoas na casa; no entanto, talvez “pondo as crianças para dormir no quarto da empregada ou encaixando um berço em algum lugar”, mal podiam conceber a ideia de não encontrar espaço para mais duas ou três pessoas, caso estas fossem querer ficar, isso apesar de, no que tangia ao estado da srta. Musgrove, não ser preciso haver qualquer preocupação quanto a deixá-la inteiramente sob os cuidados da sra. Harville. A sra. Harville era uma enfermeira muito experiente, assim como a sua ama-seca e criada, que já morava com ela havia muito tempo e a acompanhara

por toda parte. Com as duas, Louisa não poderia desejar melhores cuidados, fosse à noite ou durante o dia. E tudo isso foi dito com uma franqueza e uma sinceridade de sentimentos irresistíveis.

Charles, Henrietta e o capitão Wentworth estavam conversando os três, e durante algum tempo tudo que conseguiram trocar foram exclamações de perplexidade e horror. "Uppercross, alguém precisa voltar para Uppercross… alguém precisa dar a notícia… como dar essa notícia ao sr. e à sra. Musgrove… a manhã já está bem adiantada… já se passou uma hora desde que deveríamos ter partido… será impossível chegar numa hora aceitável." No início, não conseguiram tomar nenhuma outra providência em relação ao assunto que não soltar essas exclamações, mas depois de algum tempo o capitão Wentworth fez um esforço e disse:

– Precisamos tomar uma decisão, e sem perder mais nenhum minuto. Cada minuto faz diferença. Alguém precisa decidir partir para Uppercross agora mesmo. Musgrove, um de nós dois deve ir.

Charles concordou, mas declarou sua intenção de não sair dali. Trataria de incomodar o menos possível o capitão e sra. Harville, mas não podia nem iria deixar a irmã no estado em que esta se encontrava. Isso ao menos ficou decidido, e Henrietta de início declarou a mesma coisa. Ela, porém, foi logo convencida a pensar de outra forma. Que utilidade havia em ficar ali? Ela, que não fora nem sequer capaz de permanecer no mesmo quarto com Louisa sem ser acometida por sintomas que a tornavam inútil, menos do que inútil! Henrietta foi então forçada a admitir que não poderia ter qualquer utilidade, mas continuou resistindo à ideia de partir até que, ao pensar no pai e na mãe, cedeu: aceitou ir embora, e mostrou-se ansiosa para voltar para casa.

O plano havia chegado a esse ponto quando Anne, que descia em silêncio do quarto de Louisa, não pôde evitar ouvir o que se seguiu, uma vez que a porta da antessala estava aberta.

– Então está decidido, Musgrove – exclamou o capitão Wentworth. – O senhor fica, e eu levo sua irmã de volta para casa. Quanto ao resto, quanto aos outros, se alguém deve ficar aqui para ajudar a sra. Harville, acho que só deve ser uma pessoa. A sra. Charles Musgrove naturalmente irá querer voltar para junto dos filhos, mas se Anne aceitar ficar, não há ninguém mais adequado nem mais capaz do que ela.

Anne estacou por um instante para se recuperar da emoção de ouvir tais palavras ditas a seu respeito. Os outros dois concordaram calorosamente com o que o capitão acabara de dizer, e ela então apareceu.

– A senhorita ficará, tenho certeza de que ficará para cuidar dela – exclamou ele, virando-se em sua direção e falando com um arrebatamento, mas ao

mesmo tempo com uma delicadeza que quase pareceram reviver o passado. Ela corou profundamente, e ele se controlou e se afastou. Ela então se pronunciou muito disposta, pronta e contente em permanecer ali.

– Era isso que eu estava pensando, e torcendo para que me deixassem fazer. Uma cama no chão do quarto de Louisa bastará para mim, se a sra. Harville não se importar.

Faltava apenas uma coisa para tudo ficar organizado. Embora fosse um tanto desejável que o sr. e a sra. Musgrove ficassem previamente alarmados por um certo atraso, o tempo necessário para os cavalos de Uppercross levarem Henrietta e o capitão Wentworth de volta até lá seria um prolongamento cruel dessa incerteza, e o capitão Wentworth então sugeriu, e Charles Musgrove concordou, que seria muito melhor ele alugar uma *chaise* da hospedaria e deixar que a do sr. Musgrove fosse despachada para casa na manhã seguinte bem cedo, quando haveria a vantagem suplementar de poderem transmitir o relato de como Louisa havia passado a noite.

O capitão Wentworth então saiu para preparar tudo o que lhe cabia, e para ser logo seguido pelas duas senhoras. Quando o plano foi comunicado a Mary, contudo, toda a concórdia em relação a ele se extinguiu. Ela demonstrou forte desagrado, forte veemência, e reclamou muito da injustiça de esperarem que ela fosse embora em lugar de Anne; Anne, que não era nem sequer parente de Louisa, enquanto ela era sua irmã e tinha mais do que ninguém o direito de substituir Henrietta! Por que não poderia ser tão útil quanto Anne? Além disso, voltar para casa sem Charles, seu marido! Não, era cruel demais. Em resumo, ela disse mais do que o marido pôde suportar e, como nenhum dos outros pôde se opor depois de ele ceder, não houve remédio: a troca de Anne por Mary foi inevitável.

Em ocasião nenhuma Anne havia se submetido com mais relutância aos pedidos ciumentos e injustificados de Mary, mas não houve jeito, e assim partiram os quatro rumo à cidade, Charles amparando a irmã enquanto o capitão Benwick amparava Anne. Por alguns instantes, enquanto caminhavam apressados, ela recordou as circunstâncias detalhadas que os mesmos locais haviam testemunhado mais cedo nesse mesmo dia. Ali ela havia escutado os planos de Henrietta para a partida do dr. Shirley de Uppercross; mais adiante, tinha visto o sr. Elliot pela primeira vez. Um mero instante parecia ser tudo o que era possível dedicar a outro tema que não Louisa ou aqueles envolvidos em seu bem-estar.

O capitão Benwick se mostrou muito atencioso e prestativo com Anne e, unidos como estavam pela angústia daquele dia, ela sentiu por ele uma simpatia crescente, e a simples ideia de que talvez aquela fosse uma oportunidade para

tornarem a se encontrar lhe deu prazer.

O capitão Wentworth os aguardava junto a uma *chaise* puxada por quatro cavalos e estacionada, para seu conforto, no trecho mais baixo da rua; mas a evidente surpresa e irritação diante da substituição de uma irmã pela outra, a mudança de postura, o espanto, as expressões surgidas e logo reprimidas com as quais ele ouviu as palavras de Charles, tudo isso constituiu para Anne uma recepção das mais constrangedoras, ou pelo menos a convenceu de que ela só tinha valor pela utilidade que poderia ter junto a Louisa.

Ela procurou manter a calma e ser justa. Sem querer imitar os sentimentos de uma Emma por seu Henry, teria cuidado de Louisa pelo bem do capitão Wentworth com um zelo superior ao que recomenda a consideração, e esperava que ele não fosse tão injusto a ponto de pensar que ela se eximiria sem motivo dos deveres de uma amiga.

Enquanto isso, ela embarcou na carruagem. Depois de ajudar as duas jovens a subir, ele se acomodou entre elas; e foi assim, sob essas circunstâncias carregadas de espanto e emoção para Anne, que ela deixou Lyme. Era incapaz de prever como correria a longa viagem, nem como esta iria afetar seu comportamento, nem qual seria a natureza de sua relação. No entanto, tudo correu de forma bem natural. O capitão Wentworth mostrou-se muito atencioso com Henrietta, virou-se diversas vezes em sua direção, e, quando falava, o que era raro, era sempre com a intenção de avivar suas esperanças e melhorar seu ânimo. De modo geral, sua voz e seus modos exibiam uma calma calculada. Poupar Henrietta de qualquer agitação parecia ser o principal objetivo. Somente uma vez, quando ela se lamentava daquele último passeio inoportuno e malfadado até o Quebra-Mar, lastimando amargamente que este nem sequer tivesse sido cogitado, ele exclamou, como quem perde o controle:

– Nem me fale, nem me fale. Ah, Deus meu, se eu não houvesse cedido à vontade de Louisa no instante fatal! Se tivesse feito o que devia! Mas ela parecia tão ansiosa, tão decidida. Cara e doce Louisa!

Anne se perguntou se agora lhe ocorreria questionar a propriedade de sua opinião anterior com relação à felicidade e à vantagem universal da firmeza de caráter, ou se talvez ele não pensasse que, assim como todas as outras virtudes da mente, esta precisava ter a sua proporção e os seus limites. Em sua opinião, era quase impossível ele não perceber que um temperamento maleável podia às vezes favorecer tanto a felicidade quanto um caráter muito decidido.

Eles avançaram depressa. Anne ficou pasma ao reconhecer tão cedo as mesmas colinas e os mesmos objetos. A velocidade real, aguçada por uma certa apreensão em relação à conclusão da viagem, fez a estrada parecer ter apenas metade da extensão que tinha na véspera. No entanto, a noite já caía quando eles

chegaram aos arredores de Uppercross, e a essa altura um silêncio total já reinava entre eles havia algum tempo, e Henrietta estava recostada no canto com o rosto coberto por um xale, fazendo os outros torcerem para ter adormecido de tanto chorar. Então, quando estavam subindo a última colina, Anne se viu abordada de súbito pelo capitão Wentworth. Com uma voz baixa e cautelosa, ele disse:

– Tenho pensado no que seria melhor fazermos. Henrietta não deve aparecer logo no início. Ela não iria suportar. Estive pensando se não seria melhor a senhorita ficar na carruagem junto com ela enquanto eu entro para dar a notícia ao sr. e à sra. Musgrove. Acha que é um bom plano?

Ela achava que sim; sua resposta o satisfez, e ele não disse mais nada. Mas a lembrança daquele apelo permaneceu para ela como um prazer, uma prova de amizade, uma deferência à sua faculdade de juízo, um grande prazer; e, quando elas se revelaram uma espécie de reconhecimento da separação deles, nem assim seu valor diminuiu.

Uma vez encerrada a difícil missão de dar a notícia em Uppercross, e depois de deixar o pai e a mãe tão tranquilos quanto possível, e a filha revigorada por estar em sua companhia, o capitão Wentworth anunciou sua intenção de usar a mesma carruagem para voltar para Lyme; e, assim que os cavalos foram alimentados, ele partiu.

FIM DO LIVRO I

LIVRO II

CAPÍTULO 1

O restante da estada de Anne em Uppercross, que consistiu em apenas dois dias, foi passado sem sair da Casa Grande; e ela teve a satisfação de perceber que era extremamente útil ali, tanto como companhia imediata quanto para ajudar com todas as providências para o futuro que, com o estado de espírito angustiado do sr. e da sra. Musgrove, teriam constituído dificuldades.

Na manhã seguinte, receberam bem cedo notícias de Lyme. O estado de Louisa permanecia igual. Não surgira nenhum sintoma pior do que os anteriores. Algumas horas depois, Charles chegou trazendo um relato posterior e mais detalhado. Estava razoavelmente alegre. Não era de se esperar um pronto restabelecimento, mas tudo estava correndo tão bem quanto a natureza do caso permitia esperar. Ao falar dos Harville, ele pareceu incapaz de expressar o próprio apreço pela gentileza do casal, e em especial pelos esforços da sra. Harville como enfermeira. "Ela não havia deixado nada mesmo a cargo de Mary. Ele e Mary tinham sido convencidos a voltar para sua hospedaria no início da noite anterior. Naquela manhã, Mary tivera outro ataque histérico. Quando Charles partira, ela estava prestes a ir dar um passeio com o capitão Benwick, passeio este que ele torcia fosse lhe fazer bem. Quase desejava que ela pudesse ter sido convencida a voltar para casa na véspera, mas a verdade era que a sra. Harville não deixava nada a cargo de ninguém."

Charles iria voltar para Lyme na mesma tarde, e seu pai inicialmente se mostrou inclinado a acompanhá-lo, mas as senhoras não concordaram. O fato de ele ir só faria aumentar o trabalho dado aos outros e intensificar sua própria preocupação; pelo contrário, um plano muito melhor foi decidido e aplicado. Mandou-se buscar uma carruagem em Crewkherne, e Charles levou consigo uma pessoa muito mais útil à situação: tratava-se da velha ama-seca dos Musgrove que, depois de ter criado todos os filhos da família e visto o último deles, o indolente e superprotegido Harry, despachado para a escola após os irmãos, morava agora no quarto de crianças deserto onde passava o tempo remendando meias e fazia curativos em todas as bolhas e hematomas que pudesse encontrar, e que, consequentemente, ficou muito feliz em poder partir para ajudar a cuidar da querida srta. Louisa. Um vago desejo de mandar Sarah para Lyme já havia ocorrido antes à sra. Musgrove e a Henrietta mas, sem Anne, a decisão não teria chegado a ser tomada, nem teria se tornado praticável tão cedo.

No dia seguinte, eles se viram em dívida para com Charles Hayter por todas as detalhadas informações relativas a Louisa que era tão essencial obter a cada

vinte e quatro horas. Ele fez questão de ir até Lyme, e as notícias que trouxe também foram encorajadoras. O consenso era que os intervalos de lucidez e consciência estavam ficando maiores. Todos os relatos confirmavam que o capitão Wentworth parecia ter fixado residência em Lyme.

Anne iria deixá-los no dia seguinte, acontecimento que todos aguardavam com apreensão. "O que iriam fazer sem ela? Não lhes restaria o menor reconforto." E tanto foi dito nesse sentido que Anne julgou não poder fazer nada melhor a não ser lhes comunicar a inclinação generalizada de que tinha conhecimento, e persuadir todos a partirem imediatamente para Lyme. Teve pouca dificuldade em fazê-lo: logo ficou decidido que todos iriam, que partiriam no dia seguinte, que ficariam na hospedaria ou então alugariam outros aposentos, o que fosse mais conveniente, e lá ficariam até a querida Louisa poder ser transportada. Precisavam poupar algum incômodo às boas pessoas em cuja casa ela estava agora; pelo menos poderiam poupar à sra. Harville os cuidados com a própria filha; em suma, os Musgrove ficaram tão felizes com a decisão que Anne se encantou com o que havia feito, e sentiu que não poderia passar sua última manhã em Uppercross fazendo coisa melhor que ajudar com os preparativos e despachá-los logo cedo, embora a consequência tenha sido que foi deixada sozinha na casa vazia.

Com exceção dos dois meninos no chalé, ela era a última, a última mesmo, a única remanescente de todas as pessoas que haviam povoado e alegrado ambas as casas, de tudo o que havia conferido a Uppercross sua animação. Uns poucos dias, mas quantas mudanças!

Caso Louisa se recuperasse, tudo voltaria a ficar bem. Uma felicidade maior até do que a anterior seria restaurada. Não podia haver dúvida, e na mente de Anne não havia nenhuma, do que iria acontecer após o restabelecimento. Dali a alguns meses, aquela sala agora tão deserta, ocupada apenas por ela própria, calada e pensativa, talvez estivesse novamente cheia de coisas felizes e alegres, de tudo aquilo que reluzia e brilhava na prosperidade do amor, de tudo aquilo que era tão diferente de Anne Elliot!

Uma hora de completo lazer para divagações desse tipo em um escuro dia de novembro, enquanto uma grossa chuva borrava os poucos objetos que se podia ver pelas janelas, bastou para tornar o som da carruagem de Lady Russell extremamente bem-vindo; no entanto, embora Anne quisesse partir, não foi capaz de deixar a Casa Grande, nem de lançar a Uppercross Cottage um olhar de adeus ou nem sequer de observar através das vidraças embaçadas as últimas humildes casas do vilarejo sem que seu coração se entristecesse. Algumas cenas ocorridas em Uppercross tornavam o lugar precioso. Ele permanecia como registro de muitas sensações de dor, outrora intensas, mas agora mais brandas, e de algumas ocasiões de indulgência, de trégua amigável e de reconciliação que

nunca mais poderiam ser esperadas, e que jamais deixariam de ser preciosas. Ela deixou tudo para trás, tudo a não ser a lembrança de que essas coisas haviam ocorrido.

Anne não entrava em Kellynch desde que saíra da casa de Lady Russell, em setembro. Não houvera necessidade para tal, e ela dera um jeito de evitar e escapar das poucas ocasiões em que lhe fora possível ir à sua antiga propriedade. A primeira vez em que lá voltou foi para tornar a ocupar o lugar que era seu nos modernos e elegantes aposentos de Kellynch Lodge, e alegrar os olhos da senhora da casa.

A alegria de Lady Russell em revê-la se confundia com uma certa ansiedade. Sua amiga sabia quem andava frequentando Uppercross. Felizmente, porém, ou Anne havia engordado um pouco e ficado mais bonita, ou então Lady Russell a apreciava por demais: o fato é que Anne, ao receber seus elogios quando as duas se reencontraram, pôde se divertir relacionando-os à silenciosa admiração de seu primo, e torcendo para ser abençoada com uma segunda primavera de juventude e beleza.

Quando as duas começaram a conversar, Anne logo percebeu uma mudança mental em si mesma. Os assuntos que ocupavam seu coração ao deixar Kellynch, e que ela sentira desprezados e fora convencida a reprimir na companhia dos Musgrove, haviam agora se transformado em um interesse menor. Ultimamente, ela havia até mesmo parado de acompanhar as notícias do pai, da irmã e de Bath. As preocupações a eles relacionadas tinham sido engolidas pelas de Uppercross, e, quando Lady Russell recomeçou a falar sobre suas antigas esperanças e temores, manifestando sua satisfação com a casa de Camden Place que eles haviam alugado e sua tristeza pelo fato de a sra. Clay ainda estar em sua companhia, Anne teria ficado envergonhada caso alguém soubesse com quanto mais interesse estava pensando em Lyme e em Louisa Musgrove, bem como em todos os conhecidos de lá; o quão mais interessante eram para ela a casa e a amizade dos Harville e do capitão Benwick do que a casa do próprio pai em Camden Place ou a intimidade da irmã com a sra. Clay. Na realidade, foi obrigada a fazer um grande esforço para reagir ao que Lady Russell dizia com algo semelhante a uma solicitude equivalente em relação a assuntos que, por natureza, deveriam interessála em primeiro lugar.

No início, houve um certo constrangimento em sua conversa sobre outro assunto. Era preciso falar sobre o acidente ocorrido em Lyme. Na véspera, mal haviam se passado cinco minutos desde a chegada de Lady Russell quando um relato completo lhe tinha sido feito; ainda assim, era preciso falar a respeito, ela precisava fazer perguntas, lamentar a imprudência, deplorar o resultado, e o nome do capitão Wentworth devia ser mencionado por ambas. Anne teve consciência de não fazê-lo tão bem quanto Lady Russell. Foi incapaz de

pronunciar aquele nome e encarar a amiga nos olhos antes de lançar mão do estratagema de lhe contar rapidamente o que pensava do relacionamento entre ele e Louisa. Uma vez isso feito, o nome parou de angustiá-la.

A Lady Russell só restou escutar comportadamente e desejar boa sorte ao casal, mas no fundo seu coração se agitava com um prazer zangado, com prazeroso desespero, ao pensar que o homem que, aos vinte e três anos, parecera compreender ainda que parcialmente o valor de uma moça como Anne Elliot, estava agora, oito anos depois, encantado com uma moça como Louisa Musgrove.

Os primeiros três ou quatro dias transcorreram com grande tranquilidade, sem qualquer ocorrência digna de nota a não ser a chegada de um ou dois recados de Lyme enviados para Anne, ela não sabia como, que traziam relatos um tanto mais animadores sobre Louisa. Ao final desse período, a boa educação de Lady Russell não pôde mais continuar adormecida, e as admoestações mais brandas que ela antes fazia a si mesma ganharam o tom mais firme de "Preciso visitar a sra. Croft; realmente preciso ir visitá-la logo. Anne, você teria coragem de ir comigo e fazer uma visita à casa? Não será fácil para nenhuma de nós duas."

Anne não se esquivou; pelo contrário, realmente sentia o que dizia ao observar:

– Acho que a senhora muito provavelmente vai sofrer mais do que eu: seus sentimentos estão menos conformados com a mudança do que os meus. Por ter ficado aqui na região, eu já me acostumei.

E poderia ter dito ainda mais sobre o assunto, pois na verdade tinha os Croft em tão alta estima, e considerava o pai tão afortunado na escolha de seus inquilinos, e tinha tanta certeza de que a paróquia disporia de um bom exemplo e os pobres da mais esmerada atenção e auxílio, que, por mais desapontada e envergonhada que estivesse com a necessidade da mudança, não podia em sã consciência ter outra sensação que não a de que aqueles que haviam partido não mereciam ficar, e de que Kellynch Hall estava agora em melhores mãos do que as de seus donos. Sem dúvida alguma, essas convicções vinham acompanhadas de dor, e esta era aguda; mas pelo menos impediam a dor que Lady Russell sentiria ao entrar novamente na casa e tornar a atravessar seus cômodos tão conhecidos.

Em momentos assim, Anne não tinha forças para dizer a si mesma: "Estes cômodos deveriam pertencer somente a nós. Ah, que desgraça para eles! Que ocupação mais indigna! Uma família tão antiga, expulsa dessa forma! E seu lugar ocupado por desconhecidos!" Não, isso não acontecia; exceto quando pensava na mãe, e quando se lembrava de onde ela costumava se sentar e gerir a casa, não tinha qualquer suspiro dessa natureza para dar.

A sra. Croft sempre a tratara com uma gentileza que lhe dava o prazer de se considerar uma favorita, e, nessa ocasião, ao recebê-la naquela casa, a atenção

foi redobrada.

O triste acidente ocorrido em Lyme logo se tornou o assunto dominante, e, ao compararem as últimas notícias que haviam recebido da inválida, ficou aparente que cada uma das senhoras havia recebido a sua informação na mesma hora da manhã da véspera; que o capitão Wentworth estivera em Kellynch também na véspera (pela primeira vez desde o acidente), e que fora ele quem trouxera o último recado para Anne, recado este do qual ela não havia conseguido rastrear a origem; que ele havia passado algumas horas ali, e em seguida voltado para Lyme, e que agora não tinha qualquer intenção de sair de lá outra vez. Ela descobriu especificamente que ele havia pedido notícias: afirmara esperar que a srta. Elliot não estivesse demasiado cansada devido aos seus esforços, aos quais se referiu como intensos. Era um belo elogio, que despertou em Anne mais prazer do que quase qualquer outra coisa poderia ter despertado.

Quanto à catástrofe em si, ela só podia ser discutida em um estilo por duas mulheres ponderadas e sensatas, cujo juízo trabalhava com acontecimentos reais; e ficou decidido, sem hesitação, que a catástrofe se devia a muita insensatez e muita imprudência; que suas consequências eram das mais alarmantes, e que era terrível pensar por quanto tempo ainda pairariam dúvidas sobre a recuperação da srta. Musgrove, e o quão predisposta ela ainda ficaria a sofrer posteriormente com a concussão! O almirante resumiu tudo exclamando:

– Ah, sim, uma história terrível, de fato. Uma novidade e tanto, não é mesmo, srta. Elliot? Um rapaz fazer a corte a uma moça quebrando a sua cabeça. É isso que se chama de morder e assoprar!

Os modos do almirante Croft não tinham um tom que fosse do inteiro agrado de Lady Russell, mas encantaram Anne. A bondade de seu coração e a simplicidade de seu caráter eram irresistíveis.

– Deve ser muito ruim para a senhorita vir aqui e nos encontrar morando nesta casa – disse ele, despertando subitamente de um pequeno enleio. – Confesso que não havia pensado nisso antes, mas deve ser muito ruim. Mas vamos, não faça cerimônia. Se quiser, pode se levantar e percorrer todos os cômodos da casa.

– Muito agradecida, senhor, mas em outra hora; agora não.

– Bem, quando quiser. Pode entrar na casa pelo lado dos arbustos a qualquer hora, e lá vai ver que guardamos nossos guarda-chuvas pendurados naquela porta. É um bom lugar, não acha? Mas – voltando atrás – a senhorita não vai achar que é um lugar bom, pois os seus guarda-chuvas ficavam sempre pendurados no quarto do mordomo. Enfim, é sempre assim, acho eu. As manias de um homem podem ser tão boas quanto as de qualquer outro, mas sempre gostamos mais das nossas; de modo que a senhorita poderá julgar por si mesma se seria melhor percorrer a casa ou não.

Ao ver que poderia recusar o convite, Anne o fez com muito gosto.

– Aliás, fizemos muito poucas mudanças – prosseguiu o almirante, depois de pensar por alguns instantes. – Muito poucas. Já lhe falamos em Uppercross sobre a porta da lavanderia. Essa foi uma melhoria de grande importância. O mais espantoso é pensar como qualquer família do mundo pôde suportar por tanto tempo o incômodo de uma porta se abrindo daquele jeito! A senhorita dirá a Sir Walter o que fizemos, e que o sr. Shepherd julga que essa foi a maior melhoria que a casa já teve. De fato, devo fazer justiça a nós mesmos e dizer que as poucas alterações que fizemos foram muito para melhor. No entanto, o crédito cabe à minha mulher. Eu fiz muito pouco além de tirar do meu quarto de vestir alguns dos espelhos maiores que pertenciam ao seu pai. Um homem excelente, e um completo cavalheiro, tenho certeza, mas, na minha opinião, srta. Elliot – parecendo refletir seriamente –, acho que ele deve ser um homem bastante vaidoso para a sua idade. Quantos espelhos! Meu Deus! Eu não tinha como fugir do meu próprio reflexo. Então pedi a Sophy para me dar uma ajudinha, e nós logo mudamos os espelhos de lugar; e agora estou bem à vontade com meu pequeno espelho de barbear em um canto e um outro enorme do qual nunca me aproximo.

Anne, que estava achando graça ainda que a contragosto, não soube o que responder, e o almirante, temendo não ter sido suficientemente educado, retomou o assunto dizendo:

– Da próxima vez em que escrever para o seu pai, srta. Elliot, queira por favor transmitir a ele meus cumprimentos e os da sra. Croft, e dizer que estamos muito bem instalados aqui, e que não encontramos defeito algum na casa. A chaminé da sala de desjejum solta um pouco de fumaça, reconheço, mas só quando o vento está soprando para o norte e com força, o que só acontece umas três vezes a cada inverno. E, somando tudo, agora que já visitamos a maioria das casas das redondezas e podemos julgar, não há nenhuma que nos agrade mais do que esta. Queira, por favor, dizer isso a ele, com meus cumprimentos. Ele ficará feliz em saber.

Lady Russell e a sra. Croft estavam muito satisfeitas uma com a outra, mas a relação iniciada com essa visita estava fadada a não ir muito longe por enquanto, pois, quando o convite foi retribuído, os Croft anunciaram que iriam se ausentar por algumas semanas para visitar parentes no norte do condado, e provavelmente não voltariam para casa antes de Lady Russell partir para sua temporada em Bath.

Assim se encerrou qualquer perigo de Anne encontrar o capitão Wentworth em Kellynch Hall ou vê-lo na companhia de sua amiga. Não havia risco nenhum, e ela sorriu ao pensar nas muitas sensações de ansiedade que havia desperdiçado com o tema.

CAPÍTULO 2

Embora Charles e Mary tenham ficado muito mais tempo em Lyme depois da chegada do sr. e da sra. Musgrove do que Anne considerava desejável por quem quer que fosse, mesmo assim foram os primeiros da família a voltar para casa; e, assim que possível após seu retorno a Uppercross, o casal foi fazer uma visita a Kellynch Lodge. Quando haviam partido, Louisa estava começando a se sentar, mas sua mente, embora lúcida, estava extremamente fraca, e os nervos suscitavam os cuidados mais esmerados possíveis; e, embora se pudesse dizer que ela de modo geral estava passando bastante bem, ainda assim era impossível afirmar quando seria capaz de suportar a mudança para casa; e seu pai e sua mãe, que precisavam voltar a tempo de receber os filhos mais novos para o feriado de Natal, não tinham quase nenhuma esperança de poder levá-la consigo.

Todos haviam ficado hospedados juntos. A sra. Musgrove tirara os filhos da sra. Harville de casa pelo máximo de tempo que pudera, e todos os mantimentos possíveis tinham sido mandados de Uppercross para diminuir o incômodo causado aos Harville, que, por sua vez, os convidaram para jantar todas as noites; em suma, parecia haver um embate de parte a parte para saber qual dos dois casais era mais generoso e mais hospitaleiro.

Mary sofrera as suas mazelas; mas, de modo geral, como ficou evidente pelo fato de lá permanecer por tanto tempo, encontrara mais motivos para se divertir do que para sofrer. Charles Hayter passara mais tempo em Lyme do que ela julgava adequado e, quando iam jantar na casa dos Harville, havia apenas uma criada servindo à mesa, e no início a sra. Harville sempre dava a primazia à sra. Musgrove; depois, no entanto, Mary recebera um pedido de desculpas tão obsequioso quando a sra. Harville descobrira quem era o seu pai, e todos os dias haviam sido tão cheios de acontecimentos, houvera tantas caminhadas entre a casa em que estavam hospedados e a dos Harville, e ela pegara livros emprestados na biblioteca e os trocara com tanta frequência que a balança decerto fora favorável a Lyme. Mary também tinha sido levada até Charmouth, onde tinha se banhado e ido à missa, e havia muito mais gente para observar na igreja de Lyme do que na de Uppercross; e tudo isso, unido à sensação de estar sendo tão útil, tornara a sua estada de duas semanas realmente agradável.

Anne pediu notícias do capitão Benwick. O semblante de Mary se anuviou no mesmo instante. Charles riu.

– Ah, o capitão Benwick vai muito bem, acredito, mas é um rapaz muito estranho. Nunca sei o que está pensando. Nós o convidamos a voltar para casa conosco e passar um ou dois dias aqui; Charles se comprometeu a levá-lo para

caçar, e ele pareceu deveras encantado, e eu, por minha parte, pensei que estivesse tudo combinado, mas não! Na noite de terça-feira, ele deu uma desculpa bem esfarrapada, dizendo que "nunca caçara" e que fora "muito malcompreendido", e que havia prometido isso e aquilo, e no final das contas descobri que não tinha a intenção de nos acompanhar. Acho que estava com medo de achar a visita maçante, mas juro que pensava que nós aqui no chalé fôssemos animados o suficiente para um homem de coração partido como o capitão Benwick.

Charles tornou a rir e disse:

– Ora, Mary, você sabe muito bem o que de fato aconteceu. Foi tudo culpa sua (virando-se para Anne). Ele imaginou que, se viesse conosco, iria encontrá-la morando aqui perto; achava que todo mundo morasse em Uppercross e, quando descobriu que Lady Russell morava a quase cinco quilômetros de distância, ficou desapontado, e não teve coragem de vir. É essa a verdade, juro por minha honra. E Mary sabe que é.

Mary, porém, não aceitou a explicação de muito bom grado, ou porque não considerava o capitão Benwick, devido à sua origem e à sua situação, digno de estar apaixonado por uma Elliot, ou então por não querer acreditar que Anne constituísse um atrativo maior do que ela própria em Uppercross; não era possível saber. A simpatia de Anne, porém, não foi em nada diminuída pelo que ela ouviu. Ela se declarou abertamente lisonjeada, e prosseguiu com as perguntas.

– Ah, ele fala a seu respeito, fala a seu respeito em termos que… – exclamou Charles. Mary o interrompeu.

– Charles, eu não o ouvi mencionar o nome de Anne nem duas vezes sequer durante todo o tempo que passei lá. Anne, estou lhe dizendo, ele nunca fala em você.

– Não, realmente que eu saiba não fala, de modo geral – admitiu Charles –, mas está bem claro que ele a admira muitíssimo. Está com a cabeça inteiramente ocupada por alguns livros que está lendo segundo sua recomendação, e quer conversar com você a respeito; descobriu não sei que coisa em um desses livros que acha que… ah, não vou conseguir me lembrar, mas era alguma coisa muito interessante… Eu o entreouvi comentando a respeito com Henrietta, e depois ele mencionou "a srta. Elliot" nos termos mais elogiosos possíveis! Afirmo que foi assim, Mary, eu mesmo escutei, e você estava em outro aposento. "Elegância, doçura, beleza." Ah, os charmes da srta. Elliot não tinham limites!

– E estou certa de que isso em nada contribui para a sua honra caso ele realmente tenha dito essas coisas – exclamou Mary em um tom arrebatado. – A

srta. Harville morreu faz muito pouco, em junho passado. Um coração assim não vale quase nada, a senhora não acha, Lady Russell? Tenho certeza de que irá concordar comigo.

– Tenho que ver o capitão Benwick antes de decidir – respondeu Lady Russell com um sorriso.

– E é provável que o veja muito em breve, posso lhe garantir – disse Charles. – Embora ele não tenha tido coragem para vir conosco e partir novamente para lhes fazer uma visita formal, algum dia virá a Kellynch sozinho, pode ter certeza. Eu lhe informei sobre a distância e a estrada, e falei-lhe sobre a igreja que tanto vale visitar, pois, como ele aprecia esse tipo de coisa, pensei que seria um bom pretexto, e ele me escutou com toda a compreensão e sinceridade de que foi capaz; e tenho certeza, pelo seu comportamento, de que a senhora logo o verá por aqui. Pode ficar avisada, Lady Russell.

– Qualquer conhecido de Anne será sempre bem-vindo em minha casa – foi a educada resposta de Lady Russell.

– Ah, quanto a ele ser um conhecido de Anne – disse Mary –, acho que é mais um conhecido meu, pois passei as últimas duas semanas encontrando-o todos os dias.

– Bem, que seja então: como conhecido de vocês duas, ficarei muito feliz em ver o capitão Benwick.

– Garanto à senhora que não irá encontrar nada de muito agradável em sua pessoa. Ele é um dos rapazes mais sem graça que jamais existiram. Passeou algumas vezes comigo de uma ponta à outra da praia sem dizer uma palavra sequer. Não é de forma alguma um rapaz bem-criado. Tenho certeza de que não vai gostar dele.

– Nisso nós duas não concordamos, Mary – disse Anne. – Acho que Lady Russell gostaria dele, sim. Acho que ficaria tão encantada com seu espírito que logo não veria qualquer deficiência em seus modos.

– Também acho, Anne – concordou Charles. – Tenho certeza de que Lady Russell gostaria dele. Ele é bem o tipo de rapaz que agrada a Lady Russell. Basta lhe dar um livro, e ele passa o dia inteiro lendo.

– Ah, sim, isso sim! – exclamou Mary com sarcasmo. – Ele é capaz de ficar sentado, mergulhado em seu livro, e nem sequer perceber quando alguém lhe dirige a palavra ou quando alguém deixa cair a tesoura ou qualquer outra coisa que aconteça. Acha que Lady Russell iria gosta disso?

Lady Russell não pôde reprimir uma risada.

– Por mais que me considere uma pessoa equilibrada e realista – disse ela –, juro que jamais teria imaginado que o meu julgamento a respeito de alguém

fosse admitir conjecturas tão diversas. Estou mesmo curiosa para conhecer essa pessoa capaz de gerar opiniões tão diametralmente opostas. Gostaria que ele fosse convencido a nos fazer uma visita. E quando isso acontecer, Mary, pode estar certa de que irá ouvir minha opinião; mas estou determinada a não julgá-lo antes disso.

– A senhora não vai gostar dele; eu lhe garanto.

Lady Russell começou a falar de outra coisa. Mary relatou animadamente seu encontro com o sr. Elliot, ou melhor, o fato de terem se desencontrado dele de forma tão extraordinária.

– Pois aí está um homem que não tenho a menor vontade de conhecer – disse Lady Russell. – O fato de ele ter se recusado a manter relações cordiais com o chefe da própria família me deixou uma impressão fortemente desfavorável a seu respeito.

Tal afirmação neutralizou a animação de Mary e a fez interromper o relato bem quando estava se referindo ao porte dos Elliot.

Com relação ao capitão Wentworth, embora Anne não tenha se atrevido a fazer qualquer pergunta, as informações espontâneas foram suficientes. Ele havia recuperado bastante o ânimo nos últimos tempos, como seria de se esperar. À medida que Louisa ia melhorando, ele também melhorava, e era agora um homem muito diferente do que tinha sido na primeira semana. Não tinha visitado Louisa; e tinha tanto medo de qualquer consequência nefasta que um encontro pudesse causar a ela que não insistiu de forma alguma para vê-la, muito pelo contrário, parecia estar planejando se ausentar por uma semana ou dez dias, até a cabeça da moça estar mais forte. Havia falado em descer até Plymouth por uma semana, e queria convencer o capitão Benwick a acompanhá-lo; porém, como Charles continuou afirmando até o fim, o capitão Benwick parecia muito mais inclinado a ir a Kellynch.

Não restam dúvidas de que, a partir desse dia, tanto Lady Russell quanto Anne pensaram algumas vezes no capitão Benwick. Lady Russell não podia escutar a campainha sem sentir que talvez fosse um mensageiro anunciando sua vinda; e Anne tampouco podia voltar de algum passeio solitário e agradável pela propriedade do pai ou de alguma visita de caridade à aldeia sem imaginar se iria vê-lo ou ter notícias suas. O capitão Benwick, contudo, não apareceu. Ou estava menos disposto a fazê-lo do que Charles havia suposto, ou então era demasiado tímido; e, depois de lhe conceder uma semana de indulgência, Lady Russell decidiu que ele era indigno do interesse que havia começado a suscitar.

Os Musgrove retornaram para receber seus alegres filhos e filhas em férias escolares, trazendo consigo os meninos pequenos da sra. Harville, o que aumentou ainda mais o barulho de Uppercross e diminuiu o de Lyme. Henrietta

ficou com Louisa, mas o resto da família agora ocupava outra vez seus lugares habituais.

Lady Russell e Anne foram visitá-los uma vez, e Anne não pôde evitar ter a sensação de que Uppercross havia recuperado a vida. Embora nem Henrietta, nem Louisa, nem Charles Hayter, nem o capitão Wentworth estivessem presentes, a sala não poderia apresentar um contraste mais marcante com o estado em que se encontrava da última vez em que ela a vira.

Logo em volta da sra. Musgrove estavam os pequenos Harville, que ela cuidava para proteger da tirania dos dois meninos de Uppercross Cottage, trazidos justamente para divertir os recém-chegados. De um lado havia uma mesa ocupada por algumas meninas que não paravam de conversar enquanto cortavam seda e papel dourado; do outro, cavaletes e bandejas vergados sob o peso de patês e tortas frias ao redor dos quais meninos agitados promoviam grande algazarra; tudo completado pelas labaredas de uma lareira natalina que pareciam decididas a se fazer escutar apesar de todo o barulho produzido pelos outros. Charles e Mary, naturalmente, também estavam presentes durante a visita, e o sr. Musgrove fez questão de cumprimentar Lady Russell e de passar dez minutos sentado a seu lado conversando com ela em voz bem alta, mas geralmente em vão devido à gritaria das crianças sobre seu colo. Uma bela cena de família.

Anne, a julgar por seu temperamento, teria considerado tal furacão doméstico um mau remédio para os nervos que o acidente de Louisa tanto haviam abalado. Mas a sra. Musgrove, que a fez se sentar ao seu lado de propósito para lhe apresentar seus mais cordiais agradecimentos, e isso repetidas vezes, por toda a atenção que ela lhes havia dispensado, concluiu uma curta recapitulação dos sofrimentos que ela própria havia enfrentado observando, com um olhar satisfeito ao redor da sala, que, depois de tudo por que havia passado, nada era capaz de lhe fazer tanto bem quanto um pouco de alegria tranquila em casa.

Louisa agora se recuperava a olhos vistos. Sua mãe chegava a pensar que talvez ela pudesse voltar para casa antes de seus irmãos e irmãs retornarem à escola. Os Harville haviam prometido acompanhá-la e se hospedar em Uppercross quando ela voltasse. O capitão Wentworth por ora estava ausente: tinha ido visitar o irmão em Shropshire.

– No futuro – comentou Lady Russell assim que as duas tornaram a se sentar dentro da carruagem –, preciso me lembrar de não vir a Uppercross durante as férias de Natal.

Cada um tem seu gosto pessoal em matéria de barulho, como em relação a qualquer outro tema; e os sons podem ser inofensivos ou extremamente incômodos dependendo mais de seu tipo do que de sua quantidade. Não muito tempo depois, ao chegar a Bath em uma tarde chuvosa e atravessar a longa

sequência de ruas que iam da Old Bridge até Camden Place, em meio à movimentação de outras carruagens, ao pesado ronco de carroças e carrinhos, aos gritos dos vendedores de jornais, de pão e de leite, e ao tilintar incessante das solas dos sapatos. Lady Russell não fez qualquer reclamação. Não: aqueles eram barulhos que acompanhavam os prazeres do inverno; sua influência melhorava-lhe o ânimo; e, assim como a sra. Musgrove, ela sentia, embora não o dissesse, que depois de uma longa estada no campo nada seria capaz de lhe fazer tanto bem quanto um pouco de alegria tranquila.

Anne não compartilhava esses sentimentos. Ainda nutria uma antipatia muito determinada, embora também muito silenciosa, em relação a Bath; e teve o primeiro vislumbre embaçado dos grandes prédios fumegando sob a chuva sem qualquer desejo de vê-los melhor; e sentiu que seu avanço pelas ruas, por mais desagradável que fosse, ainda assim estava excessivamente veloz; pois quem ficaria feliz em vê-la quando chegasse? E pensou com afetuosa nostalgia na agitação de Uppercross e no isolamento de Kellynch.

A última carta de Elizabeth trouxera uma notícia de algum interesse. O sr. Elliot estava em Bath. Ele havia feito uma visita a Camden Place, e depois uma segunda e uma terceira, e mostrara-se extremamente atencioso. Caso Elizabeth e o pai não estivessem enganados, ele vinha se esforçando tanto para estreitar sua convivência e declarar o valor daquele vínculo quanto antes havia se esforçado para se mostrar negligente. Se fosse mesmo verdade, isso era maravilhoso, e Lady Russell nutria em relação ao sr. Elliot uma curiosidade e perplexidade muito agradáveis, já renunciando ao sentimento que havia tão recentemente externado para Mary de que ele era "um homem que ela não tinha a menor vontade de conhecer". Estava com muita vontade de conhecê-lo. Caso ele de fato estivesse tentando se reconciliar como um membro da família cumpridor do seu dever, devia ser perdoado por ter se desgarrado da árvore paterna.

Anne não estava tão animada assim com os acontecimentos, mas sentia-se mais inclinada do que desinclinada a ver o sr. Elliot de novo, o que era mais do que podia dizer em relação a várias outras pessoas em Bath.

Ela foi conduzida até Camden Place, e Lady Russell então seguiu para seus próprios aposentos em Rivers Street.

CAPÍTULO 3

Sir Walter havia alugado uma casa muito boa em Camden Place, situada em um ponto elegante e digno, como condiz a um homem de sua importância; e tanto ele quanto Elizabeth estavam nela instalados com satisfação.

Anne adentrou a casa com o coração apertado, prevendo um aprisionamento de muitos meses e perguntando com ansiedade a si mesma: "Ah, quando irei deixar esta casa?" No entanto, um certo grau de cordialidade inesperada nas boas-vindas que recebeu lhe fez bem. O pai e a irmã ficaram felizes em revê-la, em poder lhe mostrar a casa e a mobília, e trataram-na com gentileza. O fato de ela ocupar um quarto lugar quando todos se sentaram para jantar foi considerado uma coisa boa.

A sra. Clay se mostrou muito agradável e sorridente, mas suas cortesias e sorrisos eram mais praxe do que outra coisa. Anne sempre pensara que, ao chegar a casa, iria simular a atitude adequada, mas não havia previsto a complacência dos outros. Todos os três estavam obviamente de excelente humor, e ela não demorou a conhecer o motivo. Nenhum dos três demonstrou qualquer inclinação para escutá-la. Depois de tentar forçar algum elogio de que estivessem fazendo muita falta em sua antiga vizinhança, elogio este que Anne não pôde dispensar, tiveram apenas algumas perguntas sem importância a fazer antes de começarem a monopolizar a conversa. Uppercross não despertava interesse algum, e Kellynch muito pouco: o tema dominante era Bath.

Os três tiveram o prazer de lhe garantir que, sob todos os aspectos, Bath havia mais do que correspondido às suas expectativas. A sua casa era sem sombra de dúvida a melhor de Camden Place; seus salões tinham inúmeras vantagens claras em relação a todos os outros que tivessem visto ou dos quais tivessem tido notícia; e a superioridade não era inferior no que tangia ao estilo da decoração ou ao bom gosto da mobília. Eles já haviam recusado muitas apresentações, e mesmo assim continuavam a receber cartões de pessoas das quais não tinham qualquer informação.

Quanto divertimento! Anne devia se espantar com a felicidade da irmã e do pai? Espantar-se talvez não, mas decerto lamentava o fato de o pai não ver nada de degradante naquela mudança, de nada ver para lamentar nos deveres e na dignidade perdidos de um proprietário de terras, e de encontrar tantos motivos para se mostrar vaidoso na pequenez de uma cidade; e teve de suspirar, e sorrir, e se espantar também, quando Elizabeth abriu as portas de dobrar e caminhou exultante de um salão até o outro, gabando-se de sua amplidão: espantar-se com a possibilidade de aquela mulher, que tinha sido senhora de Kellynch Hall,

encontrar motivo de orgulho entre duas paredes separadas por uma distância que talvez nem chegasse a dez metros.

Mas esse não era o único motivo de sua felicidade. Eles também tinham o sr. Elliot. Anne precisava ouvir muitas coisas em relação ao sr. Elliot. Eles não apenas o haviam perdoado, mas estavam encantados com ele. Fazia mais ou menos duas semanas que ele estava hospedado em Bath (tinha passado pela cidade em novembro, a caminho de Londres, quando naturalmente ficara sabendo que Sir Walter havia se mudado para lá, embora só tivesse passado vinte e quatro horas no local, mas não pudera fazer uso dessa informação); agora, porém, fazia duas semanas que estava em Bath, e a primeira coisa que fizera ao chegar fora deixar seu cartão de visita em Camden Place, sucedendo tal gesto com convites muito assíduos para se encontrarem e, quando de fato se encontraram, com tal franqueza de conduta, tal presteza para se desculpar pelo passado, tal empenho para ser considerado novamente um parente, que as boas relações que eles tinham no passado foram totalmente restabelecidas.

Eles não consideravam que o sr. Elliot tivesse qualquer defeito. Ele havia explicado toda a aparente negligência de que dera mostras. Esta havia nascido de um completo mal-entendido. Ele jamais pensara que tivesse rompido relações com eles; temera que eles houvessem rompido relações com ele, e não sabia por que motivo, e a boa educação o fizera guardar silêncio. Quanto à sugestão de ter se referido com desrespeito ou de forma descuidada à família e ao seu prestígio, ele a escutou com grande indignação. Ele, que sempre havia se gabado de ser um Elliot, e cujos sentimentos em relação ao parentesco eram demasiado rígidos para suportarem os costumes plebeus de hoje em dia! Estava pasmo, de fato, mas seu caráter e sua conduta em geral iriam desmentir esses boatos. Sir Walter podia perguntar a todos que o conheciam; e decerto o esforço que ele vinha fazendo para aproveitar aquela primeira oportunidade de reconciliação, para tornar a estabelecer uma relação de parente e suposto herdeiro, era um forte indício de suas opiniões em relação ao assunto.

Também as circunstâncias de seu casamento foram julgadas passíveis de grandes atenuações. Sobre isso ele não falava pessoalmente, mas um amigo muito próximo seu chamado coronel Wallis, homem muito respeitável e completo cavalheiro (além de não ser um homem feio, acrescentou Sir Walter), que hoje vivia em grande estilo em Marlborough Buildings e lhes havia sido apresentado pelo sr. Elliot mediante sua solicitação pessoal específica, havia mencionado uma ou duas coisas em relação ao matrimônio que em muito contribuíam para desacreditá-lo.

Fazia muito tempo que o coronel Wallis conhecia o sr. Elliot, e também havia conhecido bem a sua esposa, e entendia perfeitamente a história toda. Ela com certeza não era uma mulher de berço, mas era bem-educada, culta, rica e estava

perdidamente apaixonada por seu amigo. Fora esse o encanto. Ela o havia procurado. Sem esse atrativo, nem todo o dinheiro do mundo teria sido capaz de tentar Elliot, e Sir Walter, ademais, tinha certeza de que ela havia sido uma mulher muito bonita. Tudo isso melhorava bastante a situação. Uma mulher muito bonita, dona de uma grande fortuna, apaixonada por ele! Sir Walter pareceu aceitar isso como uma desculpa completa; e, embora Elizabeth não conseguisse ver as circunstâncias sob um viés tão favorável, aceitava que fossem grandes atenuantes.

O sr. Elliot havia feito várias visitas e jantado em sua companhia uma vez, obviamente encantado com a honra de ter sido convidado, uma vez que eles em geral não davam jantares; e havia ficado encantado, em suma, com todas as demonstrações de atenção entre primos, e depositado toda a sua felicidade no fato de manter relações estreitas com os moradores de Camden Place.

Anne escutou, mas sem entender de todo. Sabia que era preciso relativizar, e relativizar muito, as ideias de seus interlocutores. O que ela estava ouvindo era uma história embelezada. Tudo que soava extravagante ou irracional no desenrolar da reconciliação talvez não tivesse outra origem que não a linguagem dos relatores. Mesmo assim, porém, teve a sensação de que havia algo mais do que deixavam supor as simples aparências no fato de o sr. Elliot, depois de um intervalo de tantos anos, desejar ser bem-recebido pela família. De um ponto de vista mundano, ele não tinha nada a ganhar de um bom relacionamento com Sir Walter, nem nada a arriscar caso contrário. Muito provavelmente já era o mais rico dos dois, e a propriedade de Kellynch seria sua com tanta certeza quanto o título de baronete. Um homem sensato! E ele lhe parecera um homem *muito* sensato. Por que então iria desejar aquilo? Ela só conseguia pensar em uma solução: talvez fosse por causa de Elizabeth. Talvez de fato tivesse havido antigamente alguma afeição de sua parte, embora circunstâncias e percalços o tivessem conduzido por outro caminho, e, agora que ele podia se dar ao luxo de fazer o que quisesse, talvez pretendesse lhe fazer a corte. Elizabeth era decerto uma mulher muito bonita, com modos educados e elegantes, e talvez o sr. Elliot nunca tivesse compreendido o seu caráter, uma vez que só a havia encontrado em público e quando era ele próprio muito jovem. Como o temperamento e a inteligência da irmã poderiam suportar o exame de seus olhos agora mais experientes era outra preocupação, e uma preocupação temerosa. Anne desejava com ardor que ele não fosse muito gentil nem muito observador, caso Elizabeth fosse mesmo o alvo de sua estima; e uma ou duas olhadelas durante a conversa sobre as frequentes visitas do sr. Elliot bastaram para deixar claro que Elizabeth estava disposta a acreditar que assim fosse, e que a sua amiga sra. Clay estava incentivando a ideia.

Anne mencionou as ocasiões em que o vira de relance em Lyme, mas não

obteve muita atenção. “Ah, sim, talvez fosse o sr. Elliot. Eles não sabiam. Talvez fosse ele, sim.” Foram incapazes de escutar a descrição que ela fez dele. Estavam-no descrevendo eles próprios; sobretudo Sir Walter. Ele discorreu elogiosamente sobre a aparência muito cavalheiresca, sobre o ar elegante e na moda, sobre o rosto bem-feito e o olhar sensível, mas, ao mesmo tempo, “teve de lamentar o fato de ele ter o maxilar inferior extremamente proeminente, defeito que o tempo parece ter intensificado; e tampouco podia dizer que os anos não tivessem alterado quase todos os seus traços para pior. O sr. Elliot parecia pensar que ele (Sir Walter) tinha exatamente a mesma aparência de quando haviam se separado pela última vez”, mas Sir Walter “não pudera retribuir o elogio de forma plena, fato que o deixara constrangido. No entanto, não era a sua intenção reclamar. O sr. Elliot tinha uma aparência mais agradável do que a maioria dos homens, e ele não tinha qualquer objeção quanto a ser visto em sua companhia onde quer que fosse”.

O sr. Elliot e seus amigos de Marlborough Buildings foram assunto de conversa durante toda a noite. “O coronel Wallis tinha se mostrado tão impaciente para lhes ser apresentado! E o sr. Elliot tão ansioso para que isso acontecesse!”; e havia também uma sra. Wallis, que eles ainda só conheciam de reputação, uma vez que ela esperava um bebê para qualquer momento; mas o sr. Elliot se referia a ela como “uma mulher de encanto extraordinário, totalmente digna de ser conhecida em Camden Place”, e assim que ela se recuperasse lhes seria apresentada. Sir Walter tinha a sra. Wallis em alta conta; dizia-se que era uma mulher extremamente bonita, linda. “Ele ansiava por conhecê-la. Esperava que ela pudesse compensar um pouco os muitos rostos sem graça com que ele não parava de cruzar pelas ruas. A pior coisa de Bath era a quantidade de mulheres sem graça na cidade. Não que ele quisesse dizer que não houvesse mulheres bonitas, mas a quantidade de feias era mesmo desproporcional. Ele muitas vezes havia observado, durante uma caminhada, que um rosto bonito era seguido por trinta ou trinta e cinco monstruosidades; e certa vez, quando estava em uma loja de Bond Street, havia contado oitenta e sete mulheres que tinham passado, uma após a outra, sem que houvesse entre elas nem sequer um rosto tolerável. Era uma manhã gelada, sem dúvida, de um frio cortante que só podia ser suportado por uma mulher em mil. Ainda assim, com certeza eram terrivelmente numerosas as mulheres feias de Bath; e os homens! Muito pior. Quantos espantalhos pelas ruas! O efeito produzido por um homem de aparência decente deixava evidente o quão pouco acostumadas estavam as mulheres com a visão de qualquer coisa que fosse tolerável. Ele nunca havia entrado em qualquer lugar de braços dados com o coronel Wallis (que tinha um belo porte militar, embora seus cabelos fossem ruivos) sem observar que os olhos de todas as mulheres presentes se fixavam nele; os olhos de todas as mulheres presentes certamente se fixavam no coronel Wallis.” Modesto Sir Walter! Mas não lhe foi permitido se

esquivar do elogio. Sua filha e a sra. Clay se uniram para sugerir que o companheiro do coronel Wallis podia ter um porte tão imponente quanto o do coronel Wallis, e certamente não tinha os cabelos ruivos.

– Como vai Mary? – indagou Sir Walter, no ápice do bom humor. – Da última vez em que a vi, ela estava com o nariz vermelho, mas espero que isso não aconteça todos os dias.

– Ah, não, deve ter sido uma coincidência. Ela em geral tem passado muito bem de saúde e está com um ótimo aspecto desde o final de setembro.

– Se achasse que isso não fosse tentá-la a sair em dias de forte vento e arruinar a maciez de sua pele, eu lhe mandaria um chapéu e uma peliça novos.

Anne estava ponderando se deveria se atrever a sugerir que uma capa ou um barrete não estariam expostos a tal uso indevido quando uma batida na porta interrompeu a conversa. "Uma batida na porta! E assim tão tarde! Eram dez da noite. Seria o sr. Elliot? Eles sabiam que ele devia jantar em Lansdown Crescent. Era possível que fizesse uma parada a caminho de casa para saber como estavam passando. Não conseguiam pensar em mais ninguém. A sra. Clay estava convencida de que aquela era a batida do sr. Elliot." A sra. Clay tinha razão. Com toda a pompa que um mordomo e um lacaio eram capazes de proporcionar, o sr. Elliot foi conduzido sala adentro.

Era o mesmo homem, o mesmíssimo homem, com a única diferença da roupa que estava usando. Anne se manteve um pouco afastada enquanto os outros recebiam seus cumprimentos, e a irmã suas desculpas por aparecer em hora tão inabitual, mas "ele não podia estar tão perto sem desejar saber se nem ela nem sua amiga haviam se resfriado na véspera etc. etc."; e tudo isso foi dito e escutado com a maior educação possível, mas em seguida chegou o momento de sua participação. Sir Walter falou da filha caçula: "O sr. Elliot tinha de lhe dar licença para lhe apresentar sua filha caçula" (não houve tempo para lembrar de Mary); e Anne, sorrindo e enrubescendo, exibiu de forma muito adequada ao sr. Elliot os belos traços que ele de forma alguma havia esquecido, e na mesma hora viu, divertindo-se com seu pequeno sobressalto de surpresa, que ele de forma alguma tinha conhecimento de quem ela era. Seu espanto pareceu muito grande, mas sua satisfação ainda maior; os olhos dele brilharam! E, falando com a mais perfeita ênfase, ele se alegrou com aquela proximidade entre primos, fez alusão ao passado, e pediu para ser tratado como alguém já conhecido. Era tão atraente quanto dera a impressão de ser em Lyme, e seu porte ficava mais altivo quando ele falava, e os seus modos eram tão perfeitos em sua adequação, tão elegantes, tão naturais, tão singularmente agradáveis, que ela só pôde compará-los em sua excelência aos modos de uma única pessoa. Não eram os mesmos, mas talvez fossem igualmente bons.

Ele sentou-se em sua companhia, e em muito contribuiu para melhorar sua

conversa. Não havia qualquer dúvida de que se tratava de um homem sensato. Dez minutos bastaram para confirmar isso. O tom de sua voz, as expressões de seu rosto, a sua seleção de assuntos, o fato de saber quando parar: tudo isso eram mecanismos de uma mente sensata e ponderada. Assim que pôde, ele começou a lhe falar sobre Lyme, querendo comparar opiniões com relação ao lugar, mas sobretudo querendo mencionar o acaso de circunstâncias que os fizera pernoitar na mesma hospedaria ao mesmo tempo; querendo informar o caminho que havia feito, entender um pouco qual fora o seu e deplorar o fato de ter perdido tamanha oportunidade de lhe manifestar seu respeito. Ela lhe fez um curto relato de seu grupo e do que tinham ido fazer em Lyme. Conforme ele escutava, seu arrependimento aumentou. Havia passado a noite inteira sozinho na sala ao lado daquela em que eles estavam; ouvira vozes, e uma alegria incessante; pensara que eles deviam ser pessoas das mais encantadoras e ansiara por a eles se juntar, mas com certeza não tivera a menor desconfiança de ter nem sequer uma sombra de direito de se apresentar. Se ao menos tivesse perguntado de que grupo se tratava! O nome Musgrove teria lhe bastado como informação. "Bem, isso serviria para curá-lo do hábito absurdo de nunca fazer qualquer pergunta em uma hospedaria, hábito por ele adotado, quando ainda jovem, segundo o princípio de que ser curioso era muita falta de educação."

– Acho que as ideias que um rapaz de vinte e um ou vinte e dois anos tem em relação aos modos necessários para fazer dele um cavalheiro são mais absurdas do que as de qualquer outro grupo de pessoas no mundo – comentou ele. – A irracionalidade das atitudes por eles muitas vezes empregadas só é equivalente à irracionalidade de seus objetivos.

Mas ele não deveria estar tecendo essas considerações apenas para Anne: sabia disso; e logo passou a se dividir também entre os outros, e as referências a Lyme passaram a ser apenas ocasionais.

As perguntas, porém, acabaram por provocar um relato da cena da qual ela havia participado em Lyme logo após a sua partida da cidade. Após escutar a alusão a um "acidente", ele teve de ouvir a história toda. Quando começou a fazer perguntas, Sir Walter e Elizabeth também começaram a fazer perguntas, mas a diferença em sua forma de fazê-las não pôde passar despercebida. A única pessoa com quem Anne pôde comparar o sr. Elliot foi Lady Russell, em relação ao desejo de entender o que realmente havia acontecido e ao grau de preocupação com o quanto ela devia ter sofrido por testemunhar o ocorrido.

Ele passou uma hora em sua companhia. O elegante relogiozinho sobre o console da lareira já havia batido "as onze com seus ruídos de prata",— e o vigia da rua já começava a ser ouvido ao longe entoando a mesma cantilena, antes de o sr. Elliot ou de qualquer um deles parecer sentir que ele havia se demorado na visita.

Anne não poderia ter imaginado que a sua primeira noite em Camden Place fosse correr tão bem!

CAPÍTULO 4

Havia apenas um detalhe do qual Anne, ao voltar para junto de sua família, teria ficado mais grata em se certificar até do que o fato de o sr. Elliot estar apaixonado por Elizabeth: o de o seu pai não estar apaixonado pela sra. Clay; e, depois de algumas horas em casa, não estava nada descansada em relação a isso. Ao descer para o desjejum, na manhã seguinte, constatou que a intenção daquela senhora de partir de sua casa não havia passado de um fingimento para manter as aparências. Podia imaginar que a sra. Clay tivesse dito que "agora que a srta. Anne chegou", não supunha que sua presença fosse desejada, pois Elizabeth estava retrucando com uma espécie de sussurro: "Não por isso, de forma alguma. Garanto-lhe que para mim não é motivo. Ela não significa nada para mim em comparação com a senhora", e chegou a tempo de ouvir o pai dizer: "Minha cara senhora, isso não pode ser. A senhora ainda não viu nada de Bath. Esteve aqui apenas para se mostrar útil. Não pode fugir de nós agora. Deve ficar para conhecer a sra. Wallis, a linda sra. Wallis. Bem sei que, para a sua mente tão refinada, a visão da beleza é uma verdadeira gratificação."

As palavras e a atitude de Sir Walter denotavam tamanha ansiedade que Anne não ficou surpresa em ver a sra. Clay olhar de relance para Elizabeth e para ela própria. Sua atitude talvez expressasse alguma cautela; mas o elogio feito a uma mente refinada não pareceu causar em sua irmã qualquer estranhamento. A dama não pôde fazer outra coisa senão ceder a tal pedido conjunto e prometer ficar.

Durante essa mesma manhã, quando Anne e o pai se encontraram por acaso sozinhos, ele começou a elogiá-la por sua aparência revigorada; julgava-a "menos magra de corpo e de rosto, com a pele e a tez muito mais viçosas e um semblante mais claro e fresco. Ela vinha usando algum produto em especial?"

– Não, nada.

– Apenas loção Gowland, – supôs ele.

– Não, nada mesmo.

"Ah, isso o deixava surpreso!"; e ele acrescentou:

– Com certeza você não pode fazer nada melhor do que continuar como está; não pode melhorar o que já está bom; mas, caso contrário, eu lhe recomendaria usar loção Gowland, usá-la com frequência durante os meses da primavera. A sra. Clay vem usando essa loção por recomendação minha, e veja só os resultados. Veja como a loção eliminou as sardas.

Ah, se Elizabeth tivesse escutado isso! Esse elogio tão pessoal talvez a houvesse

espantado, sobretudo porque não parecia a Anne que as sardas estivessem de forma alguma atenuadas. Mas tudo deve seguir seu curso. Os danos daquele casamento seriam muito diminuídos caso Elizabeth também viesse a se casar. Anne, por sua vez, sempre poderia ir morar com Lady Russell.

Essa questão constituiu certa provação para o espírito equilibrado e as boas maneiras de Lady Russell durante suas visitas a Camden Place. Ver a sra. Clay em situação tão favorecida, e Anne tão menosprezada, constituía para ela uma perpétua provocação naquela casa; e causava-lhe também intensa irritação quando longe da casa, tanta quanto possível para alguém em Bath que bebia as águas, recebia todas as novas publicações disponíveis e tinha uma profusão de conhecidos.

Quando conheceu o sr. Elliot, tornou-se mais caridosa ou mais indiferente em relação aos outros. Os modos do rapaz eram uma virtude que se podia constatar de imediato; e, ao conversar com ele, constatou que as superficialidades estavam tão sustentadas por características mais profundas que no início, conforme comentou com Anne, quase se viu a exclamar: "Será mesmo o sr. Elliot?", e não conseguiu conceber com credibilidade em sua mente homem mais agradável ou mais digno de estima. Todas as qualidades se aliavam em sua pessoa: uma boa inteligência, opiniões corretas, conhecimento do mundo e um coração sensível. Ele dava grande valor às relações entre parentes e ao prestígio familiar, sem demonstrar qualquer orgulho ou fraqueza; vivia com a generosidade permitida a um homem rico, sem ostentação; tinha o próprio juízo em relação a tudo o que era essencial, mas sem desafiar a opinião geral em qualquer questão de decoro público. Era sólido, observador, controlado, sincero; nunca se deixava levar por impulsos ou por um egoísmo que se fizesse passar por convicção; apesar disso, tinha uma sensibilidade a tudo o que fosse agradável e belo e um apreço por todas as alegrias da vida doméstica raros em homens com um temperamento dado a arroubos do espírito e a violentas agitações. Tinha certeza de que ele não havia sido feliz no casamento. O coronel Wallis assim afirmava, e Lady Russell assim constatava; mas a infelicidade não chegara ao ponto de lhe amargurar o espírito, ou tampouco (como ela logo começou a desconfiar) de impedir que ele pensasse em escolher uma segunda esposa. A satisfação de Lady Russell com o sr. Elliot superava todo o pesar ocasionado pela sra. Clay.

Já fazia alguns anos que Anne havia começado a perceber que ela e sua excelente amiga podiam às vezes ter opiniões divergentes; portanto, não ficou surpresa com o fato de Lady Russell nada ver de suspeito ou estranho, nada que sugerisse outros motivos que não os aparentes, no grande desejo do sr. Elliot de se reconciliar com os parentes. Na opinião de Lady Russell, era muito natural que o sr. Elliot, em uma fase madura da vida, considerasse manter boas relações com o chefe de sua família um objetivo dos mais desejáveis, e que lhe valeria a estima

de todas as pessoas sensatas; era o efeito mais simples possível do tempo sobre uma mente naturalmente lúcida, outrora perdida na insensatez da juventude. Anne, porém, permitiu-se continuar sorrindo desse fato, antes de finalmente mencionar o nome "Elizabeth". Lady Russell escutou, olhou para ela, e fez apenas o seguinte comentário cauteloso:

– Elizabeth! Muito bem; o tempo dirá.

Tratava-se aí de uma referência ao futuro à qual Anne, após certa observação, sentiu que precisava se submeter. Não podia ter certeza de nada por ora. Naquela casa, Elizabeth devia ter a primazia, e estava tão acostumada a ser tratada por todos como "senhorita Elliot" que qualquer atenção particular parecia quase impossível. Além disso, era preciso lembrar que não faziam nem sete meses que o sr. Elliot ficara viúvo. Uma certa demora de sua parte seria muito compreensível. Na verdade, Anne nunca podia pousar os olhos sobre o crepe ao redor de seu chapéu sem temer que, na realidade, fosse ela quem estivesse se comportando de forma indesculpável ao atribuir a ele tamanha imaginação; pois, embora o casamento não tivesse sido muito feliz, mesmo assim havia existido por tantos anos que ela não podia conceber uma recuperação muito rápida da péssima sensação de vê-lo terminado para sempre.

Qualquer que viesse a ser o desfecho, o sr. Elliot era sem dúvida seu conhecido mais agradável ali em Bath: ela não via ninguém que se pudesse comparar a ele; e era com grande satisfação que conversava com ele de vez em quando sobre Lyme, que ele parecia tão ansioso quanto ela para tornar a visitar e conhecer melhor. Eles rememoraram várias vezes os detalhes de seu primeiro encontro. Ele lhe deu a entender que havia olhado para ela com algum interesse. Ela sabia disso muito bem; e lembrava-se também do olhar de outra pessoa.

Os dois nem sempre pensavam da mesma forma. Ele parecia prezar mais do que ela a posição social e as relações. Não foi apenas complacência, mas sim uma identificação com a causa, que o fez solicitar de forma arrebatada seu pai e sua irmã em relação a um assunto que ela julgava indigno de seu interesse. Certa manhã, o jornal de Bath anunciou a chegada da viscondessa Dalrymple, agora viúva, e de sua filha, a ilustre srta. Carteret, e todo o conforto do nº — de Camden Place foi abolido por muitos dias; pois os Dalrymple (muito desafortunadamente, na opinião de Anne) eram primos dos Elliot; e estes se angustiavam pensando em como se apresentar de forma adequada.

Anne nunca vira antes o pai e a irmã em contato com membros da nobreza, e tinha de se confessar desapontada. Esperava coisa melhor de seus altivos ideais em relação à própria posição social, e viu-se obrigada a formular um desejo que jamais teria podido prever: o desejo de que eles tivessem mais orgulho; pois durante o dia inteiro tudo que seus ouvidos escutavam era "nossas primas, Lady

Dalrymple e a srta. Carteret" ou "nossas primas Dalrymple".

Sir Walter havia se encontrado uma vez com o falecido visconde, mas nunca tinha conhecido nenhum outro membro da família; e as dificuldades da presente situação advinham do fato de que, desde a morte do visconde, houvera uma suspensão de toda a correspondência formal quando, em consequência de uma perigosa doença contraída por Sir Walter na mesma época, ocorrera uma desafortunada omissão por parte de Kellynch. Nenhuma carta de pêsames havia sido enviada para a Irlanda. A negligência havia sido retribuída ao pecador pois, quando a pobre Lady Elliot faleceu, por sua vez, nenhuma carta de pêsames foi recebida em Kellynch e, consequentemente, havia motivos de sobra para temer que os Dalrymple considerassem aquela relação encerrada. A questão era como consertar essa preocupante situação para que eles fossem aceitos novamente como primos; e era uma questão que, de maneira mais racional, nem Lady Russell nem o sr. Elliot consideravam desprovida de importância. "Sempre valia a pena preservar os vínculos familiares; sempre valia a pena procurar boas companhias; Lady Dalrymple havia alugado uma casa por três meses em Laura Place, e ali viveria em grande estilo. Já estivera em Bath no ano anterior, e Lady Russell a ouvira ser descrita como uma mulher encantadora. Era muito desejável que o vínculo fosse retomado, caso isso fosse possível sem qualquer concessão de dignidade por parte dos Elliot."

Sir Walter, porém, estava decidido a escolher sua própria linha de ação, e por fim escreveu uma carta muito elegante à sua ilustre prima contendo amplas explicações, arrependimentos e rogos. Nem Lady Russell nem o sr. Elliot puderam ler a carta; esta, no entanto, surtiu todo o efeito desejado, pois foi sucedida por três linhas escritas com o garrancho da viúva viscondessa. "Ela estava muito honrada, e ficaria muito feliz em encontrá-los." Uma vez encerradas as labutas da questão, era hora de começarem as gentilezas. Os Elliot foram visitar Laura Place, posicionaram os cartões de visita da viscondessa e da ilustre srta. Carteret no local onde pudessem ficar mais visíveis, e comentavam com todo mundo sobre "nossas primas de Laura Place" e "nossas primas Lady Dalrymple e a srta. Carteret".

Anne sentiu vergonha. Ainda que Lady Dalrymple e sua filha fossem pessoas muito agradáveis, mesmo assim teria sentido vergonha da agitação por elas provocada, mas elas não o eram. Não havia qualquer superioridade em seus modos, em sua cultura ou em seu intelecto. Lady Dalrymple havia conquistado a fama de ser "uma mulher encantadora" pelo simples fato de saber sorrir e dar uma resposta cortês a todo mundo. A srta. Carteret, que tinha menos ainda a dizer, era tão feia e tão desengonçada que jamais teria sido tolerada em Camden Place não fosse a sua origem.

Lady Russell confessou que esperava coisa melhor; mesmo assim, aquela "era uma relação que valia a pena cultivar"; e, quando Anne se atreveu a externar sua opinião a respeito delas para o sr. Elliot, este concordou que as duas por si só não eram nada, mas seguiu afirmando que, como vínculo familiar, como boa companhia e como pessoas capazes de reunir ao seu redor outras boas companhias, tinham o seu valor. Anne sorriu e disse:

– O meu conceito de boa companhia, sr. Elliot, é estar acompanhada por pessoas inteligentes e bem-informadas, que saibam conversar; é isso que chamo de boa companhia.

– A senhorita está enganada – disse ele com delicadeza –, isso não é boa companhia; é a melhor companhia possível. A boa companhia requer apenas berço, educação e boas maneiras, e, no que tange à educação, não é muito exigente. Berço e boas maneiras são fundamentais; mas uma educação deficiente não é de forma alguma uma coisa perigosa para a boa companhia; pelo contrário, serve perfeitamente. Minha prima Anne discorda. Está sacudindo a cabeça. Não está convencida. É uma moça exigente. Minha cara prima – sentando-se ao seu lado –, a senhorita tem mais direito de ser exigente do que qualquer outra mulher que eu conheça, mas será que isso vai adiantar? Será que vai fazê-la feliz? Não seria mais sensato aceitar a companhia dessas boas senhoras em Laura Place e aproveitar o quanto possível as vantagens dessa relação? Pode estar certa de que, durante este inverno, elas só frequentarão pessoas da alta-roda em Bath, e, como posição social é posição social, o fato de se saber sobre o parentesco será útil para garantir à sua família (à nossa família, devo dizer) o grau de consideração pelo qual todos devemos ansiar.

– Sim – disse Anne com um suspiro –, de fato, nós seremos conhecidos por sermos seus parentes! – em seguida, recuperando a compostura e sem querer ser respondida, ela arrematou. – Com certeza considero que um esforço excessivo foi feito para assegurar essa relação. Imagino – sorrindo – que eu deva ser mais orgulhosa do que o resto de vocês; mas confesso que me irrita o fato de nos mostrarmos tão ansiosos para que a relação seja reconhecida, relação essa que, podemos estar certos, lhes é totalmente indiferente.

– Perdoe-me, cara prima, a senhorita está subestimando o próprio valor. Em Londres, talvez, com seu estilo de vida atual tão discreto, pode até ser assim; mas, em Bath, Sir Walter Elliot e sua família serão sempre pessoas que vale a pena conhecer, e serão sempre relações aceitáveis.

– Bem – disse Anne –, eu com certeza sou orgulhosa, orgulhosa demais para saborear uma acolhida que dependa tanto assim de lugar.

– A sua indignação me encanta – disse ele –, e é muito natural. Mas a senhorita agora está aqui, em Bath, e o objetivo é se estabelecer nesta cidade com o máximo de consideração e dignidade que devem caber a Sir Walter Elliot. A

senhorita diz que é orgulhosa; sei que me chamam de orgulhoso, e não desejo acreditar que eu seja diferente; pois os nossos orgulhos, caso fossem examinados, teriam o mesmo objetivo, não duvido, embora talvez pareçam um pouco diferente. Quanto a uma coisa estou certo, cara prima – prosseguiu ele falando mais baixo, embora não houvesse mais ninguém no recinto –, quanto a uma coisa estou certo de que pensamos da mesma forma. Estou certo de que pensamos que qualquer acréscimo ao círculo social do seu pai, seja entre seus iguais ou entre seus superiores, pode ser útil para distrair seus pensamentos daqueles que estão abaixo dele.

Ao falar, ele olhou para o assento que a sra. Clay costumava ocupar nos últimos tempos: foi uma explicação suficiente do que estava querendo dizer; e, embora Anne não pudesse acreditar que eles dois tivessem o mesmo tipo de orgulho, ficou satisfeita com ele por não gostar da sra. Clay; e a sua consciência admitiu que o fato de ele desejar promover excelentes relações para o pai era mais do que desculpável diante da perspectiva de derrotá-la.

CAPÍTULO 5

Enquanto Sir Walter e Elizabeth tentavam com grande afinco promover sua boa fortuna em Laura Place, Anne retomou uma relação de um tipo inteiramente diferente.

Ela havia feito uma visita à sua antiga professora, e ficara sabendo que uma antiga amiga sua da escola, que tinha para atrair sua atenção os dois fortes motivos da gentileza passada e do sofrimento atual, estava agora morando em Bath. A srta. Hamilton, agora sra. Smith, havia lhe demonstrado gentileza em uma das épocas de sua vida em que isso tinha se mostrado mais valioso. Anne chegara à escola infeliz, lamentando a morte da mãe que tanto amava, sentida com o afastamento de casa e sofrendo como uma menina de catorze anos muito sensível e não muito animada podia sofrer em momentos como esse; e a srta. Hamilton, três anos mais velha do que ela, mas que apesar disso, por falta de parentes próximos e de uma residência fixa, iria permanecer mais um ano na escola, havia se mostrado prestativa e boa para com ela de uma forma que diminuíra consideravelmente sua tristeza, e que jamais poderia ser lembrada com indiferença.

A srta. Hamilton havia deixado a escola e se casado pouco depois, e dizia-se que havia desposado um homem rico, e isso era tudo o que Anne sabia a seu respeito até a ocasião em que o relato da professora lhe expôs a situação da antiga amiga de maneira mais clara, mas muito diferente.

Ela agora era viúva e pobre. O marido tinha sido um homem extravagante; e ao morrer, cerca de dois anos antes, deixara seus negócios terrivelmente comprometidos. Ela fora obrigada a enfrentar dificuldades de todo tipo e, além dessas preocupações, havia sofrido com uma grave febre reumática que, tendo por fim se instalado em suas pernas, a deixara por ora aleijada. Era esse o motivo que a fizera ir para Bath, e ela agora morava em aposentos próximos aos banhos quentes e levava uma vida muito modesta, incapaz até mesmo de se dar ao luxo de ter uma criada e, naturalmente, quase excluída da sociedade.

Sua amiga em comum assegurou a satisfação que uma visita da srta. Elliot causaria na sra. Smith, e Anne, portanto, não perdeu tempo para ir visitá-la. Não mencionou nada em casa do que havia escutado ou do que pretendia fazer. Ninguém ali demonstraria qualquer interesse adequado. Consultou apenas Lady Russell, que compartilhou seus sentimentos de forma integral e teve muito gosto em levá-la até tão perto dos aposentos da sra. Smith, em Westgate Buildings, quanto Anne aceitou ser conduzida.

A visita foi feita, a relação retomada e o interesse de uma pela outra mais do que reavivado. Os primeiros dez minutos tiveram lá a sua estranheza e a sua emoção. Doze anos haviam transcorrido desde o último encontro, e ambas eram pessoas um pouco diferentes do que a outra havia imaginado. Doze anos haviam transformado Anne de uma promissora, calada e imatura menina de quinze anos em uma elegante jovem mulher de vinte e sete, dotada de todas as virtudes da beleza exceto o primeiro viço da adolescência, e de modos tão conscientes em sua correção quanto constantes em sua doçura; e doze anos haviam transformado a bela e já adulta srta. Hamilton, com todo o brilho da saúde e confiança de superioridade, em uma viúva pobre, enferma e indefesa, que recebia como um favor a visita de sua antiga protegida; mas todos os aspectos constrangedores da visita logo se dissiparam, deixando apenas o interessante encanto de relembrar antigas preferências e conversar sobre os velhos tempos.

Anne encontrou na sra. Smith a mesma sensatez e os mesmos modos afáveis que quase se atrevera a dar como certos, e uma disposição para conversar e mostrar-se alegre que superaram suas expectativas. Nem os desperdícios do passado – e ela havia levado uma vida muito mundana – nem as restrições do presente, nem a doença nem a tristeza pareciam ter fechado seu coração ou estragado sua disposição.

Durante uma segunda visita, a sra. Smith falou com grande franqueza, e o espanto de Anne aumentou. Era quase impossível imaginar uma situação mais lamentável do que a sua. Ela gostava muito do marido, e o havia enterrado. Estava acostumada à riqueza, e esta havia desaparecido. Não tinha nenhum filho que pudesse reatar seus vínculos com a vida e a felicidade, nem parentes para ajudar na organização de negócios comprometidos, nem saúde para tornar todo o resto suportável. Seus aposentos se limitavam a uma sala de visitas barulhenta sucedida por um quarto de dormir escuro, e ela não conseguia passar de um para o outro sem um auxílio que só podia ser fornecido pela única criada disponível na casa, e nunca saía a não ser para ser conduzida até os banhos quentes. No entanto, apesar disso tudo, Anne tinha motivos para crer que ela tivesse apenas alguns instantes de langor e depressão comparados a muitas horas de ocupação e divertimento. Como era possível? Ela observou, examinou, refletiu e por fim concluiu não se tratar apenas de um caso de força de caráter e resignação. Um espírito submisso talvez fosse paciente, uma inteligência forte proporcionaria decisão, mas havia algo mais: havia nela uma plasticidade da mente, uma disposição para se deixar reconfortar, uma capacidade para passar em um instante do mal ao bem e para encontrar ocupações que lhe permitissem se distrair de si mesma que advinham exclusivamente de sua índole. Esse era o mais precioso presente dos céus; e Anne via na amiga um daqueles exemplos nos quais, graças a uma misericordiosa ordenação, ele parece destinado a contrabalançar quase todas as outras deficiências.

Houvera um tempo, contou-lhe a sra. Smith, em que ela quase havia perdido as esperanças. Em comparação com seu estado ao chegar a Bath, não podia se dizer inválida agora. Na época, ela de fato era uma visão de dar dó; pois havia se resfriado durante a viagem, e mal tivera tempo de se acomodar em seus novos aposentos antes de ficar novamente acamada, e sofrera dores intensas e constantes; e tudo isso entre desconhecidos, com a necessidade absoluta de ter uma enfermeira constante, e com finanças particularmente inadequadas na época para dar conta de qualquer despesa suplementar. No entanto, havia suportado a fase difícil, e podia afirmar que esta lhe fizera bem. Ela ficara reconfortada ao sentir que estava em boas mãos. Tinha experiência suficiente do mundo para esperar qualquer vínculo súbito ou desinteressado de alguém, mas a doença havia lhe provado que a sua senhoria era uma mulher de caráter, e que não iria maltratá-la; além do mais, tinha sido particularmente afortunada em relação à enfermeira, uma vez que a irmã de sua senhoria, enfermeira profissional que sempre morava naquela casa quando não estava empregada, por sorte estava disponível justo a tempo para cuidar dela.

– E essa mulher – disse a sra. Smith –, além de cuidar de mim de forma admirável, de fato provou ser uma relação inestimável. Assim que pude usar as mãos, ela me ensinou a tricotar, o que tem sido para mim uma grande diversão; e foi com ela que comecei a fabricar estes porta-linhas, estas almofadas de alfinetes e estes porta-cartões de visita com os quais a senhorita sempre me vê tão ocupada, e que me permitem fazer algum bem a uma ou duas famílias muito pobres deste bairro. Ela conhece muita gente, profissionalmente é claro, com dinheiro para comprar, e vende as minhas mercadorias. Sabe sempre oferecê-las no momento certo. A senhorita sabe, todos aqueles que escaparam recentemente de uma grande dor têm o coração aberto, ou então quem está recuperando as bênçãos da boa saúde, e a enfermeira Rooke sabe perfeitamente quando deve falar. É uma mulher astuta, inteligente e sensata. Sua profissão lhe permite observar a natureza humana; e ela possui um arsenal de bom-senso e observação que, como companhia, a tornam muitíssimo superior a milhares daquelas pessoas que, tendo recebido apenas "a melhor educação do mundo", não sabem nada que seja de qualquer interesse. Pode chamar isso de fofoca, se quiser, mas, quando a enfermeira Rooke dispõe de meia hora de lazer para me dedicar, tem sempre algo de divertido e útil a relatar: algo que nos permite conhecer melhor nossa própria espécie. Todo mundo gosta de saber o que anda acontecendo, de estar *au fait* quanto às mais novas maneiras de ser frívolo e tolo. Para mim, que passo tanto tempo sozinha, posso lhe garantir que a conversa dela é um deleite.

Anne, longe de querer objetar àquele prazer, retrucou:

– Posso acreditar nisso com facilidade. As mulheres dessa classe têm ótimas

oportunidades e, se forem inteligentes, pode muito bem valer a pena escutá-las. Quantas variedades da natureza humana elas têm o costume de observar! E o seu conhecimento não se limita apenas à sua insensatez, uma vez que elas às vezes a observam sob circunstâncias que podem ser muito interessantes ou comoventes. Quantos exemplos elas devem testemunhar de afeto ardente, desinteressado e altruísta, de heroísmo, coragem, paciência, resignação; de todos os conflitos e os sacrifícios que mais nos enobrecem. Um quarto de doente muitas vezes pode valer tanto quanto muitos livros.

– Sim, às vezes pode – disse a sra. Smith em um tom mais cético –, embora eu tema que as suas lições muitas vezes não sejam de natureza tão elevada quanto a que a senhorita descreve. Em algumas ocasiões, a natureza humana pode se mostrar grandiosa ao enfrentar desafios; mas, de modo geral, o que surge no quarto de um doente é sua fraqueza, não sua força; o que se ouve é seu egoísmo e sua impaciência, mais do que generosidade e coragem. A amizade verdadeira é tão rara no mundo! E, infelizmente – ela agora falava com a voz baixa e trêmula –, há muita gente que se esquece de pensar com seriedade até ser quase tarde demais.

Anne pôde constatar a infelicidade que esses sentimentos revelavam. O marido não tinha sido como deveria, e a esposa havia sido obrigada a ter contato com aquela porção da humanidade que a levava a fazer um juízo pior do mundo do que ela esperava que este merecesse. No entanto, no caso da sra. Smith, isso foi apenas uma emoção passageira; ela a espantou, e logo acrescentou, em outro tom:

– Também não suponho que a situação atual de minha amiga sra. Rooke possa fornecer muitos elementos capazes de me interessar ou de me instruir. Ela está cuidando somente da sra. Wallis, em Marlborough Buildings; apenas uma mulher bonita, boba, esbanjadora e seguidora da moda, acredito eu; e é claro que não terá nada a relatar exceto sobre rendas e vestidos. Mas tenho a intenção de me aproveitar da sra. Wallis. Ela tem muito dinheiro, e minha intenção é que compre todas as coisas caras que tenho para vender.

Anne já havia feito várias visitas à amiga quando sua existência foi descoberta em Camden Place. Por fim, tornou-se necessário falar sobre ela. Sir Walter, Elizabeth e a sra. Clay voltaram certa manhã de Laura Place com um convite repentino de Lady Dalrymple para a mesma noite, e Anne já havia se comprometido a fazer uma visita a Westgate Buildings. Não lamentou o fato de ter essa desculpa. Tinha certeza de que eles só haviam sido convidados porque Lady Dalrymple, que um forte resfriado mantinha confinada em casa, estava agora satisfeita por poder fazer uso da relação que lhe havia sido imposta com tanta insistência; e foi com grande vivacidade que recusou o convite: “Havia se comprometido a visitar uma velha amiga de escola naquela noite.” Os outros não

tinham muito interesse por qualquer fato relacionado a Anne, mas mesmo assim fizeram perguntas suficientes para entender quem era essa velha amiga de escola; Elizabeth reagiu com desdém, e Sir Walter com severidade.

– Westgate Buildings! – exclamou ele. – E quem a srta. Anne Elliot irá visitar em Westgate Buildings? Uma certa sra. Smith. Uma viúva. E quem era o seu marido? Um dos cinco mil Smith cujo sobrenome se pode encontrar por toda parte. E quais são os seus atrativos? O fato de ser velha e doente. Palavra, srta. Anne Elliot, que gosto extraordinário esse seu! Tudo aquilo que causa repulsa nos outros, más companhias, cômodos miseráveis, ar viciado, relações vis, tudo isso a encanta. Mas com certeza poderá adiar até amanhã o encontro com essa senhora: ela não está assim tão próxima do fim, imagino, a ponto de não esperar ver raiar um novo dia. Quantos anos ela tem? Quarenta?

– Não, senhor, ela ainda não completou trinta e um anos; mas eu não acho que possa adiar o compromisso, pois essa é a única noite por algum tempo que poderá convir tanto a ela quanto a mim. Ela amanhã vai tomar seus banhos quentes, e o senhor sabe que nós temos compromisso até o final da semana.

– E o que Lady Russell acha dessa relação? – indagou Elizabeth.

– Não vê nenhum mal nela – respondeu Anne. – Pelo contrário, ela a aprova, e em quase todas as minhas visitas à sra. Smith foi ela quem me levou até lá.

– Os prédios de Westgate Buildings devem ter ficado muito surpresos com a aparição de uma carruagem parada junto à sua calçada! – observou Sir Walter. – É bem verdade que a viúva de Sir Henry Russell não tem nenhuma honraria para enfeitar seu brasão, mas mesmo assim possui uma bela carruagem, e sem dúvida se sabe que está transportando uma filha da família Elliot. Uma viúva chamada sra. Smith que mora em Westgate Buildings! Uma viúva pobre, que mal tem do que viver, entre trinta e quarenta anos; uma reles sra. Smith, uma sra. Smith sem qualquer distinção, dentre todas as pessoas e todos os nomes do mundo, ser a amiga escolhida pela srta. Anne Elliot, e ser por ela preferida às suas próprias relações familiares na nobreza da Inglaterra e da Irlanda! Sra. Smith! Que nome!

A sra. Clay, que estava presente durante todo esse diálogo, julgou então recomendável se retirar do recinto, e Anne poderia ter dito muitas coisas e ansiava por dizer algumas, em defesa de *sua* amiga, cuja situação não era muito diferente da amiga de seu pai e de sua irmã, mas o respeito pessoal que tinha pelo pai a impediu. Ela não respondeu nada. Deixou que ele se lembrasse sozinho de que a sra. Smith não era a única viúva de Bath entre trinta e quarenta anos, com poucas posses e sem um sobrenome distinto.

Anne honrou seu compromisso, os outros honraram o deles, e naturalmente na manhã seguinte ela ficou sabendo que tinham tido uma noite agradabilíssima. Ela

havia sido a única ausente do grupo, uma vez que Sir Walter e Elizabeth não apenas haviam se colocado ao inteiro dispor de Lady Dalrymple, mas além disso haviam tido a satisfação de ser por ela solicitados a buscar outros convivas, e tinham se dado ao trabalho de convidar Lady Russell e o sr. Elliot; e o sr. Elliot fizera questão de pedir licença mais cedo ao coronel Wallis, e Lady Russell de reorganizar todos os seus compromissos da noite, para ir à sua casa. Anne ouviu de Lady Russell toda a história daquilo que uma noite dessas era capaz de proporcionar. Para ela, o maior foco de interesse era o fato de a conversa da amiga com o sr. Elliot ter girado muito em torno de sua pessoa; de ter sido desejada, tido a sua ausência lamentada, e ao mesmo tempo de ter sido louvada por se ausentar em nome de uma causa tão nobre. As suas visitas cheias de gentileza e compaixão à antiga colega de escola, doente e enfraquecida, pareciam ter deixado o sr. Elliot encantado. Ele a considerava uma moça deveras extraordinária: um modelo de excelência feminina, por seu temperamento, seus modos, seu intelecto. Conseguia fazer frente até mesmo a Lady Russell em uma conversa sobre seus méritos; e Anne não pôde ouvir tantas coisas da amiga, não pôde se saber tão grandemente estimada por um homem sensato sem experimentar muitas das sensações agradáveis que a amiga pretendia criar.

Lady Russell agora tinha uma opinião totalmente formada a respeito do sr. Elliot. Estava tão convencida de que o seu objetivo a longo prazo era conquistar Anne quanto de que ele a merecia, e já estava começando a calcular o número de semanas que iria libertá-lo de todas as amarras remanescentes da viuvez e deixá-lo livre para exercer de maneira mais aberta os seus poderes de agradar. Não falou com Anne nem sequer com metade da convicção que sentia em relação ao assunto, e atreveu-se a pouco mais do que sugestões quanto ao que poderia vir a acontecer, a um possível envolvimento por parte dele, ou ao caráter desejável de tal enlace, supondo que o envolvimento fosse real e correspondido. Anne a escutou sem fazer qualquer exclamação brusca; apenas sorriu, enrubesceu e sacudiu de leve a cabeça.

– Você sabe muito bem que eu não sou nenhuma casamenteira – disse Lady Russell –, pois bem sei como são incertos todos os acontecimentos e cálculos humanos. Tudo que estou querendo dizer é que, se o sr. Elliot em algum momento vier a lhe fazer a corte, e se estiver disposta a aceitá-lo, acho que haveria grande possibilidade de vocês dois serem felizes juntos. Ninguém poderá deixar de considerar esse enlace muito adequado, mas acho que talvez possa ser também muito feliz.

– O sr. Elliot é um homem extremamente agradável e, sob muitos aspectos, eu o tenho em alta conta – disse Anne –, mas nós não iríamos combinar.

Lady Russell deixou passar o comentário, e tudo o que disse em resposta foi:

– Confesso que poder imaginar você como a futura senhora de Kellynch, a futura Lady Elliot, olhar para a frente e vê-la ocupar o lugar de sua querida mãe e herdar todos os seus direitos e toda a sua popularidade, além de todas as suas virtudes, seria a maior gratificação possível para mim. Você já é o retrato de sua mãe em aparência e disposição e, se eu pudesse imaginá-la na mesma condição que ela em matéria de posição social, sobrenome e endereço, governando e fazendo prosperar a mesma casa, e superior a ela somente pelo fato de ser ainda mais estimada, isso, querida Anne, me encantaria como poucas coisas poderiam me encantar neste estágio da vida! o viúvo deveria guardar antes de noivar novamente.

Anne se viu obrigada a se virar para o outro lado, levantar-se, ir até uma mesa mais afastada e nela se apoiar, fingindo-se entretida com alguma coisa, de modo a disfarçar as sensações causadas por essa possibilidade. Durante alguns instantes, sua imaginação e seu coração se deixaram enfeitiçar. A ideia de se transformar no que a mãe havia sido, de ver o precioso nome "Lady Elliot" reviver em sua pessoa, de voltar a morar em Kellynch e tornar a chamar a casa de seu lar, seu lar para todo o sempre, era tão atraente que no início ela foi incapaz de resistir. Lady Russell não disse mais nada, querendo deixar a questão progredir naturalmente; e acreditando que se o sr. Elliot pudesse, naquele momento, com toda a propriedade, revelar o que sentia! Em suma, ela acreditava naquilo que Anne não acreditava. A mesma imagem do sr. Elliot expondo seus sentimentos fez Anne tornar a se recompor. Todo o encanto de Kellynch e de "Lady Elliot" desapareceu. Ela jamais poderia aceitá-lo. E não apenas porque seus sentimentos ainda estavam avessos a qualquer homem exceto um; seu juízo, ao avaliar seriamente as possibilidades de tal acontecimento, era contrário ao sr. Elliot.

Embora agora já fizesse um mês que os dois se conheciam, ela não estava convencida de conhecer de fato o seu caráter. Que ele era um homem inteligente, agradável, que sabia conversar, emitia opiniões acertadas, que parecia julgar de forma correta e era um homem de princípios, tudo isso estava bastante claro. Ele com certeza sabia o que era correto, e tampouco ela conseguia apontar qualquer quesito de dever moral que ele houvesse obviamente transgredido; ainda assim, teria hesitado em responder por sua conduta. Desconfiava do seu passado, ainda que não do presente. Os nomes de antigos sócios ocasionalmente mencionados, as alusões a antigas práticas e atividades, tudo isso lhe inspirava suspeitas nada favoráveis em relação ao que ele fora. Podia ver que tivera maus hábitos; que viajar aos domingos era para ele algo corriqueiro; que houvera uma fase de sua vida (e provavelmente uma fase nada curta) em que havia se mostrado, no mínimo, descuidado em relação a todos os assuntos sérios; e que, embora hoje pudesse pensar de forma bem

diferente, quem poderia conhecer ao certo os verdadeiros sentimentos de um homem inteligente e cauteloso, agora com idade suficiente para saber o valor de um bom caráter? Como seria possível algum dia ter certeza de que seu espírito houvesse realmente se purificado?

O sr. Elliot era um homem racional, discreto, refinado, mas não era um homem franco. Nunca exibia qualquer arroubo de sentimento, qualquer arrebatamento de indignação ou deleite diante da maldade ou da bondade alheia. Isso, na opinião de Anne, era um defeito claro. As suas primeiras impressões eram impossíveis de apagar. Ela valorizava acima de tudo a franqueza, a sinceridade, os temperamentos vivazes. Uma personalidade calorosa e entusiasmada ainda a encantava. Sentia poder confiar muito mais na sinceridade daqueles que às vezes exibiam alguma expressão ou diziam alguma palavra descuidada ou apressada do que na daqueles cuja presença de espírito jamais variava ou cuja língua nunca escorregava.

O sr. Elliot era agradável de forma demasiadamente generalizada. Por mais diversos que fossem os temperamentos dos moradores da casa de seu pai, ele agradava a todos. Era demasiado paciente, dava-se demasiado bem com todo mundo. Havia lhe falado com alguma franqueza sobre a sra. Clay; parecera entender totalmente o que ela estava tentando fazer, e parecera desprezá-la; apesar disso, a sra. Clay o considerava tão agradável quanto os outros.

Lady Russell devia estar vendo algo a menos ou a mais do que sua jovem amiga, pois nada constatava digno de suscitar desconfiança. Não podia imaginar nenhum homem que fosse mais exatamente como deveria ser do que o sr. Elliot, e tampouco nutria sensação mais deliciosa do que a esperança de vê-lo receber a mão de sua amada Anne na igreja de Kellynch no outono do ano seguinte.

CAPÍTULO 6

Era agora o início do mês de fevereiro, e Anne, que já estava em Bath fazia um mês, estava ficando ansiosa para receber notícias de Uppercross e de Lyme. Ansiava por saber muito mais do que Mary lhe contava. Fazia três semanas desde que tivera qualquer notícia. Sabia apenas que Henrietta tinha voltado para casa; e que Louisa, embora sua recuperação fosse considerada veloz, continuava em Lyme; e estava pensando muito em todos eles certa noite quando uma carta de Mary, mais grossa do que de costume, lhe foi entregue; para aumentar ainda mais seu prazer e sua surpresa, a carta lhe foi entregue com os cumprimentos do almirante e da sra. Croft.

Os Croft deviam estar em Bath! Esse fato a interessava. Eles eram pessoas pelas quais seu coração se deixava naturalmente atrair.

– O que é isso? – exclamou Sir Walter. – Os Croft estão em Bath? Os Croft que alugaram Kellynch? O que lhe trouxeram?

– Uma carta de Uppercross Cottage, senhor.

– Ah! Esse tipo de carta é um passaporte muito conveniente. Sempre garante uma apresentação. De toda forma, eu teria feito uma visita ao almirante Croft. Conheço minhas obrigações para com meu inquilino.

Anne não conseguiu ouvir mais nada; nem sequer teria sido capaz de dizer que comentários seu pai fez sobre a tez do pobre almirante: estava fascinada pela carta. Esta começara a ser escrita vários dias antes.

> 1º de fevereiro de —
>
> Minha querida Anne,
>
> Não peço desculpas por meu silêncio, pois sei o pouco valor que se dá às cartas em um lugar como Bath. Você deve estar demasiado feliz nessa cidade para se preocupar com Uppercross, que, como bem sabe, fornece pouco material sobre o qual escrever. Tivemos um Natal muito sem graça: o sr. e a sra. Musgrove não deram um só jantar durante todo o período de férias. Não considero os Hayter convidados dignos de nota. As férias, porém, finalmente acabaram: acho que nenhuma criança jamais teve férias tão longas. Eu pelo menos não tive. A casa ficou vazia ontem, com exceção dos pequenos Harville; mas você ficará surpresa em saber que eles nunca voltaram para casa. Que mãe estranha deve ser a sra. Harville para se separar dos filhos por tanto tempo assim. Eu não entendo. Em minha

opinião, não são crianças bem-educadas, de forma alguma, mas a sra. Musgrove parece apreciá-las bastante, se não mais do que os próprios netos. Que tempo horrível temos tido! Isso talvez não se sinta em Bath, com todas essas suas belas calçadas, mas no campo faz diferença. Não recebo a visita de vivalma desde a segunda semana de janeiro, com exceção de Charles Hayter, que tem aparecido com muito mais frequência do que seria desejável. Cá entre nós, acho mesmo uma pena Henrietta não ter ficado em Lyme tanto tempo quanto Louisa, pois isso a teria mantido um pouco afastada dele. Hoje a carruagem partiu para trazer de volta amanhã Louisa e os Harville. Mas nós só fomos convidados a ir jantar em sua casa no dia seguinte, pois a sra. Musgrove teme que a filha esteja muito cansada com a viagem, o que não é muito provável, levando em conta os cuidados que irá receber, e seria muito mais conveniente para mim ir jantar lá amanhã. Folgo em saber que você considera o sr. Elliot tão agradável, e gostaria de poder conhecê-lo também, mas tenho tido a minha sorte habitual: estou sempre longe quando alguma coisa boa está acontecendo; sempre a última da família a receber atenção. Há quanto tempo a sra. Clay está com Elizabeth! Será que ela pretende ir embora algum dia? Embora talvez nós não fôssemos convidados ainda que ela liberasse o quarto. Diga-me o que pensa a respeito. Não espero que meus filhos sejam convidados, você sabe. Podemos muito bem deixá-los na Casa Grande durante um mês ou seis semanas. Acabo de receber a notícia de que os Croft estão partindo para Bath quase neste instante: acham que o almirante está sofrendo de gota. Charles ouviu a notícia por acaso: eles não tiveram a civilidade de me informar, nem se ofereceram para levar nada. Não acho que estão melhorando em nada como vizinhos. Nunca os vemos, e isso é realmente um exemplo de extrema desatenção. Charles se une a mim para lhe enviar nosso carinho e tudo o mais. Com afeto,

Mary M.

Sinto dizer que não estou passando nada bem; e Jemima acaba de me dizer que o açougueiro anda dizendo que há uma dor de garganta correndo por aqui. Com certeza irei pegá-la, e você sabe como as minhas dores de garganta são sempre piores do que as de todo mundo.

Assim terminava a primeira parte da carta, que fora posteriormente colocada dentro de um envelope contendo uma quantidade quase maior ainda de páginas.

Deixei minha carta em aberto para poder lhe mandar notícias de como Louisa passou na viagem, e agora estou bem contente por ter feito isso, pois

muito tenho a acrescentar. Em primeiro lugar, recebi ontem um recado da sra. Croft se oferecendo para levar o que fosse preciso para você, um recado muito educado, muito simpático, dirigido a mim como deve ser; assim, poderei deixar minha carta do tamanho que quiser. O almirante não parece muito doente, e torço sinceramente para que Bath lhe faça tanto bem quanto ele deseja. Ficarei realmente feliz em tê-los de volta. Nossa vizinhança não pode abrir mão de uma família tão agradável. Mas voltando a Louisa. Tenho algo a relatar que vai deixá-la mais do que surpresa. Ela e os Harville voltaram para cá com toda a segurança em uma terça-feira, e à noite fomos até lá para saber como ela estava passando, e ficamos muito surpresos ao ver que o capitão Benwick não fazia parte do grupo, pois ele também havia sido convidado, assim como os Harville; e qual você acha que é o motivo para isso? Nem mais nem menos do que o fato de ele estar apaixonado por Louisa, e ter decidido não aparecer em Uppercross antes de ter obtido uma resposta do sr. Musgrove; pois tudo já tinha ficado decidido entre ele e Louisa antes de ela voltar para casa, e ele já havia escrito ao seu pai por intermédio do capitão Harville. Ora, pela minha honra! Isso não a deixa espantada? Pelo menos ficarei surpresa se você algum dia tiver tido alguma indicação nesse sentido, pois eu nunca tive. A sra. Musgrove afirma com solenidade que nunca soube nada a respeito. Mas nós estamos todos muito satisfeitos; embora isso não seja equivalente a ela desposar o capitão Wentworth, é infinitamente melhor do que desposar Charles Hayter; e o sr. Musgrove escreveu dando seu consentimento, e o capitão Benwick é aguardado para hoje. Segundo a sra. Harville, seu marido está muito sentido por causa de sua pobre irmã, mas ambos têm Louisa em grande estima. De fato, a sra. Harville e eu concordamos quanto ao fato de gostarmos ainda mais dela depois de tê-la ajudado a convalescer. Charles se pergunta o que o capitão Wentworth dirá a respeito; mas, se você bem se lembra, eu nunca o julguei afeiçoado a Louisa; nunca pude ver nada nesse sentido. Assim termina, como você vê, qualquer dúvida quanto ao capitão Benwick ser seu admirador. Ainda não entendo como Charles foi capaz de imaginar algo assim. Espero que ele agora se mostre mais sensato. Com certeza esse não é um grande enlace para Louisa Musgrove, mas é um milhão de vezes melhor do que se casar com um membro da família Hayter.

Mary não precisava ter temido que a irmã estivesse em qualquer medida preparada para aquela notícia. Ela nunca havia ficado mais espantada na vida. O capitão Benwick e Louisa Musgrove! Era quase maravilhoso demais para se acreditar, e foi só à custa de muito esforço que ela conseguiu permanecer na sala, manter uma aparência de tranquilidade e responder às perguntas normais da ocasião. Felizmente para ela, não foram muitas. Sir Walter quis saber se os

Croft viajavam com quatro cavalos, e se iriam ficar hospedados em uma parte de Bath que tornasse conveniente uma visita sua e da srta. Elliot, mas demonstrou pouca curiosidade além disso.

– Como vai Mary? – indagou Elizabeth, mas prosseguiu sem esperar a resposta. – E o que os Croft vieram fazer em Bath?

– Foi por causa do almirante. Acham que ele está com gota.

– Gota e decrepitude! – comentou Sir Walter. – Pobre velho cavalheiro!

– Eles têm algum conhecido aqui? – quis saber Elizabeth.

– Não sei; mas não posso imaginar que, na idade do almirante Croft, e com a sua profissão, ele não tenha muitos conhecidos em um lugar como este.

– Desconfio que o almirante Croft vá ficar mais conhecido em Bath como o inquilino de Kellynch Hall – disse Sir Walter com frieza. – Elizabeth, você acha que podemos nos aventurar a apresentá-lo junto com a esposa em Laura Place?

– Ah, não! Acho que não. Levando em conta a nossa posição junto a Lady Dalrymple como seus primos, devemos tomar muito cuidado para não constrangê-la com qualquer relação que ela possa não aprovar. Se não fôssemos parentes, isso não teria importância; mas, como somos seus primos, ela teria escrúpulos em recusar qualquer sugestão nossa. É melhor deixarmos os Croft encontrarem pessoas do nível deles. Há vários homens de aparência estranha andando por esta cidade que, segundo ouvi dizer, são marinheiros. Os Croft poderão se relacionar com eles!

Foi esse o grau de interesse pela carta demonstrado por Sir Walter e Elizabeth; depois de a sra. Clay a ter honrado com uma atenção mais decente, perguntando pela sra. Charles Musgrove e seus adoráveis meninos, Anne ficou livre para se retirar.

No quarto, tentou compreender a situação. Bem fazia Charles em se perguntar como o capitão Wentworth devia estar se sentindo! Talvez ele houvesse abandonado o campo de batalha, desistido de Louisa, deixado de amá-la ou descoberto que não a amava. Anne não podia suportar pensar em traição ou leviandade, nem em nada aparentado a um mau comportamento entre ele e seu amigo. Não podia suportar que uma amizade como a sua fosse rompida de forma injusta.

O capitão Benwicke Louisa Musgrove! A animada Louisa Musgrove, sempre a conversar alegremente, e o capitão Benwick, cabisbaixo, pensativo, emotivo e afeito à leitura, pareciam personificar respectivamente tudo aquilo que não conviria ao outro. Que mentes mais diversas! O que poderia ter ocasionado a atração entre os dois? A resposta logo se apresentou. Fora a situação. Os dois haviam sido forçados a conviver por várias semanas, e haviam feito parte do

mesmo pequeno círculo familiar: desde a partida de Henrietta, deviam estar dependendo quase exclusivamente um do outro, e Louisa, recém-restabelecida de sua enfermidade, estava em um estado interessante, e o capitão Benwick não estava inconsolável. Quanto a isso, Anne não pudera evitar uma desconfiança anterior; e, ao contrário da conclusão tirada por Mary, a julgar pelo desenrolar dos acontecimentos, estes só faziam confirmar a ideia de que ele havia experimentado uma afeição nascente por Anne. No entanto, ela não pretendia tirar disso nada para gratificar a própria vaidade muito além do que Mary poderia ter permitido. Estava convencida de que qualquer jovem suficientemente agradável que o tivesse escutado e aparentado se identificar com ele teria feito jus à mesma honra. O capitão Benwick tinha um coração afetuoso. Precisava amar alguém.

Anne não via motivos para os dois não serem felizes juntos. Para começar, Louisa possuía um entusiasmo razoável por todas as coisas navais, e os dois logo iriam se tornar mais parecidos. Ele ficaria mais alegre, e ela aprenderia a apreciar Scott e Lord Byron; não, isso decerto já havia acontecido; é claro que os dois haviam se apaixonado graças à poesia. Pensar em Louisa Musgrove transformada em uma pessoa provida de gosto literário e reflexão sentimental era divertido, mas Anne não duvidava de que assim fosse. O dia em Lyme, o tombo no Quebra-Mar, tudo isso poderia influenciar a saúde, os nervos, a coragem e o temperamento de Louisa até o final da vida, da mesma forma que parecia ter influenciado seu destino.

A conclusão de tudo isso era que, se a mulher que havia se mostrado sensível aos méritos do capitão Wentworth podia ter a permissão de preferir outro homem, não havia nada naquele noivado capaz de provocar um assombro duradouro; e, contanto que o capitão Wentworth não tivesse com isso perdido um amigo, tampouco havia nada a lastimar. Não, não era a lástima que fazia o coração de Anne bater contra a sua vontade e suas faces corarem ao imaginar o capitão Wentworth livre e desimpedido. Ela nutria sentimentos que tinha vergonha de examinar a fundo. Sentimentos muito parecidos com a alegria, com uma desmesurada alegria!

Ela ansiava por encontrar os Croft; quando o encontro ocorreu, contudo, ficou evidente que eles ainda não tinham tido qualquer indicação da novidade. A visita de cerimônia foi feita e retribuída, e Louisa Musgrove, assim como o capitão Benwick, foi mencionada sem nem ao menos um meio sorriso.

Os Croft haviam se instalado em acomodações em Gay Street, acomodações estas que eram do inteiro agrado de Sir Walter. Este não tinha qualquer vergonha da relação, e na verdade pensava e falava muito mais no almirante do que o almirante jamais pensava ou falava nele.

Os Croft conheciam tantas pessoas em Bath quanto poderiam desejar, e

consideravam sua relação com os Elliot apenas uma questão de etiqueta, nem de longe propensa a lhes proporcionar qualquer prazer. Trouxeram consigo do campo o hábito de andar sempre juntos. O almirante recebera a recomendação de caminhar para evitar a gota, e a sra. Croft parecia acompanhá-lo em todas as ocasiões, e caminhar o quanto fosse necessário para o bem do marido. Anne os via por onde fosse. Lady Russell a levava para sair em sua carruagem quase todo dia de manhã, e ela sempre pensava neles e sempre os via. Conhecendo, como ela conhecia, os sentimentos que nutriam um pelo outro, aquela visão era sempre para ela um retrato muito atraente da felicidade. Ela sempre os observava por quanto tempo pudesse, encantada em pensar que entendia sobre o que poderiam estar conversando enquanto caminhavam, felizes e independentes, ou igualmente encantada ao ver o caloroso aperto de mão do almirante sempre que encontrava algum velho amigo, e ao observar a animação da conversa quando ocasionalmente formavam um pequeno círculo de membros da Marinha, círculo este em que a sra. Croft parecia tão inteligente e interessada quanto qualquer um dos oficiais à sua volta.

Anne tinha compromissos demais com a sra. Russell para passear sozinha com frequência; certa manhã, porém, cerca de uma semana ou dez dias depois da chegada dos Croft, julgou melhor deixar a amiga, ou melhor, a carruagem da amiga, na parte mais baixa da cidade, e voltar sozinha para Camden Place, e ao subir Milsom Street teve a sorte de esbarrar com o almirante. Ele estava parado sozinho em frente a uma loja de gravuras, com as mãos unidas nas costas, contemplando fascinado uma gravura qualquer, e ela não somente poderia ter passado sem que ele a visse, mas foi obrigada a tocá-lo além de falar com ele antes de conseguir atrair sua atenção. No entanto, quando ele reparou nela e a reconheceu, foi com a franqueza e o bom humor de sempre.

– Ah! É a senhorita? Obrigado, obrigado. Isso sim é me tratar como amigo. Estou aqui admirando uma ilustração, como pode ver. Nunca consigo passar por esta loja sem dar uma paradinha. Mas veja só que espécie de navio desenharam aqui! Já viu algo parecido? Que estranhos personagens devem ser os desenhistas para pensar que alguém iria arriscar a vida em uma casca velha e disforme como essa! No entanto, eis aqui dois cavalheiros presos dentro dela e parecendo muito à vontade, olhando para os rochedos e montanhas em volta como se não fossem emborcar no instante seguinte, como com certeza deve acontecer. Pergunto-me onde esse barco foi construído – e riu com vontade. – Eu não confiaria nele nem sequer para atravessar uma poça. Bem – virando-se para ela –, para onde está indo? Quer que vá a algum lugar para a senhorita ou que a acompanhe? Posso lhe ser útil em alguma coisa?

– Não, obrigada, a menos que deseje me dar o prazer de sua companhia no pequeno trecho em que nossos trajetos coincidem. Estou indo para casa.

– Farei isso de muito bom grado, e iria até mais além. Sim, sim, façamos um belo passeio juntos, e tenho algo a lhe contar enquanto caminhamos. Tome, segure meu braço; isso; não me sinto confortável a menos que esteja de braços dados com uma mulher. Meu Deus! Mas que barco! – comentou ele, olhando para a gravura pela última vez enquanto começavam a andar.

– O senhor disse que tinha algo a me contar?

– Tenho, sim, e logo o farei. Mas eis ali um amigo vindo em nossa direção, o capitão Bridgen; mas vou apenas dizer "como vai" quando passarmos. Não vou parar. "Como vai?" Bridgen está espantado por me ver com outra pessoa que não minha esposa. Pobrezinha, ela não pode sair de casa. Está com uma bolha em um dos calcanhares do tamanho de uma moeda de três xelins. Se olhar para o outro lado da rua, a senhorita poderá ver o almirante Brand a descê-la acompanhado pelo irmão. Uns salafrários, os dois! Que bom que não estão deste lado da rua. Sophy não os suporta. Eles certa vez me pregaram uma peça terrível: levaram embora alguns de meus melhores homens. Em outra ocasião eu lhe conto a história toda. Lá vem o velho Sir Archibald Drew com o neto. Olhe, ele nos viu; está beijando a mão na sua direção; pensa que a senhorita é minha esposa. Ah, a paz veio cedo demais para esse rapaz. Pobre Sir Archibald! O que está achando de Bath, srta. Elliot? A cidade nos convém muito bem. Sempre encontrando um ou outro velho amigo; todos os dias de manhã as ruas estão cheias deles; o que não nos falta é conversa; e depois nós nos afastamos de todos eles e nos trancamos em casa, puxamos nossas cadeiras e saboreamos o mesmo aconchego que teríamos se estivéssemos em Kellynch, sim, ou mesmo que tínhamos quando estávamos em North Yarmouth ou em Deal. Nossas acomodações aqui também nos agradam, posso lhe dizer, por nos fazerem pensar nas primeiras que tivemos em North Yarmouth. O vento atravessa da mesma forma um dos armários.

Depois de avançarem mais um pouco, Anne se atreveu a perguntar novamente o que o almirante tinha a lhe contar. Esperava que, quando saíssem de Milsom Street, sua curiosidade seria satisfeita; mas foi ainda obrigada a esperar, pois o almirante havia decidido não começar a falar antes de chegarem ao espaço mais amplo e silencioso de Belmont; e, como ela na realidade não era a sra. Croft, teve que deixá-lo fazer como preferia. Assim que estavam subindo Belmont, ele começou:

– Bem, a senhorita vai ouvir algo que a deixará espantada. Primeiro, porém, precisa me lembrar o nome da jovem sobre quem vou falar. Aquela com quem todos temos andado tão preocupados, sabe. A srta. Musgrove que passou por toda aquela situação. Seu nome de batismo… vivo me esquecendo do seu nome de batismo…

Anne sentiu vergonha de aparentar entender tão rapidamente quanto o fez; depois de ouvi-lo, porém, pôde informar com segurança o nome "Louisa".

– Sim, sim, srta. Louisa Musgrove, é esse mesmo o nome. Gostaria que as moças não tivessem tantos belos nomes de batismo. Eu nunca iria me esquecer caso todas se chamassem Sophy, ou algo assim. Bem, a senhorita bem sabe que nós todos pensávamos que essa srta. Louisa fosse se casar com Frederick. Ele passou semanas a cortejá-la. O único motivo de perplexidade era por que os dois estavam esperando tanto, isso até o incidente em Lyme; depois disso, é claro, ficou evidente que deveriam esperar a cabeça dela se recuperar. Mas mesmo depois do acidente havia algo de estranho no comportamento dos dois. Em vez de ficar em Lyme, Frederick foi para Plymouth, e em seguida foi visitar Edward. Quando voltamos de Minehead, ele já tinha partido para a casa de Edward, e lá está desde então. Nós não o vemos desde o mês de novembro. Nem mesmo Sophy foi capaz de entender isso. Agora, porém, a situação tomou um rumo muito estranho; pois essa senhorita, essa mesma srta. Musgrove, em vez de se casar com Frederick, vai se casar com James Benwick. A senhorita conhece James Benwick?

– Um pouco. Conheço um pouco o capitão Benwick.

– Bem, ela vai se casar com ele. Não, o mais provável é que já estejam casados, pois não imagino o que os faria esperar.

– Achei o capitão Benwick um rapaz muito agradável – disse Anne –, e pelo que sei ele tem excelente caráter.

– Ah, sim, sim! Não há nada a dizer contra James Benwick. É bem verdade que ele é apenas um capitão de fragata, promovido no verão passado, e nós estamos em uma época ruim para subir de patente, mas tirando isso, que eu saiba, não tem nenhum outro defeito. Um rapaz excelente e de bom coração, posso lhe garantir; além do mais, ele é um oficial muito ativo e zeloso, o que talvez seja mais do que se poderia supor, pois seus modos afáveis não lhe fazem justiça.

– Nisso o senhor está equivocado; os modos do capitão Benwick nunca me fariam concluir que lhe falte energia. Considerei seus modos particularmente agradáveis, e posso lhe garantir que são agradáveis para todos.

– Bem, bem, senhoras são juízes melhores, mas James Benwick é um pouco *piano* demais para mim; e, embora a nossa opinião provavelmente não seja isenta, Sophy e eu não podemos deixar de pensar que os modos de Frederick superam os dele. Frederick tem algo que é mais do nosso gosto.

Anne se sentiu encurralada. Sua intenção havia sido apenas se opor à noção por demais corriqueira de que energia e afabilidade eram incompatíveis entre si, não apresentar os modos do capitão Benwick como os melhores possíveis; depois

de alguma hesitação, estava começando a dizer "Não tive a intenção de fazer qualquer comparação entre os dois amigos…", mas o almirante a interrompeu dizendo:

– E isso com certeza é verdade. Não é apenas fofoca. Quem nos contou foi o próprio Frederick. Sophy recebeu uma carta dele ontem dando a notícia, e ele havia acabado de ficar sabendo por uma carta de Harville escrita na hora mesmo, de Uppercross. Imagino que estejam todos em Uppercross.

Anne não pôde resistir a essa oportunidade; portanto, disse:

– Eu espero, almirante, espero mesmo que não haja nada no estilo da carta do capitão Wentworth que tenha deixado o sr. e a sra. Croft particularmente aflitos. No outono passado, certamente parecia haver algum afeto entre ele e Louisa Musgrove; espero, porém, que este se tenha dissipado de ambos os lados de forma equilibrada, e sem violência. Espero que a carta dele não tenha sido escrita com o tom de um homem maltratado.

– De forma alguma, de forma alguma: não há qualquer protesto ou queixa do início ao fim.

Anne olhou para o chão de modo a esconder o sorriso.

– Não, não; Frederick não é homem de choramingar e reclamar; ele tem energia demais para tal. Se a moça gosta mais de outro homem, é melhor que fique com ele.

– Sem dúvida. Mas o que eu quis dizer foi que espero não haver nada na forma de escrever do capitão Wentworth que leve o senhor a supor que ele se considere maltratado pelo amigo, coisa que pode transparecer, como o senhor bem sabe, sem que seja dita com todas as letras. Eu ficaria muito triste se uma amizade como a que existia entre ele e o capitão Benwick fosse destruída, ou mesmo prejudicada por uma circunstância assim.

– Sim, sim, eu a entendo. Mas a carta não contém nada dessa natureza. Ele não faz o menor ataque a Benwick; não chega sequer a dizer: "Isso me espanta. Tenho motivos pessoais para ficar espantado com isso." Não, por sua forma de escrever não seria possível adivinhar que ele algum dia tenha considerado essa senhorita (qual é mesmo o nome dela?) para si. Ele espera sinceramente que os dois sejam felizes juntos; e não há nada de rancoroso em um desejo assim, suponho.

Anne não sentiu a convicção total que o almirante pretendia transmitir, mas teria sido inútil insistir mais no assunto. Assim, contentou-se em fazer comentários banais ou em lhe dedicar uma atenção silenciosa, e o almirante prosseguiu falando como desejava.

– Pobre Frederick! – disse ele, por fim. – Ele agora precisa começar tudo de

novo com outra pessoa. Acho que devemos convidá-lo para vir a Bath. Sophy precisa lhe escrever e implorar que venha. Tenho certeza de que aqui haverá moças bonitas que bastem. De nada adiantaria voltar para Uppercross, já que creio que a outra srta. Musgrove está comprometida com o primo, o jovem cura. Seria melhor tentarmos fazê-lo vir a Bath, não acha, srta. Elliot?

CAPÍTULO 7

Enquanto o almirante Croft dava seu passeio com Anne e expressava o desejo de trazer o capitão Wentworth para Bath, este já estava a caminho da cidade. Antes mesmo de a sra. Croft lhe escrever, ele já havia chegado, e Anne o viu na vez seguinte em que saiu de casa.

O sr. Elliot acompanhava as duas primas e a sra. Clay. Os três caminhavam por Milsom Street. Começou a chover, não muito, mas o suficiente para tornar desejável encontrar um abrigo para as senhoras, e o suficiente para tornar muito desejável que a srta. Elliot pudesse voltar para casa na carruagem de Lady Dalrymple, que fora vista aguardando a uma curta distância dali; assim, ela, Anne e a sra. Clay entraram na Molland's, enquanto o sr. Elliot ia ter com Lady Dalrymple para pedir sua ajuda. Ele logo veio se juntar de novo às primas, naturalmente depois de ter obtido sucesso em seu pedido; Lady Dalrymple teria prazer em levá-las até em casa, e viria buscá-las dali a poucos minutos.

A carruagem de Lady Dalrymple era uma *barouche* que não comportava mais de quatro pessoas de forma confortável. A srta. Carteret acompanhava a mãe; consequentemente, não era sensato esperar que fosse possível acomodar todas as três senhoras de Camden Place a bordo. Não havia dúvida em relação à srta. Elliot. Quem quer que viesse a passar algum aperto, não seria ela, mas foi preciso algum tempo para decidir qual seria a escolha mais acertada entre as outras duas. Caía uma chuvinha de nada, e Anne foi totalmente sincera ao dizer que preferia voltar a pé com o sr. Elliot. Mas a sra. Clay também considerava a chuva uma coisinha de nada; para ela, praticamente não caía nenhuma gota do céu, e suas botas eram muito grossas, bem mais grossas do que as da srta. Anne! Em suma, a sua educação a tornou tão ansiosa para que a deixassem voltar caminhando com o sr. Elliot quanto Anne, e a questão foi debatida entre as duas com uma generosidade tão polida e determinada que os outros foram obrigados a decidir em seu lugar; a srta. Elliot afirmou que a sra. Clay já estava um pouco resfriada, e o sr. Elliot, quando consultado, decidiu que as botas de sua prima Anne eram um tantinho mais grossas.

Ficou decidido, portanto, que a sra. Clay voltaria na carruagem; e eles haviam acabado de tomar essa decisão quando Anne, sentada junto à janela da confeitaria, viu com muita certeza e de forma muito distinta o capitão Wentworth descendo a rua a pé.

Ela foi a única a reparar no próprio sobressalto, mas sentiu-se na mesma hora a pessoa mais tola, incompreensível e absurda do mundo! Durante alguns

minutos, não conseguiu ver nada diante de si: tudo era confusão. Ficou perdida, e, depois de repreender os próprios sentidos para que voltassem a funcionar, constatou que as outras ainda estavam à espera da carruagem, e que o sr. Elliot (sempre atencioso) estava de partida rumo à Union Street, onde faria uma compra para a sra. Clay.

Anne então sentiu-se fortemente inclinada a ir até a porta da confeitaria; queria ver se estava chovendo. Por que deveria desconfiar que tivesse algum outro motivo? O capitão Wentworth já devia ter passado. Levantou-se, decidida a ir até lá; por que metade de si era sempre tão mais sensata do que a outra metade, e sempre desconfiava que a outra fosse pior do que na realidade era? Ela iria até a porta ver se estava chovendo. No entanto, foi obrigada a voltar dali a poucos segundos pela aparição do capitão Wentworth em pessoa acompanhado por um grupo de damas e cavalheiros, obviamente conhecidos seus, e com os quais ele devia ter se encontrado um pouco depois de Milsom Street. O capitão ficou mais obviamente espantado e confuso ao vê-la do que ela jamais tinha podido observar; ficou bastante vermelho. Pela primeira vez desde que haviam tornado a se encontrar, ela sentiu que estava se mostrando a menos sensível dos dois. Tinha sobre ele a vantagem de ter podido se preparar durante alguns instantes. Todos os primeiros efeitos de uma forte surpresa, incontroláveis, ofuscantes, estonteantes, já haviam cessado para ela. Apesar disso, ela ainda tinha muito a sentir! Agitação, dor, prazer; um misto de deleite e tristeza.

Ele a cumprimentou, e em seguida virou-lhe as costas. O constrangimento foi o que sobressaiu em seus modos. Ela não poderia ter qualificado o seu comportamento nem de frio nem de amigável, nem de qualquer outra coisa com mais segurança do que constrangido.

Depois de um curto intervalo, porém, ele veio até ela e tornou a falar. Os dois trocaram perguntas sobre assuntos comuns: provavelmente nenhum dos dois aprendeu nada com o que escutou, e Anne continuou consciente de que ele se mostrava bem menos desenvolto do que antes. Por terem estado tanto tempo juntos, os dois haviam passado a se falar com uma dose considerável de aparente indiferença e calma; mas ele agora já não conseguia se portar assim. O tempo, ou então Louisa, o haviam modificado. Havia nele um novo tipo de consciência. Parecia muito disposto, e não tinha o aspecto de alguém que padecia fosse na saúde ou na mente, e falou de Uppercross, dos Musgrove, e sim, até mesmo de Louisa, e chegou a adotar aquele seu ar de malícia ao citar o nome dela; ainda assim, o capitão Wentworth não estava à vontade, nem confortável, e tampouco foi capaz de fingir que assim estava.

Anne não ficou surpresa, mas entristeceu-se ao constatar que Elizabeth não o cumprimentava. Viu que ele viu Elizabeth, e que Elizabeth também o viu, e que houve de ambas as partes um reconhecimento interior completo; sentiu-se

convencida de que ele estava prestes a ser cumprimentado como um conhecido, chegou a esperar por isso, e teve a dor de ver a própria irmã virar as costas com uma frieza inabalável.

A carruagem de Lady Dalrymple, cuja demora já causava grande impaciência na srta. Elliot, então apareceu; o criado veio anunciar sua chegada. Estava recomeçando a chover, e houve certo atraso, agitação e falatório suficientes para fazer todos os presentes na confeitaria entenderem que Lady Dalrymple estava ali para conduzir a srta. Elliot. Por fim, a srta. Elliot e sua amiga, acompanhadas apenas pelo criado (pois seu primo ainda não havia retornado), saíram, e o capitão Wentworth, ao vê-las sair, virou-se para Anne e, por seus modos mais do que por suas palavras, ofereceu-lhe os seus préstimos.

– Fico-lhe muito agradecida – foi a resposta dela –, mas não vou acompanhá-las. A carruagem não comporta tantos passageiros. Voltarei a pé, prefiro assim.

– Mas está chovendo.

– Ah, muito pouco! Nada que me incomode.

Após uma pausa de alguns instantes, ele disse:

– Embora só tenha chegado à cidade ontem, já me equipei adequadamente para Bath, como pode constatar – apontando para um guarda-chuva novo. – Caso esteja decidida a voltar a pé, gostaria que a senhorita aceitasse usá-lo; embora ache que seria mais prudente se me deixasse chamar uma liteira.

Ela ficou muito agradecida, mas recusou todas as ofertas, repetindo a convicção de que a chuva não iria demorar muito a passar e acrescentando:

– Estou só aguardando o sr. Elliot. Tenho certeza de que ele vai chegar daqui a poucos instantes.

Mal havia pronunciado essas palavras quando o sr. Elliot entrou na confeitaria. O capitão Wentworth se lembrava dele com perfeição. Não havia qualquer diferença entre ele e o homem que ficara parado nos degraus em Lyme, admirando Anne enquanto ela passava, a não ser na atitude e na aparência, bem como nos modos de um conhecido e amigo especial. Ele entrou ansioso, pareceu ter olhos e atenção apenas para ela, desculpou-se pela demora, lamentou tê-la deixado esperando e mostrou-se ansioso para levá-la embora dali sem mais demora e antes que a chuva apertasse; e poucos instantes depois os dois saíram juntos, de braços dados, e ela só teve tempo para um olhar suave e encabulado e para um “Bom dia para o senhor!” enquanto passava.

Assim que os dois saíram de cena, as senhoras do grupo do capitão Wentworth puseram-se a falar a seu respeito.

– Posso ver que a prima não desagrada ao sr. Elliot.

– Ah, não, isso está bem claro! Já é possível adivinhar o que vai acontecer. Ele

está sempre na sua companhia; acho que praticamente vive com a família. Que homem mais bem-apessoado!

– Sim, e a srta. Atkinson, que jantou com ele certa vez na casa dos Wallis, disse que ele é o homem mais agradável que ela jamais encontrou.

– Eu acho Anne Elliot bonita; muito bonita, quando se olha com atenção. Não é costume dizer isso, mas confesso que a admiro mais do que à irmã.

– Ah, eu também!

– E eu também. Não há comparação possível. Mas os homens vivem todos loucos atrás da srta. Elliot. Anne é delicada demais para o seu gosto.

Anne teria ficado particularmente grata ao primo caso ele tivesse caminhado a seu lado até Camden Place sem dizer nada. Nunca havia achado tão difícil escutá-lo, embora nada fosse capaz de superar a sua solicitude e o seu cuidado, e embora os seus assuntos fossem principalmente do tipo propenso a ser sempre interessante: elogios calorosos, justos e sensatos a Lady Russell, além de insinuações muito racionais contra a sra. Clay. Mas tudo em que Anne conseguia pensar agora era no capitão Wentworth. Não conseguia entender os seus sentimentos atuais, nem saber se ele estava de fato muito desapontado ou não; e até isso ficar esclarecido, não era capaz de se comportar normalmente.

Torceu para, com o tempo, vir a se tornar sábia e sensata; infelizmente, porém, infelizmente tinha de confessar a si própria que ainda não o era.

Outra circunstância que lhe era essencial conhecer era quanto tempo ele pretendia passar em Bath; ou ele não havia mencionado o fato, ou então ela não conseguia se lembrar. Talvez ele estivesse apenas de passagem. Mas era bem mais provável que tivesse vindo para ficar. Nesse caso, dada a probabilidade de todo mundo se encontrar com todo mundo em Bath, Lady Russell muito provavelmente o veria em algum lugar. Será que se lembraria dele? O que iria acontecer?

Anne já tinha sido obrigada a contar a Lady Russell que Louisa Musgrove iria se casar com o capitão Benwick. Fora-lhe um tanto custoso assistir à surpresa da amiga; e agora, caso Lady Russell por acaso fosse levada a frequentar o mesmo ambiente que o capitão Wentworth, seu conhecimento imperfeito da situação talvez acrescentasse mais uma camada de preconceito em relação a ele.

Na manhã seguinte, Anne saiu com a amiga, e passou a primeira hora em uma espécie de incessante e temerosa tocaia para vê-lo, mas foi em vão; por fim, contudo, já na volta, quando estava descendo Pulteney Street, viu-o na calçada da direita, e a uma distância tal que o tornava visível de quase toda a extensão da rua. Muitos outros homens andavam à sua volta, e muitos grupos caminhavam na mesma direção, mas não havia como confundi-lo. Ela olhou instintivamente para Lady Russell, mas não por qualquer medo insensato de que

a amiga o reconhecesse tão rapidamente quanto ela própria o havia feito. Não, não era de se imaginar que Lady Russell fosse vê-lo antes de estarem quase na mesma altura da rua. No entanto, olhava para a amiga de vez em quando, ansiosa, e, quando a hora em que esta o veria foi se aproximando, embora não tenha se atrevido a olhar de novo (pois sabia que o próprio estado não estava em condições de ser visto), mesmo assim teve perfeita consciência de que os olhos de Lady Russell estavam virados exatamente na direção dele – em suma, de que ela o estava observando com atenção. Conseguia compreender plenamente o tipo de fascínio que ele devia exercer na mente de Lady Russell, e como devia lhe ser difícil desviar os olhos, e o espanto que ela devia estar sentindo ao constatar que ele havia envelhecido oito ou nove anos, e além do mais sob climas estrangeiros e no serviço ativo, sem nada perder de sua graça pessoal!

Por fim, Lady Russell virou a cabeça. "Como será que ela vai falar nele?"

– Você deve estar se perguntando o que atraiu meu olhar por tanto tempo – disse ela. – Mas eu estava olhando umas cortinas sobre as quais Lady Alicia e a sra. Frankland estavam me falando ontem à noite. Elas descreveram as cortinas das janelas do salão de uma das casas situadas nesta calçada e deste lado da rua como as mais belas e de melhor caimento em toda Bath, mas não sabiam dizer o número exato da casa, e eu estava tentando descobrir qual poderia ser. Mas confesso que não consigo ver por aqui nenhuma cortina que corresponda à sua descrição.

Anne suspirou, enrubesceu e sorriu, de pena e de desdém, quer pela amiga ou por si mesma. A parte que mais a incomodou foi que, em meio a todo aquele desperdício de premeditação e cautela, ela havia perdido o momento certo de observar se ele as tinha visto.

Um ou dois dias transcorreram sem novidades. O teatro ou os salões públicos, onde era mais provável que ele estivesse, não eram suficientemente prestigiosos para os Elliot, cujos divertimentos vespertinos se limitavam à estupidez elegante das festas particulares às quais compareciam com cada vez mais frequência; e Anne, cansada dessa estagnação, farta de não saber nada e imaginando-se mais forte pelo fato de a sua força não ter sido testada, estava impaciente para ver chegar a noite do concerto. Tratava-se de um concerto organizado por Lady Dalrymple em benefício de uma pessoa que ela patrocinava. É claro que os Elliot deveriam comparecer. Esperava-se muito que fosse um bom concerto, e o capitão Wentworth era um grande apreciador de música. Se ao menos ela conseguisse ter com ele mais alguns minutos de conversa, imaginava que fosse ficar satisfeita; quanto à iniciativa de falar com ele, ela se sentia tomada por total coragem caso a oportunidade se apresentasse. Elizabeth havia lhe virado as costas, Lady Russell o ignorava; essas circunstâncias a fortaleciam; e ela sentia que lhe devia atenção.

Anne havia mais ou menos prometido à sra. Smith visitá-la nessa noite mas, durante uma visita curta e apressada, desculpou-se e adiou o compromisso, substituindo-o pela promessa mais definitiva de uma visita mais longa no dia seguinte. A sra. Smith aceitou a troca com muito bom humor.

– Mas é claro, basta me contar tudo quando vier – pediu ela. – Com quem irá ao concerto?

Anne citou o nome de todos os presentes. A sra. Smith não respondeu nada mas, quando Anne estava indo embora, disse, com uma expressão meio séria, meio maliciosa:

– Bem, eu desejo de coração que o seu concerto seja tão bom quanto a senhorita espera. Não deixe de vir me ver amanhã, se puder, pois estou começando a ter o pressentimento de que não receberei mais muitas visitas suas.

Anne ficou espantada e atônita; no entanto, após alguns instantes de incerteza, foi obrigada a ir embora depressa, e contente por ter de fazê-lo.

CAPÍTULO 8

À noite, Sir Walter, as duas filhas e a sra. Clay foram os primeiros de todos os convidados a chegarem à sala do concerto; como era preciso aguardar Lady Dalrymple, foram se acomodar junto a uma das lareiras da Sala Octogonal. No entanto, mal haviam acabado de se instalar quando a porta tornou a se abrir e o capitão Wentworth entrou sozinho. Anne era a que estava mais próxima dele e, adiantando-se um pouco, dirigiu-lhe a palavra. Ele estava se preparando para fazer uma mesura e seguir em frente, mas o suave "Como vai?" de Anne o fez se desviar de uma linha reta para vir se postar ao seu lado e, por sua vez, fazer-lhe perguntas, apesar da presença formidável de seu pai e de sua irmã ao fundo. O fato de eles estarem ao fundo ajudava Anne; ela não sabia qual era a sua expressão facial, e sentia coragem para fazer tudo aquilo que julgava certo.

Enquanto os dois conversavam, sussurros entre seu pai e Elizabeth lhe chamaram a atenção. Ela não conseguiu distinguir as palavras, mas pôde adivinhar o assunto; e, quando o capitão Wentworth fez uma mesura distante, compreendeu que o pai havia julgado adequado lhe conceder essa simples demonstração de que o conhecia, e teve justo o tempo de ver, com um olhar de soslaio, a própria Elizabeth fazer uma ligeira mesura. Esta, embora atrasada, relutante e desgraciosa, era melhor do que nada, e seu ânimo melhorou.

No entanto, após discorrer sobre o tempo, Bath e o concerto, a conversa começou a arrefecer, e por fim tornou-se tão esparsa que ela imaginava que ele fosse partir a qualquer momento, mas isso não aconteceu; ele não parecia estar com a menor pressa para deixá-la, e então, com uma energia renovada, um pequeno sorriso e um leve brilho nos olhos, disse:

– Eu quase não a vejo desde a nossa estada em Lyme. Temo que deva ter sofrido com o choque, e mais ainda por não ter se deixado ser por ele dominada na ocasião.

Anne lhe garantiu que não era o caso.

– Que momento terrível, que dia terrível! – disse ele, e passou a mão pelos olhos como se a lembrança ainda fosse por demais dolorosa, mas, instantes depois, novamente com um meio sorriso, continuou a falar. – O dia teve alguns efeitos, porém, algumas consequências que é preciso considerar o contrário de terríveis. Quando a senhorita teve a presença de espírito de sugerir que Benwick seria a melhor pessoa para ir chamar um médico, mal poderia ter imaginado que ele acabaria sendo um dos mais preocupados com o restabelecimento de Louisa.

– Certamente não poderia ter imaginado tal coisa. Mas parece que… Espero

que seja um enlace muito feliz. Ambos os interessados têm bons princípios e bom temperamento.

– Sim – concordou ele, sem olhar diretamente para ela –, mas acho que a semelhança termina aí. Desejo de todo o coração que os dois sejam felizes, e qualquer circunstância que favoreça isso me alegra. Eles não têm qualquer dificuldade a enfrentar em casa, nenhuma oposição, nenhum capricho, nenhum motivo para demora. Os Musgrove estão se comportando como sempre, de forma muito honrada e gentil, apenas com a ansiedade que um verdadeiro coração de pai e mãe demonstra em relação ao bemestar da filha. Tudo favorece muito, muito mesmo, a sua felicidade; mais talvez do que…

Ele se deteve. Pareceu tomado por uma súbita lembrança, e provar um gostinho da mesma emoção que tornou vermelhas as bochechas de Anne e a fez cravar os olhos no chão. Depois de pigarrear, porém, ele prosseguiu dizendo:

– Confesso que penso existir certa disparidade, uma disparidade demasiado grande, e em um quesito não menos essencial do que o temperamento. Considero Louisa Musgrove uma jovem muito afável, de índole doce, e inteligência não lhe falta, mas Benwick é mais do que isso. É um homem instruído, amante dos livros; e confesso que o fato de se comprometer com ela me causa alguma surpresa. Caso isso houvesse sido devido à gratidão, caso ele houvesse aprendido a amá-la por acreditar que ela o estivesse preferindo, teria sido diferente. Mas não tenho motivos para supor tal coisa. Pelo contrário, o sentimento parece ter sido inteiramente espontâneo e natural de sua parte, e isso me deixa surpreso. Um homem como ele, na sua condição! Com um coração partido, ferido, quase despedaçado! Fanny Harville era uma criatura muito superior, e a sua afeição por ela era de fato afeição. Um homem não se recupera depois de ter dedicado assim o coração a uma mulher! Nem deve se recuperar; isso é impossível.

Mas ele não prosseguiu, fosse por consciência de que o amigo havia se recuperado ou por algum outro tipo de consciência; e Anne, que apesar do tom de voz arrebatado com que a última parte fora pronunciada, e apesar dos vários ruídos da sala, das batidas quase incessantes da porta e do burburinho também incessante de pessoas passando, havia distinguido cada palavra, ficou espantada, agradecida, encabulada, e começou a respirar depressa e a experimentar mil sensações em um mesmo instante. Era-lhe impossível falar sobre aquilo; no entanto, após uma pausa, sentindo a necessidade de falar e sem desejar de forma alguma uma mudança completa de assunto, fez apenas um pequeno desvio dizendo:

– O senhor passou um bom tempo em Lyme, não foi?

– Umas duas semanas. Não podia ir embora antes de plenamente confirmado o restabelecimento de Louisa. Estava envolvido demais com o acidente para me

tranquilizar tão depressa. A culpa havia sido minha, exclusivamente minha. Ela não teria sido tão teimosa caso eu não tivesse sido fraco. A região em torno de Lyme é muito bonita. Caminhei e cavalguei bastante, e quanto mais via, mais motivos encontrava para admirar.

– Eu gostaria muito de tornar a visitar Lyme – comentou Anne.

– É mesmo? Não teria imaginado que a senhorita pudesse ter encontrado em Lyme qualquer coisa passível de inspirar tal sentimento. Com todo o horror e a preocupação na qual esteve envolvida, com toda a tensão e o esgotamento nervoso! Teria imaginado que suas últimas impressões em relação a Lyme fossem de forte repulsa.

– As últimas horas sem dúvida foram muito penosas – retrucou Anne –, mas, uma vez passada a dor, a lembrança do lugar muitas vezes se torna prazerosa. Não se ama menos um lugar pelo fato de nele se ter sofrido, a menos que tenha havido apenas sofrimento, nada além de sofrimento, o que não foi nem de longe o caso em Lyme. Nós só ficamos ansiosos e preocupados durante as últimas duas horas, e antes disso havíamos nos divertido bastante. Quanta novidade, quanta beleza! Viajei tão pouco que qualquer lugar novo seria interessante para mim, mas em Lyme há beleza de verdade e, para resumir – disse ela, corando de leve com algumas lembranças –, de modo geral minhas impressões em relação ao lugar são muito agradáveis.

Quando ela se calou, a porta tornou a se abrir, e justamente o grupo que estavam aguardando apareceu. “Lady Dalrymple, Lady Dalrymple!”, repetiam todos com alegria; e, com toda a impaciência compatível com uma elegância afoita, Sir Walter e as duas senhoras que o acompanhavam se adiantaram para recebê-la. Lady Dalrymple e a srta. Carteret, escoltadas pelo sr. Elliot e pelo coronel Wallis, que por casualidade chegaram quase no mesmo instante, adentraram o salão. Os outros foram se juntar a eles, e Anne logo se viu necessariamente incluída no grupo. Foi separada do capitão Wentworth. Sua conversa tão interessante, quase por demais interessante, teve de ser interrompida por algum tempo, mas modesto foi o pesar em comparação com a felicidade que o provocou! Nos últimos dez minutos, ela havia descoberto mais sobre os sentimentos dele em relação a Louisa, sobre todos os seus sentimentos, do que se atrevia a imaginar; assim, foi tomada por sensações deleitáveis, ainda que agitadas, que cedeu às demandas do grupo e às civilidades requeridas pela ocasião. Mostrou-se bem-humorada com todos. Havia escutado coisas que a dispunham a se mostrar cortês e gentil com qualquer um, e a sentir pena de todos por não serem tão felizes quanto ela.

Essas deliciosas emoções foram um pouco atenuadas quando, ao se afastar do grupo para proporcionar ao capitão Wentworth a ocasião de ir ter outra vez com ela, viu que ele havia deixado o recinto. Ainda teve tempo de vê-lo entrar na sala

de concerto. Ele fora embora; havia desaparecido; ela experimentou um instante de tristeza. Mas "eles tornariam a se encontrar. Ele iria procurar por ela, iria encontrá-la bem antes de encerrada a noite, e por ora talvez não houvesse problema em estarem separados. Ela precisava de um pequeno intervalo para se recuperar."

Logo depois, com a chegada de Lady Russell, o grupo ficou completo, e tudo o que lhes restou foi se reunir e tomar o rumo da sala de concerto, ostentando ao máximo a importância de sua situação, atraindo o máximo de olhares, provocando o máximo de cochichos e incomodando o máximo de pessoas possível.

Felizes, muito felizes estavam tanto Elizabeth quanto Anne Elliot ao adentrarem a sala. Elizabeth caminhava de braços dados com a srta. Carteret, com os olhos pregados nas costas largas da viúva viscondessa Dalrymple logo à sua frente, e não parecia haver nada que pudesse desejar que não estivesse a seu alcance; e Anne… mas seria uma ofensa à natureza da felicidade de Anne fazer qualquer comparação entre esta e a de sua irmã; a segunda tinha como origem somente uma vaidade egoísta, a primeira somente uma generosa afeição.

Anne nada viu nem deu qualquer importância à elegância do salão. Sua felicidade vinha de dentro. Seus olhos brilhavam e suas faces estavam coradas; mas ela não sabia disso. Tudo em que conseguia pensar era na última meia hora transcorrida e, enquanto todos se acomodavam em seus lugares, sua mente a rememorou rapidamente. A escolha de assuntos do capitão, suas expressões faciais, e mais ainda seus modos e seu olhar, ela só podia interpretá-los de uma forma. Sua opinião quanto à inferioridade de Louisa Musgrove, opinião esta que ele parecera fazer questão de expressar, sua surpresa com o capitão Benwick, seus sentimentos em relação a um primeiro e sólido vínculo afetivo; frases iniciadas que ele não conseguia terminar, seus olhares meio esquivos e sua expressão mais do que um pouco significativa, tudo, tudo afirmava que seu coração no mínimo estava voltando a considerá-la, que a raiva, o ressentimento, o desejo de evitá-la haviam desaparecido, e que tinham sido sucedidos não somente por amizade e apreço, mas pela mesma ternura do passado. Sim, um pouco da ternura do passado! Ela não conseguia atribuir um significado menor àquela mudança. Ele com certeza a amava.

Esses pensamentos, juntamente com as visões que os acompanhavam, ocupavam-na e abalavam-na demais para que lhe restasse qualquer poder de observação; e ela atravessou a sala sem pousar os olhos nele, sem nem sequer tentar localizá-lo. Uma vez escolhidos os lugares, e uma vez todos adequadamente acomodados, ela olhou em volta para ver se ele por acaso estava na mesma parte do salão, mas não; seus olhos não conseguiram alcançá-lo e, como o concerto estava começando, ela teve que se contentar, por ora, com uma

felicidade mais modesta.

O grupo estava dividido e disposto em dois bancos contíguos; Anne estava sentada no primeiro deles, e o sr. Elliot, com o auxílio do amigo coronel Wallis, havia manobrado para conseguir se sentar ao seu lado. A srta. Elliot, por sua vez, cercada pelas primas e alvo principal dos galanteios do coronel Wallis, parecia muito contente.

A disposição mental de Anne estava inteiramente favorável à diversão proporcionada pela noite; a música a ocupava justo o suficiente: ela se emocionou com a delicadeza, animou-se com a alegria, prestou atenção na técnica e teve paciência para as partes maçantes, e nunca na vida apreciou tanto um concerto, pelo menos durante o primeiro ato. Já quase no fim, no intervalo que se seguiu a uma canção italiana, pôs-se a explicar para o sr. Elliot a letra da canção. Os dois dividiam o mesmo programa.

– Esse é quase o sentido, ou melhor, o significado das palavras – disse ela –, pois com certeza não se deve falar em sentido no caso de uma canção de amor italiana, mas é o significado mais próximo que sou capaz de fornecer, pois não tenho pretensões de conhecer a língua. Sou uma péssima estudiosa de italiano.

– Sim, sim, posso ver que é mesmo. Posso ver que não conhece nada sobre o assunto. Tem apenas conhecimento suficiente para traduzir mediante o meu pedido essas linhas de italiano invertidas, transpostas e abreviadas em um inglês claro, compreensível e elegante. Não precisa dizer mais nada quanto à sua ignorância. Isso já é uma prova cabal.

– Não vou me opor a uma gentileza tão delicada, mas ficaria contrariada caso fosse interrogada por um verdadeiro conhecedor.

– Não tive o prazer de fazer tantas visitas a Camden Place sem ficar conhecendo um pouco a srta. Anne Elliot – respondeu ele. – E de fato a considero uma pessoa demasiado modesta para que o mundo em geral possa ter ciência sequer da metade de seus talentos, e demasiado talentosa para que a modéstia caia bem em qualquer outra mulher.

– Por favor, por favor! Seu elogio é excessivo. Até me esqueço o que vem agora – disse ela, virando-se para o programa.

– Talvez eu já conheça o seu temperamento há mais tempo do que a senhorita desconfia – disse o sr. Elliot, falando baixo.

– É mesmo? Como? O senhor só conhece o meu temperamento desde que cheguei a Bath, com exceção do que pode ter ouvido a meu respeito antes entre meus próprios parentes.

– Eu já a conhecia de reputação muito antes de a senhorita chegar a Bath. Ouvi-a ser descrita por pessoas que a conheciam intimamente. Sua aparência,

sua disposição, seus talentos, seus modos: tudo me foi descrito, tudo me foi apresentado.

O sr. Elliot não ficou desapontado com o interesse que pretendia despertar. Ninguém consegue resistir ao charme de tal mistério. Ter sido descrita tempos atrás a um conhecido recente, e sem saber por quem, é algo irresistível; e Anne foi tomada pela curiosidade. Aquilo lhe deu o que pensar, e ela o interrogou com animação; mas foi em vão. Ele se deliciou com as perguntas, mas não quis respondê-las.

"Não, não, em algum outro momento, talvez, mas agora não." Ele não iria mencionar nome algum naquele instante, mas podia lhe garantir que isso havia acontecido. Muitos anos antes, havia escutado uma descrição da srta. Anne Elliot capaz de inspirar nele o mais alto apreço por seus méritos e despertar a mais viva curiosidade para conhecê-la.

Anne não conseguia pensar em ninguém capaz de ter falado a seu respeito com tamanha parcialidade anos antes exceto o sr. Wentworth de Monkford, irmão do capitão Wentworth. Ele podia muito bem ter conhecido o sr. Elliot, mas ela não teve coragem de perguntar.

– Há muito que o nome Anne Elliot me soa interessante – disse ele. – Há muito que ele exerce um fascínio sobre minha mente; e, caso eu me atrevesse, sussurraria meu desejo de que esse nome nunca viesse a mudar.

Tais foram, acreditava ela, as suas palavras; no entanto, mal havia escutado seu som quando sua atenção foi atraída por outros sons logo atrás de si que tornaram tudo o mais sem importância. Seu pai e Lady Dalrymple estavam conversando.

– Um homem bem-apessoado, muito bem-apessoado – comentou Sir Walter.

– De fato, um rapaz muito bonito! – disse Lady Dalrymple. – Com um estilo que raramente se costuma ver em Bath. Seria irlandês?

– Não, eu conheço o nome dele. É um conhecido distante. Chama-se Wentworth, capitão Wentworth, e é oficial da Marinha. A irmã é casada com meu inquilino de Somersetshire, Croft, que está alugando Kellynch.

Antes de Sir Walter chegar a esse ponto da conversa, os olhos de Anne já haviam tomado a direção certa, e distinguido o capitão Wentworth em pé no meio de um grupo de homens a uma curta distância de onde ela estava. Quando seus olhos pousaram nele, os dele pareceram se desviar. Foi o que pareceu acontecer. Era como se tivesse chegado um segundo atrasada; e, enquanto se atreveu a ficar observando, ele não tornou a olhar; mas o concerto ia recomeçar, e ela foi forçada a fingir dedicar sua atenção à orquestra, e a olhar para a frente.

Quando conseguiu dar outra espiadela, ele havia se afastado. Mesmo que

quisesse, não poderia ter chegado mais perto dela; ela estava cercada e isolada, mas preferia ter conseguido cruzar olhares com ele.

O discurso do sr. Elliot também a deixava preocupada. Ela não tinha mais qualquer inclinação para conversar com ele. Desejou que não estivesse sentado tão perto.

O primeiro ato terminou. Ela torceu para isso trazer alguma mudança benéfica; e, após algum tempo sem que os membros do grupo dissessem nada, alguns decidiram sair em busca de chá. Anne foi uma das poucas que prefeririam ficar onde estava. Permaneceu sentada, assim como Lady Russell; mas teve o prazer de se livrar do sr. Elliot; e não pretendia, fossem quais fossem os seus sentimentos em relação a Lady Russell, esquivar-se de uma conversa com o capitão Wentworth caso este viesse a lhe proporcionar uma oportunidade. Pelo comportamento de Lady Russell, estava convencida de que a amiga o tinha visto.

Mas ele não apareceu. Anne algumas vezes pensou distingui-lo ao longe, mas ele nunca apareceu. O ansioso intervalo transcorreu sem que nada acontecesse. Os outros voltaram, a sala tornou a se encher, bancos foram solicitados e reocupados, e mais uma hora de prazer ou penitência teria de ser tolerada, mais uma hora de música capaz de proporcionar deleite ou bocejos, conforme um gosto verdadeiro ou fingido por ela prevalecesse. Para Anne, aquela hora prometia ser sobretudo de agitação. Ela não podia sair daquela sala tranquila sem ver o capitão Wentworth mais uma vez, sem ter com ele trocado mais um olhar de amizade.

Na reorganização dos lugares houve muitas mudanças cujo resultado lhe foi favorável. O coronel Wallis não quis tornar a se sentar, e o sr. Elliot foi convidado por Elizabeth e pela srta. Carteret para se sentar entre elas de uma forma impossível de recusar; graças a algumas outras mudanças e a uma certa maquinação de sua própria lavra, Anne conseguiu se sentar bem mais perto da extremidade do banco do que da primeira vez, muito mais ao alcance de alguém que passasse. Não pôde fazê-lo sem se comparar à srta. Larolles, a inimitável srta. Larolles; mas mesmo assim o fez, e com igual insucesso; muito embora, graças a um aparente êxito na forma de uma abdicação precoce de seus assentos por parte de vizinhos mais próximos, antes do final do concerto tenha acabado ficando bem na ponta do banco.

Tal era sua situação, com um lugar vazio ao seu lado, quando o capitão Wentworth tornou a aparecer. Ela o viu não muito longe de onde estava. Ele também a viu; tinha, porém, o semblante sério, e parecia pouco decidido, e foi só muito lentamente que por fim se aproximou o suficiente para falar com ela. Anne sentiu que devia estar havendo algum problema. A mudança era inegável.

A diferença entre a sua disposição de agora e a que ele havia demonstrado no Salão Octogonal era marcante. O que seria aquilo? Ela pensou no pai, em Lady Russell. Teria havido alguma troca de olhares desagradável? Ele começou discorrendo com gravidade sobre o concerto, mais parecido com o capitão Wentworth de Uppercross; confessou-se decepcionado, pois esperava mais do canto; e, em suma, devia confessar que não ficaria triste quando chegasse o fim. Anne respondeu, e defendeu tão bem a apresentação, respeitando mesmo assim as opiniões dele de maneira tão agradável, que a disposição do capitão melhorou, e quando ele tornou a retrucar foi novamente com um quase sorriso. Os dois ainda conversaram por mais alguns minutos, e a melhora se manteve; ele chegou até a baixar os olhos para o banco, como se visse ali um lugar muito digno de ser ocupado, quando nesse instante um toque no ombro de Anne a obrigou a se virar. Era o sr. Elliot. Este lhe pediu licença e disse que precisava dela para explicar italiano de novo. A srta. Carteret estava muito ansiosa para ter uma ideia geral do que seria cantado a seguir. Anne não pôde recusar; mas esse foi o sacrifício à boa educação mais custoso de sua vida.

Alguns minutos transcorreram inevitavelmente, embora na mínima quantidade possível; e quando ela recuperou outra vez o controle sobre o próprio tempo, quando pôde se virar e olhar como havia feito antes, viu-se abordada pelo capitão Wentworth para uma espécie de adeus reservado, embora apressado. "Ele tinha que lhe desejar boa-noite, pois estava de saída; precisava chegar em casa o quanto antes."

– Não vale a pena ficar para esta canção? – perguntou Anne, subitamente acometida por uma ideia que a deixava ainda mais ansiosa para se mostrar encorajadora.

– Não! – respondeu ele com ímpeto. – Não há nada aqui por que valha a pena ficar – e foi embora na mesma hora.

Ciúme do sr. Elliot! Era o único motivo compreensível. O capitão Wentworth estava com ciúme de seu afeto! Uma semana antes, ou mesmo três horas antes, ela não poderia ter acreditado nisso! Por alguns instantes, a satisfação que sentiu foi deliciosa. Infelizmente, porém, pensamentos bem diferentes lhe acorreram à mente em seguida. Como esse ciúme poderia ser aplacado? Como fazer a verdade chegar até ele? Como, com todas as desvantagens específicas de suas respectivas situações, ele jamais poderia vir a conhecer seus verdadeiros sentimentos? Pensar na atenção que lhe dedicava o sr. Elliot era para ela uma tormenta. O mal que isso havia causado era incalculável.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, Anne se lembrou com prazer da promessa de ir visitar a sra. Smith, o que significava que estaria fora de casa na hora mais provável da visita do sr. Elliot, pois evitar o sr. Elliot era para ela quase um objetivo principal.

Sentia por ele uma grande boa vontade. Apesar dos danos causados pela atenção que ele lhe havia concedido, ela lhe devia gratidão e apreço, talvez compaixão. Não podia evitar pensar nas circunstâncias extraordinárias que haviam cercado seu encontro, e no direito que ele parecia ter de interessá-la, levando em conta sua situação peculiar, seus próprios sentimentos e sua antiga predisposição em relação a ela. Era tudo muito extraordinário; lisonjeiro, mas penoso. Havia muito a lamentar. Nem sequer valia a pena pensar em como ela poderia ter se sentido em relação a ele caso não houvesse um capitão Wentworth na situação, pois havia um capitão Wentworth; e, quer a conclusão da atual incerteza fosse boa ou má, seu afeto iria lhe pertencer para sempre. Anne estava segura de que uma união entre os dois não seria capaz de afastá-la mais dos outros homens do que uma separação definitiva.

Jamais devaneio mais belo de amor intenso e fidelidade eterna atravessou as ruas de Bath do que aquele que acompanhou Anne de Camden Place a Westgate Buildings. Quase bastou para espalhar ar puro e perfume por todo o caminho.

Ela estava certa de que teria uma acolhida agradável; e sua amiga lhe pareceu nessa manhã particularmente agradecida pela sua visita, e quase deu a impressão de não a estar aguardando, embora as duas tivessem compromisso marcado.

Um relato do concerto foi solicitado na mesma hora, e as lembranças de Anne eram felizes o bastante para animar suas feições e deixá-la contente em discorrer sobre o assunto. Tudo que podia contar o fez de bom grado, mas esse tudo era pouco para alguém que lá estivera, e insatisfatório para uma interrogadora como a sra. Smith, que, graças ao atalho proporcionado por uma lavadeira e por um garçom, já havia escutado bem mais coisas sobre o sucesso geral e as consequências da noite do que Anne era capaz de relatar, e ela *então* passou a pedir em vão diversos detalhes sobre os presentes. A sra. Smith conhecia de nome todas as pessoas com alguma importância ou notoriedade em Bath.

– Os pequenos Durand estavam presentes, imagino – disse ela –, com as bocas abertas para sorver a música como filhotes de pardal esperando para ser alimentados. Eles nunca perdem um concerto.

– Sim; não os vi pessoalmente, mas ouvi o sr. Elliot comentar que estavam na sala.

– E os Ibbotson, estavam lá? E as duas beldades jovens com o oficial irlandês alto que os boatos dizem estar interessado em uma delas?

– Não sei. Acho que não.

– E a velha Lady Mary Maclean? Nem preciso perguntar. Sei que ela nunca falta; e a senhorita deve tê-la visto. Ela devia fazer parte de seu grupo; afinal, como a senhorita estava acompanhada por Lady Dalrymple, naturalmente ocupou os lugares de honra ao redor da orquestra.

– Não, era isso que eu temia. Isso muito me teria desagradado, sob todos os aspectos. Felizmente, porém, Lady Dalrymple sempre prefere ficar mais afastada; e nós estávamos muito bem localizados, para ouvir a música, quero dizer; para ver eu não diria o mesmo, pois aparentemente vi muito pouco.

– Ah! A senhorita viu o suficiente para sua diversão pessoal. Posso compreender isso. É possível saborear uma satisfação doméstica até mesmo no meio de uma multidão, e isso a senhorita teve. Vocês formavam um grupo grande por si sós, e a senhorita não desejava nada além disso.

– Mas eu deveria ter olhado mais em volta – respondeu Anne, consciente, ao falar, de que na verdade não havia deixado de olhar em volta, de que a única coisa que havia faltado era o alvo desses olhares.

– Não, não; a senhorita tinha coisa melhor a fazer. Nem precisa me dizer que teve uma noite agradável. Posso ver isso em seus olhos. Vejo exatamente como as horas passaram, e vejo que a todo instante teve algo agradável para escutar. Nos intervalos do concerto, foram as conversas.

Anne deu um meio sorriso e perguntou:

– Está vendo isso nos meus olhos?

– Estou, sim. Sua atitude me informa sem sombra de dúvida que ontem à noite a senhorita estava acompanhada pela pessoa que julga ser a mais agradável do mundo, a pessoa que no presente momento a interessa mais do que todo o resto do mundo reunido.

Um rubor se espalhou pelas faces de Anne. Ela não conseguiu responder nada.

– E, sendo assim – prosseguiu a sra. Smith depois de uma curta pausa –, espero que acredite que sei dar valor à sua gentileza por ter vindo me visitar esta manhã. Foi realmente muita bondade sua vir até aqui quando deve ter tantas outras maneiras mais agradáveis de ocupar seu tempo.

Anne não ouviu. Ainda estava tomada pelo espanto e pela incompreensão provocados pela perspicácia da amiga, incapaz de imaginar como qualquer informação sobre o capitão Wentworth poderia ter chegado aos seus ouvidos. Depois de mais um curto silêncio, a sra. Smith falou:

– Diga-me, por favor, o sr. Elliot sabe de sua relação comigo? Ele sabe que

estou em Bath?

– O sr. Elliot! – repetiu Anne, erguendo os olhos com surpresa. Bastaram alguns instantes de reflexão para lhe mostrar o erro de interpretação que a amiga havia cometido. Ela entendeu na mesma hora e, recuperando a coragem junto com a sensação de segurança, logo prosseguiu, mais controlada. – A senhora conhece o sr. Elliot?

– Eu o conheci muito bem – respondeu a sra. Smith com gravidade –, mas a nossa relação é antiga. Já faz muito tempo que não nos encontramos.

– Eu não sabia disso. A senhora nunca mencionou o nome dele antes. Se houvesse mencionado, eu teria tido o prazer de falar com ele sobre a senhora.

– Para confessar a verdade – disse a sra. Smith, tornando a assumir o tom alegre de sempre –, é exatamente esse prazer que eu desejo que a senhorita tenha. Quero que fale sobre mim com o sr. Elliot. Quero que suscite o interesse dele. Ele tem condições de me prestar um serviço essencial; e, se a senhorita tiver a bondade, minha cara srta. Elliot, de tornar esse um objetivo pessoal também seu, é claro que terá sucesso.

– Eu ficaria muitíssimo feliz com isso; espero que não duvide de minha disponibilidade para lhe ser útil, nem que seja em algo muito pequeno – respondeu Anne. – Mas desconfio que a senhora esteja julgando o meu poder sobre o sr. Elliot, o meu direito de influenciá-lo, maior do que é na realidade. Tenho certeza que, de uma forma ou de outra, a senhora se imbuiu dessa impressão. Mas deve me considerar apenas parente do sr. Elliot. Caso, sob essa perspectiva, a senhora pense haver alguma coisa que uma prima possa lhe pedir com propriedade, imploro-lhe para não hesitar em requisitar minha ajuda.

A sra. Smith lançou-lhe um olhar penetrante, e então, sorrindo, falou:

– Estou vendo que fui um pouco prematura; peço que me desculpe. Eu deveria ter aguardado alguma informação oficial. Mas então, minha cara srta. Elliot, como sua velha amiga, dê-me uma indicação de quando poderei falar. Na semana que vem? Com certeza na semana que vem poderei supor que tudo já estará acertado, e começar a traçar meus próprios planos egoístas com base na boa fortuna do sr. Elliot.

– Não – retrucou Anne –, nem na semana que vem, nem na outra, nem na outra. Posso lhe garantir que nada da natureza que a senhora está supondo ficará acertado em qualquer semana que seja. Eu não vou me casar com o sr. Elliot. Posso saber por que acha que vou?

A sra. Smith tornou a olhar para ela, olhou com intensidade, sorriu, balançou a cabeça e exclamou:

– Ora, como eu gostaria de entendê-la! Como gostaria de saber o que está

tramando! Tenho o forte palpite de que a sua intenção não é ser cruel quando chegar o momento certo. Até esse momento chegar, como a senhorita sabe, nós mulheres nunca temos a intenção de ter ninguém. É uma praxe entre nós recusar todos os homens até eles fazerem o pedido. Mas por que a senhorita deveria ser cruel? Deixe-me tentar defender meu… não posso chamá-lo de atual amigo, mas deixe-me tentar defender meu antigo amigo. Onde poderia encontrar pretendente mais adequado? Onde poderia esperar conhecer um homem mais cavalheiro, mais agradável? Permita-me recomendar o sr. Elliot. Tenho certeza de que só escutou boas coisas a seu respeito do capitão Wallis; e quem poderia conhecê-lo melhor do que o capitão Wallis?

– Minha cara sra. Smith, não faz muito mais de seis meses que a esposa do sr. Elliot morreu. Ele não deveria estar fazendo a corte a ninguém.

– Ah, se essas forem as suas únicas objeções, o sr. Elliot está seguro, e não me preocuparei mais com ele! – exclamou a sra. Smith com malícia. – Não se esqueça de mim quando estiver casada, é só o que peço. Deixe que ele saiba que sou sua amiga, e ele então não julgará excessivo o esforço necessário, do qual agora, como é muito natural, com todos os negócios e compromissos que tem, ele foge e tenta se esquivar; isso talvez seja muito natural. Noventa e nove em cada cem homens fariam o mesmo. É claro que ele não tem como saber a importância que isso tem para mim. Bem, minha cara, eu torço e tenho confiança de que a senhorita será muito feliz. O sr. Elliot é sensato o bastante para compreender o valor de uma mulher assim. Sua paz não será destruída como a minha foi. A senhorita estará segura quanto às questões materiais, e segura quanto ao seu caráter. Ele não se deixará tirar do caminho certo, nem se deixará conduzir à ruína por outros.

– Não – disse Anne –, não tenho qualquer dificuldade para acreditar nisso em relação a meu primo. Ele parece ter um temperamento calmo e decidido, nada suscetível a impressões perigosas. Tenho grande respeito por ele. Não tenho motivos para pensar de outra forma, não por nada que tenha tido a oportunidade de observar. Mas não faz muito tempo que o conheço; e acho que ele não é homem de se deixar conhecer intimamente com rapidez. Será, sra. Smith, que essa forma de me referir a ele não bastará para convencê-la de que ele nada significa para mim? Com certeza é uma forma calma o suficiente. E eu juro que ele nada significa para mim. Se algum dia ele me pedir em casamento (coisa que tenho muito pouco motivo para imaginar que esteja cogitando fazer), não vou aceitar. Garanto-lhe que não vou aceitar. Garanto-lhe que o sr. Elliot não teve qualquer participação, como a senhora está supondo, em qualquer prazer que o concerto de ontem à noite tenha podido me proporcionar: não é o sr. Elliot. Não é o sr. Elliot que…

Ela se calou, arrependendo-se, com um forte rubor, de ter dado a entender

tanta coisa; mas dizer menos não teria sido suficiente. A sra. Smith ainda não teria acreditado no fracasso do sr. Elliot caso não houvesse compreendido que havia outra pessoa. Com isso, porém, ela não insistiu mais, parecendo não fazer qualquer outra suposição; e Anne, ansiosa para não dar margens a novas observações, mostrou-se impaciente para saber por que a sra. Smith havia imaginado que ela iria se casar com o sr. Elliot; de onde havia tirado essa ideia, ou de quem a tinha escutado.

– Diga-me, por favor, como isso lhe passou pela cabeça?

– Passou-me pela cabeça, para começar, ao descobrir quanto tempo vocês dois passavam juntos – respondeu a sra. Smith –, e ao sentir que essa seria a coisa mais vantajosa do mundo que se pudesse desejar para qualquer pessoa relacionada com um de vocês; e pode acreditar que todos os seus conhecidos pensaram a mesma coisa a seu respeito. Mas eu só ouvi falar nisso dois dias atrás.

– E alguém de fato lhe disse isso?

– A senhorita reparou na mulher que lhe abriu a porta quando esteve aqui ontem?

– Não. Não foi a sra. Speed, como de hábito, nem a criada? Não reparei em ninguém específico.

– Foi a minha amiga sra. Rooke, a enfermeira Rooke, que, aliás, estava muito curiosa para vê-la, e ficou encantada em estar aqui para lhe abrir a porta. Ela só voltou de Marlborough Buildings no domingo; e foi ela quem me disse que a senhorita iria se casar com o sr. Elliot. Escutou isso da própria sra. Wallis, que não me parecia ser uma pessoa mal-informada. Ela passou uma hora sentada aqui comigo na noite de segunda-feira, e contou-me a história toda.

– A história toda! – repetiu Anne, rindo. – Imagino que não tenha podido contar uma história muito comprida com base em uma notícia tão pequena e desprovida de fundamento.

A sra. Smith não respondeu nada.

– No entanto – continuou Anne sem demora –, embora não seja verdade que eu tenha esse tipo de influência sobre o sr. Elliot, ficaria muito feliz em lhe ser útil de qualquer forma possível. Devo comentar com ele que a senhora está em Bath? Quer que eu dê algum recado?

– Não, obrigada: certamente não. No calor do momento, e dominada por uma impressão equivocada, eu poderia ter me empenhado em envolvê-la em um assunto; mas agora não. Não, obrigada, não tenho nada com que incomodá-la.

– A senhora disse, se não me engano, que conheceu o sr. Elliot por muitos anos?

– Sim, conheci.

– Não antes de ele se casar, suponho?

– Sim; ele não era casado quando eu o encontrei pela primeira vez.

– E… a senhora e ele conheciam-se bem?

– Intimamente.

– É mesmo? Então diga-me, por favor, como ele era nessa época. Tenho muita curiosidade para saber como era o sr. Elliot quando jovem. Ele tinha alguma semelhança com a maneira como se apresenta hoje?

– Não vejo o sr. Elliot há três anos – foi a resposta da sra. Smith, pronunciada com tamanha gravidade que foi impossível insistir no assunto; e Anne sentiu que não havia conseguido nada a não ser aumentar a própria curiosidade. Ambas se calaram; a sra. Smith ficou muito pensativa. Então disse:

– Peço-lhe desculpas, minha cara srta. Elliot – exclamou ela com seu tom natural de cordialidade. – Peço-lhe desculpas pelas respostas breves que tenho lhe dado, mas não tinha certeza de como devia proceder. Tenho tido muitas dúvidas e muita hesitação em relação ao que devo lhe revelar. Havia muitas coisas a levar em conta. Ser intrometida, causar má impressão ou prejudicar os outros são coisas detestáveis. Até mesmo a fachada tranquila de um reencontro entre parentes parece valer ser preservada, ainda que não haja sob ela nada de duradouro. Mas eu agora me decidi: acho que estou certa; acho que a senhorita deveria conhecer o verdadeiro caráter do sr. Elliot. Embora eu acredite plenamente que por ora a senhorita não tenha a menor intenção de aceitar um pedido de casamento dele, não há como prever o futuro. Em algum momento, talvez a senhorita venha a mudar de ideia em relação a ele. Sendo assim, escute a verdade agora, enquanto ainda tem uma visão imparcial. O sr. Elliot é um homem desprovido de coração ou consciência; uma criatura manipuladora, cautelosa e fria, que só pensa em si mesma; uma criatura que, em nome do próprio interesse ou conforto, seria capaz de qualquer crueldade, ou de qualquer traição, que pudesse cometer sem risco para seu caráter aos olhos do mundo. Ele não tem qualquer sentimento pelos outros. É capaz de abandonar sem qualquer compunção aqueles de cuja ruína foi o principal motivo. Está inteiramente fora do alcance de qualquer sentimento de justiça ou compaixão. Ah, seu coração é negro! Vazio e negro!

A expressão atônita de Anne e suas exclamações de espanto levaram-na a fazer uma pausa e, com uma voz mais calma, ela acrescentou:

– Minhas expressões a espantam. A senhorita precisa levar em conta os sentimentos de uma mulher ferida e zangada. Mas tentarei me controlar. Não vou ofendê-lo. Vou apenas lhe contar como ele se mostrou a mim. Os fatos falarão por si. Ele era amigo íntimo de meu querido marido, que confiava nele e o amava, e que o considerava tão bom quanto ele próprio. Essa intimidade já

existia antes de meu casamento. Quando os conheci, os dois já eram muito amigos; e eu também passei a apreciar muito o sr. Elliot e a ter por ele a mais alta consideração. Aos dezenove anos, como a senhorita sabe, nós não refletimos com muita seriedade; mas o sr. Elliot me pareceu tão bom quanto os outros, e muito mais agradável do que a maioria dos outros, e nós estávamos quase sempre juntos. Passávamos a maior parte do tempo na cidade, vivendo em grande estilo. Na época, a situação dele não era tão boa quanto a nossa; o pobre era ele; tinha aposentos no Temple, e isso era o máximo que conseguia fazer para manter as aparências de um cavalheiro. Sempre que desejava, podia ficar na nossa casa; era sempre bem-vindo, um verdadeiro irmão para nós. Meu pobre Charles, que tinha o temperamento mais elegante, mais generoso do mundo, teria dividido com ele seu último vintém; sei que a bolsa de meu marido estava aberta para ele; sei que ele o ajudava com frequência.

– Essa deve ter sido mais ou menos a época da vida do sr. Elliot que sempre me despertou especial curiosidade, justamente – disse Anne. – Deve ter sido mais ou menos a mesma época em que ele conheceu meu pai e minha irmã. Eu mesma não cheguei a conhecê-lo, apenas ouvi falar nele; mas havia algo em sua conduta de então em relação a meu pai e minha irmã, e, mais tarde, nas circunstâncias de seu casamento, que nunca pude conciliar de todo com seu comportamento atual. Ela parecia revelar um tipo de homem diferente.

– Eu sei a história toda, eu sei a história toda – exclamou a sra. Smith. – Ele foi apresentado a Sir Walter e à sua irmã antes de eu o conhecer, mas eu o ouvi se referir a eles inúmeras vezes. Soube que ele foi convidado e incentivado a encontrá-los, e sei que decidiu não aceitar. Talvez eu possa satisfazer sua curiosidade em relação a questões que a senhorita nem sequer espera; quanto ao casamento dele, soube tudo a respeito na época. Estava ciente de todos os prós e contras; eu era a amiga a quem ele confidenciava suas esperanças e seus planos; e, embora não conhecesse sua esposa antes do casamento (a sua condição social inferior tornava isso de fato impossível), eu a conheci a vida toda depois do casamento, ou pelo menos durante seus dois últimos anos de vida, e posso responder a qualquer pergunta que a senhorita queira fazer.

– Não – respondeu Anne –, não tenho nenhuma pergunta especial a fazer em relação a ela. Sempre ouvi dizer que eles não formavam um casal feliz. Mas gostaria de saber por que, nessa época de sua vida, ele desdenhou conhecer meu pai como o fez. Meu pai decerto estava disposto a lhe dedicar amavelmente toda a atenção adequada. Por que o sr. Elliot se afastou?

– Naquela época – respondeu a sra. Smith –, o sr. Elliot só tinha um objetivo em mente: fazer fortuna, e por meio de um processo mais rápido do que honesto. Estava decidido a obtê-la por meio do casamento. Estava decidido, pelo menos, a

não prejudicá-la com um casamento imprudente; e sei que ele acreditava (embora não consiga decidir se justificadamente ou não) que o seu pai e a sua irmã, com suas cortesias e convites, estavam tentando organizar um enlace entre o herdeiro e a jovem dama, e teria sido impossível tal enlace corresponder às suas ambições de riqueza e independência. Posso lhe garantir que foi esse o motivo do seu afastamento. Ele me contou tudo. Não tinha segredos comigo. Curioso que, logo depois de eu me separar da senhorita em Bath, a primeira e principal relação formada por mim depois de casada tenha sido com seu primo, e que, por ele, eu tenha ouvido falar continuamente no seu pai e na sua irmã. Enquanto ele descrevia uma das srtas. Elliot, eu pensava na outra com grande afeição.

– A senhora por acaso às vezes falou de mim para o sr. Elliot? – exclamou Anne, acometida por uma ideia súbita.

– Com certeza; muitas vezes. Eu costumava me gabar de minha Anne Elliot, e garantir que a senhorita era uma criatura muito diferente de…

Ela se conteve bem a tempo.

– Isso esclarece algo que o sr. Elliot disse ontem à noite – exclamou Anne. – Isso explica tudo. Eu descobri que ele estava acostumado a ouvir falar em mim. Não conseguia entender como. Quantas ideias loucas nós temos quando o assunto somos nós mesmos! Quantos erros cometemos! Mas peço-lhe desculpas; eu a interrompi. Então o sr. Elliot se casou unicamente por dinheiro? E esse foi provavelmente o primeiro indício que abriu os olhos da senhora quanto ao seu caráter?

Nesse ponto, a sra. Smith hesitou um pouco.

– Ah! Essas coisas são por demais corriqueiras. Quando se vive no mundo, o fato de um homem ou mulher se casar por dinheiro é corriqueiro demais para nos chocar como deveria. Eu era muito jovem, e só me relacionava com pessoas jovens, e nós formávamos um grupo despreocupado e alegre, sem qualquer regra estrita de conduta. Vivíamos para nos divertir. Hoje penso de forma diferente; o tempo, a doença e a tristeza me fizeram mudar de opinião; naquela época, porém, devo dizer que não vi nada de repreensível na atitude do sr. Elliot. "Fazer o melhor por si mesmo", era esse o nosso lema.

– Mas ela não era uma mulher de condição muito inferior?

– Sim; e eu me opunha a isso, mas ele não me deu ouvidos. Dinheiro, dinheiro, era só o que ele queria. O pai dela era criador de gado, o avô tinha sido açougueiro, mas nada disso tinha importância. Ela era uma mulher bonita, tinha recebido uma educação decente, fora apresentada à sociedade por uns primos, passara a conviver por acaso com o sr. Elliot e se apaixonara por ele; e ele não teve qualquer dificuldade ou escrúpulo com relação à sua origem. Toda a sua

cautela foi dedicada a se certificar do verdadeiro tamanho de sua fortuna antes de se comprometer. Pode estar certa que, seja qual for a estima que o sr. Elliot possa ter hoje em dia pela própria condição social, quando jovem ele não dava o menor valor a isso. A possibilidade de vir a herdar Kellynch significava alguma coisa, mas toda a honra da família era para ele mais reles do que o pó. Muitas vezes o ouvi afirmar que, se os títulos de baronete estivessem à venda, qualquer um poderia comprar o seu por cinquenta libras, incluindo insígnias e divisas, sobrenome e libré; mas não vou me propor a repetir metade do que o ouvi falar sobre esse assunto. Não seria justo; mas a senhorita precisa de provas, pois isso tudo que acabo de lhe dizer não passa de afirmações, e provas a senhorita terá.

– Minha cara sra. Smith, eu não quero prova alguma – exclamou Anne. – A senhora não me afirmou nada contraditório em relação ao que o sr. Elliot aparentava ser alguns anos atrás. Pelo contrário, isso tudo parece confirmar o que nós costumávamos escutar e acreditar. Estou mais curiosa para saber por que ele está tão diferente agora.

– Mas faça-me um favor, e tenha a bondade de tocar a sineta para chamar Mary; não, espere: tenho certeza de que terá a bondade ainda maior de ir a senhorita mesma até meu quarto e me trazer a caixinha marchetada que irá encontrar na prateleira de cima do armário.

Ao ver a amiga tão ansiosa e decidida, Anne fez o que ela pedia. A caixa foi trazida e posta na sua frente, e a sra. Smith, suspirando enquanto a destrancava, falou:

– Esta caixa está cheia de documentos que pertencem a ele, ao meu marido; é apenas uma pequena parte dos papéis que tive de examinar quando o perdi. A carta que estou procurando lhe foi escrita pelo sr. Elliot antes de nosso casamento, e por acaso foi guardada; é difícil entender por quê. Mas meu marido era descuidado e pouco metódico em relação a essas coisas, como os homens geralmente são; e, quando fui examinar seus documentos, encontrei esta carta junto com outras ainda mais triviais de diferentes pessoas espalhadas aqui e ali, enquanto muitas cartas e memorandos realmente importantes haviam sido destruídos. Aqui está; não quis queimá-la porque, ainda que estivesse já naquela época muito pouco satisfeita com o sr. Elliot, estava decidida a conservar todos os documentos que provassem nossa antiga intimidade. Agora tenho mais um motivo para me alegrar de poder mostrá-la.

Era esta a carta, endereçada ao "Ilustre Cavalheiro Charles Smith, Tunbridge Wells", e marcada com a longínqua data de julho de 1803, Londres:

Meu caro Smith,

Recebi sua carta. Sua gentileza quase me sufoca. Queria que a natureza

tivesse tornado mais comuns os corações como o seu, mas já vivi vinte e três anos no mundo sem encontrar nenhum igual a ele. Garanto-lhe que agora não estou precisando dos seus serviços, pois tenho dinheiro novamente. Pode dar-me os parabéns: consegui me livrar de Sir Walter e da senhorita sua filha. Eles voltaram para Kellynch, e quase me fizeram jurar ir visitá-los neste verão; mas a minha primeira visita a Kellynch será com um avaliador, para me dizer como leiloar a propriedade da maneira mais vantajosa. Não é improvável, porém, que o baronete volte a se casar; ele é tolo o suficiente para isso. Caso isso aconteça, no entanto, eles me deixarão em paz, o que talvez seja uma contrapartida honesta para a perda. Ele está ainda pior do que no ano passado.

Quisera eu ter qualquer outro nome que não fosse Elliot. Estou farto desse nome. Quanto ao nome Walter, graças a Deus posso abandoná-lo! E desejo que nunca mais volte a me ofender com meu segundo W. de batismo, pois pretendo, pelo resto da vida, ser apenas, sinceramente,

Wm. Elliot

Tal carta não pôde deixar de fazer Anne enrubescer, e a sra. Smith, ao observar o corado de suas faces, disse:

– Sei que os termos são muito desrespeitosos. Embora tenha me esquecido das palavras exatas, lembro-me com perfeição do teor geral. Mas a carta revela bem o nosso homem. Note bem as declarações que ele faz a meu pobre marido. Poderia haver algo mais forte?

Anne não conseguiu superar de imediato o choque e a humilhação de ver aquelas palavras usadas para se referir a seu pai. Foi obrigada a lembrar a si mesma que ver aquela carta era uma violação das leis da honra, que ninguém deveria ser julgado ou conhecido por testemunhos dessa espécie, que nenhuma correspondência particular deveria ser lida por olhos alheios, antes de conseguir recuperar uma calma suficiente para devolver a carta sobre a qual vinha refletindo e dizer:

– Obrigada. Isto é uma prova suficiente e incontestável: prova de tudo o que a senhora me disse. Mas por que se relacionar conosco agora?

– Posso explicar isso também – exclamou a sra. Smith com um sorriso.

– Pode mesmo?

– Sim. Eu lhe mostrei o sr. Elliot como ele era doze anos atrás, e tornarei a mostrá-lo como é agora. Não posso fornecer outra prova escrita, mas posso

prestar o testemunho oral mais autêntico que se possa desejar do que ele almeja agora, e do que está fazendo. Ele agora não está sendo hipócrita. De fato deseja se casar com a senhorita. As atenções que dedica atualmente à sua família são muito sinceras; vêm do fundo do coração. Vou lhe revelar a fonte de minhas informações: o seu amigo coronel Wallis.

– Coronel Wallis! A senhora o conhece?

– Não. A informação não chegou até mim por uma linha tão direta assim; fez um ou dois desvios, mas nada importante. O fluxo da água é tão bom quanto na origem; e os pequenos sedimentos que se juntam pelo caminho são facilmente removidos. O sr. Elliot conversa com o coronel Wallis sem reservas sobre as intenções que tem a seu respeito, e imagino que o coronel Wallis seja ele próprio um personagem sensato, cuidadoso e perspicaz; mas o coronel Wallis tem uma esposa muito bonita e tola, a quem conta coisas que seria melhor não contar, e ele lhe repete tudo. Ela, por sua vez, tomada pela energia transbordante da convalescência, repete tudo para sua enfermeira; e a enfermeira, ciente de minha relação com a senhorita, muito naturalmente relata tudo a mim. Assim, na segunda-feira à noite, minha boa amiga sra. Rooke me revelou boa parte dos segredos de Marlborough Buildings. Quando falei na história toda, portanto, a senhorita pode ver que não estava exagerando tanto quanto supunha.

– Minha cara sra. Smith, sua fonte de informação é deficiente. Ela não basta. O fato de o sr. Elliot ter intenções em relação a mim não explica em nada o esforço que ele fez para se reconciliar com meu pai. Isso tudo aconteceu antes de eu vir para Bath. Quando cheguei, encontrei-os já muito chegados.

– Eu sei disso; sei disso perfeitamente, mas…

– Na verdade, sra. Smith, nós não devemos esperar obter informações verdadeiras nessas condições. Fatos e opiniões que passam pelas mãos de tanta gente, sendo deformados pela loucura de alguns e pela ignorância de outros, não podem conservar muita verdade.

– Apenas ouça-me por um instante. Logo poderá julgar o mérito geral da informação, depois de escutar alguns detalhes que a senhorita mesma poderá contradizer ou confirmar imediatamente. Ninguém imagina que a senhorita tenha sido a sua motivação primeira. Ele de fato a tinha visto antes de vir para Bath, e a havia admirado, mas sem saber quem a senhorita era. Pelo menos é o que diz meu informante. É verdade? Ele por acaso a viu no verão ou no outono passado "em alguma região do oeste", para usar suas próprias palavras, sem saber quem a senhorita era?

– Viu, sim. Por enquanto é tudo verdade. Foi em Lyme. Eu por acaso estava em Lyme.

– Bem – prosseguiu a sra. Smith com um tom de triunfo –, então conceda à

minha amiga o crédito devido pela confirmação do primeiro ponto. Ele a viu, portanto, em Lyme, e a senhorita lhe agradou tanto que ele ficou imensamente satisfeito quando tornou a encontrá-la em Camden Place e soube se tratar da srta. Anne Elliot, e, desse momento em diante, não tenho dúvidas, suas visitas à casa passaram a ter um duplo objetivo. Mas havia outro motivo, um motivo anterior, que vou agora explicar. Caso haja no meu relato alguma coisa que a senhorita julgue falso ou improvável, por favor, me detenha. Segundo o relato que ouvi, a amiga de sua irmã, a senhora que atualmente vive em sua casa e de quem já a ouvi falar, chegou a Bath com a srta. Elliot e Sir Walter já em setembro (em suma, na mesma ocasião em que eles próprios aqui chegaram), e desde então tem estado hospedada com eles; ainda segundo meu relato, trata-se de uma mulher inteligente, insinuante, bonita, pobre e convincente, que se porta de tal maneira, por sua condição e seus modos, a levar todos os conhecidos de Sir Walter a supor que sua intenção seja se tornar Lady Elliot, e a se espantar com o fato de, aparentemente, a srta. Elliot não perceber o perigo.

Nesse ponto, a sra. Smith fez uma curta pausa. Anne, porém, não teve nada a acrescentar, e ela então prosseguiu:

– Era sob esse prisma que os conhecidos da família viam a situação bem antes de a senhorita retornar ao seu convívio; e o coronel Wallis, embora na época não visitasse Camden Place, prestava atenção suficiente em seu pai para perceber tudo; mas seu apreço pelo sr. Elliot tornava interessante para ele observar tudo o que acontecia na casa, e quando o sr. Elliot veio passar um ou dois dias em Bath, como por casualidade ocorreu pouco antes do Natal, o coronel Wallis lhe informou sobre a aparente situação e sobre os boatos que começavam a circular. Mas a senhorita precisa entender que o tempo havia operado uma mudança muito significativa na opinião do sr. Elliot quanto ao valor de um título de baronete. Ele é hoje um homem totalmente mudado no que diz respeito às questões de sangue e parentesco. Como há muito tempo já tem mais dinheiro do que seria capaz de gastar, e nada a desejar em relação a riquezas ou prazeres, ele aos poucos aprendeu a apostar a própria felicidade inteiramente no título que vai herdar. Eu já tinha a impressão de que isso estava ocorrendo antes de as nossas relações cessarem, mas agora é uma sensação confirmada. Ele não pode suportar a ideia de não se tornar Sir William. A senhorita pode imaginar, portanto, que a notícia que ouviu do amigo não lhe foi das mais agradáveis, e pode imaginar o que esta acarretou; a decisão de retornar a Bath o quanto antes, de aqui fixar residência por algum tempo com o objetivo de renovar as antigas relações, recuperar uma influência tal no seio da família que lhe permitisse avaliar o grau de risco que estava correndo e neutralizar a dama caso julgasse isso necessário. Tal fato ficou decidido entre os dois amigos como a única atitude a se tomar; e o coronel Wallis dispôs-se a ajudar como pudesse. Ele seria apresentado à família, a sra. Wallis seria apresentada à família, e todos seriam

apresentados à família. O sr. Elliot reapareceu conforme o planejado; pediu desculpas que foram aceitas, como a senhorita já sabe, e tornou a ser acolhido pela família; a partir daí, seu objetivo constante, seu único objetivo (antes de a sua chegada proporcionar um segundo) era vigiar Sir Walter e a sra. Clay. Ele não perdia nenhuma oportunidade para estar em sua companhia, provocava todos os encontros possíveis, aparecia a qualquer momento em sua casa; mas eu não preciso entrar em detalhes quanto a isso. A senhorita pode imaginar o que um homem astuto é capaz de fazer; e, de posse dessas informações, talvez se lembre do que já o viu fazer.

– Sim – respondeu Anne –, a senhora não está me dizendo nada que não se encaixe com o que já sei ou poderia imaginar. Há sempre algo de ofensivo nos detalhes das atitudes ardilosas. As manobras de egoísmo e duplicidade serão sempre repulsivas, mas eu nada escutei que de fato me espante. Sei de pessoas que talvez ficassem chocadas com essa descrição do sr. Elliot, que achariam difícil acreditar nisso, mas eu nunca me deixei convencer. Sempre desejei conhecer outro motivo para a sua conduta que não o aparente. Gostaria de saber a opinião atual dele quanto à probabilidade do acontecimento que tanto teme; se ele considera que esse perigo está diminuindo ou não.

– Pelo que sei, ele acha que está diminuindo – retrucou a sra. Smith. – Segundo ele, a sra. Clay o teme, tem consciência de que ele percebe o que ela está tentando fazer, e não se atreve a continuar agindo como poderia na sua ausência. No entanto, como ele deverá se ausentar em algum momento, não entendo como algum dia poderá ficar seguro enquanto ela estiver exercendo a atual influência. Segundo a enfermeira me contou, a sra. Wallis tem a divertida opinião de que, quando a senhorita e o sr. Elliot se casarem, será incluída no contrato de casamento uma cláusula proibindo o seu pai de se casar com a sra. Clay. Uma suposição muito digna da inteligência da sra. Wallis; mas a minha sensata enfermeira Rooke pode ver o quanto é absurda. “Com certeza, senhora, isso não irá impedi-lo de se casar com nenhuma outra”, disse ela. E de fato, para falar a verdade, não acho que a enfermeira, no fundo, seja uma forte opositora ao fato de Sir Walter contrair segundas núpcias. É preciso reconhecer que ela é uma defensora do casamento; e (uma vez que sempre temos motivações próprias) quem pode afirmar que não acalente algum sonho passageiro de servir à próxima Lady Elliot por recomendação da sra. Wallis?

– Folgo muito em saber tudo isso – disse Anne depois de refletir um pouco. – Sob determinados aspectos, vai ser mais doloroso para mim estar na companhia dele, mas eu saberei melhor como agir. Minha conduta agora será mais direta. Está claro que o sr. Elliot é um homem ardiloso, falso e mundano, e que nunca teve qualquer princípio melhor a guiá-lo que não o egoísmo.

Mas a conversa sobre o sr. Elliot ainda não havia terminado. A sra. Smith fora

obrigada a se desviar do curso inicial, e Anne havia esquecido, em prol de suas próprias preocupações familiares, todas as acusações feitas originalmente contra ele; mas agora sua atenção foi atraída para a explicação dessas primeiras sugestões, e ela escutou um relato que, embora não justificasse de todo a profunda amargura da sra. Smith, provava que ele havia se mostrado muito insensível em sua conduta em relação a ela; muito deficiente tanto em matéria de justiça quanto de compaixão.

Ela ficou sabendo que (como a relação estreita entre eles prosseguiu sem entraves após o casamento do sr. Elliot) os três haviam continuado a estar sempre juntos como antes, e que o sr. Elliot levara o amigo a fazer despesas muito além do que suas posses permitiam. A sra. Smith não queria assumir a culpa ela própria, e deu provas de extrema delicadeza ao não jogá-la no marido; mas Anne pôde compreender que sua renda nunca havia sido compatível com o estilo de vida e que, desde o início, houvera grande quantidade de extravagâncias generalizadas e conjuntas. Pelo relato que a esposa fez dele, pôde depreender que o sr. Smith tinha sido um homem de sentimentos generosos, temperamento calmo, hábitos descuidados e discernimento deficiente, muito mais afável do que o amigo e muito diferente dele, por ele influenciado e provavelmente por ele desprezado. O sr. Elliot, agora muito rico devido ao casamento, e propenso a todas as gratificações de prazer e vaidade passíveis de serem obtidas sem se comprometer (pois todos os seus excessos o haviam transformado em um homem prudente), e tendo se tornado rico justamente quando o amigo se deu conta da própria pobreza, parecia não ter tido qualquer preocupação com a situação financeira provável do amigo e, muito pelo contrário, havia provocado e incentivado despesas cujo resultado só podia ser a ruína – e o casal Smith, de fato, havia se arruinado.

O marido morrera bem a tempo de ser poupado de toda a extensão do desastre. No passado, o casal havia enfrentado dificuldades suficientes para pôr à prova a amizade dos amigos, e para demonstrar que era melhor não pôr à prova a do sr. Elliot, mas foi só depois da morte do marido que o terrível estado de suas finanças veio à tona por completo. Confiando na opinião do sr. Elliot, mais devido aos sentimentos do que ao juízo, o sr. Smith o havia nomeado seu executor testamentário; o sr. Elliot, porém, havia recusado a responsabilidade, e as dificuldades e provações que essa recusa havia causado à viúva, somadas ao sofrimento inevitável de sua condição, tinham sido de tal monta que não podiam ser comunicadas sem angústia nem escutadas sem uma indignação condizente.

Anne pôde em seguida ler algumas cartas escritas por ele na época em resposta às solicitações urgentes da sra. Smith, e todas deixavam evidente a mesma firme decisão de não se dedicar a um esforço inútil e, sob um disfarce de fria civilidade, a mesma indiferença cruel em relação a qualquer mal que isso

viesse a lhe causar. Era um retrato terrível de ingratidão e falta de humanidade; e Anne sentiu, em alguns momentos, que nenhum crime manifesto e flagrante poderia ter sido pior. Ela teve muito o que escutar; todos os detalhes de antigas cenas tristes, todas as minúcias de sucessivas preocupações que, em conversas passadas, tinham sido apenas objeto de alusão, foram agora relatados com uma natural falta de entraves. Anne compreendia perfeitamente o imenso alívio sentido pela amiga, e este só fez deixá-la mais inclinada a estranhar o autocontrole de sua atitude habitual.

No relato de suas queixas, um detalhe causava especial irritação. A sra. Smith tinha bons motivos para acreditar que um imóvel do marido nas Índias Ocidentais, durante muito tempo sujeito a uma espécie de interdição para garantir o pagamento de suas dívidas, poderia ser recuperado, bastando para isso tomar as medidas adequadas; esse imóvel, embora não fosse muito grande, bastaria para torná-la comparativamente rica. No entanto, não havia ninguém para interceder por ela no assunto. O sr. Elliot se recusava a fazer qualquer coisa, e ela própria nada podia fazer, duplamente incapacitada de interceder pessoalmente por seu estado de fraqueza física e de contratar alguém para fazê-lo por falta de dinheiro. Não tinha nenhum parente para ajudá-la nem sequer dando conselhos, nem condições de pagar pela ajuda da lei. Isso agravava de forma cruel a sua já difícil situação. Sentir que poderia estar vivendo em condições melhores, que um pequeno esforço no lugar certo poderia proporcionar isso, e temer que a demora pudesse estar diminuindo suas chances era difícil de suportar!

Era nesse ponto que ela esperava poder utilizar os préstimos de Anne junto ao sr. Elliot. Antes daquela conversa, quando pensava que os dois iriam se casar, ficara muito apreensiva com medo de que o casamento a fizesse perder a amiga; no entanto, ao ficar segura de que ele não poderia ter feito qualquer tentativa nesse sentido, uma vez que nem sequer sabia de sua presença em Bath, ocorreu-lhe imediatamente que algo poderia ser feito para ajudá-la graças à influência da mulher que ele amava, e vinha se preparando às pressas para conquistar o interesse de Anne até onde a cautela devida ao caráter do sr. Elliot permitia quando o desmentido de Anne em relação ao suposto noivado mudou toda a situação; e, embora este lhe tenha roubado a recém-surgida esperança de alcançar o objetivo de sua primeira preocupação, pelo menos lhe deixou o reconforto de poder contar a história toda a seu modo.

Após escutar essa descrição completa do sr. Elliot, Anne não pôde evitar manifestar certa surpresa com o fato de a sra. Smith ter se referido a ele de maneira tão favorável no início de sua conversa. “Ela parecera recomendá-lo e elogiá-lo!”

– Minha cara – foi a resposta da sra. Smith –, não havia mais nada a fazer. Eu

dava por certo o fato de que a senhorita iria se casar com ele, embora talvez ele ainda não tivesse feito o pedido, e era tão impossível para mim contar a verdade a seu respeito quanto se ele fosse seu marido. Quando falei em felicidade, foi com o coração sangrando por sua causa; no entanto, ele é um homem sensato, agradável, e, com uma mulher como a senhorita, a situação não era totalmente desesperadora. Ele tratou muito mal a primeira esposa. Os dois foram muito infelizes juntos. Mas ela era ignorante e tola demais para merecer respeito, e ele nunca a amou. Eu estava disposta a torcer para que a senhorita tivesse melhor sorte.

Anne não conseguiu admitir em seu íntimo a possibilidade de ter sido convencida a se casar com ele sem um calafrio ao pensar na infelicidade que teria obrigatoriamente se seguido. Afinal de contas, era bem possível que tivesse se deixado persuadir por Lady Russell! Nesse caso, qual das duas teria ficado mais infeliz quando o tempo viesse, tarde demais, a tudo revelar?

Era muito desejável que Lady Russell não permanecesse iludida por mais tempo; e uma das últimas decisões na conclusão dessa importante conversa, que as manteve entretidas durante boa parte da manhã, foi que Anne tinha total liberdade para revelar à amiga qualquer informação relacionada à sra. Smith na qual a conduta do sr. Elliot estivesse envolvida.

CAPÍTULO 10

Anne foi para casa refletir sobre tudo o que havia escutado. Por um lado, seus sentimentos estavam tranquilizados com essas novas informações sobre o sr. Elliot. Ela não lhe devia mais qualquer manifestação de ternura. Ele se opunha ao capitão Wentworth com todas as suas intromissões inoportunas; e os danos causados por suas atenções na noite anterior, o mal irremediável que ele talvez tivesse causado, foi avaliado com sentimentos desprovidos de atenuantes ou de indecisão. Ela já não sentia mais qualquer pena dele. Mas esse era seu único motivo de alívio. Sob todos os outros aspectos, ao olhar em volta ou pensar no futuro, ela via mais razões para desconfiança e apreensão. Estava preocupada com a decepção e a dor que Lady Russell iria sentir; com as humilhações que iriam sofrer seu pai e sua irmã, e com toda a aflição de prever muitos males sem saber como evitar qualquer um deles. Estava imensamente agradecida por saber o que sabia sobre ele. Nunca havia se considerado merecedora de qualquer recompensa por não desdenhar uma velha amiga como a sra. Smith, mas ali estava uma enorme recompensa! A sra. Smith lhe contara coisas que ninguém mais poderia ter contado. Ah, se essas informações pudessem ser compartilhadas com a família! Mas era uma ideia vã. Ela precisava conversar com Lady Russell, contar a ela, pedir seus conselhos, e, depois de ter feito o melhor possível, aguardar o acontecimento com o máximo de autocontrole de que era capaz; e, no final das contas, a maior falta de autocontrole estaria naquele cantinho de sua mente que não podia ser revelado a Lady Russell, naquele fluxo de ansiedades e temores que deveriam permanecer só seus.

Ao chegar em casa, descobriu que, conforme previra, de fato havia escapado de encontrar o sr. Elliot; que ele havia aparecido e que lhes fizera uma longa visita matinal; no entanto, mal havia se parabenizado e começado a se sentir segura quando ouviu dizer que ele iria voltar à noite.

– Eu não tinha a menor intenção de convidá-lo – disse Elizabeth de forma exageradamente casual –, mas ele fez muitas insinuações; pelo menos é o que afirma a sra. Clay.

– De fato, afirmo mesmo. Nunca vi ninguém na vida tentar com mais afinco se fazer convidar. Pobre homem! Fiquei mesmo consternada por ele; pois a sua irmã Anne, que tem um coração de pedra, parece decidida a se mostrar cruel.

– Ah! – exclamou Elizabeth. – Conheço bem demais esse jogo para me deixar enganar tão facilmente pelas sugestões de um cavalheiro. No entanto, quando descobri o quão desolado ele estava por não encontrar meu pai hoje de manhã, cedi na mesma hora, pois realmente nunca perderia uma oportunidade de reuni-

lo com Sir Walter. Eles parecem muito à vontade na companhia um do outro! Ambos se comportam de maneira muito agradável. O sr. Elliot demonstra grande respeito.

– Que maravilha! – exclamou a sra. Clay, sem no entanto se atrever a virar os olhos para Anne. – Exatamente como pai e filho! Não posso dizer isso, minha cara srta. Elliot, como pai e filho?

– Ah, eu não tenho qualquer controle sobre as palavras de ninguém. Se a senhora deseja pensar assim! Mas juro que não percebo nas atenções dele nada de superior às dos outros homens.

– Minha cara srta. Elliot! – exclamou a sra. Clay, erguendo as mãos e os olhos e enterrando todo o resto de seu espanto em um silêncio oportuno. – Ora, minha cara Penelope, não precisa ficar tão alarmada por causa dele. Eu o convidei. Mandei-o embora com sorrisos. Quando descobri que ele amanhã iria mesmo passar o dia visitando seus amigos de Thornberry Park, tive pena dele.

Anne admirou a capacidade de interpretação da amiga de sua irmã, capaz de demonstrar tanto prazer quanto o fez em relação à expectativa e à vinda justamente da pessoa cuja presença devia estar interferindo seriamente com seu objetivo principal. Era impossível que a sra. Clay sentisse outra coisa que não ódio pelo sr. Elliot; no entanto, era capaz de adotar uma expressão muito dócil e tranquila, e de aparentar grande satisfação com a possibilidade reduzida de se dedicar a Sir Walter apenas a metade do que teria feito em outras circunstâncias.

Para Anne, por sua vez, foi muito desagradável ver o sr. Elliot entrar no recinto; e muito doloroso vê-lo se aproximar dela e lhe dirigir a palavra. No passado, estava acostumada a sentir que ele podia nem sempre ser totalmente sincero, mas agora via insinceridade em tudo. A deferência atenciosa que ele demonstrava para com seu pai lhe parecia detestável se comparada à linguagem por ele utilizada anteriormente e, quando ela pensou em sua conduta cruel para com a sra. Smith, mal pôde suportar a visão de seus sorrisos e gentilezas de agora, nem a expressão de seus bons sentimentos falsos. Ela pretendia evitar qualquer alteração de comportamento que desse margem a um comentário da parte dele. Para ela, era um objetivo importante escapar de qualquer pergunta ou *éclat*; mas sua intenção era se mostrar tão fria para com ele quanto fosse compatível com a relação que tinham; e recuar, com a maior discrição possível, dos poucos passos de intimidade desnecessária que havia gradualmente sido convencida a conceder. Assim, mostrou-se mais reservada e fria do que na noite anterior.

Ele quis tornar a despertar sua curiosidade quanto a como e onde podia ter escutado elogios a seu respeito no passado; quis muito ser gratificado com novas perguntas sobre isso; o feitiço, porém, estava rompido: ele constatou que o calor e

a animação de um recinto público eram necessários para atiçar a vaidade daquela sua modesta prima; constatou, pelo menos, que isso não iria acontecer agora por meio de qualquer uma das tentativas que ele pudesse arriscar em meio às solicitações excessivamente insistentes dos outros. Mal desconfiava que esse era agora um assunto que ia justamente contra seu interesse, trazendo na mesma hora à mente de Anne todos os detalhes menos perdoáveis de sua conduta.

Ela teve alguma satisfação ao descobrir que ele na realidade iria embora de Bath na manhã seguinte, que iria bem cedo, e que passaria a maior parte dos dois dias seguintes fora. Foi convidado novamente a ir a Camden Place na noite de sua volta; de quinta-feira até sábado à noite, porém, sua ausência era certa. Já era ruim o suficiente ter alguém como a sra. Clay sempre diante de si; mas ver um hipócrita ainda maior se unir a seu grupo parecia a destruição de qualquer paz e conforto possíveis. Era muito humilhante pensar no constante engodo de que seu pai e Elizabeth estavam sendo vítimas; e pensar nos vários motivos de humilhação que se preparavam para eles! O egoísmo da sra. Clay não era tão refinado nem tão repulsivo quanto o seu; e Anne teria apoiado o casamento na hora, mesmo com todos os seus males, se pudesse assim se livrar dos estratagemas do sr. Elliot para tentar evitá-lo.

Na manhã de sexta-feira, Anne tinha a intenção de ir bem cedo à casa de Lady Russell para lhe comunicar o que era preciso; e teria ido logo depois do desjejum não fosse o fato de a sra. Clay também estar de saída para cumprir a gentil tarefa de poupar algum trabalho à sua irmã, o que a obrigou a esperar até ter certeza de que estaria a salvo dessa companhia. Esperou a sra. Clay estar a uma distância razoável antes de começar a falar em passar a manhã em Rivers Street.

– Muito bem – disse Elizabeth –, não tenho nada a dizer a ela exceto mandar lembranças. Ah! E você bem que poderia levar de volta aquele livro maçante que ela me emprestou, e fingir que o li até o fim. Não posso ficar me martirizando continuamente com todos os poemas e ensaios que são publicados no país. Não precisa dizer isso a ela, mas achei seu vestido horrendo na outra noite. Costumava pensar que ela tivesse algum bom gosto em matéria de vestuário, mas senti vergonha dela no concerto. Seu aspecto tinha algo de tão formal, de tão *arrangé*! E ela se mantinha tão ereta quando sentada! Mande-lhe as minhas melhores lembranças, é claro.

– E as minhas também – acrescentou Sir Walter. – Meus melhores votos. E pode dizer que tenho a intenção de ir visitá-la em breve. Uma visita de cortesia; mas deixarei apenas o meu cartão. Visitas matinais nunca são adequadas para mulheres de sua idade, que se maquiam tão pouco. Se ao menos ela usasse ruge, não teria medo de ser vista; da última vez em que lá estive, porém, reparei que as persianas foram baixadas na mesma hora.

Enquanto seu pai falava, alguém bateu à porta. Quem poderia ser? Lembrando-se das visitas calculadas do sr. Elliot, que aparecia a qualquer hora, Anne teria pensado que era ele, não estivesse o sr. Elliot notoriamente viajando, a mais de dez quilômetros dali. Após o costumeiro intervalo de incerteza, os sons habituais de pessoas se aproximando foram ouvidos, e "o sr. e a sra. Musgrove" foram conduzidos sala adentro.

A surpresa foi a emoção mais forte causada pela aparição do casal; mas Anne ficou muito satisfeita em vê-los; e os outros não lamentaram tanto a visita a ponto de não serem capazes de ostentar um ar de boas-vindas decente; e, assim que ficou claro que os dois, seus parentes mais próximos, não tinham ido até lá com qualquer expectativa de se fazer hospedar naquela casa, Sir Walter e Elizabeth puderam intensificar sua cordialidade e com ela honrar muito bem as visitas. O casal tinha ido passar alguns dias em Bath com a sra. Musgrove, e estava hospedado no White Hart. Essa parte não demorou a se esclarecer; no entanto, foi só quando Sir Walter e Elizabeth conduziram Mary até a outra sala para se deliciar com sua admiração que Anne conseguiu interrogar Charles para obter um informe sensato de sua vinda ou explicação para algumas alusões sorridentes a uma incumbência específica, alusões estas que tinham sido feitas explicitamente por Mary, bem como para uma certa confusão aparente quanto aos membros de seu grupo.

Descobriu então que, além de Charles e Mary, a sra. Musgrove, Henrietta e o capitão Harville também faziam parte do grupo. Charles lhe fez um relato bem singelo e inteligível da história toda; uma narrativa na qual ela pôde constatar vários acontecimentos muito típicos. O primeiro impulso em favor da viagem tinha sido a vontade do capitão Harville de visitar Bath a negócios. Ele havia começado a falar nisso uma semana antes; e, para ter algo que fazer, logo após a caçada, Charles havia sugerido acompanhá-lo, e a sra. Harville parecera gostar imensamente da ideia, que lhe parecia vantajosa para o marido; Mary, porém, não podia suportar a ideia de ficar sozinha, e havia se mostrado tão infeliz com isso que, durante um ou dois dias, o projeto inteiro parecera incerto ou mesmo abandonado. Fora então, porém, que o pai e a mãe de Charles haviam se interessado pela viagem. Sua mãe tinha alguns velhos amigos em Bath que desejava visitar; aquela era uma boa oportunidade para Henrietta comprar um vestido de casamento para si e para a irmã; em suma, o projeto acabou se transformando na viagem de sua mãe, de modo a tornar tudo mais confortável e fácil para o capitão Harville; e ele e Mary foram incluídos no grupo para acomodar a vontade de todos. Tinham chegado a Bath na noite anterior. A sra. Harville, seus filhos e o capitão Benwick tinham ficado em Uppercross com o sr. Musgrove e Louisa.

A única surpresa de Anne foi que a situação estivesse suficientemente

avançada para já se estar falando nos vestidos de casamento de Henrietta. Imaginava que fossem haver dificuldades financeiras que impediriam o casamento de se realizar tão em breve; soube por Charles, porém, que muito recentemente (desde que Mary havia lhe escrito) Charles Hayter havia sido solicitado por um amigo para ocupar um curato em nome de um jovem que só poderia assumir a responsabilidade dali a muitos anos; e que, graças a essa renda, além da quase certeza de algo mais permanente bem antes de expirado o prazo em questão, as duas famílias haviam acatado o desejo dos jovens, e o casamento provavelmente iria ocorrer dali a poucos meses, ao mesmo tempo que o de Louisa.

– E é um curato muito bom – acrescentou Charles. – Fica a apenas quarenta quilômetros de Uppercross, em uma região muito bonita: uma parte muito bonita de Dorsetshire. Fica no meio de algumas das melhores terras do reino, cercada por três grandes proprietários, cada qual mais cuidadoso e desconfiado que o outro; e Charles Hayter talvez consiga uma recomendação especial para pelo menos dois dos três. Não que ele vá dar a essas terras o valor devido – observou ele. – Charles não liga muito para caça. É a sua pior característica.

– Fico muito satisfeita, muito mesmo – exclamou Anne. – Fico particularmente satisfeita que isso aconteça; e que, para duas irmãs igualmente merecedoras, e que sempre foram tão amigas, as felizes perspectivas futuras de uma não façam sombra às da outra… e que as duas possam gozar de prosperidade e conforto em igual medida. Espero que seu pai e sua mãe estejam felizes em relação às duas.

– Ah, sim! Meu pai também ficaria feliz caso os cavalheiros fossem mais ricos, mas não vê nenhum outro defeito nos dois. O dinheiro, você sabe, ter de encontrar dinheiro, e para duas filhas ao mesmo tempo, não é uma operação das mais agradáveis, e está lhe causando algumas dificuldades. Mas não estou querendo dizer que elas não tenham direito a esse dinheiro. É muito justo que recebam aquilo a que têm direito como filhas; e estou certo de que para mim ele sempre se mostrou um pai muito gentil e generoso. Mary não aprecia tanto assim o pretendente de Henrietta. Nunca apreciou, você sabe. Mas ela não lhe faz justiça, e não considera Winthrop como deveria. Não consigo fazê-la compreender o valor da propriedade. Na época em que vivemos, é um casamento muito bom; e eu sempre gostei de Charles Hayter, e não é agora que vou deixar de gostar.

– Pai e mãe tão excelentes quanto o sr. e a sra. Musgrove devem estar felizes com o casamento das filhas – exclamou Anne. – Tenho certeza de que fazem tudo para lhes proporcionar felicidade. Que bênção para duas jovens estar nas mãos de pessoas assim! Seu pai e sua mãe parecem inteiramente desprovidos de todos aqueles sentimentos ambiciosos que tantos erros e infelicidade já causaram a jovens e velhos! Você agora julga Louisa totalmente recuperada, suponho?

A resposta de Charles foi um pouco hesitante.

– Sim, acredito que sim; ela está muito recuperada; mas está mudada: já não corre nem pula mais, não ri nem dança; muito diferente de antes. Basta alguém bater uma porta com força para ela se sobressaltar e estremecer como um passarinho na água; e Benwick passa o dia inteiro sentado a seu lado lendo poemas ou sussurrando em seu ouvido.

Anne não pôde reprimir uma risada.

– Sei que isso não deve ser muito de seu agrado – disse ela –, mas acredito de fato que ele seja um rapaz excelente.

– Com certeza é, sim: ninguém duvida disso; e espero que você não me julgue tão pouco generoso a ponto de querer que todos os homens tenham os mesmos objetivos e os mesmos prazeres que eu. Tenho grande apreço por Benwick; quando alguém consegue fazê-lo falar, ele tem muito a dizer. Suas leituras não o prejudicaram, pois, além de ler, ele também combateu. É um sujeito corajoso. Conheci-o melhor na segunda-feira passada do que jamais o conhecera antes. Nós passamos a manhã inteira às voltas com os ratos nos grandes celeiros de meu pai; e ele desempenhou seu papel tão bem que desde então gosto mais dele.

Nesse ponto, os dois foram interrompidos pela absoluta necessidade de Charles acompanhar os outros e ir admirar espelhos e porcelanas. Mas Anne já tinha escutado o suficiente para compreender a atual situação de Uppercross e se alegrar com a felicidade que lá reinava; e embora seu júbilo contivesse também alguns suspiros, estes não tinham qualquer maldade advinda da inveja. Ela com certeza gostaria de viver a mesma sensação, mas não queria diminuir a dos outros.

A visita transcorreu em uma atmosfera muito bem-humorada. Mary estava com uma disposição excelente, aproveitando a alegria e a mudança de ares, e também tão satisfeita com a viagem na carruagem de quatro cavalos da sogra e com sua total independência de Camden Place para se mostrar inteiramente inclinada a admirar tudo como devia, e a apreciar na mesma hora todas as vantagens da casa conforme estas lhe eram descritas com riqueza de detalhes. Não tinha nada a solicitar ao pai ou à irmã, e a sua própria importância era adequadamente aumentada pela visão de seus belos salões.

Elizabeth passou um curto tempo sofrendo bastante. Sentia que a sra. Musgrove e todo o seu grupo deveriam ser convidados para jantar com eles; mas não podia suportar que pessoas que sempre haviam sido tão inferiores aos Elliot de Kellynch testemunhassem a diferença de estilo e a redução do número de criados que um tal jantar tornaria aparente. Era um combate entre a convenção social e a vaidade; a vaidade, porém, levou a melhor, e Elizabeth então ficou feliz de novo. Eis como ela persuadiu a si mesma: “São ideias antiquadas; uma

hospitalidade assim é coisa de zona rural; nós não nos propomos a dar jantares; poucas pessoas em Bath o fazem; Lady Alicia nunca o faz; ela nem sequer convidou a família da própria irmã, embora esta houvesse passado um mês na cidade; além do mais, atrevo-me a pensar que um jantar assim seria muito inconveniente para a sra. Musgrove; que lhe causaria diversos transtornos. Tenho certeza de que ela preferiria não vir; não é possível que se sinta à vontade conosco. Vou convidá-los todos para uma noite aqui; isso vai ser bem melhor; vai ser uma novidade e um prazer. Eles nunca viram dois salões como estes na vida. Ficarão encantados em vir amanhã à noite. Será uma reunião normal, pequena, mas muito elegante." Isso satisfez Elizabeth; e, uma vez o convite feito aos dois presentes, e a promessa de convite feita aos ausentes, Mary também se mostrou inteiramente satisfeita. Ela foi convidada especificamente para conhecer o sr. Elliot e para ser apresentada a Lady Dalrymple e à srta. Carteret, que felizmente já haviam se comprometido com a visita; e não poderia ter recebido uma atenção mais gratificante. A srta. Elliot teria a honra de convidar a sra. Musgrove no decorrer da manhã; e Anne, acompanhada por Charles e Mary, saiu na mesma hora para ir fazer uma visita a ela e Henrietta.

Seus planos de conversar com Lady Russell tiveram de ser abandonados por ora. Todos os três fizeram uma parada de alguns minutos em Rivers Street; mas Anne se convenceu de que um dia de atraso na comunicação pretendida não teria importância, e apressou-se em seguir para o White Hart, onde veria novamente os amigos e companheiros do outono anterior, com a impaciência e a disposição que suas muitas lembranças contribuíam para gerar.

Encontraram a sra. Musgrove e a filha em casa, sozinhas, e Anne recebeu de ambas as mais calorosas boas-vindas. A melhora das perspectivas futuras de Henrietta e sua felicidade recente a haviam deixado cheia de atenção e interesse por todos aqueles de quem previamente gostava; e o afeto verdadeiro da sra. Musgrove tinha sido conquistado pela utilidade de Anne em uma situação difícil. Sua cordialidade, seu calor e sua sinceridade a deleitavam ainda mais pelo fato de lhe faltarem tais bênçãos em casa. Ela foi instada a lhes dedicar o máximo de tempo que pudesse, foi convidada a passar todos os dias e os dias inteiros com eles, ou melhor, foi solicitada como se fizesse parte da família; em troca, entregou-se naturalmente ao seu comportamento habitual atencioso e prestativo e, quando Charles as deixou sozinhas, passou a escutar o relato da sra. Musgrove sobre Louisa e o de Henrietta sobre si mesma, e a dar opiniões sobre compras e fazer recomendações de lojas; nos intervalos, ajudava Mary com todas as suas necessidades, que iam de ajeitar uma fita a fazer uma conta, de encontrar as próprias chaves e arrumar seus badulaques a tentar persuadi-la de que não estava sendo maltratada por ninguém; pois Mary, embora tenha passado a maior parte do tempo entretida junto a uma janela com vista para a entrada do Pump

Room, não pôde evitar alguns instantes de dúvida.

Era de se esperar que a manhã fosse atribulada. Um grupo grande hospedado em um hotel era garantia de uma situação sempre cambiante e instável. A cada cinco minutos surgia algum recado, em seguida um embrulho; e depois de apenas meia hora de visita pareceu a Anne que a sala de jantar, por mais espaçosa que fosse, estava preenchida quase até a metade; um grupo de velhas amigas estava sentado ao redor da sra. Musgrove, e Charles voltou acompanhado pelos capitães Harville e Wentworth. A surpresa que a aparição deste último causou em Anne foi apenas passageira. Era impossível para ela ter deixado de pensar que a chegada de seus amigos em comum logo os faria ter um novo encontro. O último fora muito importante para revelar os sentimentos dele: Anne havia tirado desse encontro uma deliciosa convicção; no entanto, a julgar por sua expressão, temia que a mesma desafortunada impressão que o fizera ir embora da sala de concerto ainda o dominasse. Ele não parecia querer ficar suficientemente próximo dela para que os dois pudessem conversar.

Ela tentou permanecer calma e deixar as coisas seguirem seu curso, e tentou refletir bastante sobre o seguinte argumento racional: “Com certeza, se houver um afeto constante de ambas as partes, nossos corações irão se entender dentro em pouco. Não somos mais tão jovens a ponto de nos deixar irritar por uma bobagem, enganar pelos acasos de qualquer instante e a ponto de brincar descuidadamente com nossa própria felicidade.” Apesar disso, alguns minutos depois, sentiu que o fato de estarem juntos dessa forma, nas atuais circunstâncias, só os poderia estar expondo a acasos e equívocos do tipo mais nefasto.

– Anne – exclamou Mary, ainda à janela –, ali está a sra. Clay, tenho certeza, em pé debaixo da colunata acompanhada de um cavalheiro! Eu a vi dobrar a esquina de Bath Street há poucos instantes. Os dois parecem muito entretidos. Quem é ele? Venha cá me dizer. Meu Deus! Agora me lembro. É o sr. Elliot em pessoa.

– Não – Anne se apressou em dizer –, não pode ser o sr. Elliot, isso eu lhe garanto. Ele estava de partida de Bath hoje às nove da manhã, e só volta amanhã.

Enquanto falava, ela sentiu que o capitão Wentworth a estava olhando, e essa consciência a deixou irritada e constrangida, e a fez se arrepender de ter dito o que dissera, por mais simples que fosse.

Mary, ofendida por pensarem que não sabia reconhecer o próprio primo, começou a discorrer acaloradamente sobre os traços da família, e a afirmar com uma convicção ainda maior que era, sim, o sr. Elliot, chamando Anne para ir ver com os próprios olhos, mas Anne não saiu de onde estava, e tentou aparentar calma e indiferença. Sua aflição, no entanto, retornou ao reparar em sorrisos e olhares sugestivos entre duas ou três das senhoras presentes, como se

elas se considerassem a par de um segredo. Era evidente que o relato a seu respeito havia se espalhado, e a curta pausa que se sucedeu pareceu garantir que iria se espalhar ainda mais.

– Venha, Anne, por favor, venha ver você mesma! – exclamou Mary. – Se não se apressar, vai chegar tarde demais. Eles estão se separando; estão apertando as mãos. Ele está se virando para ir embora. Não reconhecer o sr. Elliot, imagine só! Você parece ter se esquecido de tudo o que aconteceu em Lyme.

Para tranquilizar Mary, e talvez para disfarçar o próprio constrangimento, Anne avançou calada até a janela. Chegou bem a tempo de confirmar que era de fato o sr. Elliot, coisa em que não havia acreditado até então, antes de ele desaparecer para um dos lados da rua enquanto a sra. Clay se afastava rapidamente para o outro; então, mascarando a surpresa que lhe foi impossível não sentir ao testemunhar uma conversa aparentemente tão amigável entre duas pessoas de interesses totalmente opostos, disse com calma:

– Sim, é mesmo o sr. Elliot, não há dúvida. Imagino que tenha mudado a hora da partida, só isso, ou talvez eu esteja enganada, talvez não tenha escutado bem – dito isso, andou de volta até a cadeira, já recomposta, e torcendo para ter conseguido se sair bem da situação.

As visitas se despediram de sua amiga; e Charles, depois de acompanhá-las educadamente até a porta e em seguida lhes fazer uma careta, zombando delas por terem aparecido, começou dizendo:

– Bem, mãe, eu fiz uma coisa pela senhora de que vai gostar. Fui ao teatro e reservei um camarote para amanhã à noite. Não sou um bom menino? Sei que a senhora adora peças; e há lugar no camarote para nós todos. Nele cabem nove pessoas. Já convidei o capitão Wentworth. Tenho certeza de que Anne terá prazer em nos acompanhar. Nós todos gostamos de uma peça. Não fiz bem, mãe?

A sra. Musgrove estava começando a expressar com muito bom humor sua plena vontade de assistir à peça, caso Henrietta e os outros assim quisessem, quando Mary a interrompeu ansiosamente dizendo:

– Meu Deus! Charles, como você pôde ter uma ideia dessas? Reservar um camarote para amanhã à noite! Esqueceu-se de que amanhã à noite temos compromisso em Camden Place, e de que fomos especificamente convidados para conhecer Lady Dalrymple e sua filha, além do sr. Elliot, ou seja, todas as nossas relações familiares mais importantes, de propósito para encontrá-los? Como pode ser tão esquecido?

– Ora! Ora! – retrucou Charles. – Que importância tem uma reunião noturna? Nem vale a pena se lembrar disso. Se o seu pai quisesse nos ver, poderia ter nos convidado para jantar, penso eu. Você pode fazer como preferir, mas eu vou ao teatro.

– Ah, Charles! Vai ser abominável se fizer isso depois de ter prometido ir a Camden Place.

– Não, eu não prometi. Apenas dei um sorriso amarelo e fiz uma mesura, e pronunciei as palavras "Muito gosto". Não houve promessa nenhuma.

– Mas, Charles, você tem de ir. Seria imperdoável se não fosse. Fomos convidados de propósito para sermos apresentados. Sempre houve uma forte conexão entre a família Dalrymple e a nossa. Nada jamais aconteceu com qualquer das duas que não fosse anunciado de imediato. Nós somos parentes bem próximos, sabe? E o sr. Elliot também, que você deveria encontrar especialmente! Devemos toda nossa atenção ao sr. Elliot. Pense só, o herdeiro de meu pai: o futuro representante da família.

– Não venha me falar em herdeiros e representantes – exclamou Charles. – Eu não sou daqueles que desdenham o poder em exercício para se prostrar diante do sol nascente. Se eu não comparecesse por respeito ao seu pai, consideraria um escândalo comparecer por respeito ao seu herdeiro. Quem é o sr. Elliot para mim?

Essa pergunta descuidada despertou a mais viva atenção de Anne, e ela viu que o capitão Wentworth também era todo ouvidos, e olhava e escutava com toda a sua alma; viu também que as últimas palavras fizeram os olhos dele se virarem de Charles para ela com uma expressão intrigada.

Charles e Mary seguiram conversando no mesmo tom; ele, meio sério e meio brincando, sustentando os planos para o teatro, e ela, sempre muito séria, discordando com veemência, e sem deixar de afirmar que, por mais determinada que estivesse a ir a Camden Place, sentir-se-ia deveras maltratada caso eles fossem ao teatro sem ela. A sra. Musgrove interveio.

– É melhor adiarmos o teatro. Charles, seria melhor se você mudasse o camarote para terça. Seria uma pena nos dividirmos, e estaríamos perdendo a srta. Anne também, caso haja uma reunião na casa do pai dela; e estou certa de que nem eu nem Henrietta iríamos ligar a mínima para a peça caso a srta. Anne não estivesse conosco.

Anne se sentiu de fato agradecida a ela por tamanha gentileza, e também pela oportunidade que esta lhe proporcionou de dizer:

– Se dependesse apenas de minha vontade, senhora, a reunião em minha casa não representaria o menor empecilho (exceto no que diz respeito a Mary). Não gosto desse tipo de reunião, e a trocaria de bom grado por uma peça de teatro, ainda mais na sua companhia. Mas talvez seja melhor não tentar fazer isso – ela havia terminado de falar, mas tremia ao chegar ao fim da frase, consciente de que suas palavras estavam sendo escutadas, e não se atrevendo a tentar observar seu efeito.

Todos logo concordaram que o melhor seria na terça-feira; e Charles apenas se reservou o direito de provocar a esposa insistindo que iria ao teatro no dia seguinte, ainda que ninguém mais fosse.

O capitão Wentworth se levantou da cadeira e andou até a lareira, provavelmente para poder dela se afastar logo em seguida e ir se acomodar, sem que isso parecesse tão óbvio, ao lado de Anne.

– A senhorita não está em Bath há tempo suficiente para ter aprendido a apreciar os eventos noturnos da cidade – disse ele.

– Ah, não! Esse tipo de evento não me atrai. Não gosto de jogar cartas.

– A senhorita era assim antes, eu sei. Não costumava gostar de cartas; mas o tempo opera muitas mudanças.

– Eu não mudei tanto assim – exclamou Anne, e parou de falar, temendo algum mal-entendido que nem sequer sabia qual era. Depois de aguardar alguns instantes, e como se isso fosse o resultado de um sentimento atual, ele disse:

– Um intervalo e tanto, de fato! Oito anos e meio é um intervalo e tanto!

Coube à imaginação de Anne refletir, em uma ocasião mais calma, se ele teria ido mais longe; pois, quando ainda não havia acabado de escutar as palavras por ele pronunciadas, foi solicitada em relação a outros assuntos por Henrietta, ansiosa para aproveitar o tempo livre de que agora dispunham e sair, e insistindo com os companheiros para que não perdessem tempo, caso alguma outra pessoa aparecesse.

Eles foram obrigados a sair. Anne disse que estava totalmente pronta, e tentou aparentar esse estado; mas sentiu que, se Henrietta conhecesse o pesar e a relutância de seu coração em deixar aquela cadeira, em se preparar para sair da sala, teria encontrado ali, com o afeto que nutria pelo primo e com a segurança do afeto recíproco dele, um motivo para ter pena dela.

Mas seus preparativos foram interrompidos. Barulhos alarmantes se fizeram ouvir; outros visitantes se aproximaram, e a porta foi aberta de supetão para Sir Walter e a srta. Elliot, cuja entrada pareceu fazer um frio recair sobre a sala. Anne sentiu uma opressão instantânea, e para onde quer que olhasse via sintomas da mesma sensação. O conforto, a liberdade, a alegria do recinto haviam evaporado e se transformado em formalidade fria, silêncio decidido ou conversas insípidas, tudo para condizer com a elegância desalmada de seu pai e de sua irmã. Que humilhação constatar isso!

Seu olhar ciumento encontrou pelo menos um motivo de satisfação. O capitão Wentworth foi novamente cumprimentado por ambos, e por Elizabeth de maneira mais graciosa do que antes. Ela chegou até a lhe dirigir a palavra uma vez, e a olhar para ele em mais de uma ocasião. Na verdade, Elizabeth estava

preparando uma grande cartada. Os acontecimentos seguintes explicaram tudo. Uma vez desperdiçados alguns minutos com as insignificâncias de praxe, ela começou a fazer o convite que iria solicitar toda a obrigação remanescente dos Musgrove.

– Amanhã à noite, para encontrar alguns amigos; não é uma ocasião formal – tudo foi dito de forma muito graciosa, e os cartões de visita que ela havia trazido consigo, nos quais se podia ler "A srta. Elliot recebe", foram postos sobre a mesa com um sorriso cortês e geral dirigido a todos os presentes, e um sorriso e um cartão mais decididamente dirigidos ao capitão Wentworth. A verdade era que Elizabeth já havia passado tempo suficiente em Bath para entender a importância de um homem com sua atitude e aparência. O passado nada significava. O presente significava que o capitão Wentworth iria enfeitar muito bem o seu salão. O cartão foi entregue com um gesto deliberado, e Sir Walter e Elizabeth se levantaram e foram embora.

A interrupção, embora significativa, havia sido breve, e a descontração e animação tornaram a tomar conta da maioria dos presentes uma vez fechada a porta, mas não de Anne. Ela só conseguia pensar no convite que havia presenciado com tamanho assombro, e na forma como este fora recebido; uma atitude de significado dúbio, mais surpresa do que satisfeita, de reconhecimento educado mais do que propriamente aceitação. Ela o conhecia: viu desprezo nos olhos dele, e não se atreveu a pensar que ele estivesse decidido a aceitar o convite para se redimir de toda a insolência do passado. Seu ânimo murchou. Ele continuou segurando o cartão na mão depois de seu pai e sua irmã saírem, como quem reflete cuidadosamente sobre o assunto.

– Vejam só, Elizabeth está convidando todo mundo! – sussurrou Mary de forma bem audível. – Só posso imaginar a satisfação do capitão Wentworth! Vejam, ele não consegue nem sequer largar o cartão.

Anne cruzou olhares com ele, viu suas faces corarem e sua boca formar uma expressão passageira de desprezo, e virou-lhe as costas para não ver nem ouvir mais nada que pudesse contrariá-la.

O grupo se separou. Os cavalheiros tinham os próprios compromissos, as senhoras, os seus, e os dois não tornaram a se encontrar enquanto Anne permaneceu com elas. Ela foi convidada com insistência para voltar e jantar em sua companhia, para lhes dedicar o restante do dia, mas sua disposição tinha sido posta à prova durante tanto tempo que ela não se sentia mais capaz de nada, e tudo que podia fazer era voltar para casa, onde estava certa de que poderia ficar tão calada quanto quisesse.

Depois de prometer passar a manhã inteira do dia seguinte em sua companhia, portanto, ela concluiu o cansaço do dia com uma árdua caminhada até Camden Place, onde passou a noite escutando as providências atarefadas de Elizabeth e da

sra. Clay para o evento do dia seguinte, a enumeração frequente das pessoas convidadas, e os detalhes cada vez mais minuciosos de todas as melhorias que deviam fazer daquele evento o mais elegante de seu gênero em toda Bath, enquanto em seu íntimo se atormentava secretamente com a dúvida incessante: o capitão Wentworth viria ou não? As duas estavam dando sua presença por certa, mas no caso de Anne essa era uma aflição impossível de aplacar por mais de cinco minutos. De modo geral, pensava que ele viria, porque de modo geral pensava que ele devesse vir; mas aquele era um caso que ela não conseguia encaixar em qualquer atitude determinada movida fosse pelo dever, fosse por escolha própria, de forma a aplacar sem hesitação as insinuações de sentimentos inteiramente opostos.

Ela só se distraiu das reflexões provocadas por essa incontrolável agitação para informar a sra. Clay de que ela tinha sido vista na companhia do sr. Elliot três horas depois do horário em que ele deveria ter saído de Bath, pois, depois de esperar em vão a própria dama fazer alguma alusão ao encontro, decidiu mencioná-lo, e pareceu-lhe ver culpa na expressão da sra. Clay ao escutar suas palavras. Foi uma coisa passageira, logo desapareceu; mas Anne acreditou ler naquela expressão a consciência de ter sido obrigada a escutar (quem sabe durante meia hora), por alguma complicação decorrente dos respectivos ardis ou então por alguma autoridade superior da parte dele, aos seus sermões e suas reticências em relação às intenções dela para com Sir Walter. A sra. Clay, entretanto, exclamou com uma imitação bastante razoável de naturalidade:

– Ah, sim! É verdade. Imagine a senhorita que, para minha grande surpresa, encontrei o sr. Elliot em Bath Street. Eu não poderia ter ficado mais espantada. Ele deu meia-volta e caminhou comigo até o pátio do Pump Room. Havia sido impedido de partir para Thornberry, mas esqueço-me por que exatamente; pois eu estava com pressa e não pude lhe dar muita atenção, e tudo que posso assegurar é que ele está decidido a não retardar sua volta. Ele queria saber a partir de que horas poderia chegar amanhã. Tudo em que conseguia falar era "amanhã", e eu evidentemente também agora só consigo falar nisso, desde que entrei em casa e fiquei sabendo da extensão de seus planos e de tudo o que aconteceu, caso contrário não teria me esquecido tão inteiramente de meu encontro com ele.

CAPÍTULO 11

Apenas um dia havia transcorrido desde a conversa de Anne com a sra. Smith; mas um interesse mais arrebatador havia se apresentado, e ela agora estava tão indiferente à conduta do sr. Elliot, exceto quanto a suas consequências sobre um único assunto, que na manhã seguinte foi muito natural adiar novamente a visita esclarecedora que faria a Rivers Street. Ela havia prometido ficar com os Musgrove da hora do desjejum até o jantar. Estava comprometida, e o caráter do sr. Elliot, assim como a cabeça da sultana Sherazade, seria poupado por mais um dia.

Não conseguiu, contudo, chegar pontualmente ao seu compromisso; o tempo estava desfavorável, e ela havia deplorado a chuva por causa da amiga, e ficado ela própria muito contrariada, antes de poder iniciar a caminhada. Quando chegou ao White Hart e se encaminhou para o quarto certo, constatou que não estava chegando na hora, e que tampouco era a primeira a chegar. Já estavam ali presentes: a sra. Musgrove conversando com a sra. Croft, e o capitão Harville com o capitão Wentworth; e ela logo ficou sabendo que Mary e Henrietta, demasiado impacientes para esperar, haviam saído na mesma hora em que a chuva estiara, mas que voltariam dentro em pouco, e que a sra. Musgrove havia recebido as mais rígidas instruções para manter Anne ali enquanto as duas não voltassem. A Anne só restou aceitar, sentar-se, aparentar tranquilidade e sentir-se afundar imediatamente em todas as aflições das quais julgara que fosse provar apenas um pouco antes de concluída a manhã. No entanto, não houve demora nem perda de tempo. Ela mergulhou no mesmo instante na felicidade desse pesar ou no pesar dessa felicidade. Dois minutos depois de ela adentrar a sala, o capitão Wentworth disse:

– Vamos escrever agora a carta sobre a qual estávamos falando, Harville, se puder me fornecer o material.

O material estava todo ao alcance da mão, sobre uma outra mesa; ele foi até lá e, praticamente virando as costas a todos os presentes, pôs-se a escrever, muito entretido.

A sra. Musgrove estava contando à sra. Croft a história do noivado de sua filha mais velha, e justo naquele tom de voz que era perfeitamente audível ao mesmo tempo em que fingia ser um sussurro. Anne sentiu que não tinha lugar naquela conversa, mas, como o capitão Harville parecia pensativo e sem vontade de conversar, não pôde evitar ouvir vários detalhes indesejáveis; detalhes do tipo "como o sr. Musgrove e meu cunhado Hayter se encontraram inúmeras vezes para conversar a respeito; o que meu cunhado Hayter tinha dito em um dia, e o

que o sr. Musgrove tinha proposto no dia seguinte, e o que tinha ocorrido a minha irmã Hayter, e o que os jovens desejavam, e o que eu disse no início que jamais poderia aceitar, mas como depois fui convencida a pensar que seria muito adequado", e várias outras coisas no mesmo estilo de comunicação franca: minúcias que, mesmo que gozassem de todas as vantagens do bom gosto e da delicadeza que a bondosa sra. Musgrove era incapaz de fornecer, na verdade só tinham interesse para os principais envolvidos. A sra. Croft escutava de muito bom humor, e tudo o que dizia era sempre muito sensato. Anne torceu para ambos os cavalheiros estarem ocupados demais para escutar.

– Assim, minha senhora, levando tudo isso em consideração – disse a sra. Musgrove com seu sussurro potente –, embora pudéssemos ter desejado outra coisa, no final das contas, porém, não achamos justo adiar mais a questão, pois Charles Hayter estava muito animado e Henrietta também, quase tanto quanto ele; então pensamos que seria melhor eles se casarem logo, e que tudo corra da melhor forma possível, como muitos outros já fizeram antes deles. De toda forma, na minha opinião, isso será melhor do que um longo noivado.

– Era justamente esse o comentário que eu ia fazer – exclamou a sra. Croft. – Acho preferível os jovens se casarem logo com uma renda pequena e enfrentarem alguma dificuldade do que terem um noivado longo. Sempre penso que nenhuma afeição mútua…

– Ah, minha cara sra. Croft! – exclamou a sra. Musgrove, sem conseguir deixá-la terminar a frase. – Não há nada que eu considere mais abominável para os jovens do que um noivado longo. Foi isso que sempre tentei evitar para meus filhos. Não há problema algum no fato de os jovens noivarem, é o que eu costumava dizer, contanto que haja a certeza de poderem se casar dentro de seis meses, ou mesmo doze. Mas um noivado longo!

– Sim, cara senhora, ou então um noivado incerto, ou um noivado que poderia ser longo – prosseguiu a sra. Croft. – Considero muito pouco seguro e pouco sensato começar um noivado sem saber em que momento haverá condições de se casar, e, na minha opinião, todos os pais deveriam evitar isso a qualquer custo.

Anne encontrou nessa conversa um interesse inesperado. Sentia que esta se aplicava a ela, sentiu uma excitação nervosa tomar conta de todo o seu ser; e, na mesma hora em que seus olhos se voltaram instintivamente na direção da mesa mais afastada, a pena do capitão Wentworth parou de se mover, ele ergueu a cabeça, parou por um instante, escutou, e então, no instante seguinte, virou-se para lançar um olhar, um só olhar rápido e significativo, em sua direção.

As duas senhoras seguiram conversando, insistindo nas mesmas verdades já estabelecidas e ilustrando-as com exemplos dos efeitos nefastos de qualquer prática contrária que tivessem podido observar, mas Anne nada escutou com atenção; tudo não passava de um zumbido de palavras em seu ouvido, pois sua

mente estava tomada pela confusão.

O capitão Harville, que na verdade não vinha escutando parte alguma da conversa, levantou-se então de sua cadeira e foi até uma janela, e Anne, que aparentemente olhava para ele, embora fosse por total distração, reparou aos poucos que ele a estava chamando para ir até o seu lado. Olhava para ela com um sorriso e um leve meneio de cabeça que diziam: "Venha cá, tenho algo a lhe dizer"; e uma gentileza descontraída e sem afetação, que caracterizava os sentimentos de uma relação bem mais antiga do que aquela de fato era, reforçava fortemente o convite. Ela se levantou e foi até onde ele estava. A janela junto à qual se encontrava o capitão Harville ficava do outro lado da sala em relação a onde estavam sentadas as duas senhoras e, embora mais perto da mesa ocupada pelo capitão Wentworth, não perto demais. Quando Anne chegou, a atitude do capitão Harville retomou a expressão séria e pensativa que parecia lhe ser natural.

– Olhe – disse ele, desfazendo um embrulho que tinha na mão e mostrando-lhe uma pequena pintura em miniatura. – Sabe quem é este aqui?

– Claro; é o capitão Benwick.

– Sim, e a senhorita pode adivinhar para quem se destina a pintura. No entanto – sua voz se fez mais grave –, não foi feita para ela. Srta. Elliot, está lembrada de quando caminhamos juntos em Lyme, e de como lamentamos a situação dele? Eu mal podia imaginar na ocasião… mas pouco importa. Esta pintura foi feita na Cidade do Cabo. O capitão Benwick conheceu um jovem e inteligente artista alemão nessa cidade e, de acordo com uma promessa feita à minha pobre irmã, posou para ele, e estava trazendo esta pintura para casa de presente para ela; e eu agora estou incumbido de mandá-la emoldurar adequadamente para outra mulher! Ele me pediu isso! Mas a quem mais poderia pedir? Espero poder compreender as suas motivações. Mas de fato não me desagrada passar a incumbência a outro. Ele vai assumir a tarefa – olhando na direção do capitão Wentworth –; está escrevendo sobre isso agora mesmo – e, com os lábios trêmulos, concluiu o discurso da seguinte maneira: – Pobre Fanny! Ela não o teria esquecido tão depressa.

– Não – respondeu Anne com a voz baixa e emocionada –, nisso posso acreditar com facilidade.

– Não era de sua natureza. Ela o adorava.

– Não seria da natureza de qualquer mulher que amasse de verdade.

O capitão Harville sorriu como quem pergunta "Está dizendo isso em nome de todas as mulheres?", e ela respondeu, sorrindo também:

– Sim. Nós certamente não os esquecemos tão depressa quanto vocês nos esquecem. Talvez esse seja o nosso destino, e não o nosso mérito. Não

conseguimos agir de outra forma. Vivemos em casa, tranquilas, isoladas, e somos dominadas por nossos sentimentos. Já vocês precisam se esforçar. Têm sempre uma profissão, objetivos, negócios de alguma espécie, que os fazem voltar na mesma hora para o mundo, e a ocupação e a mudança contínuas logo enfraquecem as impressões.

– Admitindo ser verdadeira essa sua afirmação de que o mundo faz isso cedo demais com os homens (embora eu não ache que vá admiti-la), tal coisa não se aplica ao capitão Benwick. Ele não foi forçado a realizar esforço algum. A paz o fez retornar à terra firme na mesma época, e ele desde então tem morado conosco, em nosso pequeno círculo familiar.

– É verdade – disse Anne –, é a mais pura verdade; eu não estava me lembrando; mas o que devemos dizer então, capitão Harville? Se a mudança não se deve a circunstâncias externas, decerto vem de dentro; deve ter sido a natureza, a natureza masculina, que influenciou o capitão Benwick.

– Não, não, não foi a natureza masculina. Não admito que seja da natureza masculina mais do que da feminina ser inconstante e esquecer quem se ama, ou quem já se amou. Acredito no contrário. Acredito em uma verdadeira analogia entre nossas estruturas físicas e mentais; e acho que, quando nossos corpos são mais fortes, o mesmo se dá com os sentimentos; estes são capazes de suportar os tratamentos mais rudes, e de enfrentar os mais árduos climas.

– Os seus sentimentos podem até ser mais fortes – retrucou Anne –, mas o mesmo espírito de analogia me permitirá afirmar que os nossos são mais delicados. O homem é mais robusto do que a mulher, mas não vive mais tempo; isso que explica justamente a minha opinião quanto à natureza de seus afetos. Não, seria difícil demais para vocês caso fosse de outra forma. Vocês já têm dificuldades, privações e perigos suficientes com que lidar. Estão sempre se esforçando, trabalhando, expostos a todo tipo de risco e provação. Sua casa, seu país, seus amigos, tudo isso vocês têm que abandonar. Não têm tempo, nem saúde, nem vida para chamar de seus. Realmente, seria muito difícil – com uma voz embargada – se os sentimentos de uma mulher viessem se somar a isso tudo.

– Nós nunca vamos concordar em relação a isso – ia começando a dizer o capitão Harville quando um leve ruído chamou a atenção de ambos para a área até então inteiramente silenciosa da sala ocupada pelo capitão Wentworth. Sua pena havia caído no chão, só isso; mas Anne ficou espantada ao constatar que ele estava mais próximo do que havia imaginado, e sentiu-se um pouco inclinada a pensar que a pena só havia caído no chão porque ele estivera prestando atenção na conversa, esforçando-se para distinguir alguma palavra, embora não pensasse que pudesse tê-los escutado.

– Já terminou sua carta? – indagou o capitão Harville.

– Ainda não, faltam algumas linhas. Daqui a cinco minutos terei terminado.

– Por mim não há pressa. Só estarei pronto quando o senhor estiver. Estou muito bem ancorado aqui – sorrindo para Anne –, muito bem-abastecido, e não me falta nada. Não estou com pressa nenhuma de receber qualquer sinal. Bem, srta. Elliot – baixando a voz –, como eu ia dizendo, penso que nunca vamos concordar em relação a isso. Provavelmente isso seria impossível para qualquer homem e qualquer mulher. Permita-me observar, porém, que todas as histórias contrariam o que a senhorita diz… todas, em prosa e em verso. Se eu tivesse a mesma memória que Benwick, poderia lhe recitar em um instante cinquenta citações que corroboram a minha teoria, e não acho que jamais tenha aberto um livro na vida que não tivesse algo a dizer sobre a inconstância feminina. Todas as canções e ditados mencionam o temperamento volúvel da mulher. Mas a senhorita vai me dizer, talvez, que eles foram todos escritos por homens.

– Talvez eu o diga. Sim, sim, por favor, não vamos nos referir a exemplos de livros. Os homens tiveram todas as vantagens em relação a nós no que diz respeito a contar sua versão da história. Eles tiveram uma educação muito mais refinada; a pena sempre esteve em sua mão. Não vou aceitar nenhuma prova tirada dos livros.

– Mas como então iremos provar alguma coisa?

– Isso nunca vai acontecer. Nunca poderemos esperar provar o que quer que seja em relação ao assunto. Trata-se de uma diferença de opinião que não admite provas. Cada um de nós provavelmente começa com uma leve parcialidade em relação ao próprio sexo; e, a partir dessa parcialidade, interpretamos todas as circunstâncias em seu favor já ocorridas em nosso círculo, muitas das quais (talvez precisamente nos casos que mais nos impressionam) talvez sejam justo do tipo que não se pode citar sem trair uma confidência, ou de alguma forma dizer o que não deveria ser dito.

– Ah! – exclamou o capitão Harville com um tom muito arrebatado –, se ao menos eu pudesse fazê-la compreender o quanto um homem sofre quando deita os olhos pela última vez na esposa e nos filhos, quando fica observando o barco que os leva embora até este desaparecer, para em seguida virar as costas e dizer: “Só Deus sabe quando tornaremos a nos encontrar!” E depois, se ao menos eu pudesse lhe dar uma ideia do brilho de sua alma quando ele torna a vê-los; quando, após retornar de uma ausência de um ano, talvez, obrigado a adentrar outro porto, ele calcula em quanto tempo será possível fazê-los chegar até lá, fingindo enganar a si mesmo e dizendo: “Eles não poderão chegar antes do dia tal”, mas o tempo todo esperando que cheguem doze horas antes, e quando os vê chegar por fim, como se o céu houvesse lhes dado asas, muitas horas antes disso! Se eu pudesse lhe explicar tudo isso, e tudo o que um homem é capaz de suportar e fazer, e tudo que se orgulha de fazer em nome desses tesouros de sua vida! A

senhora sabe que me refiro apenas aos homens que têm coração! – completou ele, apertando o próprio peito com emoção.

– Ah! – exclamou Anne com sofreguidão –, espero fazer justiça a tudo aquilo que o senhor sente, e a tudo o que sentem aqueles que se parecem com o senhor. Que Deus não me permita subestimar os sentimentos calorosos e leais de nenhum de meus semelhantes. Eu mereceria o mais completo desprezo caso me atrevesse a imaginar que o verdadeiro afeto e a verdadeira constância fossem conhecidos apenas pela mulher. Não, considero vocês, homens, capazes das mais grandiosas e boas ações em suas vidas de casados. Acredito que possam desempenhar igualmente todos os esforços importantes e todas as obrigações domésticas, contanto que… se me permite usar esse termo, contanto que tenham um objeto. Ou seja, enquanto a mulher que amam viver e viver para vocês. O único privilégio que reivindico para meu sexo (que não é dos mais invejáveis; não há por que cobiçá-lo) é o de amar por mais tempo quando o objeto ou a esperança já se foram!

Ela não teria sido capaz de pronunciar outra frase logo em seguida; seu coração estava tomado, seu peito demasiado oprimido.

– A senhorita é uma alma boa – exclamou o capitão Harville, pondo a mão em seu braço com um gesto afetuoso. – Não há como discutir. E, quando penso em Benwick, não sei o que dizer.

Sua atenção foi atraída pelos outros. A sra. Croft estava se retirando.

– Creio que aqui nos separamos, Frederick – disse ela. – Vou voltar para casa, e você tem um compromisso com seu amigo. Hoje à noite teremos todos o prazer de nos reencontrar em sua casa – e virando-se para Anne –, recebemos ontem o cartão de sua irmã, e pelo que entendi Frederick também recebeu o seu, embora eu não o tenha visto; e você estará livre, não é mesmo, Frederick, assim como nós?

O capitão Wentworth estava dobrando uma carta às pressas, e não pôde ou não quis responder inteiramente à pergunta.

– Sim – disse ele –, é verdade, aqui nos separamos, mas Harville e eu logo iremos atrás de você; quer dizer, Harville, se estiver pronto, eu o estarei daqui a meio minuto. Sei que não ficará contrariado em ir embora. Estarei a seu dispor daqui a meio minuto.

A sra. Croft se retirou, e o capitão Wentworth, após lacrar sua carta com grande rapidez, de fato ficou pronto, e chegou a demonstrar um ar apressado e agitado que transmitia uma impaciência de partir. Anne não soube como interpretar isso. Ouviu do capitão Harville o mais gentil "Bom dia, que Deus a abençoe!", mas dele não recebeu uma só palavra, um só olhar! Ele havia saído da sala sem olhar para ela!

No entanto, ela teve apenas tempo de chegar mais perto da mesa à qual ele havia se sentado para escrever quando escutou passos voltando; a porta se abriu, e era ele. Pediu desculpas, pois havia esquecido as luvas, e na mesma hora atravessou a sala até a mesa de escrever, e ali em pé, com as costas viradas para a sra. Musgrove, tirou uma carta do meio dos papéis espalhados e a pôs diante de Anne, encarando-a por algum tempo com um olhar de súplica ardente, antes de recolher rapidamente as luvas e tornar a sair da sala quase antes mesmo de a sra. Musgrove se dar conta de sua presença: tudo aconteceu em um instante!

É quase impossível descrever a revolução que esse instante operou em Anne. A carta, na qual mal se podia ler o destinatário, estava endereçada à "Srta. A. E —", e era obviamente a mesma que ele havia dobrado com tanta pressa. Enquanto fingia estar escrevendo apenas para o capitão Benwick, ele também estava escrevendo para ela! Do conteúdo daquela carta dependia tudo o que este mundo poderia lhe reservar! Qualquer coisa era possível, ela podia enfrentar qualquer coisa, menos aquela incerteza. A sra. Musgrove tinha pequenos afazeres dos quais cuidar em sua própria mesa; Anne precisou confiar na proteção que estes proporcionavam e, deixando-se afundar na mesma cadeira que ele havia ocupado, sucedendo-o no mesmo lugar em que ele havia se inclinado para escrever, seus olhos devoraram as seguintes palavras:

> Não posso mais escutar em silêncio. Preciso lhe falar com os meios dos quais disponho. A senhorita me dilacera a alma. Estou dividido entre a agonia e a esperança. Não me diga que chego tarde, que aqueles tão preciosos sentimentos desapareceram para sempre. Ofereço-me outra vez à senhorita com um coração ainda mais seu do que quando a senhorita quase o partiu, oito anos e meio atrás. Não se atreva a dizer que o homem esquece com mais facilidade do que a mulher, que o seu amor morre mais cedo. Nunca amei ninguém além da senhorita. Posso ter sido injusto, fraco e ressentido, eu fui, mas nunca inconstante. Foi apenas por sua causa que vim a Bath. Só a senhorita me faz refletir e fazer planos. Será que não percebeu isso? Será que não entendeu meus desejos? Não teria aguardado nem sequer esses dez dias se pudesse ter lido seus sentimentos como acho que a senhorita deve ter desvendado os meus. Mal consigo escrever. A todo instante ouço algo que me submerge. A senhorita baixa a voz, mas sou capaz de distinguir as tonalidades dessa voz quando outros não poderiam fazê-lo. Ah, que boa criatura, que excelente criatura! A senhorita de fato nos faz justiça. Acredita mesmo que exista afeto e constância genuínos entre os homens. Acredite então que estes são mais fervorosos e mais constantes no seu
>
> F.W.

Preciso ir, incerto de meu destino, mas voltarei aqui ou tornarei a me juntar a seu grupo assim que possível. Bastará uma palavra sua, um olhar, para eu decidir se entrarei na casa de seu pai esta noite ou nunca mais.

Não era fácil se recuperar após a leitura de uma carta assim. Meia hora de solidão e reflexão talvez a houvessem tranquilizado; mas os meros dez minutos transcorridos antes de ela ser interrompida, com todas as limitações de sua situação, em nada contribuíam para deixá-la tranquila. Pelo contrário, cada instante trazia mais agitação. A felicidade a submergia. E, antes mesmo de ela superar o primeiro estágio dessa sensação tão intensa, Charles, Mary e Henrietta entraram na sala.

A absoluta necessidade de aparentar seu estado normal produziu então um embate imediato; depois de um tempo, contudo, ela não conseguiu mais fingir. Passou a não entender uma palavra sequer do que eles diziam, e foi obrigada a alegar uma indisposição e pedir licença para se retirar. Todos então puderam constatar que ela parecia muito adoentada, ficaram chocados e preocupados, e por nada neste mundo iriam sair de casa sem ela. Foi terrível! Se ao menos tivessem ido embora e a deixado sozinha e em paz naquela sala, isso a teria curado; mas ver todos em pé ou aguardando à sua volta a distraía e, desesperada, ela disse que iria voltar para casa.

– Mas é claro, minha cara – exclamou a sra. Musgrove –, volte para casa agora mesmo, e cuide-se para estar disposta hoje à noite. Queria que Sarah estivesse aqui para cuidar da senhorita, mas eu própria sou péssima médica. Charles, peça uma liteira. Ela não deve caminhar.

Mas uma liteira seria insuportável. Seria pior do que tudo! Perder a possibilidade de dizer duas palavras ao capitão Wentworth durante um trajeto silencioso e solitário pela cidade (e ela estava quase certa de que iria encontrá-lo) era um tormento. Anne protestou vivamente contra a liteira, e a sra. Musgrove, que só conseguia pensar em um tipo de doença, depois de se assegurar com certa ansiedade que não houvera nenhuma queda – e de que Anne não havia escorregado recentemente em nenhum momento e batido com a cabeça, de que estava inteiramente segura de não ter caído –, pôde se separar dela com tranquilidade, convencida de encontrá-la mais disposta à noite.

Ansiosa para não omitir qualquer precaução, Anne se esforçou e disse:

– Temo que nem tudo tenha ficado perfeitamente entendido, minha senhora. Por favor, tenha a bondade de dizer aos outros cavalheiros que esperamos receber o grupo todo hoje à noite. Temo que talvez tenha havido algum mal-entendido; e desejo que assegure especialmente o capitão Harville e o capitão Wentworth de que esperamos vê-los os dois.

– Ah, minha cara; isso está entendido, posso lhe garantir. O capitão Harville

não pensa em outra coisa que não ir à sua casa.

– A senhora acha? Mas estou receosa; e ficaria tão, tão decepcionada. Pode me prometer que falará com eles quando os vir novamente? Imagino que tornará a ver os dois hoje de manhã. Por favor, prometa.

– Com certeza prometo, se a senhorita faz questão. Charles, se vir o capitão Harville em algum lugar, lembre-se de lhe transmitir o recado da srta. Anne. Mas realmente, minha cara, não precisa ficar aflita. O capitão Harville se considera firmemente compromissado, isso eu posso garantir; e ouso dizer que o mesmo se aplica ao capitão Wentworth.

Anne não podia fazer mais nada; mas seu coração temia que algum acaso infeliz viesse macular a perfeição de sua felicidade. Esse temor, porém, não durou muito tempo. Ainda que ele não comparecesse pessoalmente a Camden Place, ela poderia lhe mandar um recado compreensível por intermédio do capitão Harville. Foi então que surgiu outra contrariedade momentânea. A genuína preocupação e a boa índole de Charles o fizeram insistir para acompanhá-la até em casa; não houve como dissuadi-lo. Foi quase uma crueldade. Mas ela não pôde se mostrar mal-agradecida por muito tempo; ele estava sacrificando um compromisso com um armeiro para lhe prestar o serviço, e ela partiu em sua companhia sem outro sentimento aparente que não a gratidão.

Estavam os dois na Union Street quando passos mais apressados atrás deles e algum ruído conhecido proporcionaram a Anne dois segundos de preparação para a visão do capitão Wentworth. Este apareceu a seu lado; porém, sem saber se ali ficava ou seguia seu caminho, não disse nada, apenas olhou. Anne conseguiu se controlar apenas o suficiente para receber esse olhar sem frieza. Suas faces outrora pálidas agora estavam coradas, e os movimentos antes hesitantes eram decididos. Ele pôs-se a caminhar a seu lado. Dali a pouco, acometido por uma ideia repentina, Charles perguntou:

– Para onde está indo, capitão Wentworth? Somente até Gay Street, ou mais adiante?

– Nem eu sei – retrucou o capitão Wentworth, surpreso.

– Por acaso vai até Belmont? Vai passar por perto de Camden Place? Porque, se for, não terei escrúpulos em lhe pedir que assuma meu lugar e dê o braço a Anne para conduzi-la até a casa do pai. O cansaço desta manhã já lhe bastou, e ela não deve ir tão longe sem auxílio, e eu preciso encontrar aquele sujeito em Market Place. Ele prometeu me mostrar uma arma excelente que está prestes a despachar; disse que a manteria desembrulhada até o último instante possível para que eu a pudesse ver; e, se eu não der meia-volta agora mesmo, perderei a oportunidade. Pela descrição dele, a arma se parece muito com aquele meu fuzil

menor de cano duplo que o senhor usou certo dia perto de Winthrop.

Não pôde haver qualquer objeção. Tudo que pôde haver foi uma prontidão da mais adequada e uma conduta da mais condizente com o espaço público em que se encontravam; isso além de sorrisos contidos e espíritos que se deleitavam com um enleio secreto. Dali a meio minuto, Charles já estava de novo no pé da Union Street, e os dois seguiram juntos: e logo palavras suficientes haviam sido trocadas para que decidissem tomar a direção do caminho de cascalho, comparativamente mais tranquilo e protegido, onde o poder da conversa de fato foi capaz de transformar o presente em uma bênção e prepará-lo para toda a imortalidade que as mais felizes considerações quanto a seu futuro juntos podiam gerar. Ali os dois trocaram novamente os sentimentos e as juras que no passado haviam parecido ser a garantia de tudo, mas que haviam sido sucedidos por tantos anos de distância e separação. Ali revisitaram outra vez o passado, talvez tomados por uma felicidade ainda mais intensa naquele reencontro do que na primeira ocasião; mais afetuosos, mais experientes, mais seguros do caráter, da sinceridade e do afeto um do outro; mais capazes de agir e mais justificados em fazê-lo. E ali, ao percorrer lentamente o aclive gradual, alheios a qualquer outro grupo à sua volta, sem ver os políticos com seu andar saltitante, as donas de casa atarefadas, as moças que flertavam ou as babás com suas crianças, puderam se entregar a essas lembranças e reconhecimentos, e sobretudo à explicação dos acontecimentos que haviam antecedido imediatamente aquele instante, tão pungentes e de interesse tão inesgotável. Todas as ínfimas variações da semana anterior foram rememoradas; e a véspera e a manhã desse mesmo dia deram margem a infinitas conversas.

Ela não o havia interpretado mal. O ciúme que sentira do sr. Elliot havia sido de fato um estorvo, gerando dúvida e tormento. Este havia começado a agir desde o primeiro instante de seu encontro com ela em Bath; e havia retornado, após um curto intervalo, para arruinar o concerto; e isso o havia influenciado em tudo o que tinha dito, feito ou deixado de dizer ou fazer durante as últimas vinte e quatro horas. Havia aos poucos começado a ceder à esperança mais feliz que os olhares, as palavras ou as ações de Anne ocasionalmente davam a entender; e havia sido derrotado enfim pelos sentimentos e pelo tom de voz que pudera escutar durante a conversa dela com o capitão Harville; e fora sob o seu domínio irresistível que ele havia pegado uma folha de papel e derramado os próprios sentimentos.

Nada do que ele havia escrito deveria ser retirado ou relativizado. Ele insistia que nunca amara ninguém exceto ela. Ela nunca fora substituída. Ele não acreditava nem mesmo algum dia ter conhecido uma mulher igual a ela. Pelo menos uma coisa era obrigado a reconhecer: que havia sido fiel de forma inconsciente, não intencional, até; que sua intenção era esquecê-la, e que ele

acreditava tê-la esquecido. Havia se imaginado indiferente, quando na verdade estava apenas zangado; e tinha sido injusto em relação aos seus méritos, pois estes o tinham feito sofrer. Seu caráter estava agora gravado em sua mente como a própria imagem da perfeição, o mais belo exemplo de coragem e delicadeza; mas ele era obrigado a admitir que somente em Uppercross havia aprendido a lhe fazer justiça, e que somente em Lyme havia começado a entender os próprios sentimentos.

Em Lyme, havia aprendido lições de mais de um tipo. A admiração passageira do sr. Elliot pelo menos o fizera despertar, e as cenas no Quebra-Mar e na casa do capitão Harville haviam confirmado a superioridade de Anne.

Quanto às suas tentativas anteriores de se afeiçoar a Louisa Musgrove (tentativas movidas por um orgulho zangado), ele afirmou que sempre julgara isso impossível; que não gostava, que não podia gostar de Louisa; embora somente nesse dia, somente depois de ter podido refletir, tenha sido capaz de entender a excelência e a perfeição da mente com a qual a de Louisa não podia se comparar, ou o poder absoluto e sem rival que esta exercia sobre a sua. Somente então havia aprendido a diferenciar firmeza de princípios da obstinação causada pela teimosia, entre arroubos temerários da resolução de uma mente ponderada. Somente então tinha visto tudo aquilo capaz de exaltar em sua estima a mulher que havia perdido; e começara então a se arrepender do orgulho, da insensatez, do louco ressentimento que o haviam impedido de tentar reconquistá-la quando ela ressurgiu em seu caminho.

A partir dessa data, sua penitência havia sido severa. Logo depois de superados o horror e o remorso dos primeiros dias após o acidente de Louisa, logo depois de ele recomeçar a se sentir vivo, havia percebido que, embora vivo, não estava livre.

– Descobri que Harville me considerava um homem comprometido! – disse ele. – Que nem Harville nem a esposa tinham qualquer dúvida quanto a nosso afeto mútuo. Fiquei surpreso e chocado. Até certo ponto, pude contradizê-lo na hora, mas, quando comecei a refletir que outras pessoas talvez tivessem sentido a mesma coisa… a família dela, ou até mesmo a própria Louisa… não pude mais agir como gostaria. Minha honra me obrigava a ser dela caso ela assim desejasse. Eu havia sido descuidado. Não havia pensado seriamente no assunto antes. Não havia considerado que meu excesso de intimidade me expunha obrigatoriamente a muitos tipos de consequências nefastas; e que eu não tinha o direito de tentar ver se conseguia me afeiçoar a alguma das duas moças com o risco de gerar algum boato desagradável, ainda que não houvesse outros efeitos nefastos. Eu havia me enganado redondamente, e tinha de suportar as consequências.

Em suma, ele havia descoberto, tarde demais, que estava enredado; e que,

justamente quando se convenceu de não nutrir qualquer afeto por Louisa, tinha de se considerar comprometido com ela caso os sentimentos da jovem fossem como os Harville supunham. Isso o convenceu a ir embora de Lyme e aguardar em outro lugar o seu completo restabelecimento. Tentaria de bom grado enfraquecer, por todos os meios legítimos possíveis, qualquer sentimento ou suposição a seu respeito que pudesse existir; assim, fora para a casa do irmão com a intenção de voltar a Kellynch depois de algum tempo e agir como exigiriam as circunstâncias.

– Passei seis semanas com Edward – disse ele –, e julguei-o feliz. Não conseguia ter qualquer outro prazer. Não merecia nenhum. Ele me pediu muito especificamente notícias da senhorita; perguntou até se estava muito alterada fisicamente, sem desconfiar que, aos meus olhos, a senhorita jamais poderia se alterar.

Anne sorriu e deixou passar o comentário. Era uma gafe agradável demais para ser repreendida. É relevante para uma mulher de quase vinte e oito anos ser tranquilizada quanto a não ter perdido nenhum dos charmes de outrora; mas o valor desse elogio era indescritivelmente intensificado para Anne pela comparação com palavras anteriores e pela sensação de que este era o resultado, e não a causa, do ressurgimento de seu caloroso afeto.

Ele havia permanecido em Shropshire, deplorando a cegueira do próprio orgulho e os erros dos próprios cálculos, até se ver subitamente liberado de Louisa pela espantosa e feliz notícia de seu noivado com Benwick.

– Foi então – disse ele – que o meu período mais sombrio se encerrou; pois eu agora poderia pelo menos começar a me mover em direção à felicidade; podia me esforçar; podia fazer alguma coisa. Mas ter esperado tanto tempo sem agir, imaginando apenas coisas ruins, tinha sido terrível. Em menos de cinco minutos eu disse a mim mesmo: "Na quarta-feira já estarei em Bath", e foi o que fiz. Terá sido imperdoável pensar que valia a pena vir? E chegar munido de alguma esperança? A senhorita estava solteira. Era possível que, assim como eu, ainda conservasse os sentimentos do passado. Além do mais, eu tinha um motivo para me animar. Jamais poderia duvidar que a senhorita tornaria a ser amada e cortejada por outros, mas sabia com certeza que havia recusado pelo menos um homem mais ilustre do que eu; e não podia evitar perguntar a mim mesmo com frequência: "Terá sido por minha causa?"

O primeiro encontro dos dois em Milsom Street deu margem a muitas conversas, e o concerto ainda mais. Aquela noite parecia ter sido constituída inteiramente de momentos inesquecíveis. O instante em que ela havia se adiantado para falar com ele no Salão Octogonal, o instante em que o sr. Elliot havia aparecido para levá-la embora e um ou dois instantes subsequentes marcados pelo ressurgimento da esperança ou pelo aumento da tristeza foram

debatidos com energia.

– Ver a senhorita – exclamou ele –, vê-la no meio de pessoas que não poderiam desejar o meu bem; ver o seu primo tão próximo, conversando e sorrindo, e pensar em todas as horríveis vantagens e conveniências de tal enlace! Pensar que este devia ser o desejo certo de qualquer pessoa que pudesse esperar influenciá-la! Mesmo que seus próprios sentimentos fossem relutantes ou indiferentes, pensar no forte apoio de que ele dispunha! Será que isso não bastava para tornar ridículos os meus anseios? Como assistir àquilo sem agonia? A simples visão de sua amiga sentada atrás da senhorita, a lembrança do que havia ocorrido, a consciência da influência dela, a impressão indelével, inalterável do que a persuasão um dia havia ocasionado… isso tudo não estava contra mim?

– O senhor deveria ter separado as duas situações – respondeu Anne. – Não deveria ter desconfiado de mim agora; a situação é muito diferente, e minha idade também. Se eu errei ao ceder uma vez à persuasão, lembre-se de que cedi à persuasão exercida em favor da segurança, não do risco. Quando cedi, pensei estar cedendo ao dever, mas neste caso atual não é possível alegar qualquer dever. Se eu me casasse com um homem que me é indiferente, teria corrido todos os riscos e violado todos os deveres.

– Talvez eu devesse ter raciocinado assim – respondeu ele –, mas fui incapaz. Não pude extrair qualquer benefício do conhecimento que havia adquirido em relação ao seu caráter. Não consegui fazer uso dele; estava soterrado, incapacitado, perdido em meio àqueles sentimentos antigos que eu vinha tentando reprimir ano após ano. Só conseguia pensar na senhorita como alguém que havia cedido, que havia desistido de mim, que teria se deixado influenciar por qualquer outra pessoa que não eu. Encontrei-a acompanhada pela mesma pessoa que a havia aconselhado naquele triste ano. Não tinha motivos para pensar que sua autoridade agora houvesse diminuído. Era preciso acrescentar a ela a força do hábito.

– Pensei que meu comportamento em relação ao senhor poderia lhe ter poupado todas essas dúvidas – disse Anne.

– Não, não! Seu comportamento talvez refletisse apenas a descontração conferida por um noivado com outro homem. Foi acreditando nisso que eu a deixei; no entanto, estava decidido a vê-la novamente. Pela manhã fiquei mais animado, e senti que ainda tinha um motivo para permanecer na cidade.

Por fim, Anne chegou em casa outra vez, e mais alegre do que qualquer membro de sua família poderia imaginar. Com toda a surpresa e a incerteza, e todas as outras partes dolorosas da manhã, dissipadas por essa conversa, ela tornou a entrar em casa tão feliz que foi obrigada a temperar essa felicidade com algumas apreensões passageiras de que esta não poderia perdurar. Um intervalo de reflexão séria e agradecida era o melhor remédio para tudo o que havia de

perigoso em uma satisfação tão intensa assim; ela então se retirou para o quarto, e fez-se firme e destemida na gratidão por sua alegria.

A noite chegou, os salões foram iluminados, o grupo se reuniu. Era apenas uma reunião de carteado, apenas uma mistura de pessoas que nunca haviam se encontrado antes com pessoas que se encontravam com demasiada frequência; um acontecimento banal, grande demais para ser íntimo e pequeno demais para ser variado; para Anne, porém, nunca houvera noite mais curta. Radiante e embelezada pela sensatez e pela felicidade, e mais admirada do que poderia notar ou dar importância, ela demonstrou alegria e paciência com todos que a rodeavam. O sr. Elliot estava presente; ela o evitou, mas conseguiu sentir pena dele. Divertiu-se tentando entender o casal Wallis. Lady Dalrymple e a srta. Carteret logo seriam para ela duas primas inofensivas. Mostrou-se indiferente à sra. Clay, e não encontrou qualquer motivo para enrubescer no comportamento público do pai e da irmã. Com os Musgrove houve as alegres conversas propiciadas por uma total descontração; com o capitão Harville, uma relação amigável entre irmão e irmã; com Lady Russell, tentativas de conversa que uma deliciosa consciência vinha interromper; com o almirante e a sra. Croft, tudo aquilo de singular cordialidade e fervoroso interesse que a mesma consciência buscava ocultar; e, com o capitão Wentworth, instantes de comunicação que ocorreram com frequência, e sempre a esperança de haver outros, e sempre a consciência de que ele estava presente!

Foi durante um desses breves encontros, todos aparentemente dedicados à admiração de uma bela exposição de plantas de interior, que ela disse:

– Estive pensando no passado, e tentando distinguir com imparcialidade o certo do errado, com relação a mim mesma, quero dizer; e devo acreditar que, por mais que isso tenha me feito sofrer, tive razão, tive inteira razão em me deixar guiar pela amiga que o senhor irá aprender a amar mais do que ama agora. Para mim, ela era como pai ou mãe. Mas não me entenda mal. Não estou dizendo que ela não errou em seu conselho. Talvez esse tenha sido um daqueles casos em que o conselho só é bom ou ruim dependendo dos desdobramentos; e eu, por minha parte, com certeza jamais darei um conselho assim em nenhuma circunstância nem parecida. O que quero dizer é que tive razão em acatar-lhe o conselho, e que, caso tivesse agido de outra forma, teria sofrido mais prolongando o noivado do que sofri ao rompê-lo, porque teria sofrido na consciência. Hoje, até onde tal sentimento é possível para a natureza humana, não tenho nenhum motivo para repreender a mim mesma; e, se não me engano, um forte senso de dever não é uma coisa ruim para uma mulher.

Ele olhou para ela, olhou para Lady Russell e, tornando a olhar para ela, respondeu com um tom de fria deliberação:

– Não está na hora ainda, mas há esperança de ela ser perdoada com o tempo.

Tenho certeza de que logo terei simpatia por ela. Mas também estive pensando no passado, e ocorreu-me se não teria havido alguém mais inimigo meu do que essa senhora. Eu próprio. Responda-me se, quando voltei à Inglaterra, no ano oito, dono de alguns milhares de libras, e fui nomeado capitão do *Laconia*, se nessa época eu houvesse lhe escrito, a senhorita teria respondido à minha carta? Em suma, teria reatado o noivado nessa ocasião?

– Se eu teria reatado? – foi tudo que ela respondeu; mas seu tom de voz não deu margem a dúvidas.

– Meu Deus! – exclamou ele. – A senhorita teria aceitado! Não que eu não tenha pensado nisso, nem desejado tal fato como a única coisa capaz de coroar todos os meus outros sucessos; mas fui orgulhoso, orgulhoso demais para tornar a pedir. Não conseguia entender a senhorita. Fechei os olhos, e não quis entendê-la nem lhe fazer justiça. Essa é uma lembrança que deveria me fazer perdoar a todos antes de perdoar a mim mesmo. Seis anos de separação e sofrimento poderiam ter sido evitados. Esse também é um tipo de dor novo para mim. Sempre fui acostumado à satisfação de me julgar merecedor de todas as bênçãos que recebia. Ufanava-me de meus esforços honrados e de minhas recompensas justas. Assim como outros grandes homens em situação adversa, porém – acrescentou ele com um sorriso –, preciso tentar subjugar minha mente ao meu destino. Preciso aprender a tolerar ser mais feliz do que mereço.

CAPÍTULO 12

Quem pode duvidar do que aconteceu em seguida? Quando dois jovens assim decidem se casar, é quase certo que, graças à perseverança, acabem por consegui-lo, por mais pobres que sejam, por mais imprudentes ou por mais pouco provável que seja a sua contribuição à satisfação final do outro. Talvez essa seja uma moral triste para concluir esta história, mas acredito que seja a verdade; e, se casais assim obtêm sucesso, como poderiam duas pessoas como o capitão Wentworth e Anne Elliot, favorecidos pela maturidade mental, pela consciência de seu direito, e por uma fortuna própria da qual usufruir, fracassar na derrota de qualquer oposição? Na verdade, eles poderiam ter suportado bem mais do que tiveram de enfrentar, pois pouca coisa os perturbou a não ser a falta de cortesia e calor humano. Sir Walter não fez qualquer objeção, e Elizabeth não fez nada de muito ruim a não ser adotar um ar frio e indiferente. O capitão Wentworth, dono de uma fortuna de vinte e cinco mil libras, e tão bem-sucedido em sua profissão quanto o mérito e o esforço poderiam ter permitido, não era mais um homem qualquer. Ele era agora considerado digno o suficiente para cortejar a filha de um baronete tolo e perdulário, desprovido de sensatez ou princípios suficientes para permanecer na situação em que a providência o havia colocado, e que agora só podia dar à filha uma pequena parcela do quinhão de dez mil libras que deveria lhe caber mais tarde.

De fato, Sir Walter, embora não nutrisse qualquer afeto por Anne, e embora a sua vaidade não se beneficiasse o bastante da ocasião para que esta lhe causasse qualquer contentamento, estava longe de pensar que o capitão era um mau partido para ela. Pelo contrário, depois de ver o capitão Wentworth mais vezes, depois de vê-lo em muitas ocasiões à luz do dia e de observá-lo bem, ficou muito impressionado com seu charme pessoal, e sentiu que a superioridade de sua aparência talvez pudesse compensar a superioridade social de Anne; e tudo isso, aliado ao fato de o sobrenome Wentworth lhe soar agradável aos ouvidos, permitiu a Sir Walter finalmente empunhar a pena, de muito bom grado, para anotar o casamento no livro de honra.

A única pessoa cujos sentimentos contrários poderia causar qualquer ansiedade séria era Lady Russell. Anne sabia que esta devia estar tendo alguma dificuldade para entender e abrir mão do sr. Elliot, e que devia estar se esforçando para vir de fato a conhecer e fazer justiça ao capitão Wentworth. Isso, porém, era o que Lady Russell precisava fazer agora. Ela precisava sentir que havia se equivocado em relação aos dois; que se deixara influenciar pelas aparências em ambos os casos; e que, como os modos do capitão Wentworth não se encaixavam com suas

próprias ideias, havia sido rápida demais em desconfiar que indicassem um caráter perigosamente impetuoso; e que, como os modos do sr. Elliot lhe haviam justamente agradado por sua propriedade e correção, por sua boa educação e delicadeza geral, havia sido rápida demais em ver neles o resultado indubitável de opiniões corretas e de uma mente bem-equilibrada. A Lady Russell só restava agora admitir que havia se equivocado completamente e adotar um novo conjunto de opiniões e esperanças.

Algumas pessoas possuem uma rapidez de percepção, uma delicadeza no discernimento do caráter, uma compreensão natural, em suma, que nenhuma experiência é capaz de igualar nos outros, e Lady Russell havia sido menos bem-dotada nesse quesito do que sua jovem amiga. Ela era, porém, uma mulher excelente, e se o seu segundo objetivo era ser sensata e fazer um juízo correto das coisas, o seu primeiro era ver Anne feliz. Amava Anne mais do que amava as próprias qualidades e, uma vez superado o constrangimento inicial, não teve muita dificuldade para desenvolver um afeto de mãe pelo homem que estava garantindo a felicidade daquela sua outra filha.

De todos na família, Mary foi provavelmente quem ficou mais imediatamente satisfeita com o acontecimento. Ter uma irmã casada era um fato respeitável, e ela poderia se gabar de ter tido um papel muito importante naquele enlace ao hospedar Anne consigo durante o outono; além disso, como a irmã precisava ser melhor do que as irmãs de seu marido, era muito agradável que o capitão Wentworth fosse um homem mais rico que o capitão Benwick e que Charles Hayter. Ela talvez tenha tido algum motivo para sofrer, quando as duas tornaram a se encontrar, ao ver que Anne havia recuperado seus direitos de irmã mais velha, além de se tornar proprietária de um pequeno landau muito bonito; mas podia prever um futuro de grandes consolos. Anne não teria um Uppercross Hall do qual se tornar senhora, não tinha propriedades nem era chefe de família; e, se ao menos fosse possível impedir o capitão Wentworth de se tornar baronete, ela e Anne não iriam trocar de posição.

Seria bom que a mais velha das três irmãs se contentasse igualmente com sua situação, pois uma mudança ali não era muito provável. Elizabeth logo sofreu a humilhação de ver o sr. Elliot se afastar, e desde então ninguém em situação adequada se apresentou para sequer criar as esperanças infundadas que com ele naufragaram.

O sr. Elliot recebeu de forma inesperada a notícia do noivado da prima Anne. Ela vinha perturbar seus planos mais bem-elaborados de felicidade doméstica, e sua maior esperança de manter Sir Walter solteiro graças à atenção que os direitos de um genro lhe teria possibilitado. No entanto, embora frustrado e decepcionado, ele ainda foi capaz de fazer algo em prol do próprio interesse e da própria satisfação. Foi embora de Bath dali a pouco tempo; e, quando a sra. Clay

também partiu logo depois, e quando as notícias seguintes que se teve dela foi que estava instalada em Londres sob sua proteção, seu jogo duplo ficou evidente, assim como ficou evidente o quão determinado ele estava a não ser derrotado por uma mulher astuciosa.

O afeto da sra. Clay levara a melhor sobre seus interesses, e ela havia sacrificado em nome do rapaz a possibilidade de tramar por mais tempo para conquistar Sir Walter. No entanto, além de afeto, ela possuía também alguns talentos; e agora já não se sabe mais qual das duas inteligências calculistas levará a melhor, a dele ou a dela; nem se, depois de impedir que ela se tornasse a esposa de Sir Walter, ele talvez não tenha sido convencido e adulado o suficiente para no final das contas transformá-la na esposa de Sir William.

Não resta dúvida de que Sir Walter e Elizabeth ficaram chocados e humilhados com a perda de sua companheira e com a descoberta de sua duplicidade. Ainda tinham, é bem verdade, as primas importantes, junto às quais podiam buscar reconforto; mas em pouco tempo começariam a sentir que perseguir e bajular os outros sem serem perseguidos e bajulados de volta proporciona uma satisfação claudicante.

Anne, tendo logo adquirido a certeza de que Lady Russell tencionava amar o capitão Wentworth como deveria, não teve mais nada para fazer sombra à sua futura felicidade a não ser o que advinha da consciência de não ter para apresentar a ele nenhum parente do tipo que um homem sensato pudesse valorizar. Nesse ponto, sentia muito intensamente a própria inferioridade. A desproporção de posses não era nada, e não lhe causava um segundo sequer de pesar; mas não ter uma família que o recebesse e estimasse de forma adequada, nem qualquer respeitabilidade, harmonia ou simpatia para oferecer em troca de todo o valor e da acolhida imediata que recebeu dos irmãos e irmãs dele, constituiu uma fonte tão aguda de pesar quanto sua mente era capaz de experimentar em circunstâncias que eram, sob todos os outros aspectos, de intensa felicidade. Anne tinha apenas duas amigas no mundo para acrescentar à lista do marido: Lady Russell e a sra. Smith. A estas, porém, ele se mostrou muito disposto a se afeiçoar. Apesar de todos os erros cometidos por Lady Russell no passado, nutria por ela agora uma estima sincera. Embora não chegasse a dizer que a julgava certa por tê-los separado no passado, estava disposto a dizer quase tudo o mais a seu favor, e a sra. Smith, por sua vez, possuía várias qualidades para conquistar sua estima de forma rápida e permanente.

As boas ações da sra. Smith para com Anne por si só já bastavam, e o seu casamento, em vez de privá-la de uma amiga, garantiu-lhe dois. Ela foi a primeira pessoa a visitar o casal em sua nova casa, e o capitão Wentworth, ao lhe permitir iniciar o processo de recuperação do imóvel do marido nas Índias Ocidentais, ao escrever em seu nome, agir em seu nome e ajudá-la com todas as

pequenas dificuldades do caso com a presteza e o esforço de um homem destemido e amigo determinado, retribuiu plenamente os serviços que ela havia prestado ou que jamais pretendera prestar à sua esposa.

As alegrias da sra. Smith não foram em nada diminuídas por esse incremento em sua renda, acrescido de uma melhora de saúde e da aquisição de amigos que podia encontrar com frequência, pois sua boa disposição e energia mental não lhe faltaram; enquanto essas principais fontes de felicidade perdurassem, ela teria sido capaz de enfrentar até mesmo níveis mais elevados de prosperidade material. Poderia ter se tornado extremamente rica e perfeitamente saudável, e ainda assim continuado feliz. A fonte dessa felicidade estava no fulgor de sua disposição, assim como a de sua amiga Anne estava no afeto de seu coração. Anne era a ternura em pessoa, e encontrava no afeto do capitão Wentworth uma retribuição inteiramente à altura. A única coisa que poderia fazer os seus amigos desejarem que esse afeto fosse menor era a profissão dele, e o temor de uma futura guerra era a única nuvem capaz de obscurecer a luz que dela emanava. Anne tinha orgulho de ser esposa de um membro da Marinha, mas era obrigada a pagar o preço de um alarme repentino pelo fato de o marido pertencer a uma profissão que, caso isso seja possível, distingue-se ainda mais pelas virtudes domésticas do que pela importância nacional.

FIM